UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

TRABALHO DE PROJECTO

Sentir a Educação no Mundo Rural: conhecer para intervir

Fátima Patrícia Amaral Figueiredo

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE

EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de especialização em Formação de Adultos

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

TRABALHO DE PROJECTO

Sentir a Educação no Mundo Rural: conhecer para intervir

Fátima Patrícia Amaral Figueiredo

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE

EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de especialização em Formação de Adultos

Trabalho de Projecto orientado pela Professora Doutora Natália Alves

2011

Resumo

Num mundo globalizado e cada vez mais urbano, urge pensar o futuro numa perspectiva de desenvolvimento sustentável, sendo por isso hora de parar e repensar o local, especialmente o rural e, mais do que perceber os efeitos das políticas adoptadas, importa (re)pensar estratégias que conduzam estes locais no caminho para o desenvolvimento *glocal*. Para que tal aconteça o processo necessita de ser cada vez mais endógeno para ser reconhecido e, posteriormente, apoiado de forma externa. Neste processo, o potencial humano pode ser uma das maiores forças para contrariar a constante desertificação e procura pelo litoral mas, para que isso aconteça, é importante que existam estratégias locais adequadas e contextualizadas, cujo impacto tem que dar aos habitantes locais motivos para quererem [continuar a] construir as suas vidas lá ou, mesmo, para criarem sinergias que atraiam outros públicos.

Este trabalho consiste na criação de um projecto de ocupação de férias para jovens, entre os 12 e os 18 anos, levando-os a desenvolver competências de cidadania activa e a envolvê-los na construção da identidade do Concelho, sendo sempre partes activas do processo.

Palavras-chave: Jovens; Local; Activismo Cívico; Desenvolvimento local: Educação Não-Formal; Férias.

Abstract

In a globalized and increasingly urban world, it is urgent to think the future from a sustainable development perspective, making it time to stop and rethink local, specially the rural world and, more than understanding the effects of policies adopted, it matters to (re)think strategies that can lead these places on the way to glocal development. For this to happen the process has to be increasingly more endogenous to be recognized and, later on, supported from the outside. In this process the human potential can be a major force to counter desertification and the constant search for the coast, but for that to happen it is important that there are locally appropriate and contextualized strategies, whose impact has to give local inhabitants reasons to want to [continue to] build their lives there, or even to create strengths that attract other audiences.

This work consists on creating a project of holiday occupation for young people, between 12 and 18, leading them to develop skills of active citizenship and involving them in shaping the identity of the municipality, assuming always an active part in the process.

Keywords: Young people; Local; Civic Activism; Local development; Non-Formal Education; Vacations.

Agradecimentos

Na minha vida não há ordens, mentiras nem falsidades….
Na minha vida há pessoas, momentos e lugares,
Carinho, amor e verdades,
Brilhos, levezas e liberdades,
Obrigados, desculpas e amizades…

Richard Bach:
A tua única obrigação durante toda a tua existência
***é seres verdadeiro para contigo próprio*.**"
Reconhecer a minha mãe, o meu pai, a minha Rita e a minha Helena…
A minha madrinha, a minha Margarida, o meu tio, a minha avó e o meu avô

Fernando Pessoa:
O valor das coisas não está no tempo em que elas duram,
mas na intensidade com que acontecem.
Por isso existem momentos inesquecíveis,
coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis

Apple inc.
As pessoas que são loucas ao ponto
de achar que podem mudar o mundo,
são as que o fazem.

Marilyn Monroe
Não me alimento de 'quases', não me contento com a metade!
nunca serei sua meio amiga, ou seu meio amor.. é tudo ou nada.

Não posso deixar de agradecer a todos os que me ajudaram a concluir este projecto: aos meus amigos, em especial ao Bruno, à Miriam, ao João, à Mónica, ao Daniel e ao Ângelo; agradecer de uma forma especial ao Zé, pelo que significou e porque à sua maneira não me deixou desistir; aos elementos da Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, em particular à Prof.ª Graça e ao Rui Silva; a todos os entrevistados; aos jovens e amigos que me ajudaram na resposta às questões que procurava responder e claro, à Prof.ª Natália Alves, por me ir aturando nestes anos que pareciam que nunca iam acabar, nesta maratona final, mas também por ter despertado em mim uma paixão tão diferente como esta pela educação!

O que fazemos por nós mesmos morre connosco,
mas o que fazemos pelos outros e pelo mundo,
permanece, e é imortal. Albert Pine

A responsabilidade de todos é o único caminho para a sobrevivência humana. Dalai Lama

Índice Geral

Introdução 1
I. Enquadramento Geral do Projecto 5
I.1 Justificação da Necessidade da Intervenção 5
I.2 Definição e Enquadramento Teórico da Problemática 8
I.2.1 Enquadramento Teórico 8
I.2.2 Enquadramento Metodológico 35
I.3 Caracterização do Concelho 48
I.3.1 Caracterização Global 48
I.3.2 Património Ambiental, Histórico e Cultural 50
I.3.3 Tecido Empresarial 50
I.3.4 Serviços, Saúde e Acessibilidades 51
I.3.5 Educação 52
I.4 Identificação e Caracterização do Grupo-Alvo 54
I.5 Identificação das Condições para o Êxito do Projecto 55
I.6 Definição do Âmbito Temporal 55
I.7 Resultados Esperados 55
II. Projecto 57
II.1 Apresentação do Diagnóstico e Definição do Problema 57
II.2 Finalidades, Objectivos Gerais, Objectivos Específicos 61
II.2.1 Finalidades 62
II.2.2 Objectivos Gerais 62
II.2.3 Objectivos Específicos 62
II.3 Apresentação das estratégias a utilizar 63
III. Plano de Actividades 65
III.1 Identificação e Calendarização das Actividades a Desenvolver 65
III.1.1 Identificação das Actividades 66
III.1.2 Calendarização do Projecto 86
IV. Plano de avaliação do projecto 89
V. Recursos Humanos e Materiais e Orçamento 93

Conclusão 95
Bibliografia 97

Índice de Tabelas

Tabela 1 - A metodologia de projecto 40
Tabela 2 - Adaptado de Serge Raynal, 1996 41
Tabela 3 - Distribuição das entrevistas realizadas 43
Tabela 4 - Características dos entrevistados 45
Tabela 5 - Tabela provisória de preços para aulas de dança 77
Tabela 6 - Tabela provisória de preços para as actividades radicais 80

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o modo de vida das populações tem-se alterado de forma radical, fruto da evolução das políticas económicas a nível mundial que afectam profundamente os tecidos e relações sociais a nível local (Sarmento e Oliveira, 2005). Este fluxo de globalização – de economia, de informação, de cultura – prejudica o local, fazendo-se ressentir no meio rural, pois também ele fica exposto a uma realidade que não se cinge apenas a ele e ao qual a adaptação se tem afigurado como difícil.

Parece urgente repensar o desenvolvimento local, especialmente destes territórios menos desenvolvidos. Este repensar implica um paradigma emergente do desenvolvimento, traduzido na expressão pensar globalmente e agir localmente (Canário, 1999). Este modo de pensar e agir preconiza a valorização do local no contexto global, em contraposto a processos de planificação pensados a uma escala nacional (Canário, 1999).

É assim fulcral capacitar os indivíduos e os colectivos locais, pois essa capacitação é o maior ponto de apoio da sustentabilidade do desenvolvimento local (Moreno, 2002), passando, desde logo, pelos jovens, pois são eles quem detém a chave para o futuro. É importante que estejam munidos de um conjunto de competências cívicas que lhes permita participar activamente e estar preparados para encarar o que os espera, participando desde cedo na construção do seu futuro (podendo este ser local ou global). Cada vez mais nos deparamos com uma realidade cultural, social e acima de tudo empresarial que espera e exige do cidadão as mais diferentes competências, sendo a falta delas um factor de exclusão.

O contexto de intervenção deste projecto é um concelho do interior, o concelho de Oliveira do Hospital, que é uma zona rural muito rica nos mais variados recursos (ambiental, histórico e cultural), com imenso potencial de exploração, designadamente no que se refere à criação de condições locais que estimulem os jovens a construir lá os seus projectos de vida, contribuindo para uma valorização do local.

É neste sentido que se assume como foco principal desenvolver um projecto de ocupação de tempos livres para jovens – nomeadamente em período de férias de verão – que lhes permita desenvolver competências cívicas e activas, motivando-os a nível pessoal e profissional, ao mesmo tempo que lhes desperta a consciência para a necessidade de uma participação pró-activa na sociedade, conferindo-lhes um espírito identitário comum e alinhado com a história e cultura do local onde vivem. Quando se

fala do meio rural, a existência desta identidade comum é importante, não só para delinear as estratégias para o território, mas também para ajudar a fixar a população, combatendo a desertificação. Quando um jovem não sente o sítio onde vive, e sendo ele, muitas vezes, obrigado a emigrar para terminar os seus estudos, o mais provável é não mais regressar à terra que o viu nascer. Desse modo, os territórios vão progressivamente empobrecendo e definhando.

Neste mundo globalizado, a identidade local é, hoje em dia, fácil de perder, e a sua preservação e evolução depende dos indivíduos que nele residem. É por tudo isto que o foco do desenvolvimento acaba por incidir nos jovens, pois são eles que viajarão para o futuro com o local que os viu nascer, assumindo as responsabilidades da condução nessa viagem.

Ao longo deste projecto, assumiu-se o termo *jovens* para referir o grupo-alvo do projecto, ou seja, jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 18 e/ou integrados no Sitema de Ensino Regular ou Não Regular, não detentores de profissão. Este projecto surge no sentido de se identificar as necessidades deste público no que se refere à ocupação dos seus tempos livres no verão, de se colmatar lacunas existentes no que se refere a competências de intervenção cívica, fomentando uma postura associativista e cívica que valorize e desenvolva os recursos locais.

Trabalhando com este público-alvo não se pode esquecer a valiosa importância das Tecnologias de Informação e Comunicação, enquanto porta para o mundo exterior que os rodeia. Do ponto de vista cívico, podem-se encontrar ferramentas muito úteis que permitem uma *reinvenção das práticas nos movimentos cívicos*. Se os jovens se encontrarem sensíveis para estas causas, se adicionarem páginas sobre a temática no facebook, receberão muito mais informações a este respeito, informações essas que contribuirão para se manterem sensíveis e pró-activos em causas com as quais se identificam. Trata-se de os preparar para a realidade actual através de uma Educação Cívica Participativa. Por sua vez, a nível empresarial, as empresas poderão verificar que o facto de serem jovens do interior, não significa que não sejam jovens atentos ao mundo que os rodeia, jovens que são interessandos e informados, que sabem línguas estrangeiras, que não se deixam ficar para trás neste mundo que evolui a um ritmo exponencial e que estão motivados para uma melhoria do contexto que os abraça. Face a isto, perceberão que é uma responsabilidade social apoiar o seu desenvolvimento.

Composto por cinco partes essenciais (I. Enquadramento Geral do Projecto, II. Projecto, III. Plano de Actividades, IV. Plano de Avaliação do Projecto, V. Recursos Humanos, Materiais e Orçamento do Projecto), este projecto denominado *Sentir a Educação no Mundo Rural: conhecer para intervir*, reflecte a tentativa de se percepcionar a realidade local do concelho de Oliveira do Hospital, no que se refere às necessidades dos jovens, sendo apresentadas algumas propostas de actividades que vão ao encontro das causas para os problemas identificados. Neste sentido, ao longo do enquadramento geral do projecto será apresentada uma pequena justificação da necessidade de intervenção, seguindo-se um enquadramento teórico de toda esta problemática. Ainda no enquadramento apresenta-se a caracterização do concelho, identificação e caracterização do grupo-alvo, identificação das condições para o êxito do projecto, define-se o seu âmbito temporal e alguns resultados esperados.

No que se refere à parte II. Projecto, são apresentados o diagnóstico e a definição da problemática, finalidades e objectivos e algumas estratégias a utilizar no decorrer do projecto. Neste seguimento, apresenta-se o plano de actividades que identifica, de forma mais pormenorizada, as diferentes actividades propostas, assim como a sua calendarização. O plano de avaliação de projecto é abordado no ponto IV, embora as actividades de avaliação já estejam previstas no cronograma anterior. Por fim, os recursos humanos, materiais e orçamento do projecto é apresentado mas, devido ao seu carácter voluntário e participativo, é algo a ser discutido nas reuniões prévias de preparação do projecto.

I. ENQUADRAMENTO GERAL DO PROJECTO

O projecto que se apresenta emerge de uma necessidade de intervenção num contexto específico e para uma definição e um enquadramento teórico da problemática utiliza-se uma abordagem teórica, onde se legitima a acção com alguns autores de referência e uma prática, que resulta de um conhecimento do território, legitimado teoricamente com base em algumas técnicas de investigação.

Ainda nesta parte do trabalho caracteriza-se o território onde o projecto será realizado, o município de Oliveira do Hospital, e identifica-se e caracteriza-se o grupo-alvo, ou seja, os jovens entre os 12 e os 18 anos residentes no Concelho.

As condições para o êxito do projecto são também destacadas, uma vez que são elas que vão determinar o atingir ou não dos objectivos. Por fim, define-se o âmbito temporal do projecto, assumindo que este se conseguirá realizar com sucesso, apresentando alguns resultados esperados.

I.1 JUSTIFICAÇÃO DA NECESSIDADE DA INTERVENÇÃO

O município de Oliveira do Hospital é um município do distrito de Coimbra, situado no interior da zona centro do país (segundo o NUTS II). Como um município rural e do interior, assume muitas das características que se vão abordando sobre estes territórios, em particular uma baixa e decrescente densidade populacional, bem como uma constante desvalorização territorial por parte da sua população. Neste contexto, foi identificado como ponto de análise as oportunidades dadas aos jovens, entre os 12 e os 18 anos, especialmente no que se refere à sua ocupação nas férias de verão.

Feita a análise, percebeu-se que apenas 8% dos jovens passaram as suas férias de verão em actividades não-formais, devidamente organizadas e estruturadas.

Focando a oferta que se encontra no município, especialmente para o *Programa Férias Ocupadas*, no qual se inclui o *Campus Pedagógico*, e para as *Férias Arqueológicas*[1], percebeu-se que estes não dão resposta às necessidades existentes entre os jovens, pois são para um número muito reduzido de jovens e não respondem aos seus interesses. Particularmente, o *Programa Férias Ocupadas* é um programa promovido pela autarquia mas gerido pelas juntas de freguesia, envolvendo cada uma alguns jovens entre os 14 e os 18 anos durante um período de 15 dias, em actividades de diversos contextos, não sendo por norma especialmente estruturadas para estes jovens. Uma

[1] Programas desenvolvidos no âmbito da caracterização do contexto.

actividade com muito impacto no concelho é o *Campus Pedagógico*, organizado pela Junta de Freguesia de Oliveira de Hospital, que desenvolve a sua acção uma vez nas férias de verão, durante 15 dias, tendo como público-alvo os jovens entre os 6 e os 12 anos, recrutando alguns jovens dos 14 aos 18 anos para monitores do mesmo, mas sem que estes recebam qualquer formação neste sentido. As *Férias Arqueológicas* são um campo de férias organizado pela Autarquia que consiste em explorar o património arqueológico do concelho, especialmente algumas escavações, desenrolando-se nas férias da Páscoa e do Verão. Embora direccionado para jovens, os participantes variam nas suas idades, podendo até receber adultos.

Se tivermos em conta os resultados dos questionários[2] e a opinião dos entrevistados no que se refere às práticas de associativismo e voluntariado, percebemos que existem muito poucas no concelho, sendo que a maioria das que são evidenciadas nos questionários são práticas cívicas, existindo apenas porque os jovens pretendem fazer algum tipo de desporto, como é o caso do basquetebol e do futebol. Por outro lado, alguns entrevistados referem que estes jovens embora não participem de forma pró-activa, quando mobilizados para uma causa cívica participam, sendo muito importante definir estratégias diversas e pertinentes de mobilização dos mesmos.

Reflectindo um pouco sobre as opiniões aferidas ao longo das entrevistas e de diversas conversas informais tidas com alguns agentes locais[3], verifica-se que estes não vêem oportunidades nem valorizam o seu património, muitos dos jovens que estudam acabam por sair do concelho e outros ficam, mas sem grande motivação ou diferença no activismo cívico.

Por outro lado, aferiram-se dados sobre aquilo que alguns empresários do município sentem no que se refere aos jovens, à sua participação e oportunidades no concelho. Estes, para além de uma visão negativa sobre este assunto mostraram disponibilidade em colaborar com projectos que promovam os jovens no concelho, aumentando a valorização face aos diversos recursos concelhios (inclusive o sector empresarial).

Quanto à adesão e interesse dos jovens do concelho a um projecto com actividades diferentes nas férias, aproximadamente metade dos inquiridos respondeu que estaria interessado em frequentar outro tipo de actividades nas férias. Embora apenas metade tenha respondido afirmativamente, quando questionados sobre o tipo de

[2] Ver análise descritiva dos questionários no Anexo 15 e análise de conteúdo das entrevistas no Anexo 25.
[3] Caracterização das conversas informais no Anexo 27.

actividades que estariam interessados em frequentar, quase todos os jovens responderam, independentemente de terem seleccionado a questão anterior de forma positiva ou negativa (apenas um jovem não referiu qualquer actividade nas suas opções e quinze não seleccionaram o tempo e horário desejado). O que leva a reforçar as questões evidenciadas pelos entrevistados no que se refere à pouca pro-actividade dos jovens mas à sua adesão quando motivados para o efeito. Aqui, importa destacar que as três actividades mais escolhidas pelos jovens como as que gostariam de frequentar nas férias foram diferentes entre rapazes e raparigas, dados que foram importantes na criação e planeamento das actividades.

No que se refere a financiamentos europeus ou outros projectos interconcelhios que podiam estar contribuir para o desenvolvimento de algumas competências cívicas e associativas nos jovens, importa referir que não é prática comum. Embora exista o programa *Escolhas*, como foi visível na entrevista, este apenas acontece no concelho onde a Associação[4] que gere o financiamento do mesmo está sediada (Góis), não se alargando a outros concelhos por falta de iniciativa de entidades locais que colaborem na gestão e implementação do mesmo.

Assim, este projecto é necessário uma vez que, ao longo do levantamento e análise dos dados muitas foram as razões que sustentam e enriquecem a sua execução, uma vez que os jovens necessitam de mais alternativas de ocupação de férias, especialmente actividades que fomentem competências de cidadania activa e de valorização pelo local onde vivem. Importa por isso desenvolver um projecto que vá ao encontro destas lacunas e dos seus interesses.

Para este efeito, está a ser constituída uma Associação Juvenil, de intervenção concelhia, que fará a gestão do projecto no terreno. Esta associação contará com um grupo de jovens locais, com interesses comuns e que, em parceria com a autarquia, levarão a cabo o projecto que aqui se apresenta.

[4] ADIBER (Associação de Desenvolvimento Integrado da Beira Serra) é uma Associação de desenvolvimento local cujo seu objectivo principal é dinamizar iniciativas que contribuam para a melhoria da qualidade de vida das populações locais que representa.

I.2 DEFINIÇÃO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA

I.2.1 Enquadramento Teórico

I.2.1.1 O Mundo Rural, o Desenvolvimento e a Educação

"mais do que um problema de escolas isoladas existe um problema de comunidades isoladas"
(Amiguinho, Canário e d'Espiney, 1994, p.17)

O mundo rural português, sofrendo os efeitos das conjunturas políticas nacionais cada vez mais transnacionais, tem vindo a transformar-se continuamente, o que fez com que os problemas existentes se mantenham e/ou se transformem, caso não existam medidas claras de desenvolvimento.

Embora algumas medidas e o número de as vias de comunicação tenham beneficiado globalmente o local, os níveis de desenvolvimento mais elevados operam-se nos raios geográficos próximos de centros urbanos e no litoral do país. Por outro lado, assiste-se a um fenómeno no rural que consiste em "urbanizar-se sem mudar de lugar" (Sarmento e Oliveira, 2005, p.74.), o que significa que o mundo rural português está a aproximar os seus modelos de funcionamento societário aos modelos urbanos, sendo importante reflectir sobre as finalidades do desenvolvimento e os meios utilizados ou a utilizar para o alcançar.

Os fenómenos demográficos que mais afectam a configuração do mundo rural e que acentuam as mudanças culturais são a migração e o envelhecimento. Nas zonas rurais mais distantes dos centros urbanos, particularmente em zonas de montanha, a situação agrava-se pois a migração pode ter características específicas e o resultado pode passar por uma transferência dos jovens para as cidades, à medida que progridem no processo escolar, uma vez que o local não se organiza para assegurar estruturas sociais e económicas que viabilizem a sua permanência ou retorno às origens. O envelhecimento da população acentua-se de forma acelerada.

Muitas são as alterações introduzidas no sistema educativo que afectam todo o desenvolvimento do território, particularmente o rural, e é preciso olhar para estas mudanças e agir sobre elas, de forma a promover o desenvolvimento do local.

Várias são as políticas que têm impactos difíceis de gerir no mundo rural, por exemplo, o encerramento das escolas do 1º Ciclo de Ensino Básico que traz uma perda a acrescentar a tantas outras que as aldeias sofrem (são conhecidas as carências de condições físicas e materiais que sofriam). A ausência de investimento de políticas públicas nestas escolas representou e continua a representar um assumir de um

desenvolvimento urbano-centrado, evidenciado o carácter obsoleto do modelo escolar tradicional.

A mudança educativa nas zonas rurais é uma questão de desenvolvimento, não podendo ser por isso encarada num óptica apenas de racionalização da rede escolar (Sarmento, Sousa e Ferreira, 1998 *in* Ferreira, 2005, p.95). Como refere Rui Canário (2000), há uma necessidade de se deslocar o debate sobre a escola no mundo rural de uma dimensão técnica para uma dimensão política, recordando a questão da escola no terreno dos fins e não dos meios, não estando nós com um problema interno ao sistema escolar, mas sim face à questão do futuro do mundo rural e da configuração global da nossa sociedade.

Estas questões são muito importantes e devem ser tidas em conta ao longo deste trabalho, uma vez que o município onde se vai desenvolver o projecto tem configurações muito semelhantes às descritas anteriormente, muitos são os impactos num município que além de rural e interior, vive próximo de uma zona de montanha, o que faz com que cada vez mais a desertificação seja evidente e os esforços por valorizar o que se tem passem cada vez mais despercebidos, necessitando de medidas e actividades concretas.

É preciso fazer emergir novas formas de desenvolvimento da educação não-formal e informal no mundo rural, da mesma forma que se estão a sentir os impactos das alterações das estruturas de educação formal. De resto, é importante perceber que existe uma pluralidade de formas de agir e de realizar o processo educativo em contexto rural, como é visível através de variados projectos que têm vindo a ser desenvolvidos e no projecto que se está a apresentar.

Neste contexto, importa abordar do ponto de vista teórico alguns conceitos-chave que vão fundamentar toda a intervenção educativa que se prevê neste projecto.

I.2.1.2 Alguns Conceitos-Chave

GLOBALIZAÇÃO E SOCIEDADE

A ideia de **sociedade**, segundo Fernando Ilídio Ferreira (2005, p.60) tem sido construída, do ponto de vista histórico, em torno de uma perspectiva nacional-estatal, perspectiva essa que tem sido fortemente abalada por novas tendências, assistindo-se a um fenómeno de recomposição das esferas *nacional*, *global* e *local*. Em casos como

Portugal, que pertence à União Europeia, entra ainda uma esfera europeia, que impõe regras e tendências que, aquando da discussão sobre o desenvolvimento, importa ter em conta.

A sociedade continua, no entanto, a ser descrita, muitas vezes, como uma totalidade organizada no que se refere a equilíbrios, consensos, ordem e harmonia o que implica que os fenómenos da vida social contemporânea tendam a ser descritos e interpretados em termos de "crise": crise de violência, de insegurança, de individualismo. Ao serem assumidos em termos de crise como se fossem alheios à acção humana é criada uma tendência para a resignação e o fatalismo. A ideia de crise resulta essencialmente de uma redução da representação de sociedade como sistema organizado e coerente a funcionar em torno do estado e de ainda não terem sido encontradas alternativas consistentes a essa representação (Ferreira, 2005, p. 60/1).

Seguindo a lógica do mesmo autor, a sociedade é vista como um somatório de indivíduos e destinos individuais mas também é encarada em termos de rede, interdependência e globalidade, sendo a ênfase colocada ora nos interesses individuais, ora em fenómenos globais.

Como refere Beck (1998 *in* Ferreira, 2005, p. 63) opera-se agora numa sociedade mundial não fixada territorialmente, ou seja, não vinculada a um espaço territorialmente delimitado. Assiste-se assim a uma nova era da sociedade (sociedade civil global, cidadania global), mas também a um outro modo de compreender a sociedade, uma transição para a era pós-nacional, que faz desaparecer a equação entre Estado, sociedade e identidade. Aqui, importa destacar a noção de globalização, que tem sido muito utilizada para explicar estas mudanças.

Seguindo o raciocínio de Fernando Ilídio Ferreira, o indivíduo poder globalizar-se tal como uma empresa, mas apenas uma minoria o consegue, uma vez que a maioria continua *presa ao chão*: "o sistema mundial abre novas possibilidades, tanto aos indivíduos como às organizações, mas nem a uns nem a outros oferece igualdade de oportunidades" (Mário Murteira, 1995, p. 29 *in* Ferreira, 2005, p. 69). Ou seja, para além das oportunidades e constrangimentos que a globalização proporciona, importa ver *quem* e *como* as aproveita e *quem* e *como* é prejudicado, encontrando soluções para aumentar e igualar oportunidades.

A **globalização** tem sido muito abordada e discutida entre várias e distintas premissas, remetendo para múltiplos aspectos e dimensões da vida social. No entanto,

todo este movimento tem ocorrido em simultâneo com um movimento de **localização**, sendo importante analisar as características deste duplo movimento.

Muitas são as análises feitas aos conceitos que, não sendo novos, caracterizam diversas dimensões. Anthony Giddens (1992, *in* Ferreira, 2005, p. 67) considera que na fase da modernidade em que vivemos, têm lugar fenómenos desestruturadores dos contextos locais, diluindo-se estes nas complexidades das perspectivas globais. No entanto,, em simultâneo, estes fenómenos geram dialecticamente condições de recontextualização das relações sociais, aos níveis nacional, regional e local. Ou seja, a globalização cria possibilidades e disposições para a afirmação das diferenças e para a criação de novas relações de sociabilidade.

Roland Roberson (2000 *in* Khondker, s/d), estuda um neologismo – ***glocalização***, para focar a relação *global-local*, incidindo a sua análise na dimensão cultural, na qual assistimos a um fenómeno de cultura global, não significando uma homogeneidade cultural, mas uma afirmação das diferenças em termos de identidades regionais e locais. Arjun Appadurai defende que, independentemente das tendências uniformadoras, a "globalização não impede a *imaginação de vidas possíveis*" (1997 *in* Ferreira, 2005).

Na actualidade, muitos são os congressos e perspectivas de análise que adoptam o conceito *glocal* para analisar diversas temáticas de desenvolvimento. ***Glocal*** ou ***glocalização*** são termos que se referem à interacção entre global e local, servindo de mote a muitos projectos em diversos países, valorizando os saberes e contextos locais ao mesmo tempo que se têm em conta os fenómenos e correntes globais, tão importantes na actualidade.

Neste projecto, estes conceitos as suas razões e implicações foram tidas em conta, uma vez que o sucesso terá tanto mais impacto quanto mais adequado estiver ao contexto que foi ser visto de forma global e local. Sendo um projecto de educação, importa perceber as suas características específicas.

O LOCAL EM EDUCAÇÃO

O *local em educação*, neste trabalho, é contextualizado nas linhas referenciais de Fernando Ilídio Ferreira, ou seja, nas políticas e nas acções sócio-educativas que têm feito apelo, do ponto de vista discursivo e prático, à dimensão local e territorial e à

mobilização dos actores locais para a resolução dos problemas que as sociedades enfrentam actualmente.

Como referem Rodrigues e Stoer, "são muitas as justificações sobre o interesse e a oportunidade de uma pesquisa sobre a acção local. As políticas públicas, tanto a nível europeu como a nível nacional, vêm fazendo apelo constante e crescente para a importância da dimensão local, com particular incidência na procura de respostas para problemas sociais e económicos […mas,] até que ponto se tem tratado mais de uma declaração de expectativas face ao valor esperado dessa dimensão do que de uma orientação assente no conhecimento real da natureza e potencialidades da acção local" (1994, p. 175 *in* Ferreira, 2005, p. 82).

Os estudos sobre o local em educação podem ser vários, mas devem assumir uma dupla dimensão: devem ser produzidos no âmbito da construção social de políticas, mas também ser assumidos ou elaborados tendo em vista a definição, análise e discussão de políticas enquanto materialização de concepções de mudança social. (Cortesão, Magalhães e Stoer, 2001, p. 46 *in Ferreira,* 2005, p. 82).

O interesse por estudar o "local" não é novo, remonta a meados dos anos 70 e teve o seu auge durante os anos 80, uma vez que aconteceram um conjunto de transformações económicas e sociais do próprio estado e da acção pública, por um lado, e, por outro, transformações das ciências sociais com o retorno do actor, os estudos microssociológicos, o desenvolvimento do trabalho de terreno e a passagem de uma abordagem causal para uma interpretativa.

Ao longo dos anos foram realizados imensos estudos sobre a educação e o local, onde muitas foram as problemáticas estudadas, entre elas a descentralização, a territorialização, a autonomia das escolas, a escola e o espaço local, a escola e o território, as parcerias, os partenariados, a animação comunitária, o desenvolvimento local, entre outros. Os temas evoluíram nos seus discursos, políticas e práticas, sendo ainda alvos de estudos e investigações.[5] Apresentam-se, de seguida, algumas reflexões sobre estes assuntos que, não sendo mais importantes que outras, enquadram a acção deste trabalho de projecto.

Em 1995, Licínio Lima afirma que a retórica da descentralização e da autonomia, sustentada na ideia de devolução de poderes ao local pode traduzir-se no reforço da democracia participativa mas, também, numa forma de "recentralização por

[5] Para uma análise mais completa dos estudos sobre o local em educação, realizados ao longo dos últimos trinta anos, consultar a primeira parte do capítulo II de Ferreira (2005, p. 81-110).

controlo remoto", em que a autonomia se transforma numa técnica gestionária (Ferreira, 2005, p. 85), pelo que a investigação destes campos é necessária para uma maior compreensão da realidade educativa local.

Historicamente, dá-se destaque à revolução de 25 de Abril de 1974, uma vez que é o momento em que tem início um processo de democratização que abre caminho à participação das populações locais na vida social e política, a diversas formas de associativismo de base local e à emergência do poder local democrático. A democratização e a possibilidade do acesso de todos à escola, a massificação do ensino, é também algo que deve ser destacado, sendo um processo ainda recente. Como referiu Nóvoa (1986), a escola pública foi criada *contra* e *em ruptura* com as comunidades locais, sendo os particularismos locais considerados um entrave ao progresso. A sua criação deu origem a um processo de desterritorialização. A escola provém do estado, contribuindo para a unidade e identidade nacional, veiculando um conjunto de saberes universais assentes na escrita e desvalorizando a cultura e os saberes locais assentes, principalmente, na tradição oral (*in* Ferreira, 2005, p. 88). A escola tem vindo a sofrer uma expansão, impondo-se às culturas locais e aos contextos e modalidades educativas não-formais e informais, sofrendo esses um processo de abafamento e desqualificação. Focando apenas todo o contexto escolar em processos de educação formal de crianças e jovens, criou-se uma confusão entre estas dimensões, uma vez que a educação é algo amplo e não se restringe ao contexto escolar formal nem a uma faixa etária específica.

Com o evoluir dos tempos, a educação é questionada e são debatidos os seus princípios e finalidades, o que traz a este campo as dimensões sociais, culturais, políticas e filosóficas, sendo apresentadas algumas alternativas a uma escola tão tradicional (Ferreira, 2005, p. 88).

É nesta altura que Paulo Freire defende uma educação como *prática de liberdade* e lança as bases da sua *pedagogia do oprimido*. Paulo Freire defende uma educação que tem por base o processo de consciencialização, em que o homem se situa como sujeito activo na construção do mundo, o que produz uma acção libertadora que se exprime na passagem de uma consciência para uma consciência crítica-reflexiva.

Como refere Ferreira (2005), o movimento da *educação permanente* emerge também nesta altura, questionando o modelo escolar, defendendo que o propósito de promoção social da escola não é apenas profissional mas igualmente cultural, tendo esta como objectivo a formação de um homem cidadão no sentido da sua autonomia, sendo a pessoa activa na sua própria formação. A proposta é a da promoção de uma relação

entre a escola e o tecido social e a vida cívica, sendo por isso destacadas as dimensões políticas, sociais e culturais da acção educativa: "o local e a lógica territorial constituem a base do "trabalho social" e a dimensão educativa torna-se uma das suas principais componentes, em termos de participação e de cidadania" (Ferreira, 2005, p.92).

Emerge assim a distinção entre dois conceitos associados a contextos educativos, a *educação* e a *animação*. Educação vinculou-se assim, historicamente, à dimensão formal e animação à dimensão não formal e informal, valorizando a informalidade, a participação, a diversidade e a endogeneidade, contrariando a uniformização e homogeneidades das estruturas e dos processos escolares.

Valorizando essencialmente a dimensão humana, começam a surgir projectos integrados de desenvolvimento local, tendo em vista a participação das populações na melhoria das suas condições de vida, do ponto de vista económico, social, cultural e ambiental. Canário (1995) e Pedroso (1998) são alguns dos investigadores marcantes nesta área que defendem um entendimento dos processos educativos como algo que ultrapassa a dimensão escolar, algo que se constitui como um factor de desenvolvimento, focando o desenvolvimento local como um processo colectivo de aprendizagens de uma forma participativa e emancipatória.

Embora com grande esforço, estas respostas à *crise da educação escolar* não têm tido muitos efeitos e acabaram por se reduzir à concepção de um espaço "extra-escolar", "pós-escolar" e, eventualmente, a práticas claras de formação de adultos[6], empurrando para a periferia as modalidades de educação não formar e informal.

É dada assim à escola uma nova centralidade, uma centralidade entendida à escala local do estabelecimento de ensino, difundindo-se a ideia de abertura da escola à comunidade e de relação da escola com a comunidade. Destaca-se aqui o conceito de **comunidade educativa** que tem sido alvo de muitos estudos e desenvolvimentos. Para este trabalho, assumimos a definição de Sarmento e Ferreira, referindo que comunidade educativa é "uma organização/instituição educativa dotada de uma autonomia relativa que procura estabelecer entre os seus membros um sistema de interacções, assente numa partilha de valores e objectivos, construindo assim uma base de comunicação intersubjectiva" (1995, p. 349).

O local e o impacto da educação e das escolas no seu desenvolvimento é importante e mantém-se urgente, principalmente se nos focarmos no mundo rural e na

[6] Por adultos designamos um grupo de cidadãos, jovens ou adultos, que estão de alguma forma excluídos do ensino regular, que atua apenas numa dimensão de educação formal.

constante desertificação que tem acontecido. É neste sentido que "a escola em meio rural aparece não como algo obsoleto, mas sim como algo que pode ser 'portador do futuro' (Canário, 2000, p. 124).

As práticas educativas não formais têm assumido uma "identidade de resistência" (p.98) que está na base da sua sobrevivência e vitalidade e que deve ser continuada. Importa assim agir de forma global na acção educativa, criando sinergias entre as modalidades formais, não-formais e informais, as dinâmicas comunitárias que envolvem crianças e adultos, explorando assim as dimensões sócio-educativas dos processos de desenvolvimento local. Neste campo educativo participam diariamente diversos profissionais, com competências e saberes variados, que trabalham de forma individual e em equipa e, sendo importante destacar que a educação acontece em diversos contextos, com recurso a diversas entidades e organizações (Ferreira, 2005). É neste contexto que surge o conceito de *parceria* e que será abordado adiante. Ou seja, o estudo do local em educação parece pertinente mas não pode ficar pelos campos escolares. Ele deve ser alargado, uma vez que a educação não é apenas a escola, e o local não é apenas um lugar, sendo muito importante ter em conta o contexto e os saberes existentes, não esquecendo as dialécticas entre o local e o global. O que estrutura hoje o local não é apenas o que está presente no cenário, mas muito mais… o lugar é, agora, "fantasmagórico, o que quer dizer que o local é penetrado e modelado por influências sociais muito distantes" (Ferreira, 2005). Numa perspectiva que se situa na dinâmica *local-global* em educação, podem seguir-se as linhas de Stoer e Cortesão (1999), que afirmam que os processos educativos têm lugar entre pessoas/instituições inseridas num contexto local e as suas características (local) entrelaçam-se com características dos contextos nacionais e transnacionais, com influências do presente e do passado (Ferreira, 2005, p.99).

Importa situar o trabalho no contexto local e abordar os fenómenos educativos de forma *global*, percebendo os olhares *globais* sobre o local e os olhares locais sobre o *global*. Assim, podem ser captados fenómenos do quotidiano, sendo estes relacionados e interpretados numa visão e relação local, nacional, europeia e/ou até mundial. É importante não esquecer que "o local está dentro do global mas o global, também, está dentro do local" e é nas suas conexões e manifestações concretas do quotidiano, nas acções concretas de terreno que está o interesse da análise (Ferreira, 2005, p.99).

Para finalizar a enfâse dada ao local, e seguindo a perspectiva do mesmo autor, é preciso ter presente que a ideia de que o local não é capaz, por si só, de oferecer uma via

salvadora para todos os problemas agudizados com a crise do Estado e com o fenómeno emergente da globalização. Este trabalho parte assim da "necessidade de encarar o local como um universo compósito, perspectivando-o com palcos de contraste, controvérsia e contradições e assumindo estes fenómenos como objecto de pesquisa" (p.101).

Assentando este projecto numa linha de desenvolvimento local, este contexto não se poderia deixar de caracterizar, uma vez que é um eixo central em toda a estratégia desenvolvida.

DESENVOLVIMENTO LOCAL

O conceito de Desenvolvimento Local surge associado a todo o contexto já descrito anteriormente, a que foi dada ênfase a partir dos movimentos criados desde 1974. *Desenvolvimento Local*, como refere Buarque (1999), é um processo endógeno registado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos, capaz de promover o dinamismo económico e a melhoria da qualidade de vida da população, representando uma singular transformação nas bases económicas e na organização social a nível local, resultante da mobilização das energias da sociedade, explorando as suas capacidades e potencialidades específicas. O desenvolvimento local está inserido numa realidade mais ampla e complexa, com a qual interage, recebendo influências e pressões positivas e negativas, estando associado a iniciativas inovadoras e mobilizadoras da colectividade, articulando as potencialidades locais nas condições dadas pelo contexto, como se pretende com este projecto.

O desenvolvimento local requer sempre alguma forma de mobilização e iniciativas dos actores locais em torno de um projecto colectivo. As comunidades procuram utilizar as suas características específicas e suas qualidades superiores e especializar-se nos campos em que têm uma vantagem comparativa em relação às outras regiões (Haveri, 1996 *in* Buarque, 1999).

Uma dinâmica de desenvolvimento local tem necessariamente presente duas dimensões: a política e a técnica. A primeira garante as linhas de orientação a seguir, e coloca à disposição os meios indispensáveis à sua prossecução; a segunda, pode mostrar-se em dois eixos: um primeiro, definido pelo conjunto de competências produzidas por algumas formações tradicionais (p.e. engenharia e arquitectura) e, um segundo, constituído pelo conjunto de competências produzidas por formações diversas e menos formais, das quais se destacam os agentes de desenvolvimento local, os

animadores para o desenvolvimento, os animadores rurais e os agentes de dinamização económica (Azevedo, 1993).

As experiências bem-sucedidas de desenvolvimento local (endógeno) decorrem, quase sempre, de um ambiente político e social favorável, expresso por uma mobilização, e, principalmente, de uma convergência importante dos actores sociais da comunidade em torno de determinadas prioridades e orientações básicas de desenvolvimento.

Segundo Reis, desenvolvimento local "trata-se de um impulso generoso, de carácter local e endógeno, assente na mobilização voluntária, cujo objectivo é originar acções com as quais se produzem sinergias entre agentes, tendo em vista qualificar os meios de vida e assegurar bem-estar social" (1998, p.32), sendo por isso a diversidade, a cidadania, a participação e a contextualidade territorial marcas que distinguem o desenvolvimento local de outras formas de gestão social (*in* Amiguinho, 2008, p. 280).

Esta articulação entre dimensões de intervenção é um requisito indispensável para uma dinâmica de Desenvolvimento Local, sendo os processos, por isso, indissociáveis dos resultados (Amiguinho, 2008).

O desenvolvimento local é um tema vasto para o qual muitos autores dão os seus contributos e, onde o conceito de **Comunidade** tem também um lugar central.

Embora sendo um conceito complexo, segundo Nunes e Hoven (1996), parte-se do pressuposto que a maior parte das comunidades podem ser definidas por duas dimensões:

i. pelas características e experiências comuns dos seus membros, por exemplo, características pessoais, crenças, estatuto sócio-económico, serviços, entre outros.
ii. pelos interesses comuns que ligam entre si os membros no seu conjunto e dão a estas características um significado comum.

O facto de as pessoas terem características comuns não significa que se possam identificar como uma comunidade. O que confere a estas características um significado comum, pode ser definido por interesses económicos, tal como herança cultural, relações sociais e uma base para o poder político (M. Taylor, 1993 *in* Nunes e Hoven, 1998).

Segundo Taylor (*in* Nunes e Hoven, 1999), significa dar às pessoas mais poder sobre as mudanças que acontecem no seu contexto de vida, sobre as políticas que as

afectam e os serviços que utilizam. Consiste, assim, num modo de trabalho que visa duas coisas:

i. libertar as potencialidades existentes nas Comunidades através da associação conjunta de pessoas, em ordem à realização de assuntos de interesse comum e pelo desenvolvimento de capacidades, confiança e recursos por relação àqueles problemas, através do fortalecimento de relações dentro da comunidade e encorajando as pessoas a usar as suas energias e recursos com mais efectividade ao nível local.
ii. trabalhar, onde é necessário, para mudar as relações entre pessoas nas comunidades e as instituições que regulam as suas vidas. O seu objectivo é assegurar que as comunidades e os seus membros sejam reconhecidos como parceiros na produção, nos serviços, e na vida democrática, em vez de serem objectos de decisões e políticas feitas em qualquer outra parte, exteriormente à comunidade.

Desta forma, este tipo de trabalho é uma actividade crítica que parte dos desejos e problemas imediatos das pessoas, estimulando a acção e procura da mudança, tendo em conta as possibilidades políticas e históricas e facilitando a compreensão dos factores estruturais dos conflitos sociais.

Assim, depreende-se que, em termos gerais, o desenvolvimento local tem como objectivo a criação de estratégias que procurem a solução, de uma maneira sustentável, de problemas que grupos da população, em particular os grupos sociais mais desfavorecidos em diversos âmbitos, vivenciam na sua vida quotidiana.

Tentando restituir o poder aos que não o têm, de modo a que possam aceder à participação plena nos espaços da cidadania, o desenvolvimento local constitui-se como um processo educativo, não no sentido escolar, onde existe alguém que ensina e outro que aprende, numa relação assimétrica, mas pelo efeito de *impregnação* de uma acção educativa globalizada que se apresenta num processo de aprendizagem colectiva (Ferreira, 2005).

Para finalizar a análise deste conceito, importa destacar a necessidade de uma **participação** activa, consciente e informada, que contribua para uma tomada de consciência permanente do meio social sobre os seus próprios problemas e soluções, associada a um envolvimento na tomada de decisões, nas acções e na contínua avaliação de todo o projecto de acção, ou seja o *empowerment*. Ao nível da participação da população nos projectos de desenvolvimento local devem ser tidas em conta duas

problemáticas: o processo de consciencialização das necessidades e das formas de intervenção na vida social; e o processo de construção dos mecanismos de comunicação permanente entre os vários actores implicados no processo de planeamento (Guerra, 2002, p. 102).

A comunicação eficaz, com os meios adequados e da forma adequada é relevante e um factor que pode influenciar todo o sucesso e impacto do projecto, importando, para isso, construir redes. Como é referido por Isabel Guerra (2002), o processo de construção de redes de expressão e de comunicação deve ser um meio fundamental de construção da cooperação, passando necessariamente por valorizar as formas de expressão individual e colectiva, dando-lhes voz pública. Desde o início do desenvolvimento do projecto devem ser criados canais de comunicação cooperantes (e não de dominação), devem existir interlocutores de ambos os lados, de forma a termos um projecto institucional que pode e deve tornar-se num projecto colectivo.

Este projecto assenta a sua acção nas premissas anteriores, estando previstas actividades diversas e plurais, como objectivos específicos e estratégias definidas, assentando a sua acção também no conceito de animação.

ANIMAÇÃO

Como refere Canário (1999), muitos são os conceitos que estão relacionados a ideias de democratização e de promoção social, conceitos que surgem do fenómeno da *animação*. Conceitos como animação sócio-cultural, animação comunitária e desenvolvimento comunitário estão relacionados com outros de educação de adultos e de educação permanente.

A animação surge em alternativa ao carácter estatizado e funcionarizado do sistema escolar e da actividade escolar, baseando-se nas ideias de militância e de compromisso cívico de animadores (que podem ser profissionais e voluntários), com o desenvolvimento das pessoas e das comunidades. Estas práticas de animação desenvolvem-se mais a partir do 25 de Abril de 1974, surgindo no interior do movimento associativo (Ferreira, 2005).

A animação é o "eixo estruturador de uma intervenção educativa globalizada que apela a diferentes tipos de articulação: a articulação entre modalidades educativas formais e não-formais; a articulação entre actividades escolares e não-escolares; a articulação entre a educação das crianças e dos adultos" (Canário, 2000, p. 136).

Se a animação for efectuada dentro de uma intervenção educativa globalizada e participada, desempenha um papel importante na elevação da auto-estima colectiva relativamente a um território, à sua história e seu património cultural e ambiental, contribuindo para uma vontade colectiva de mudança. Como refere Alberto Melo, "qualquer população rural, hoje em dia, para participar plenamente no processo do seu próprio desenvolvimento, terá de ultrapassar antes de mais os seus sentimentos de desespero e de impotência e, ainda, complexos de inferioridade relativamente à sua cultura tradicional. O trabalho de animação cultural e social é, assim, essencial quando se pretende lançar e apoiar um processo de desenvolvimento rural" (Melo, 1994, p. 141 *in* Ferreira, 2005, p.422), sendo por isso o conceito de animação essencial neste trabalho. É neste contexto que *iniciativas em pequena escala*, próprias de trabalho cultural ou social (por exemplo, a criação participada de museus comunitários ou centros de animação infantil) têm o seu impacto na formação dos actores, e na construção de uma vontade colectiva de mudança (Melo, 2000 *in* Amiguinho, 2008), podendo ser vistas como formas de progressiva capacitação política, confirmando o impacto formativo resultante do trabalho de animação socioeducativa e cultural (Moreno, 2002 *in* Amiguinho, 2008).

A animação, mais do que associada a um objecto de intervenção, surge, assim, associada a um sujeito, pois é a comunidade que se educa a si própria, e que promove o seu desenvolvimento (Ferreira, 2005).

Numa lógica de resposta à crise da educação escolar, valorizando as acções não formais e informais, a animação aponta para formas de relação mais horizontais e para uma maior autonomia e participação das populações integrando, em processos educativos globais, crianças, jovens, adultos, grupos e associações, desenvolvendo dimensões sociais, políticas e culturais. Nas zonas do interior, estas práticas surgem com o objectivo de contribuir para a sua revitalização "através da dinamização do movimento associativo, do desenvolvimento de projectos e de metodologias participativas, do reforço da autonomia e da auto-estima das populações" (Ferreira, 2005, p. 91).

No entanto, para intervir como está previsto neste projecto, a acção deve ser colectiva e envolver uma rede de parceiros que, mais do que apoiarem a sustentabilidade do projecto, devem estar envolvidos ao longo de todo o processo. Importa, por isso, caracterizar os conceitos de redes de cooperação, parcerias e

partenariado, uma vez que são a base do bom desenvolvimento de um projecto colectivo e de mudança, sendo um factor muito importante neste projecto.

REDES DE COOPERAÇÃO, PARCERIAS E PARTENARIADO

Uma prática muito comum e de bons resultados também no desenvolvimento local é o estabelecimento de redes e parcerias de onde se destacam as **Redes de Cooperação**. As redes de cooperação, segundo Azevedo (1993), no contexto das iniciativas locais, parecem constituir um elemento de primeira importância do meio rural, favorecendo novas práticas de desenvolvimento. Alguns aspectos em que as redes locais de cooperação intervêm:

a. *Acesso à Informação* – a participação numa rede permite o acesso e partilha de quantidades significativas de informação diversa e pertinente e contribui para diminuir a situação de isolamento.
b. *Solidariedade entre Regiões* – pode ser promovida uma maior aproximação entre comunidades que vivem os mesmos problemas e que dispõem do mesmo tipo de potencialidades, criando-se condições para aumentar as capacidades de iniciativa e de resistência dessas comunidades. Desta forma, permite ainda uma partilha de conhecimentos dos saberes próprios de cada zona e favorece a transferência de soluções adaptadas à resolução de problemas em diferentes pontos da rede.
c. *Efeitos de Escala* – decorrente do envolvimento numa rede o efeito de escala pode situar-se em torno de dois aspectos, o económico e o político e social. O primeiro abrindo novas perspectivas, nomeadamente quanto à troca de produtos em espaços mais amplos. O segundo na medida em que a rede federa interesses comuns e confere uma voz mais activa em defesa das posições assumidas pelas comunidades rurais.
d. *Complementaridade entre Regiões* – favorecendo a capacidade de resistência e de evolução dos espaços, as complementaridades são particularmente importantes em domínios como a assistência técnica, as trocas comerciais e a valorização dos recursos humanos.

e. *Evolução Técnica* – a troca de informações técnicas, a partilha de experiências, a procura coordenada de soluções para problemas comuns constituem momentos formativos e autoformativos particularmente importantes para o desenvolvimento das capacidades técnicas presentes nas áreas rurais.
f. *Inovação Tecnológica* – os vários elementos da rede poderão constituir elos importantes de difusão, de inovação e simultaneamente construir pontos de apoio e referências importantes na transferência de inovações para outros pontos da rede.
g. *Cooperação entre Regiões* – estabelecidas com base no princípio da livre adesão, as redes federam os espaços, as comunidades e os seus principais representantes, em torno de objectivos comuns, sejam eles de resolução de problemas, o aproveitamento de potencialidades, ou a exploração de complementaridades. Promovem também a criação e o desenvolvimento de atitudes e comportamentos favoráveis à cooperação, nomeadamente a solidariedade entre as comunidades cooperantes.

Comum à ideia de trabalho em rede e fruto também de um mundo conexionista, a ideia de trabalho em **parceria** tem sido usada quase como senso comum em todos os projectos e actos de desenvolvimento não só local, como nacional ou global. Como refere Ferreira (2005), a parceria como trabalho em rede tornou-se a palavra de ordem das políticas sociais públicas, tendo em vista a coesão social.

A noção de parceria existe de uma forma natural e quase por explicar, transmitindo a ideia de agilidade e mobilidade, de algo que parece ser bom só por si, tendo sido gerado ao longo dos anos um senso comum baseado na ideia de que nada pode ser feito sem parceria, estando constantemente presente na maioria dos programas europeus, nacionais ou locais, bem como nas políticas públicas do campo social e educativo. Por parceria, de uma forma global, entende-se uma sociedade de indivíduos que tem por fim interesses comuns[7].

Segundo Isabel Guerra (2002), podem apresentar-se três elementos para definir parceria: é um *processo* de elaboração e de aplicação de estratégias económicas e

[7] Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa.

sociais; é um processo *voluntário*, uma vez que ninguém é obrigado nem lhes é imposto por autoridades; e é um processo *decisional* que implica algum poder de execução.

Stoer e Rodrigues (2000, *in* Ferreira, 2005, p. 510) referem que se observa actualmente uma tendência para mitologizar e ideologizar a noção de parceria, que leva a que esta seja encarada como uma construção fácil, quase automática, aconflitual e asséptica face às questões de poder. No contexto português, estes autores consideram que importa reflectir sobre o significado e a direcção das parcerias e sobre a forma de apropriação da parceria pelos parceiros.

Rodrigues e Stoer (1998) consideram que o estudo da parceria se refere a um contexto feito da combinação de formas de solidariedade "novas" (contratuais) e "velhas" (mais informais), estabelecendo uma distinção entre partenariado e parceria. Enquanto parceria diz respeito a um processo de colaboração e cooperação relativamente informal, partenariado é um processo de colaboração e cooperação formal, capaz de mobilizar uma coligação de interesses e de comprometer um conjunto de parceiros em volta de uma agenda comum. Embora sejam distintos do ponto de vista conceptual, no terreno são muitas vezes confundidos, atribuindo-lhe os profissionais o mesmo significado, sendo mais usado o conceito de parceria.

Mas aprofundemos um pouco mais o conceito de **partenariado**. Como refere (Azevedo, 1993) embora na realidade os tipos de partenariado se encontrem interligados, há dois tipos que se organizam com funcionalidades e regras diferentes, segundo níveis de formalização variáveis: o partenariado vertical e o partenariado horizontal. Na primeira modalidade estão envolvidas, normalmente, entidades de estatuto público ou privado de base local e representativas de diversos sectores e interesses, com vista à resolução de problemas ou ao aproveitamento de potencialidades comuns. A segunda modalidade associa instituições locais, regionais e centrais, de estatuto público ou privado e constituem-se, normalmente, para dar corpo a alguma intervenção concreta em favor do desenvolvimento da zona, que exija a participação de diferentes níveis de poder.

Partenariado, segundo Guerra (2002), deriva do conceito de *participação*, conceito este que também merece ser alvo de destaque, pois está inerente a todos os outros já abordados e a abordar. A noção de **participação** é, ainda hoje, fruto de grandes equívocos, sendo por isso importante defini-la conceptualmente.

De um ponto de vista histórico, o termo *participação* provém das tentativas de reconciliação das relações entre capital e trabalho. Para alguns, tratava-se de tornar o

operário solidário com o destino da sua empresa participando na sua gestão e no processo de acumulação, sendo importante destacar que o que estava em causa era uma visão da sociedade, do poder político e económico.

Continuando a orientação de Isabel Guerra, a passagem da noção de participação para partenariado remete para a criação de novas redes de comunicação e repartição de responsabilidades (direitos e deveres) entre os cidadãos e as suas administrações. Enquanto participação se refere a um esquema linear de exercício de poder, a noção de partenariado vai ao encontro do princípio da interacção entre as populações e os técnicos (para os quais as referências não são tanto poder, mas conquista e partilha), numa resolução efectiva de problemas que são consensualmente identificados porque são trabalhados no interior de mecanismos de comunicação entre todos os parceiros.

Este modelo de partenariado distancia-se da concepção de poder tradicional, uma vez que as pessoas que o exercem, fazem-no em função das suas motivações, das suas competências específicas (face aos objectivos da acção), sem preocupação com os seus lugares hierárquicos. Trata-se da criação de estruturas funcionais geradas em função de um projecto comum. Dito de outro modo, uma organização que promove a participação

> "permite a reunião de pessoas (em representação da instituição ou até a título pessoal) e de instituições muito diversas e não há separação entre os que decidem (os políticos), os que executam (os técnicos) e os que recebem (os cidadãos)" (Guerra, 2002, p.102).

Algumas definições de partenariado identificadas por Alcides Monteiro (1995 *in* Guerra, 2002, p. 104/5):

- "o partenariado [….] é a cooperação contratual entre os múltiplos parceiros locais em torno de projectos comuns ou convergentes – permite coordenar as iniciativas numa perspectiva de conjunto edificando espaços de solidariedade que congregam os actores locais numa lógica horizontal de reconhecimento mútuo e de comunicação" (António Nóvoa);
- "partenariado é um processo pelo qual dois ou mais agentes, de natureza distinta, conservando a sua especificidade, se põem de acordo para realizar qualquer coisa, num dado tempo, que é maior do que a sua acção, ou que não poderiam fazer sós, ou que é distinta do que já fizeram e que implica riscos e benefícios" (Jordi Estivill);
- "o partenariado pode sustentar "coordenações negociadas" entre diferentes instituições que não têm o mesmo estatuto (público/privado), que não operam ao mesmo nível (nacional/local) e que não estão uma perante a outra numa

> relação de dependência. A relação de partenariado estabelece entre os que estão implicados uma sinergia com o fim de tratar tarefas complexas que poderiam ser consideradas por cada um dos parceiros, como sendo do seu domínio de competência (Abu Sada)."

Para finalizar, parecem existir duas condições de estabelecimento do partenariado: o *acordo expresso* e a existência de *objectivos comuns*. Para que estas condições se estabeleçam é necessário que exista, pelos parceiros, um reconhecimento de complementaridade, assumindo cada um a sua função específica dentro de um consenso sobre os objectivos a atingir e os meios a utilizar, e de uma divergência sobre outros domínios de actividade (Guerra, 2002).

Quer sob o conceito de parceria, quer sob partenariado, uma vez que apela a uma gestão de desenvolvimento partilhado, importa que exista uma estratégia definida e organizada de regulação e gestão das parcerias e de todo o processo.

Trabalhar educação em contexto local, tendo por base parcerias e outro tipo de estratégias pode ser diferente de muitas práticas que têm acontecido no contexto da intervenção, mas tem como claro objectivo o desenvolvimento de competências nos jovens, ou seja a aprendizagem. E, porque, não é só na escola que se aprende, importa explicar um pouco daquilo que é a aprendizagem e que difere entre formal, não-formal e informal.

APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL

A **aprendizagem** é uma actividade permanente de desenvolvimento pessoal, que mobiliza o indivíduo ao longo da vida (Gronemweyer, 1989 *in* Cavaco, 2002). A aprendizagem ocorre ao longo de toda a vida e a capacidade de aprender resulta da necessidade de responder aos desafios do quotidiano, sendo o processo muito importante. Numa sociedade em constante mudança, é importante reestruturar as competências continuamente, de forma a dar resposta aos desafios constantes (Dominicé, 1996 *in* Cavaco, 2002).

Jonh Dewey traz a este conceito a importância da experiência prática como método educativo, criticando a hegemonia provocada pelo ensino magistral. Para ele, "a aprendizagem é um processo dialéctico que integra a experiência e a teoria, a observação e a acção. A experiência dá à teoria a sua vitalidade e energia, a teoria fornece uma direcção à experiência (Landry, 1991 *in* Cavaco, 2002, p. 26). Lewin

acrescenta que a aprendizagem em grupo facilita o processo, uma vez que se regista um conflito e uma tensão dialéctica entre a experiência e a teoria, que se evidencia com a interacção entre os indivíduos. Piaget refere o lugar fundamental da experiência e da acção na aprendizagem, defendendo os mecanismos de assimilação e acomodação (Cavaco, 2002). Kolb procurou reconciliar a teoria com a prática, num modelo estrutural de aprendizagem, identificando várias fases e estilos de aprendizagem, fundamentando assim a especificidade e diversidade do processo de aprendizagem experiencial. Segundo este autor, o aprendente sujeita-se a um contacto directo com um ou vários acontecimentos e, nessa situação, intervém. De seguida, analisa os elementos que vivenciou e compara-os com as experiências anteriores, dando lugar à descoberta de conceitos e princípios gerais, que permitem o uso desta vivência no futuro, iniciando um processo de aprendizagem com a repetição da primeira etapa. A importância dada a cada uma das etapas depende dos contratos institucionais e das preferências pessoais de cada indivíduo, uma vez que cada um tem o seu estilo próprio de aprendizagem (Landry, 1989 *in* Cavaco, 2002).

Segundo Josso, no processo de aprendizagem regista-se um primeiro momento de quebra dos automatismos, onde "surge o imprevisto, a admiração, o espanto", o questionamento, uma vez que a pessoa se depara como uma situação desconhecida para a qual ainda não tem esquemas de actuação ou representações (1991 *in* Cavaco, 2002, p. 37). Pineau refere que a experiência ocorre na "ruptura da continuidade" gerando angústia e um desconforto inicial que é superado na fase seguinte, onde o indivíduo pode experimentar e ultrapassar com sucesso a situação. De uma forma global a pessoa aprende por ensaio e erro, ao realizar tentativas e fortalecendo as que se afiguram eficazes (1989 *in* Cavaco, 2002, p. 36):

> "A aprendizagem de coisas que não são ensinadas, ou seja, que não obedecem aos requisitos do modelo escolar, corresponde ao que de uma forma genérica se pode designar por educação não formal" (Canário, 2006, p.2).

Como referiu Kant, "o homem só se pode tornar homem através da educação" (2004 *in* Canário, 2006, p.1) sendo que se podem apresentar três tipos de acções educativas: **Educação Formal**, **Educação Não Formal** e **Educação Informal**.

Por **Educação Formal** (EF) entendem-se os processos formativos planeados, inflexíveis, sistematizados, com uma carga horária planeada, com uma intenção clara de aprendizagem, integrados num programa imposto, visando uma avaliação final de

conhecimentos, ou seja, os processos cujo "protótipo é o ensinado na escola" (Canário, 2006, p. 3). Para Gonçalves e Fernandes (coord., s/d) a aprendizagem formal decorre em instituições de ensino e formação, conduzindo a diplomas e qualificações reconhecidos.

As acções de **Educação Não Formal** (ENF) são marcadas pela flexibilidade de horários, programas e locais, estando o indivíduo presente por sua vontade, de forma voluntária, sem preocupações de certificação, sendo pensadas à medida do público e do contexto. Este processo educativo é muito importante uma vez que a aprendizagem se faz pela experiência e ensina-se ao indivíduo aquilo que ele não sabe, contribuindo para o património experiencial de cada um, uma vez que é o recurso mais importante para a realização de novas aprendizagens (Canário, 2006). Segundo Gonçalves e Fernandes (coord., s/d) trata-se de um grupo de acções que decorre em paralelo aos sistemas de ensino e formação, não conduzindo, necessariamente, a certificados formais. Esta aprendizagem pode ocorrer no local de trabalho e através de actividades de organizações ou grupos da sociedade civil.

A **Educação Informal** (EI) descreve acções educativas não organizadas, que podem ser intencionais ou não, sendo a aprendizagem visível na alteração dos conhecimentos, comportamentos e atitudes dos indivíduos (Cavaco, 2002). Estes processos correspondem a todas as situações potencialmente educativas, mesmo que pouco ou nada estruturadas e organizadas (Canário, 2006). Na perspectiva de Gonçalves e Fernandes (coord., s/d), a aprendizagem informal é um acompanhamento natural da vida quotidiana que não é necessariamente intencional, e que pode não ser reconhecida mesmo pelos próprios indivíduos, como enriquecimento dos seus conhecimentos e aptidões.

Como refere Canário (2006), a maior parte daquilo que sabemos não foi aprendido na escola (uma vez que esta instituição tem uma origem histórica recente) o que faz pensar que as aprendizagens vão mais longe do que o ambiente escolar. A educação não formal tem um carácter invisível, mas está presente na maioria dos actos educativos, sendo por isso um processo central no projecto apresentado no decorrer deste trabalho, importando por isso enquadrá-lo no âmbito da *intervenção local.*

Tendo como referência vários projectos já desenvolvidos em contexto local/rural são de destacar no âmbito deste trabalho as questões relacionadas com "uma pedagogia em acção no contexto rural" (Sarmento e Oliveira, 2004 *in* Canário, 2006, p. 35) e o papel do associativismo interventivo, rico em processos não-formais e informais, que actua num campo cívico e participativo.

Para os autores, "uma pedagogia em acção no contexto rural" deve valorizar a produção escrita num contexto de cultura oral, a investigação deve recolher património local, o trabalho pedagógico deve ser orientado para o fazer, para a descoberta e para a materialização dos saberes em produtos comunicáveis, deve existir uma mobilização para a acção educativa de diversos agentes comunitários, promovendo um envolvimento intergeracional, deve proporcionar intercâmbios, redes e valorizar a participação e, por fim, deve recriar e reconfigurar espaços e tempos educativos que ultrapassam os limites tradicionais do mundo escolar.

Quanto ao associativismo ou também ao terceiro sector (Organizações Não Governamentais), reforça a ideia da importância das acções não-formais e pretende aumentar o património associativo e a sua valorização. O associativismo teve a sua afirmação depois da mobilização popular de 1974, tendo na sua base a educação popular. As acções nestes contextos emergem de necessidades, têm dinamismo e criam novos intermediários entre os movimentos e o Estado, de forma a contribuírem para a gestão dos problemas sociais. Estes novos intermediários são os novos empreendedores sociais, gestores sociais e mediadores sociais que assumem responsabilidades sociais e educativas, uma vez que o Estado permite esta descentralização na gestão de programas sociais e educativos (Lima, 2005).

Importa, por isso, pensar em novos programas sociais e educativos, criando alguns e reinventando outros, de forma a dar resposta às necessidades do contexto. Neste projecto o contexto tem o seu enfoque na capacitação de jovens para uma cidadania activa, através do aumento da oferta de actividades para eles nas férias de verão, sendo por isso muito importante caracterizar os jovens e a participação activa destes na sociedade.

OS JOVENS E A PARTICIPAÇÃO ACTIVA NA SOCIEDADE

Parece redundante insistir na necessidade de envolver a "participação da população" pois, como refere Isabel Guerra (2002), para além de repetido, é sobejamente conhecido o fracasso e mesmo o "efeito perverso" dos projectos que não conseguiram, ou não quiseram, a participação dos interessados. O importante não é fomentar uma participação folclórica da população nas actividades, mas provocar uma tomada de consciência permanente do meio social sobre os seus próprios problemas e respectivas soluções.

Neste processo, assumindo que há um conjunto de comportamentos e competências a mudar de forma a trabalharmos no caminho de uma cidadania activa, consciente, informada e democrática, importa que jovens sejam alvo de destaque no que se refere a programas de educação e desenvolvimento local. A sociedade, através dos seus mecanismos de gestão e desenvolvimento, deve dar aos jovens formas de estes fomentarem estas competências, tornando-os autónomos e pró-activos nos diferentes contextos em que vivem no seu dia-a-dia.

Neste contexto, uma vez que os jovens fazem parte da população e são o futuro da população e tendo em vista os objectivos deste trabalho de projecto, destacam-se as competências que levam à participação cívica e activa dos jovens na sociedade, que os levam a práticas de **associativismo** e **voluntariado**.

Quando se abordam estas questões de **participação cívica**, um dos focos principais é o envolvimento dos cidadãos em associações e/ou organizações que constituem o terceiro sector. Estas organizações podem ser definidas por algumas características principais, sendo elas: a organização formal, a independência face ao Estado, a ausência de fins lucrativos ou de distribuição de lucros, a pertença voluntária e o primado do trabalho não remunerado (Delicado, 2006, p.2), onde os indivíduos desempenham funções diversas, como a provisão de serviços, a ajuda mútua, a pressão sobre órgãos governativos, a campanha em defesa de direitos, valores ou ideais (Kendall e Knapp, 1995, p.67-68 *in* id.).

Segundo Ana Delicado (2006), a pertença a associações é uma forma organizada de promover a ligação e cooperação entre indivíduos, indicando um grau de coesão social e uma vitalidade na cultura cívica. As associações asseguram diversas funções de mediação e relação com o Estado, incentivando à mudança social.

A participação associativa dos jovens é tendencialmente menor que a da população em geral[8], mas esta questão deve ser explorada e analisada, uma vez que o associativismo jovem tem características e estímulos específicos, que não permitem uma comparação imediata e simplista, acumulando questões que merecem ser discutidas quando são interpretados os resultados.

[8] Baseado em informação sobre alguns projectos para o mesmo tipo de público-alvo, considerados para este projecto como boas-práticas e possíveis parceiros dos mesmos (Anexo 28).

Ana Delicado (2006) deixa algumas considerações que podem relevantes para este trabalho, baseadas nos resultados do Inquérito Social Europeu[9], em 2002, sobre as taxas de pertença associativa, entre elas:

- No que se refere ao envolvimento associativo e trabalho voluntário (ser membro, participar nas actividades, dar dinheiro ou fazer trabalho voluntário) a Europa encontrava-se dividida em três grandes blocos: a Europa do Norte com taxas de mobilização superiores a 85%; os países do centro da Europa ocidental com taxas entre os 50% e os 85%; e a Europa do Sul com taxas inferiores a 50%.
- Algumas justificações para o ponto anterior podem ser: número e dinamismo de associações em cada país, tradição política, religião (países protestantes e católicos), estrutura socioeconómica da população, aos níveis de escolaridade, etc.
- No que se refere às diferenças entre a população total e os jovens, nos países com taxas de mobilização associativa mais elevadas, os jovens tendem a registar valores inferiores aos da população total, nos países do sul os jovens tendem a revelar taxas de mobilização associativa sensivelmente superiores às da população total. Tal poderá indiciar uma ligeira tendência para uma futura homogeneização dos padrões associativos na Europa.
- No caso de Portugal, no que se refere à população jovem, a taxa de mobilização associativa portuguesa cifra-se em pouco menos de dois terços da europeia.
- Constata-se que no trabalho voluntário as taxas baixam substancialmente em todos os países europeus, atingindo os jovens valores mais baixos que a população total.
- Os clubes desportivos ou de actividades ao ar livre são os que reúnem mais percentagem, tanto de jovens como na população total. Seguem-se-lhes as associações de cariz cultural e as organizações religiosas.
- As maiores diferenças entre as taxas de mobilização de jovens e da população total encontram-se no associativismo "de alinhamento": sindicatos, partidos políticos, associações profissionais e de consumidores.
- As taxas de mobilização dos escalões etários mais baixos apenas são superiores às da população geral no caso das associações desportivas e de jovens ou mulheres ou praticamente idênticas no caso das organizações ambientais ou pacifistas.

[9] Ainda que tenha algumas limitações no aprofundamento de algumas questões e especificidades nacionais e uma taxa de respostas baixa.

- No que respeita à população em geral, as únicas organizações que ultrapassam os 10% de taxa de mobilização associativa são os clubes desportivos e as organizações religiosas (para além da categoria "outras", onde as associações de bombeiros deverão ter um papel significativo).
- Em Portugal têm um papel mais proeminente as organizações religiosas e humanitárias e os partidos políticos e um papel menos preponderante as associações de consumidores, os sindicatos e as organizações ambientais.
- Há uma preferência dos jovens portugueses pelo associativismo de expressão e dos novos movimentos sociais.
- Os voluntários mais jovens eram preponderantes não só nas associações juvenis mas também nas associações de bombeiros voluntários e nas organizações não-governamentais de desenvolvimento.
- Os jovens portugueses parecem valorizar um pouco mais ter opinião própria e trabalhar em organizações de voluntariado e os europeus tendem a valorizar mais a obediência a leis e regulamentos e o voto em eleições.
- As taxas de mobilização associativa são mais elevadas entre os homens que entre as mulheres, nos grupos mais escolarizados (sobretudo os que detêm um grau de ensino superior) e nos estudantes e trabalhadores mais do que nos desempregados e domésticas.
- A participação associativa tem também uma clara relação com a participação política: são sobretudo os jovens que votam, que declaram ter interesse pela política.
- Já no que respeita à variável religião, é curioso verificar que são os jovens sem crença nem prática religiosa que revelam taxas de mobilização associativa mais elevadas.

Algumas justificações de Ana Delicado (2006) para estes tópicos podem ser: a persistência dos efeitos de quase cinco décadas de um regime autoritário; uma estrutura social marcada ainda por baixos níveis médios de escolaridade e de rendimento, variáveis influentes na participação; um mercado de trabalho pouco propício às actividades cívicas, com taxas elevadas de emprego feminino, pouco emprego a tempo parcial, precariedade e níveis salariais baixos que estimulam o pluriemprego; um terceiro sector fortemente dependente do Estado e que assegura grande parte das funções de protecção social, sendo mais sustentado no trabalho profissional e remunerado que no trabalho voluntário; e a escassa tradição do aparelho político-institucional português em aceitar o diálogo na participação da tomada de decisões dos

grupos de interesse e organizações não-governamentais, restringindo-se quase a noção de democracia à participação eleitoral.

Segundo um estudo da Universidade Católica de Janeiro de 2008, organizado por Pedro Magalhães e Jesus Moral, com o objectivo de recolher informação sobre as atitudes e comportamentos políticos dos jovens em Portugal, concluindo, entre outros aspectos que:

- Insatisfação dos portugueses com o funcionamento da democracia, assim como a existência de atitudes favoráveis a reformas profundas ou mesmo radicais na sociedade portuguesa.
- Os jovens encontram-se menos expostos à informação política pelos meios de comunicação convencional do que o resto da população. E em geral – e não apenas aqueles que ainda não chegaram à idade do voto – os jovens tendem a exibir menores níveis de conhecimentos políticos.
- Os índices de participação social dos jovens são mais elevados do que os da restante população, facto que não se deve exclusivamente à pertença a associações estudantis ou a grupos desportivos.

Face aos resultados dos estudos anteriores, importa destacar mais algumas questões relacionadas com as associações juvenis e à sua participação.

As associações juvenis regem a sua actividade através da educação não formal. Ao participarem em associações juvenis, os jovens desenvolvem competências, que são relevantes em diferentes contextos, e têm a oportunidade de imediatamente as levarem à prática. Tratam-se de competências como relacionamento interpessoal e comunicação, liderança, planeamento, trabalho de equipa, consciencialização intercultural, gestão, resolução de conflitos, competências linguísticas, fomento de debate, entre outras (Fernandes, 2005).

Seguindo as orientações da mesma autora, acresce que esta participação potencia ainda o desenvolvimento de qualidades como compromisso, envolvimento, responsabilidade, solidariedade, consciência, democracia, motivação, participação, iniciativa, respeito pelos/as outros/as, tolerância e auto-estima.

Fala-se assim de competências de cidadania como também de uma formação cívica urgente e que merece ser trabalhada, de forma a ser eficaz na mudança de comportamentos para os quais foi criada.

Como é feita a educação para a cidadania numa perspectiva de cidadania democrática? Philippe Perrenoud, na sua obra sobre *A escola e a aprendizagem democrática,* situa bem estes parâmetros. Embora este autor foque o local *escola* e o seu papel nesta educação para a cidadania, no que se refere ao papel da sociedade e das organizações sociais provenientes do terceiro sector, podem adaptar-se as metodologias que vão numa linha não-formal, onde o indivíduo é central e activo no seu processo de aprendizagem.

Segundo Matos (2005), onde quer que se encontre uma sociedade que se define a ela própria como democrática, podemos interrogar e analisar o grau em que essa sociedade estabelece uma organização de normas, valores e comportamentos políticos, jurídicos, económicos e culturais, destinados a criar uma vida melhor para toda a sociedade. É neste sentido que importa trazer para o associativismo e para o terceiro sector alguns contributos da pedagogia activa e projectados para o contexto escolar.

Adaptando as ideias de Perrenoud (2002), para capacitar os jovens numa educação cívica para o exercício consciente e activo da cidadania, todo o processo organizativo do projecto deve ser participado, devendo os jovens estar envolvidos no processo desde o início e sempre apelando nas metodologias a um processo contínuo de reflexão e estruturação de opiniões. Olhando para os bons exemplos escolares, o Movimento da Escola Moderna[10] tem também contribuições a dar ao processo, uma vez que toda a sua pedagogia "privilegia as abordagens globais e genéticas (naturais) e as estratégias de descoberta (problemas e projectos) e de criatividade" (González, 2002, p.38).

A cultura pedagógica que o movimento tem vindo a construir orienta-se por duas invariantes democráticas, a autoformação cooperada dos seus membros e a construção de práticas democráticas de educação isomórficas das utilizadas em autoformação cooperada.

[10] O Movimento da Escola Moderna (MEM) criado nos anos 60, é uma Associação Pedagógica de Professores e de outros Profissionais da Educação, tendo sido formalizado juridicamente em 1976 (Diário da República 26/11/1976). O MEM tem como principal finalidade a formação permanente dos seus associados, em sistema de autoformação cooperada, bem como a animação pedagógica e a formação destinada a muitos outros professores e escolas. Paralelamente, desenvolve novas propostas de educação escolar e de formação democrática, integradas nas práticas profissionais dos seus associados que, desde 1974, são difundidas pela Revista Escola Moderna e através de múltiplas actividades públicas.
Este movimento foi pioneiro na construção de respostas inclusivas nas escolas, fomentando a heterogeneidade das turmas como um valor educativo acrescentado, onde todos trabalham em cooperação, para combater a discriminação e promover o êxito da aprendizagem-ensino dos alunos e dos professores. (MEM).

Sérgio Niza (1992 *in* González, 2002, p. 43) aponta seguintes finalidades educativas e princípios estratégicos apresentados de seguida, validando assim a premissa de adaptação destas questões nas metodologias não-formais nas organizações que organizem actividades para jovens.

Finalidades educativas:

1. *Iniciação às práticas democráticas.*
2. *A reconstrução (recriação) da cultura.*
3. *A reinstituição dos valores e das significações.*

Princípios estratégicos:

1. *Os meios pedagógicos veiculam (em si) os fins democráticos da educação.*
2. *A actividade escolar, enquanto contrato social e educativo, explicitar-se-á através da negociação progressiva dos processos de trabalho que fazem evoluir a experiência pessoal para o conhecimento dos métodos e dos conteúdos científicos e artísticos.*
3. *A prática democrática de planeamento (actividades e projectos), organização, avaliação e regulação social da vida escolar, partilhada por todos, institui-se em conselho de cooperação.*
4. *Os processos de trabalho escolar reproduzem os processos sociais autênticos da construção da cultura nas ciências, nas artes e no quotidiano (homologia dos processos).*
5. *A informação partilha-se através de circuitos sistemáticos de comunicação dos saberes e das profissões (ciclos de produção/consumo).*
6. *As práticas escolares darão sentido social imediato às aprendizagens dos alunos através da partilha dos saberes e das formas de intervenção social.*
7. *Os alunos intervêm ou interpela o meio social e integram na aula "actores" comunitários como fonte de saberes dos seus projectos.*

Ou seja, uma aposta numa formação democrática, baseada no desenvolvimento de uma pedagogia em contexto, explícita, consciente e assumida, que se desenvolve num processo de construção e reconstrução.

Assim sendo, importou perceber a relação entre os resultados dos estudos anteriores com os resultados dos questionários e entrevistas realizados no contexto de elaboração deste projecto e, assim, planear o seu desenvolvimento com cuidado, de forma a aumentar o impacto do mesmo e possível continuidade. Importa ainda reter na exploração deste tópico que, mais do que o resultado das actividades é na

estruturação/no processo e no desenvolvimento das mesmas que os jovens adquirem competências cívicas activas, pelo que este foi um dos factores mais importantes e tidos em conta na estruturação das actividades.

I.2.2 Enquadramento Metodológico

"*As metodologias de investigação-acção permitem em simultâneo a produção de conhecimento sobre a realidade, a inovação no sentido da singularidade de cada caso, a produção de mudanças sociais e, ainda, a formação de competências dos intervenientes"*
(Guerra, 2002, p.52)

I.2.2.1 Metodologias de investigação

TEORIA DA ACÇÃO

A complexidade do social e a diversidade das formas de o entender foram produzindo paradigmas teóricos que coexistiram sem grande integração, valorizando diferentes dimensões da vida social

De entre as principais questões que se colocam quando se planeia um projecto, emergem outras epistemológicas que, aquando da escolha da metodologia, devem ser tidas em conta, sendo elas (Guerra, 2002, p.19):

Questões na fase do planeamento:

- Qual é o lugar do conhecimento nos **processos** de mudança social?
- Qual é o lugar da ciência na **condução** dos processos de mudança social?
- Qual é o **papel** do cientista social nesse contexto?

Questões epistemológicas:

- A relação entre o actor e o sistema;
- A relação entre a ciência e o senso comum;
- A articulação entre a História e a vida quotidiana;
- A indução e a dedução nas formas de conhecimento;
- A relação entre a teoria e a acção; etc.

A **Teoria da Acção** surge da tentativa de reconciliação destes dois tipos de questões, tentando organizar os vários tipos de pressupostos que suportem a intervenção nos diversos domínios sociais e não, necessariamente, apenas no *planeamento* (Guerra, p. 20).

Uma estratégia de mudança implica o desenvolvimento de diferentes níveis de negociação, sendo reconhecido a cada indivíduo o direito e a possibilidade de negociar, de afirmar a sua identidade e de participar numa escolha. O conjunto deste processo será uma **aprendizagem colectiva** de regras, uma invenção de regras novas, e através delas,

a descoberta de objectivos e a apropriação do sentido da acção. Crozier apela constantemente à comunicação e à mudança dos contextos e constrangimentos de forma a libertar o sistema e a conduzi-lo num sentido de interesse para a maioria (Guerra, 2002).

A **teoria da acção** que sustenta a análise estratégica nasceu das necessidades e contingências dos processos de intervenção sociológica e tem implicações em três planos separados: no raciocínio, nas técnicas de investigação e na utilização dos resultados para a acção (Friedberg, 1994 *in* Guerra, p. 39).

A maioria destas análises baseiam-se em **metodologias qualitativas** pois pretende-se identificar as lógicas de actuação dos actores, as suas imagens mútuas, os seus conflitos e os seus meios de acção. Estamos perante conceitos como identidades, projectos, conflitos/consensos que exigem um entendimento simultaneamente dos contextos e dos sentidos da acção. Estamos ainda perante contextos de mudança em rápida transformação, onde se accionam observatórios, fóruns de actores, análise de necessidades, etc. Como refere Guerra (2002), a análise estratégica pode também perfeitamente fazer recurso a uma análise quantitativa de dados, recorrendo à análise estatística convencional, mas frequentemente a análise qualitativa revela-se mais adequada.

O estudo de natureza qualitativa segundo Bogdan e Biklen (1994), possui cinco características (não sendo necessária a presença de todas), sendo elas: a) a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; b) deve ser um estudo descritivo; c) ao investigador interessa mais o processo do que os resultados ou produtos; d) os dados são analisados de forma indutiva; e e) o significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

Na análise feita, como refere Guerra, a prioridade é dada ao terreno e à estruturação de um campo de acção sempre contingente e particular ao desenvolvimento de modelos descritivos e interpretativos que colam esse terreno às suas particularidades e contingências, procurando-se reconstruir do "interior" a lógica e as propriedades de uma ordem local – que é um processo indutivo (2002, p.49).

Neste tipo de análises há muitas preocupações com a comparação, de forma a obviar as dificuldades de generalização de contextos tão particulares. Poder-se-á assim dizer que a "teoria da acção" aproxima a investigação da acção, apelando a um valor pragmático da análise. Esta teoria da acção dá uma atenção particular ao contexto da acção, não emitindo juízos de valor e estando orientada para os processos cognitivos de

mudança. Há, aqui, uma convicção de que esse conhecimento e esse raciocínio têm efeitos na mudança organizacional e societal. Indo ao encontro das propostas de Bogdan e Biklen e Isabel Guerra, neste estudo os resultados são importantes pelo seu reconhecimento social dos utilizadores e pelos contributos para a mudança mas os processos não o são menos, pois constituem o veículo da "consciencialização" necessária para accionar sinergias para a mudança.

> A "finalidade da investigação-acção não é produzir teorias e as generalizações que dela decorrem, com um grau elevado de exactidão e de eficácia para a acção e um baixo grau de precisão já que têm como preocupação central propor alternativas de acção mais do que conhecimentos do real" (Guerra, 2002, p.50).

Do ponto de vista científico não existe nada de inovador na investigação-acção, já que ela utiliza os procedimentos metodológicos tradicionais, sendo a sua **postura perante o conhecimento e a acção** que a coloca numa dimensão tão problemática e crítica.

As principais características da investigação-acção são (Guerra, 2002, p. 53/4):

- Processo continuado e não pontual, influenciando todo o percurso da investigação;
- Implica que objectos do conhecimento se constituam como sujeitos do conhecimento;
- O seu ponto de partida não é uma teoria e um quadro de hipóteses, mas uma situação, um problema, uma prática real e concreta;
- O objectivo é a resolução de problemas, interessando mais o processo de mudança social do que o resultado desta;
- O investigador não é um mero observador, mas um apoiante dos sujeitos implicados na acção, tendo um papel colaborador na acção.

Em suma, o projecto enquadra-se na metodologia de investigação-acção pois, como é sustentado por Gabriel Goyette e Michel Lessard-Hébert (1978 cit *in* Guerra, 2001) no que se refere à *tomada de valor*, os métodos desenvolvem as redes sociais e actualizam o potencial humano; no que se refere à *situação no tempo*, observa-se a realidade presente e tenta-se interpretá-la em relação à compreensão do passado e à concepção de um futuro desejável; quanto ao *sujeito estudado*, as pessoas são sujeitos que se auto-analisam e com as quais se colabora; relativamente à *informação recolhida*, os casos individuais podem ser fontes suficientes de conhecimento; para *descrever o*

objecto, utiliza-se a conotação e a metáfora; o *objecto estudado* é uma criação do ser humano. Epistemologicamente, pretendem-se definir conjecturas de forma a criar situações propícias à aprendizagem e à transformação dos comportamentos, tendo como critérios de êxito o facto das acções empreendidas permitirem atingir os resultados esperados. Por fim, a generalização deste projecto será limitada, pois diz respeito a um contexto específico, devendo os resultados e as suas conclusões ser aplicados directamente no meio, contribuindo para uma melhoria social.

Segundo Isabel Guerra (2002) há três modelos de planificação que podem ser usados nos projectos, sendo neste projecto privilegiado o **terceiro modo de planificar**[11]. Segundo Barbier (1991 *in* Guerra, 2002, p. 99)**,** é um modo em que os participantes na realização de uma acção desempenham determinados papéis e esses papéis são os motores da acção. Estas acções têm por base o *paternariado* (conceito analisado a posteriori) e a participação é organizada e contratualizada, fundamentando-se na intervenção directa dos vários participantes na definição do projecto. Este aspecto esteve sempre presente ao longo do planeamento do projecto, uma vez que a equipa de gestão do mesmo será heterogénea e terá representantes que assumirão papéis no desenvolvimento das actividades. Será construído um grupo consultores do projecto, com diversos elementos integrados no público-alvo e que serão sempre parte activa na definição e adaptação do projecto. A acção colectiva será partilhada mas os parceiros não terão necessariamente os mesmos objectivos específicos, serão de acordo com as necessidades e os seus perfis específicos. Assim, este tipo de planeamento pretende estabelecer consensos face a objectivos e mobilizar tudo e todos com vista à sua concretização.

Importa, por isso, trabalhar numa pedagogia de responsabilidade colectiva, desde a participação da população à implicação dos parceiros, sendo estas questões abordadas mais à frente.

METODOLOGIA PARTICIPATIVA DE PROJECTO

Vivemos numa civilização de projectos, em que o conceito "projecto" está ligado a uma perspectiva positiva de concretização do futuro (Barbier, 1991, *in* Guerra, 2002:114) "ao nível ideológico, a noção de projecto é muitas vezes apresentada como

[11] Para saber mais sobre os outros modelos consultar Isabel Guerra, entre as páginas 97 e 99, particularmente o Quadro 7, Modos ou formas de planear a acção de J. P. Barbier, 1991, pp. 254-256.

sinónimo de dinamismo, de progresso, de movimento, de abertura, de mais-valia, e emerge na oposição a imobilismo, a estagnação."

É, no entanto, um conceito pouco preciso, aplicado a uma grande variedade de situações, sendo que, de alguma forma, actualmente, todos trabalhamos em projecto. Há, assim, vários tipos de projecto, sendo mais importante a metodologia em si, pelo que, neste contexto, assume uma dupla referência: é a metodologia utilizada em todo o planeamento, e é também a base de todo o desenvolvimento das actividades propostas, sendo a metodologia privilegiada de trabalho com os jovens.

Segundo Guerra (2002), a metodologia participativa de projecto é um instrumento que permite, simultaneamente, uma maior compreensão da realidade e uma maior eficácia dos meios e das técnicas de intervenção, sendo entendida como uma metodologia científica de intervenção, baseada numa ordem lógica de operações sequentes.

Esta metodologia é, assim, uma imagem antecipada de um processo de transformação do real e uma representação das operações que aí conduzirão. A metodologia de projecto apresenta-se como uma previsão de uma mudança, inovadora, adquirindo o seu pleno significado face a processos de intervenção social, de pesquisa-acção ou de desenvolvimento local.

A metodologia de projecto deve, assim, ser entendida como:

- uma forma de pensar e de conceber a acção, mais do que um instrumento material rígido;
- uma metodologia que exige o desenvolvimento de uma pensamento racional e sistémico, numa reacção contra a mentalidade simplista de solução de problemas à medida que surgem ou ao sabor de obscuras relações de poder, assentando num processo reflectido e contínuo;
- um apelo à organização e à utilização de instrumentos simples e de bom senso, mais do que o recurso a soluções espectaculares e pré-fabricadas.

Esta metodologia de projecto permite:

- Aumentar a capacidade local de conhecimento do meio e dos recursos disponíveis para intervir
- Conjugar a diversidade de perspectiva existentes nos vários actores sociais

• Intervir nas causas dos problemas	• Necessidade de intervir sobre os problemas e não sobre as suas manifestações
• Boa utilização dos recursos	• Racionalizar a utilização dos recursos e optimizar os investimentos

Tabela 1 - A metodologia de projecto, baseada em Guerra (2002, p. 121)

As características da metodologia de projecto tornam mais transparentes para todos os intervenientes os objectivos e o percurso de todo o projecto. Como actividade de planeamento, a metodologia de projecto é:

- um processo **permanente e contínuo** (mais do que um conjunto de planos e de programas de intervenção, é uma mentalidade);
- voltada para o **futuro**, porque está intimamente ligada à previsão;
- **sistémica,** porque abrange a totalidade das instâncias que agem sobre o problema;
- **interactiva** e de reformulação constante, adaptando-se a novos factos, sofrendo avanços e recuos, sendo uma técnica de **coordenação** de várias actividades, pessoas e recursos face aos objectivos;
- uma técnica de **inovação** e de **mudança** que exige uma contínua adaptação ao quotidiano do trabalho.

Como refere Guerra (2002), há quatro etapas na construção de um projecto, estando expressas na figura em baixo. O desenvolvimento será feito no capítulo destinado ao projecto, uma vez que ele teve por base estas etapas.

EXPRESSÃO DE UMA VONTADE
EMERGÊNCIA DE UM PROJECTO

- os actores
- as ideias de futuro
- as necessidades e os recursos

O DIAGNÓSTICO
A PROBLEMÁTICA DO PROJECTO

- a situação actual é desejada
- as dificuldades e resistências
- as condições de sucesso ou de insucesso

A REFLEXÃO ESTRATÉGICA E A FORMULAÇÃO DO PROJECTO

- opções sobre o percurso
- os objectivos e os métodos
- as acções
- a organização do acompanhamento e a avaliação

A EXECUÇÃO

- discussão e divulgação
- realização das acções
- avaliação
- revisão

Tabela 2 - Adaptado de Serge Raynal, 1996. Fonte: Guerra, I. (2002, p. 127)

I.2.2.2 Técnicas de recolha de dados

Para melhor enquadrar o projecto foram aplicadas algumas técnicas de recolha de dados, que deram origem ao diagnóstico e levantamento de necessidades que apresentamos em seguida.

ENTREVISTA SEMI-DIRECTIVA

Por entrevista Bogdan e Biklen (1994, p.135) entendem "conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas, dirigida por uma das pessoas, com o objectivo de obter informações sobre a outra".

Segundo Albano Estrela (1994), a realização de uma entrevista tem como objectivo a recolha de dados de opinião que possibilitem o aparecimento de pistas para a caracterização do processo em estudo e o conhecimento dos intervenientes do processo,

procurando-se quer informação sobre o real, quer informação conceptual dos dados dessa informação, enquanto participantes do processo.

As entrevistas podem ser utilizadas de duas formas: podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação, análise de documentos e outras técnicas. No entanto, em todas as situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam os aspectos do contexto (Bogdan e Biklen, 1994).

Conforme Merton e Kendall (1946 *in* Bogdan e Biklen, 1994), as entrevistas qualitativas variam quanto ao seu grau de estruturação. Algumas, embora relativamente abertas, centram-se em tópicos determinados ou podem ser guiadas por questões gerais. Mesmo quando o investigador utiliza o guião tem que deixar que o sujeito se exprima no seu todo, quando isto não acontece a entrevista ultrapassa o âmbito qualitativo.

Relativamente aos tipos de entrevista temos, no que se refere ao seu grau de estruturação a entrevista aberta, semi-estruturada e estruturada. Aquela que foi utilizada neste trabalho de projecto foi a semi-estruturada, pois é aquela que melhor se adapta ao contexto em questão.

As entrevistas semi-estruturadas despertam mais interesse aos investigadores qualitativos pois, como refere Kohli (1978 *in* Flik, 2005), este interesse está ligado à expectativa dos pontos de vista dos sujeitos serem mais facilmente expressos numa situação de entrevista relativamente aberta do que numa entrevista estruturada ou questionário.

Para a realização das entrevistas tornou-se necessária a elaboração prévia de guiões que ajudassem na direcção da entrevista. Estas entrevistas foram realizadas a vários elementos da comunidade, devendo ajudar na recolha qualitativa da informação que se pretende.

O contexto

Foram realizadas nove entrevistas semi-directivas para recolha de testemunhos e opiniões sobre o assunto que se pretendia estudar. Assim, as entrevistas realizaram-se consoante a seguinte lógica:

Nome/Perfil do Entrevistado	Finalidade no projecto	Anexos	
Presidente da Junta Promotor do programa "campus	Perceber a opinião que tem sobre os jovens do concelho e as suas oportunidades e necessidades.	1	16

pedagógico".	Conhecer algumas dinâmicas de ocupação dos jovens nas férias.		
Responsável da Associação de Desenvolvimento Integrado da Beira Serra (ADIBER) - Entidade gestora do sub-programa 3 do PRODER no concelho.	Perceber a opinião que tem sobre os jovens do concelho e as suas oportunidades e necessidades Perceber como são afectados os fundos comunitários e como são realizadas as estratégias de financiamento.	2	17
Vereadora a tempo inteiro, com os seguintes pelouros: - Educação, Formação e Qualificação - Cultura e Desporto - Juventude e Tempos Livres - Património Municipal	Perceber a opinião que tem sobre os jovens do concelho e as suas oportunidades e necessidades Conhecer algumas dinâmicas de ocupação dos jovens nas férias. Perceber as oportunidades e necessidades dos jovens, na perspectiva da gestão local. Perceber o tipo de receptividade da Autarquia a possíveis projectos com jovens.	3	18
Frederico Lucas - Territorial Developer em projectos de dinamização territorial - Co-autor do projecto http://novospovoadores.pt/ - Técnico de Dinamização Territorial em http://infoex.pt/	Perceber a opinião que tem face aos jovens do mundo rural às suas oportunidades e necessidades. Perceber a opinião de alguém externo ao concelho, com experiência em projectos de âmbito local em território rural.	4	19
Parceiros empresariais - Quatro elementos do tecido empresarial e comercial do concelho, com características diferentes entre si.	Perceber a opinião face aos jovens do concelho e às suas oportunidades e necessidades. Perceber a consciência dos empresários face ao desenvolvimento dos jovens e à criação de oportunidades de capacitação destes no concelho. Perceber a disponibilidade empresarial para serem parceiros no projecto.	5	20, 21, 22, 23

Tabela 3 - Distribuição das entrevistas realizadas

De uma forma global todos os pontos previstos foram abordados, sendo que, no que refere às entrevistas aos parceiros empresariais, o guião era demasiado complexo em alguns pontos, principalmente no que diz respeito ao subgrupo C2 (ver guião da entrevista no Anexo 5).

Cada entrevistado tem uma ficha de caracterização (Anexo 26) de forma a contextualizar o porquê da sua escolha e o seu possível envolvimento futuro no projecto.

ENTREVISTA COLECTIVA

As entrevistas colectivas, segundo Afonso (2005), resultam do interesse expresso dos entrevistados ou da constituição de um grupo informal, gerado espontaneamente no decurso do trabalho de campo. A realização destas entrevistas levanta alguns problemas específicos que devem ser pensados *a priori*, sendo eles: o duplo papel assumido pelo investigador (entrevistador e moderador); a influência da opinião do colectivo sobre o indivíduo, enviesando o discurso; a dificuldade no registo de áudio face à sobreposição das vozes.

O contexto

Foi realizada uma entrevista com um grupo de três jovens, de perfis diferentes, identificados informalmente ao longo do levantamento de necessidades e recolha de informação. Para melhor dirigir a entrevista foi criado um guião de apoio, que se encontra no Anexo 6. Por parte do entrevistador, foi tido um cuidado especial com as questões e com a moderação, de forma a neutralizar qualquer enviesamento de respostas, mas admite-se que possa ter acontecido de forma involuntária. Como as opiniões do entrevistado 1 e 3 acabaram por se manifestar fortes e convergentes, podemos acreditar que a opinião do entrevistado 2 possa ter sido um pouco enviesada de forma igualmente involuntária, sendo que sempre que possível, tentou-se perceber a individualidade deste entrevistado.

A transcrição da entrevista encontra-se no Anexo número 24.

Os jovens tinham as seguintes características:

Entrevistados	Características
Entrevistado 1	**Idade:** 22 anos **Percurso:** Frequentou o ensino regular em Oliveira do Hospital até ao 9º/10º ano com sucesso mas a partir desta altura acabou por se afastar do perfil de "cliente ideal" e começou a ter insucesso escola. Nesta altura, trabalhava à noite numa discoteca. Em 2008 entrou num curso profissional de Marketing e comunicação, de nível IV, numa escola profissional no distrito, terminando assim o ensino obrigatório com um excelente aproveitamento. Desde essa altura tem trabalhado na área em que se formou – Imagem, Vídeo, Publicidade, Design, encontrando-se actualmente a dar formação também na área. **Naturalidade:** Oliveira do Hospital

	Idade: 18 anos
Entrevistado 2	**Percurso:** Frequentou o ensino regular como um aluno de excelência, tendo entrado este ano na universidade em Medicina Dentária, em Coimbra. O seu objectivo é conseguir entrar em Medicina, pois não entrou por décimas, pelo que vai tentar o processo de transferência no próximo ano.
	Naturalidade: Oliveira do Hospital
	Idade: 20 anos
Entrevistado 3	**Percurso:** Frequentou o ensino regular, tendo entrado de seguida na Universidade. Sem qualquer retenção, encontra-se a frequentar o 3º ano em Ciências da Comunicação, em Lisboa. A sua vida tem sido marcada por actividades de associativismo cívico, encontrando-se quer no Secundário, quer na Universidade, ligado a Associações de Estudantes. Participa em diversos eventos locais e no jornal local. Escreve artigos de opinião, gerindo o seu blog. É militante de uma Juventude partidária.
	Naturalidade: Oliveira do Hospital

Tabela 4 - Características dos entrevistados

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Sempre que na investigação for necessário recolher informação de um grande número de pessoas relativamente a questões comuns, a técnica utilizada será o inquérito por questionário. Não é fácil elaborar um bom questionário, sendo que qualquer que seja o que se utilize, deve partir sempre de uma entrevista exploratória ao público que se pretende estudar.

Segundo Hill & Hill (2000), podem ser desenvolvidos questionários só de perguntas abertas, questionários só de perguntas fechadas ou questionários de perguntas abertas e perguntas fechadas.

Relativamente aos questionários de perguntas abertas, fornecem mais informação, muitas vezes rica, detalhada e inesperada e devem utilizar-se quando:

> *"- o ideal seria efectuar entrevistas mas o investigador não tem tempo nem facilidade para as fazer;*
> *- não há muita literatura sobre o tema de investigação ou quando a literatura não dá indicação das variáveis mais relevantes, ou importantes, e o investigador pretende fazer um estudo preliminar («pilot study») para encontrar tais variáveis;*
> *- o questionário pretende obter informação qualitativa."* (p.94)

Nos questionários de perguntas fechadas é fácil aplicar análises estatísticas para analisar as respostas, sendo possível analisar os dados de maneira sofisticada, e são úteis quando:

> *“ - o investigador conhece bem a natureza das variáveis mais relevantes, e mais importantes, na área da investigação e quer obter informação quantitativa sobre elas.*
> *- o investigador quer utilizar um conjunto de perguntas para criar uma nova variável”.* (p.95).

Os questionários que contêm perguntas abertas e fechadas são úteis quando *“se pretende obter informação qualitativa para complementar e contextualizar a informação quantitativa obtida pelas outras variáveis.”* (p.95)

O contexto

Uma vez que se pretendia perceber a realidade dos jovens, entre os 12 e os 18 anos, no que se refere aos seus gostos e ocupações de tempos livres, principalmente de férias, aplicou-se um questionário a um grupo de alunos, que se tentou que fosse representativo. Assim, construiu-se um questionário com perguntas abertas e fechadas, sendo maioritariamente fechadas, tentando-se ao máximo identificar tendências, para que as actividades propostas fossem ao encontro dos interesses da maioria do público-alvo.

Depois de se reunir com um grupo de jovens para discutir um pouco estas questões, desenvolvendo uma conversa informal, foi criada uma primeira versão do questionário. A posteriori este questionário foi-lhes dado para preencher, aferindo-se de seguida o feedback sobre o mesmo. Com base nisso, foi reformulado e aplicado (veja-se no Anexo 11). Já depois destes estarem entregues às respectivas escolas, foram detectadas duas lacunas, pelo que foi feita uma carta ao Director de Turma, de forma a contextualizá-lo do projecto e a informá-lo das gralhas encontradas (veja-se a carta no Anexo 9). Os Directores de Turma revelaram-se agentes fulcrais no desenvolvimento do processo, bem como os elementos da direcção, uma vez que foram eles que geriram todo o processo de aplicação dos mesmos em contexto de sala de aula. O questionário final encontra-se no Anexo 8.

Face à diversidade de escolas e contextos, como veremos na caracterização adiante, para aplicar os questionários foram contactados todos os estabelecimentos educativos que leccionam na faixa etária pretendida, entre os 12 e os 18 anos, na figura

do Director da mesma. Para isso, foi feita uma primeira reunião com cada um e, depois, enviada uma carta de apresentação e solicitação de autorização do projecto (veja-se um exemplo no Anexo 7). Ao longo destes contactos foi solicitado que se enviasse um pedido de autorização para enviar aos pais, de forma a estes autorizarem e conhecerem o projecto (minuta no Anexo 10).

Desta forma, de um total de seis escolas (quatro agrupamentos verticais, com alunos até ao 9º ano, uma escola secundária com alunos do 3º CEB e Secundário e uma escola profissional), o levantamento de dados decorreu em 5 destes estabelecimentos[12].

Foi solicitado a cada escola que passasse os questionários em duas turmas de cada ano lectivo integrado integradas no 3º CEB e Secundário, se tivessem. Foi distribuído um total de novecentos questionários pelas escolas, para aplicar a oitocentos e trinta e seis alunos. Destes, foram analisados 552 questionários.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

Segundo Laurence Bardin (2007) a análise de conteúdo é um agregado de técnicas de análises das comunicações, possuindo um carácter qualitativo. Esta análise é um conjunto de operações que trabalha com a mensagem, sendo a sua análise categorial normalmente temática, e existindo uma manipulação de mensagens para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem.

A análise de conteúdo desenvolve-se em três fases. Inicialmente prepara-se o material para análise, recorrendo a documentos e à formulação de hipóteses. De seguida, explora-se o material, escolhendo as unidades, a enumeração e a classificação. Posteriormente, realiza-se o tratamento, a inferência e interpretação dos dados (Bardin citado por Gil, 2007).

O contexto

A análise de conteúdo foi realizada a todas as entrevistas (ver Anexo 25) mas de uma forma temática, servindo para uma caracterização do contexto e das necessidades do público-alvo.

[12] Por indisponibilidade temporal, os questionários não foram aplicados no Agrupamento Brás Garcia de Mascarenhas, pois a autorização só chegaria três meses depois do pedido, já fora do tempo previsto para realização do diagnóstico. Se o projecto avançar, pretende-se recolher a opinião dos jovens deste agrupamento, de forma a perceber se vai ao encontro ou não das necessidades já aferidas. Se isso não acontecer, serão feitas as devidas adaptações.

Não em forma de entrevista, mas em contacto informal foram abordados três agentes locais privilegiados, face ao tipo de intervenção que fazem no concelho e ao seu reconhecimento por parte da população jovem (ver Anexo 27). A informação recolhida destes encontros foi também analisada e interpretada à luz da teoria e das questões que foram emergindo do estudo do terreno.

ANÁLISE ESTATÍSTICA

Segundo Hill e Hill (2005), para realizar uma análise estatística é necessário escolher o Software com que se vai trabalhar e criar um ficheiro de dados, criando as variáveis e realizando a inserção na base de dados. Depois desta fase escolhem-se as técnicas estatísticas, iniciando-se a análise dos dados.

O contexto

A análise dos questionários teve em conta o tipo de perguntas nele incluídas. Sendo um questionário maioritariamente fechado, foi utilizada a análise estatística, sendo que as perguntas abertas foram categorizadas e analisadas.

O questionário foi, numa primeira fase codificado (Anexo 12), dando origem à construção de uma base de dados em Excel (Anexo 13). De seguida, e para dar sustentabilidade ao levantamento de necessidades e respectivas causas, foi uma análise descritiva dos dados.

I.3 CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO

O campo de estudo deste trabalho de projecto incide no Concelho de Oliveira do Hospital, sendo por isso importante caracterizá-lo de uma forma global, tendo em vista o tecido empresarial e, no que se refere aos recursos educativos e projectos de referência.

I.3.1 Caracterização Global

Localizando-se na Região Centro, o município de Oliveira do Hospital enquadra-se na NUT III Pinhal Interior Norte e pertence ao distrito de Coimbra. Em seu redor, confina a norte com os municípios de Nelas e Carregal do Sal, a Este com o município de Seia, a Oeste com o município de Tábua e a Sul com o município de Arganil, ocupando o território administrativo do município de Oliveira do Hospital uma

área de 234,55 Km^2, dividido por 21 freguesias. O Concelho pertence ainda à Região da Beira Serra (território que integra na sua composição os Concelhos de Arganil, Góis, Oliveira do Hospital e Tábua).

Segundo os dados preliminares dos Censos 2011 residem no município cerca de 20 919 habitantes, um número que se reduziu nos últimos dez anos em 1 193 habitantes, sendo do sexo masculino 48,1% e 51,99% do feminino. Olhando para o número de cidadãos que aposta neste Concelho para construir família, percebemos que habitam 8028 famílias, com uma dimensão média de 2,6, em 13 744 alojamentos.

Em 2001, de uma população total de 22 112 habitantes, 13 883 eram população activa e, por sua vez, 4 691 reformada. Possuindo uma densidade populacional de 95 habitantes por Km^2, os habitantes do Concelho apresentavam a seguinte distribuição etária: 25,48% estão entre os 0 e os 14 anos, 40,73% entre os 15 e os 64 anos e 33,79 % tem 65 anos ou mais. Ao longo do tempo, tem-se verificado um estreitamento da base da pirâmide da estrutura etária, devido a um decréscimo de nascimentos, facto esse que implica um crescimento significativo da população idosa e que os dados do Censos 2011 irão certamente confirmar.

Contextualizando esta caracterização a um nível mais regional, no Pinhal Interior Norte também a variação populacional foi negativa, perdendo no total 7 336 habitantes desde 2001. Contudo, a nível nacional a tendência é diferente, contando Portugal com 10 555 853 habitantes, mais 200 mil habitantes que em 2001.

Olhando ainda com alguma atenção para estes dados preliminares de 2011, percebemos que, do distrito de Coimbra, Oliveira do Hospital apresenta-se como o quinto concelho com mais habitantes[13], sendo Góis o Concelho com menos habitantes, com um total de 4 257. Se nos focarmos na região da Beira Serra, Oliveira do Hospital destaca-se como a cidade com mais habitantes, seguindo-se Arganil e Tábua, com valores muito semelhantes (12 119 e 12 056 habitantes, respectivamente) e, por último, Góis. Estes dados foram importantes na definição do projecto, uma vez que, por um lado, cada vez mais os projectos se fazem a nível interconcelhio, sendo que seria uma possibilidade de evolução do mesmo, podendo as oportunidades e recursos serem cada vez mais partilhadas e, por outro lado, as candidaturas e gestão dos financiamentos fazem-se a um nível regional e nacional e de acordo com as características e necessidades sentidas nos respectivos locais.

[13] Os primeiros quatro Concelhos são Coimbra (143 052), Figueira da Foz (62 124), Cantanhede (36 574) e Montemor-o-Velho (26 214) e os últimos dois são Pampilhosa da Serra (4 487) e Góis (4257).

Em Oliveira do Hospital, a redução do número de habitantes no concelho indicia um fenómeno de Êxodo Rural de despovoamento progressivo.

A procura de emprego, de novas oportunidades e de recursos podem estar na origem desta desertificação. A emigração pode ser também um motivo. Países como a Alemanha, França, Luxemburgo, Holanda e Suíça parecem ser os que mais população recebem vinda do Concelho em questão.

I.3.2 Património Ambiental, Histórico e Cultural

Situado num planalto que se rodeia pela Serra da Estrela a Nascente, Serra do Caramulo e rio Mondego a Norte, Serra da Lousã a Sul e a Poente pela Serra do Buçaco, este Concelho herdou um património imenso de natureza, dispondo de paisagens e recursos que podem servir de muitos cartões-de-visita ao Concelho ou de palco a muitos processos educativos não formais.

Devido aos recursos naturais do Concelho, existem diversas praias fluviais junto ao Rio Alva e diversos campos de cultivo e campos montanhosos, existindo assim uma grande herança relacionada com a agricultura e com as pescas fluviais.

No que toca ao património histórico e cultural, no Concelho existe uma grande marca da Religião Católica, patente nas diversas igrejas e festas religiosas. Por outro lado, relativamente às várias marcas históricas, existem diversas antas (também designadas por dólmenes) e uma grande presença dos romanos ao longo do Concelho, e que se traduz entre outras, em ruínas e um anfiteatro romano, situado na freguesia da Bobadela. Actualmente, é uma das estratégias do Concelho a aposta numa exploração Arqueológica, que venha a valorizar a sua identidade local.

I.3.3 Tecido Empresarial

Este Concelho, é um concelho bastante rico nos mais variados sentidos. No que se refere à economia, o seu tecido empresarial assenta na indústria têxtil lacticínios, transformação de carnes, metalúrgica, exploração de granito. No entanto, as actividades s económicas principais são a agricultura e a indústria têxtil.

O Sector Primário tem um peso de cerca de 8% do seu total, valor superior ao da proporção de população nele empregue, o que permite estimar uma pequena dimensão das explorações agrícolas concelhias pela correlação positiva entre a dimensão das explorações e o seu número de trabalhadores. O Sector Secundário, emprega cerca de

metade da população concelhia e detém 34,4% das empresas aqui sedeadas. Deste sector destacam-se: Indústria Alimentar (indústria dos lacticínios e do sector de transformação de carnes, em especial a fabricação de Queijo da Serra e enchidos), a Indústria Metalúrgica, a Indústria Têxtil e a Indústria da Madeira. Entre as empresas concelhias há um domínio do Sector Terciário, ao qual pertencem cerca de 57,6% das empresas sedeadas, e no qual se salientam os subsectores: Comércio por Grosso e Retalho, Reparações, Alojamento e Restauração[14].

Tendo uma área empresarial dispersa pelo Concelho, possui dois pólos industriais, o da Cordinha/Seixo da Beira e o da Zona Industrial de Oliveira do Hospital.

Existe também no Concelho, especificamente na sua sede, uma entidade tecnológica, de inovação, de investigação e de apoio ao empreendedorismo e ao crescimento económico: a BLC3 – Plataforma para o Desenvolvimento da Região Centro Interior. Esta entidade tem parcerias com diversas instituições de ensino superior e do mundo da tecnologia e, para além de albergar um centro tecnológico – onde é dada especial ênfase a projectos de investigação na área da energia –, disponibiliza ainda uma incubadora de empresas e está na génese de um Clube de Ideias Inovadoras e de um Clube de Jovens Empreendedores, ambos criados com o propósito de promover o empreendedorismo e de captar talentos naturais de Oliveira do Hospital.

I.3.4 Serviços, Saúde e Acessibilidades

Na área da saúde, existe um Centro de Saúde com Serviço de Atendimento Permanente, um Hospital, alguns lares e centros de dia, e algumas clínicas privadas.

No que se refere ao contacto com o exterior, existem dois eixos fundamentais que fazem a ligação deste Concelho ao exterior, o IP3 e o IC6. Estas duas vias aproximam o Concelho de Oliveira do Hospital a Espanha e às principais plataformas de transporte marítimo e aéreo, como é o caso dos portos marítimos de Aveiro e de Leixões ou do aeroporto internacional Francisco Sá Carneiro, no Porto. Em relação a transportes de passageiros pouco há a descrever, existem os autocarros escolares que estão, muitas das vezes reduzidos a dois horários; os serviços de táxis, solução mais utilizada pela maioria da população com residência em freguesias mais afastadas da

[14] Dados baseados em informação disponível no site da Autarquia. Foram solicitados mais dados à ADI – Agência de Desenvolvimento Integrado, organização que dispõe de mais dados e mais actuais, mas sem sucesso no seu resultado (aguardámos algum tempo mas, face à falta de tempo do responsável, não houve acesso aos dados).

sede de Concelho; e, a Rede Nacional de Expressos que liga o Concelho a outras cidades do país.

O Concelho dispõe, ainda, de um mercado municipal (que se realiza duas vezes por mês), de um posto da Guarda Nacional Republicana, de uma Corporação de Bombeiros, Finanças, Correios e um Balcão de Serviços Único, criado recentemente.

I.3.5 Educação[15]

Em relação à oferta pública de Educação, o Concelho dispõe de quatro Agrupamentos, uma Escola Secundária c/3º Ciclo do Ensino Básico, uma Associação para Recuperação de Crianças Inadaptadas, uma Escola Profissional, vinte e uma Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico, aproximadamente vinte e cinco Creches e Jardins de Infância, algumas com vertentes de Actividades de Tempos Livres, e um pólo do Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Oliveira do Hospital.

Dos números visíveis na rede escolar pública, importa referir que 4 das 21 escolas do 1º CEB já fecharam e, face ao número total de alunos, prevê-se o fecho de mais três.

A oferta escolar privada é pouco notada a nível concelhio, sendo que, actualmente, não apresenta qualquer escola de ensino regular privado, apenas integra a EPTOLIVA, uma escola profissional gerida pela ADEPTOLIVA, uma associação sem fins lucrativos, de direito privado[16].

No que se refere à dispersão de alunos no intervalo que diz respeito ao público-alvo do trabalho, importa referir que o Concelho apresenta um total de 3 016 jovens[17], desde o Jardim de Infância ao Secundário, não incluindo estes valores os Jardins de Infância integrados na rede pública nem a Escola Profissional EPTOLIVA.

Quanto às actividades lúdicas/culturais/educativas, o município tem uma oferta muito reduzida ainda que tenha vindo a aumentar lentamente nos últimos dois anos. No que se refere à oferta dada pela autarquia, estas actividades passam entre outras, por uma feira medieval, festas esporádicas da escola secundária, um programa de ocupação de jovens de trabalho de verão (integrados numa faixa etária específica e com limite

[15] Os dados apresentados são escassos, no entanto, através de várias solicitações, não se conseguiram recolher outros. A Carta Educativa do Município encontra-se em actualização, uma vez que diz respeito a dado aferidos em 2007.
[16] Dados baseados em informação disponível do site EPTOLIVA.
[17] Dados fornecidos pela Autarquia e referentes ao ano lectivo de 2010/2011.

reduzido de inscrições), um campo de férias que explora a arqueologia, uma semana académica, marchas e algumas noites com artistas ao vivo. Recentemente foi inaugurada a Universidade Sénior e uma Bolsa de Voluntários.

Existem ainda algumas ofertas privadas neste âmbito que ocupam os jovens nos seus tempos livres, especialmente durante o período escolar, entre eles um colégio de línguas, duas escolas de música, duas escolas de natação, uma de ténis, dois ginásios e alguns organismos com actividades de ocupação de tempos livres para os jovens (estes centros são pouco estruturados no que se refere a actividades para jovens com idades superiores a 12 anos).

Uma vez que este projecto incide sobre a ocupação dos jovens, entre os 12 e os 18 anos, nas férias de verão, de seguida abordam-se os dois programas organizados nesse sentido, uma vez que foi necessário perceber as suas particularidades para se programar algo que não se repetisse e fosse ao encontro das necessidades identificadas no terreno[18].

Programa de Férias Ocupadas

O Programa de Férias Ocupadas é promovido pela Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, abrange até um total de 350 jovens e visa promover a ocupação saudável dos tempos livres dos jovens do Concelho, no período das férias escolares de Verão, orientando-os para o desempenho de actividades ocupacionais que proporcionem a conquista de hábitos de voluntariado e, também, o contacto experimental com algumas actividades profissionais, potenciando a capacidade de intervenção e a participação social e cívica, enriquecendo o seu processo de educação não-formal.

Os destinatários são todos os jovens que residam no Concelho, e se encontrem integrados no sistema de ensino ou formação profissional, com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos.

Os candidatos ao programa podem ser freguesias, associações sem fins lucrativos, diversas entidades de interesse público e entidades privadas sem fins lucrativos.

As áreas podem incluir diversos contextos de interesse social, entre eles: Ambiente, Cultura e Património, Saúde, Tecnologias da Informação e da Comunicação,

[18] No Anexo 30 encontram-se mais informações sobre os programas. Sobre os mesmos não foi disponibilizado qualquer elemento de avaliação, pelo que as informações baseiam-se nas normas regulamentares dos mesmos e nas entrevistas recolhidas para este efeito.

Combate à Exclusão Social, Apoio a Idosos e/ou Crianças (sendo estas últimas duas áreas em instituições de interesse público), entre outras.

Este programa prevê uma bolsa de 5€ por dia (4h) e um seguro de acidentes pessoais para os jovens.

Férias Arqueológicas

Este projecto tem como entidade promotora a Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, e tem como finalidade cativar o maior número de participantes no seio da comunidade estudantil, proporcionando-lhe um contacto com uma realidade singular; fomentar nos jovens participantes os princípios básicos à boa prossecução dos trabalhos em equipa, nem como responsabilidade e desenvoltura nas tarefas atribuídas e criação de um espaço capaz de fundar ou estreitar laços de amizade, agraciados com partilhas de experiências de vidas.

Não esquecendo o desenvolvimento territorial, este projecto tem traçados alguns objectivos para a população local e da freguesia onde o campo se desenvolve, pretendendo aumentar a consciencialização e valorização dos vestígios presentes nos locais.

O público-alvo do projecto é a comunidade estudantil, não só do concelho de Oliveira do Hospital, que usufruirá da interrupção lectiva das férias de Verão.

Este projecto tem a vantagem de ter uma estratégia transversal e educativa a longo prazo, prevendo o seu desenvolvimento continuado e fundamentado ao longo do ano lectivo, envolvendo professores e alunos.

I.4 IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO-ALVO

Para as actividades do projecto, o grupo-alvo são os jovens do Concelho de Oliveira do Hospital, situados entre os 12 e os 18 e/ ou integrados no sistema de ensino regular ou não regular, que ainda não tenham uma profissão e não estejam integrados no mundo profissional.

Do total dos jovens apresentados, aproximadamente 1 884 são o público-alvo deste projecto, frequentando o 2º, 3º CEB e Secundário. Estes alunos dividem-se entre diversas zonas, ou seja, 207 jovens pertencem ao Agrupamento da Cordinha (Ervedal da Beira e Seixo da Beira), 132 jovens frequentam o Agrupamento de Lagares (Lagares da Beira), 163 jovens no Agrupamento Vale do Alva (Ponte das Três Entradas), 617 jovens

frequentam o Agrupamento Brás Garcia de Mascarenhas (Oliveira do Hospital) e 765 jovens a Escola Secundária de Oliveira do Hospital (Oliveira do Hospital).

I.5 IDENTIFICAÇÃO DAS CONDIÇÕES PARA O ÊXITO DO PROJECTO

Para que o projecto tenha êxito, será importante que:

- a equipa de gestão do mesmo se mobilize ao longo do ano, uma vez que será um projecto que decorrerá, grande parte, em regime de voluntariado;
- a autarquia continue disponível para apoiar o projecto, patrocinando o desenrolar do mesmo;
- as escolas adiram na divulgação do mesmo junto dos jovens;
- as empresas continuem disponíveis a apoiar o projecto, mostrando-se parceiros do mesmo, com disponibilidade para receberem alguns jovens nas férias de verão;
- os jovens se manifestem interessados em participar nas actividades;
- os parceiros nacionais apoiem o projecto, dando-lhe alguma visão e partilha de boas práticas.

I.6 DEFINIÇÃO DO ÂMBITO TEMPORAL

O projecto ocorrerá ao longe de um ano, a iniciar em Janeiro de 2012, sendo feitas avaliações e balanços ao longo do seu desenvolvimento, prevendo-se a sua possível repetição, se os resultados do mesmo forem positivos e os parceiros continuarem interessados. Equacionada esta hipótese, o projecto será globalmente avaliado e melhorado.

I.7 RESULTADOS ESPERADOS

No que se refere ao efeito das competências, espera-se que os jovens aumentem a sua participação na Associação de forma pró-activa e participada, reconhecendo a importância da sua participação no local e nas empresas.

No que se refere às empresas, espera-se que estas aumentem a sua receptividade aos jovens, reconhecendo a responsabilidade que lhes está implícita, no que se refere à sua participação na formação dos jovens.

II. PROJECTO

"Reafirma-se a necessária condição de que é a média e longa duração que permite que as inovações ganhem sentido, um rumo, se consolidem e produzam resultados de mais amplo impacto social"
(Amiguinho, 2008, p. 94)

II.1 APRESENTAÇÃO DO DIAGNÓSTICO E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

O Concelho de Oliveira do Hospital, tal como outros concelhos do interior rural, derivado à falta de políticas locais que promovam o desenvolvimento educativo, carece de ofertas que motivem os jovens a envolverem-se activamente no local e que os capacitem para uma acção cívica democrática, de forma a participarem na promoção de causas sociais *glocais*, onde urge o desenvolvimento de uma identidade local.

Como cada contexto tem as suas especificidades, importou olhar para o Concelho e analisá-lo no que se referia às oportunidades oferecidas aos jovens, em particular numa altura em que estes estão sem actividade escolar, nas férias de verão. Assim, importou perceber que oportunidades têm estes jovens e como é que a sociedade os vê percebendo o porquê de existirem níveis de associativismo e voluntariado tão baixos.

Se a ideia é focar os jovens e as suas oportunidades de ocupação de tempos livres, foi importante perceber o que estes gostam de fazer e quais as suas actividades no verão mas, também, que imagem tem a sociedade dos jovens – principalmente a sociedade empresarial – e que oportunidades de futuro o local lhes dá. De uma forma global, todos os entrevistados concordam que os jovens locais têm poucas oportunidades, não imaginando futuro para eles. Mas, quais as causas disto?
Porque não se criam oportunidades nestes contextos de forma aos jovens poderem desenvolver um espírito crítico, pró-activo, de forma a desenvolverem competências que lhes permitam ser autênticos e criarem eles próprios actividades que venham diminuir esta desigualdade.

Situando a análise na oferta existente para os jovens nas férias, há dois programas muito importantes de contextualizar, o Programa das Férias Ocupadas e as Férias Arqueológicas. O Programa das Férias Ocupadas é muito importante para os jovens do concelho mas, para além de ser para um número limitado de jovens, e para idades entre os 14 e os 18, os jovens não mostram muita satisfação de aprendizagem nos mesmos, sendo que aparentemente o facto de ganharem algum dinheiro é uma razão para os frequentarem. O programa não responde às necessidades destes jovens, uma vez

que não apresenta actividades estruturadas de forma a promoverem uma atitude cívica activa, sendo apenas uma ocupação de férias sem reflexão sobre o local e as potencialidades deles e dos sítios em que estão integrados. Relativamente às Férias Arqueológicas, a análise é diferente, uma vez que se desenvolvem com uma estrutura de aquisição de competências e clara valorização de património, estando as actividades integradas em finalidades globais de desenvolvimento para o município. É um programa de ocupação de férias muito interessante, mas não dá resposta a todos os interesses dos jovens, recebendo o público, independentemente das idades e do concelho.

Parece-nos de concluir que há uma falta de actividades para os jovens e parece existir pouco conhecimento técnico de como se podem motivar e trazer para as causas, pelo que este projecto vem ao encontro das causas que levam à falta de actividades que promovam competências de cidadania activa.

Se olharmos com atenção para os questionários, percebemos que os jovens passam grande parte do seu tempo em casa, a ver televisão ou no computador, sem grande pró-actividade ou estímulo à mesma. Por outro lado, confrontados com a questão de fazerem actividades diferentes nas férias, metade dos jovens respondeu que não sentia falta disso mas, mesmo assim, responderam ao tipo de actividades que gostariam de fazer, o que vai ao encontro do que foi dito por alguns entrevistados: eles não são pró-activos, mas quando confrontados e mobilizados dedicam-se com paixão às causas.

Mas porque não há mais mobilização de jovens? Olhando para os resultados dos questionários, mais uma vez percebemos que os jovens fazem muito pouco voluntariado e, aqueles que têm práticas associativas, não são mobilizadoras em torno de causas cívicas, são porque necessitam de estar inscritos para estar num clube desportivo ou para uma determinada acção, para além de associativismo desportivo e corporativo (Bombeiros). Poucas são as expressões cívicas que ocorrem neste campo. Se cruzarmos estes dados com as entrevistas feitas em contexto, a verdade é que todos concordam que os jovens não participam e estão desinteressados, mas também é verdade que poucos adultos conhecem locais e práticas de voluntariado no concelho, o que leva a crer que é preciso actuar junto dos jovens, mas ter noção que os adultos também necessitam de estímulo ao trabalho cívico.

Este problema cívico e de trabalho colectivo é transversal às freguesias, uma vez que as actividades dos jovens claramente se baseiam naquilo que os meios de proximidade lhe oferecem, ou seja, nota-se pouca permeabilidade de jovens entre actividades de freguesia; quando há uma actividade diferente e apelativa, esta fica quase

exclusiva aos jovens da proximidade, uma vez que há um claro isolamento e pouco espírito colectivo.

Ou seja, parece que há aqui um claro desinteresse por causas cívicas ou um claro desconhecimento de imensas actividades e causas que podem ser feitas por eles, no seu tempo livre. Este campo levou-nos a tentar perceber que investimentos têm sido feitos com os jovens do concelho, na procura de uma cidadania activa, motivação e interesse pelo concelho.

Importa dar destaque às empresas e à sua tomada de responsabilidade social nestas questões, pois os seus responsáveis, tal como os jovens, quando mobilizados são muito receptivos (como foi visível ao longo das entrevistas). Esta corrente de responsabilidade social é visível a nível global em diversos congressos e artigos da área dos Recursos Humanas, já são alguns os responsáveis dos recursos humanos que começam a organizar actividades construtivas e diferentes para os jovens, filhos dos seus colaboradores, ocuparem as suas férias e assim, quando em família, partilharem de momentos com qualidade[19].

No que se refere aos financiamentos, poucos foram os investimentos realizados no concelho. Como referiu o representante da ADIBER, é importante fazer ver aos jovens que também têm a possibilidade de desenvolver um projecto de vida no interior, com a mesma qualidade que o desenvolvem numa cidade, pois, mesmo que saiam para estudar têm oportunidades diferentes e, quando não têm podem criar. No entanto, o que aqui se questiona é o porquê de não existir uma gestão de projectos neste sentido, como por exemplo o *Programa Escolhas.* Ao longo da entrevista foi claramente notado que grande parte dos projectos de desenvolvimento acontecem em Góis porque é lá que se situa a associação e, embora haja uma rede de parceiros por vários concelhos, não supera esta lacuna de investimento nos jovens.

Mas, então, como se desenvolvem estas competências nos jovens se eles, aparentemente, não têm interesse sem serem motivados? Como é visível nas linhas de Perrenoud (2002), estas competências podem e devem ser desenvolvidas nos processos e não nos resultados, ou seja, é a metodologia e todo o processo de decisão e reflexão em torno do conteúdo que leva um aumento de competências cívicas nos jovens. Estas metodologias cruzam-se em pleno com as metodologias de educação não formal, sendo

[19] Como é visível no discurso da Alexandra Pires, Directora dos Recursos Humanos da Xerox (Barroso, 2010).

apelativas e fáceis de cruzar com diversos conteúdos. Como refere Niza, os fins pedagógicos existentes nas actividades podem dar sentido a uma aprendizagem cívica.

É preciso pensar a sociedade, mas é preciso ainda mais, ajudar os jovens na procura de ferramentas que os ajudem a pensar civicamente a sociedade, e há imensos projectos e linhas de financiamento para isso. Projectos como o Do Something apoiam projectos promovidos por jovens; o Transformers surge de uma necessidade sentida localmente por jovens e resolvida por estes. É importante que exista algo que mostre aos jovens estas possibilidades e os motive a participarem, dando-lhe alguma estrutura que eles podem precisar.

Por outro lado, importa sensibilizar a população para a necessidade de aceitarem de forma este tipo de competências, bem como consciencializá-los para um assumir de responsabilidade colectivo, na promoção de práticas que promovam o desenvolvimento.

O problema, mais do que a falta de ocupação dos jovens nas férias, é o pouco reconhecimento destes dos seus direitos e deveres cívicos, quer sejam exercidos em contexto associativo, quer noutro tipo de contexto, estando estes desinformados e desinteressados por questões cívicas, sendo por isso necessário criar uma estratégia que os traga para esta causa.

Assim, a ideia de criar uma associação juvenil para promover o projecto passa por mostrar no processo que há associativismo diferente daquele que eles conhecem e praticam e, se a esta associarmos actividades que lhes interessem, mas tivermos o cuidado de pensar as metodologias numa lógica de promoção de cidadania activa, a mudança pode ser possível.

No que se refere aos interesses dos jovens para desenvolver actividades nas férias, uma grande maioria gostaria de realizar actividade radicais, ir à piscina e participar em jogos de equipa. Se confrontarmos esses resultados com as actividades que os jovens realizaram nas férias, percebemos que a novidade são as actividades radicais. Estas actividades são um pouco dispendiosas mas, face a este interesse, houve cuidado ao longo da planificação deste projecto de as incluir[20]. Numa outra visão dos dados, olhando para as preferências dos jovens e dividindo-os pelo género, percebemos que os rapazes apresentam as mesmas opções que os resultados globais, mas as raparigas não – estas em vez de desportos em equipa, preferem dança. Neste sentido, ser-lhes-á dada a oportunidade de se inscreverem em aulas de dança no verão, uma vez

[20] Uma das lacunas do levantamento de dados foi a falta de conhecimento sobre a motivação dos pais na inscrição dos seus filhos nas actividades de verão e sobre a sua disponibilidade para pelas actividades.

que as opções dos rapazes no que se refere ao desporto, incidem sobre o futebol e já há diversas equipas neste campo.

Quando questionados sobre a frequência das actividades e horários disponíveis nas férias, as escolhas não incidem sobre nenhum campo em maioria, dividindo-se entre as opções que existem, parecendo bastante disponíveis se as actividades lhes interessarem.

Por outro lado, importa propor actividades em que os jovens se relacionem num mesmo fim, mas sendo interconcelhio, uma vez que estamos num mundo rural mas que, embora isolado, se funcionar em rede o impacto é melhor potenciado. Pegando nas ideias de Azevedo (1993), devemos apostar em redes de cooperação, pois, por exemplo, se existir uma solidariedade entre regiões, as comunidades podem partilhar os seus problemas e soluções, pois se cada região tem as suas particularidades, na diferença podem ajudar-se nas procuras de solução mas, se forem parecidas, com o mesmo tipo de fraquezas e potencialidades, podem criar uma rede mais forte de iniciativa e de resistências das comunidades. E neste sentido que se apresenta um conjunto de actividades a realizar nos outros concelhos da Região da Beira Serra, bem como um evento final partilhado entre cidades.

Assim, as metodologias das actividades serão o foco principal deste projecto, bem como o desenvolvimento de parcerias e partenariado, que desenvolvem uma lógica de participação e responsabilidade partilhada, assumindo as partes compromissos na execução das actividades.

II.2 FINALIDADES, OBJECTIVOS GERAIS, OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

Para que o projecto incida sobre as questões que se pretendem e vá ao encontro das verdadeiras necessidades, ou seja, da causa dos problemas, é importante que as suas finalidades e objectivos sejam claros e partilhados pela equipa, de forma a fomentar um claro envolvimento de todos e um caminhar consciente e colectivo. As estratégias que se utilizam para atingir os objectivos são fulcrais e podem condicionar todo o sucesso do projecto, pelo que importa que sejam as adequadas. Assim, de seguida, apresentam-se as finalidades, seguidas dos objectivos gerais e específicos e, por fim, as estratégias.

II.2.1 Finalidades

As finalidades que se pretendem atingir com o desenrolar deste projecto são:

1. Fomentar competências de cidadania participativa nos jovens.
2. Aumentar as ofertas de ocupação de férias dos jovens.

II.2.2 Objectivos Gerais

Os objectivos gerais deste projecto são:

1. Realizar actividades que contribuam para o aumento das competências de cidadania activa nos jovens.
2. Criar actividades que possibilitem novas oportunidades de ocupação dos jovens nas férias.

II.2.3 Objectivos Específicos

No que se refere aos objectivos específicos, para o primeiro objectivo geral, *realizar actividades que contribuam para o aumento das competências de cidadania activa nos jovens*, pretende-se:

1.1 Envolver 15 voluntários na monitorização das actividades ao longo do ano.

1.2 Organizar seis dias de actividades, com e para os jovens, em cada Agrupamento de Escolas, Escola Secundária e Escola Profissional, promovendo a cidadania activa e o seu envolvimento nas actividades.

1.3 Utilizar pelo menos uma metodologia activa cada dia em que decorram as actividades.

1.4 Envolver uma empresa, uma Instituição de Solidariedade Social, duas juntas de freguesia e uma Associação Recreativa Local no desenvolvimento das actividades.

1.5 Envolver pelo menos 10 jovens por dia nas actividades nas escolas.

1.6 Aumentar a taxa de adesão de jovens a projectos de voluntariado em 10%.

1.7 Aumentar o número de jovens que participa activamente numa associação em 15%.

1.8 Ter uma apresentação por organismo escolar na apresentação final do projecto.

1.9 Ter 10 jovens em cada actividade de verão.

Para o segundo objectivo geral, *aumentar as oportunidades de ocupação dos jovens nas férias*, pretende-se:

2.1 Aumentar a taxa de ocupação de jovens nas férias em projectos definidos e planeados para esse efeito em 20%.

2.2 Aumentar a dispersão por actividades que os jovens realizam nas férias em 10%.

2.3 Diminuir a percentagem de jovens que passa as férias em casa e a ver televisão em 10%.

2.4 Ter uma adesão de quatro empresas novas na apresentação final da actividade.

Pretendem-se ainda como objectivos específicos mas globais ao projecto:

A. Adesão de 40 jovens na assistência da apresentação final.

B. Adesão de 3 organismos parceiros à apresentação final.

C. A avaliação final de cada actividade e do projecto seja Boa para um mínimo de 70% dos envolvidos no projecto.

II.3 APRESENTAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS A UTILIZAR

Para atingir os objectivos enumerados anteriormente, utilizar-se-ão as seguintes estratégias:

- Desenvolvimento do projecto numa associação juvenil, criada para este efeito, que apoiará e coordenará o mesmo em conjunto com a autarquia;
- Utilização de metodologias activas que permitam um desenvolvimento de competências cívicas e participativas;
- Utilização de desafio interconcelhio para promoção de pequenas actividades com apresentação pública final;
- Realização de actividades que vão ao encontro dos interesses dos jovens, aferidas em questionário;
- Envolvimento de empresas na concepção e desenvolvimento das actividades;
- Envolvimento de associação local de promoção ao empreendedorismo, onde estão sediadas diversas empresas;

- Partilha de experiências com colegas que organizam projectos da mesma área de intervenção;
- Participação em eventos nacionais de organização e/ou objectivos semelhantes ao que se pretende fazer no evento que decorrerá no final do projecto.

III. PLANO DE ACTIVIDADES

Todo o desenvolvimento do projecto deve ser participado pelos elementos base da equipa e, com eles, devem ser discutidas as actividades a introduzir em cada fase, bem como a calendarização, de forma a não se sobrepor a nada que já esteja planeado. Assim, de seguida, apresenta-se uma proposta de actividades e de calendarização para o desenvolvimento do projecto. Estas deverão ser discutidas na primeira reunião do projecto, de forma a confirmar que este vai ao encontro das necessidades, das suas causas e do contexto de intervenção.

III.1 IDENTIFICAÇÃO E CALENDARIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES A DESENVOLVER

O projecto vai-se desenvolver em duas intervenções principais – *Juventude, Reflexão e Acção, Profissionais de Verão,* culminando num evento de partilha de práticas e ideias. Estas actividades serão sempre acompanhadas de uma avaliação contínua, que culminará num relatório de avaliação, que reunirá a análise dos diversos resultados avaliativos reunidos ao longo do projecto e propostas de melhoria do mesmo[21].

O projecto iniciar-se-á com duas actividades de preparação, uma vez que antes de se iniciar no terreno importa perceber bem como vai ser a estrutura de gestão do mesmo, bem como aferir alguns aspectos que possam ser necessários de forma a unir a equipa em torno dos meus objectivos. De seguida, decorrem cinco grupos de actividades - *OH: Jovens, reflexão e acção, Beira Serra: Jovens, reflexão e acção, Danças pelo Mundo em Oliveira do Hospital*, *Natureza Radical* e *Profissionais de Verão* - que se articularam numa apresentação final que culminará o projecto.

O ponto seguinte diz respeito às actividades, apresentando as mesmas com algum detalhe no que se refere ao que se pretende fazer, aos seus objectivos, metodologias, recursos, etc.. Embora não se vá referir de forma repetida, importa deixar claro que em todas as actividades, aquando da definição dos grupos e actividades, terão em conta as idades dos participantes, ou seja, sempre que se justificar serão construídos dois grupos de diferentes idades, um com idades entre os 12 e os 14 anos e outro, com jovens com idades entre os 15 e os 18 anos[22].

[21] O plano de avaliação do projecto encontra-se desenvolvido na parte IV deste documento, encontrando-se esta integrada no cronograma geral do projecto.
[22] Ou mais caso se encontrei no ensino profissional, uma vez que há vários com mais de 18 anos.

Os orçamentos são meramente representativos, uma vez que grande parte do trabalho será feito em regime de voluntariado e os valores dos materiais discutidos entre parceiros locais[23]. Também os orçamentos e as avaliações são apresentados por actividade, desenvolvendo-se de uma forma global adiante, em partes específicas para os assuntos.

III.1.1 Identificação das Actividades

III.1.1.1 Preparação do Projecto

ACTIVIDADE 1: CRIAÇÃO DE ASSOCIAÇÃO JUVENIL

Enquadramento geral: Para uma gestão mais adequada do projecto e face a uma disponibilidade de vários jovens locais em regime de voluntariado, será criada uma associação juvenil no concelho de Oliveira do Hospital, de forma a facilitar a gestão do projecto e a promover o associativismo jovem no concelho.

Objectivo: Construir uma associação juvenil no concelho de Oliveira do Hospital, de forma a que se inicie um trabalho contínuo de promoção do associativismo e participação cívica activa nos jovens.

Metodologia: Discussão de grupo e trabalho individual.

Tarefa 1: Marcação de reunião com os jovens disponíveis para participar na associação, solicitando a todos uma reflexão pessoal sobre as necessidades burocráticas de uma associação.

Tarefa 2: Reunião de grupo de jovens para discussão sobre o nome da associação, os procedimentos e sobre as informações necessárias à sua constituição.

Tarefa 3: Trabalho individual partilhado online entre todos, de forma a construir os documentos.

Tarefa 4: Reunião de grupo de jovens para discussão final e finalizar de documentos.

Tarefa 5: Submissão formal da associação no notário ou numa balcão da *Associação na hora*[24] .

Tarefa 6: Criação de base de dados de contactos e de página no Facebook para divulgação da associação.

Tarefa 7: Criação de texto e imagem de apresentação da associação.

Tarefa 8: Divulgação por email e Facebook da associação.

Recursos Humanos: Jovens previamente disponíveis a integrar a Associação.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, Acesso à Internet, documentação online do Instituto Português da Juventude[25].

[23] Os valores apresentados têm como referência os preçários e orçamentos de uma tipografia.
[24] Ver mais em: http://www.associacaonahora.mj.pt/index.htm.

Observações: As reuniões decorrerão na Biblioteca Municipal de Oliveira do Hospital. A associação contará com este projecto como lançamento da mesma no concelho, mas terá outras actividades que irão ao encontro do projecto, devendo esta procurar parceiros e estratégias de financiamento a nível local (empresas, autarquia), nacional (Instituto Português da Juventude, Conselho Nacional da Juventude, Do Something[26], etc.) e internacional (programas europeus de financiamento).

ACTIVIDADE 2: REUNIÕES DE PREPARAÇÃO

Enquadramento geral: O primeiro passo de todo este conjunto de actividades de intervenção com jovens é a sua apresentação aos elementos da direcção da Associação, com um acerto de pormenores de planeamento e intervenção das mesmas.

Objectivo: Definir os pormenores do projecto, datas específicas para algumas actividades e partilhar a sua visão, de forma a que todos os elementos o possam representar e divulgar. Definir equipa de coordenação da avaliação do projecto.

Metodologia: Apresentação e discussão em grupo.

Tarefa 1: Marcação de reunião com os corpos sociais da associação.

Tarefa 2: Reunião de grupo de jovens para apresentação e discussão do projecto. Nesta reunião deverão ser identificados os elementos de avaliação de projecto.

Tarefa 3: Marcação de reunião com os corpos sociais da associação, equipa de projecto e respectivos parceiros (representante das escolas, representante da autarquia).

Tarefa 4: Reunião de coordenação e definição final do projecto. Nesta reunião, em conjunto com a equipa de avaliação, serão definidos alguns pormenores sobre a monitorização de toda a avaliação.

Recursos Humanos: Corpos Sociais da Associação, Elementos da equipa do projecto e Representante da Câmara Municipal.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, Acesso à Internet, documentação do projecto.

Observações: As reuniões decorrerão na Biblioteca Municipal de Oliveira do Hospital. Será importante que, nestas reuniões, se enumerem um conjunto de possíveis fragilidades e estratégias para as minimizar. A equipa da Associação deverá ajudar a equipa do projecto, uma vez que este, na sua primeira parte, incidirá numa divulgação da mesma.

[25] Ver documentação e informação em: http://juventude.gov.pt/Associativismo/ConstitReconhecAssociacoes/ConstituirAssociacao/Paginas/Constitui%C3%A7%C3%A3o_de_Associa%C3%A7%C3%B5es.aspx#IpjDocInformations

[26] Ver Anexo 28.

III.1.1.2 Juventude, Reflexão e Acção

OH: Jovens, reflexão e acção

ACTIVIDADE 3: CONSTRUÇÃO DE MATERIAL INFORMATIVO PARA DIVULGAÇÃO

Enquadramento geral: Para avançar com o projecto, importa que este tenha uma imagem, um sítio online, onde a comunidade encontre facilmente informação sobre o mesmo, uma vez que importa que seja feito um plano de comunicação contínuo, transversal a todo o projecto. Como a equipa é multidisciplinar, cada um aplicará a sua área neste campo.

Objectivo: Construir materiais em diversos formatos, que permitam uma divulgação eficaz do projecto entre os jovens. Alguns materiais previstos: Folheto, Página de Facebook, site de divulgação.

Metodologia: Recolha de informação; Trabalho individual e Trabalho de grupo.

Tarefa 1: Marcação de reunião com a equipa de trabalho do projecto.

Tarefa 2: Reunião para se fazer levantamento de ideias para documentos e estratégias de divulgação do projecto. Divisão de tarefas.

Tarefa 3: Trabalho individual ou a pares sobre os documentos de trabalho, que darão origem a fontes de informação sobre o projecto.

Tarefa 4: Marcação de reunião para se finalizarem os documentos e materiais previstos.

Tarefa 5: Reunião para discussão e finalização de documentos.

Tarefa 6: Distribuição de informação pela base de contactos do projecto e da Associação.

Recursos Humanos: Equipa do projecto.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, Acesso à Internet, documentação do projecto.

ACTIVIDADE 4: CONSTRUÇÃO DE MATERIAL PARA APRESENTAR AOS JOVENS NAS ESCOLAS

Enquadramento geral: Para que os jovens se sintam motivados a participar de forma activa da sociedade, importa que as actividades que se realizam nas escolas sejam apelativas e os cativem a participar nas associações e movimentos cívicos.

Objectivo: Construir actividades e materiais em diversos formatos, que permitam dinamizar as escolas ao longo dos dias, de forma apelativa. Alguns materiais previstos: Jogos, Folhetos, Cartões de divulgação, cartazes.

Metodologia: Recolha de informação; Trabalho individual e Trabalho de grupo.

Tarefa 1: Marcação de reunião com a equipa de trabalho do projecto.

Tarefa 2: Reunião para se fazer o levantamento de ideias para documentos e estratégias de apresentação do projecto. Divisão de tarefas.

Tarefa 3: Trabalho individual ou a pares sobre os documentos de trabalho, que darão origem a fontes de informação sobre o projecto.

Tarefa 4: Marcação de reunião de trabalho para monitorização do trabalho.

Tarefa 5: Reunião de trabalho para perceber o estado em que estão os materiais e o que faz falta. Divisão de trabalho.

Tarefa 6: Marcação de reunião de trabalho ultimar os materiais.

Tarefa 7: Reunião para discussão e finalização de documentos.

Tarefa 8: Impressão dos documentos necessários ao projecto.

Recursos Humanos: Equipa do projecto.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, Acesso à Internet, documentação do projecto, marcadores, fita-cola, jogos, etc.

Orçamento: 696,35€

- 3000 Desdobráveis A5 (frente e verso, p/b) – 66,25€
- 3000 Cartões-de-visita (cores) – 150,00€
- 150 Cartazes A4 (cores) – 107,70€
- 50 Cartazes A3 (cores) – 62,40€
- Posters com afixador (cumprimento 2metros e largura 1metro) – 50,00€
- Stand (mesa) – 60,00€
- Jogos e respectivo material – 200,00 €

Observações: Estes materiais devem ser construídos e impressos, consoante os financiamentos/recursos disponíveis para as impressões.

ACTIVIDADE 5: CONSTRUÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO PARA OS PROFESSORES

Enquadramento geral: Para que exista mudança de comportamentos é muito importante que os diversos agentes educativos dos jovens desenvolvam competências em comum, de uma forma partilhada e integrada. Neste sentido, importa sensibilizar os professores para estas necessidades – associativismo, voluntariado e/ou cidadania activa, de forma a que estes fomentem nas suas aulas, de forma voluntária, estas questões.

Objectivo: Construir materiais para professores, com sugestões pedagógicas de exploração das temáticas em contexto de aulas escolares (por exemplo Área de Projecto, Tecnologias da Informação e da Comunicação, Formação Cívica, Língua Portuguesa, Educação Física e Educação Visual e Tecnológica,)

Metodologia: Recolha de informação; Trabalho individual e Trabalho de grupo.

Tarefa 1: Marcação de reunião com alguns elementos da equipa de trabalho e com dois professores disponíveis para colaborar nesta fase do projecto.

Tarefa 2: Reunião para fazer levantamento de ideias para documentos e estratégias de trabalho. Divisão de tarefas.

Tarefa 3: Trabalho individual ou a pares sobre os documentos de trabalho, com partilha online.

Tarefa 4: Marcação de reunião para finalizar os documentos e materiais previstos.

Tarefa 5: Reunião para discussão e finalização de documentos.

Tarefa 6: Distribuição de informação pelas escolas.

Recursos Humanos: Equipa do projecto e professores.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, Acesso à Internet, documentação do projecto, currículo do Ensino Básico e do Secundário.

Observações: Para facilitar, as reuniões serão realizadas nas escolas de acordo com as disponibilidades dos professores e dos espaços. Será importante fazer propostas simples e que não impliquem muitas mudanças. Solicitar aos professores para aplicarem as actividades na semana em que o projecto estiver na escola.

ACTIVIDADE 6: REUNIÕES DE PREPARAÇÃO COM AS ORGANIZAÇÕES ESCOLARES

Enquadramento geral: Preparados os materiais e as actividades para desenvolver com os alunos, é importante reunir com os responsáveis das organizações escolares, de forma a definir estratégias de apoio ao mesmo e reunir com os directores das escolas, para definir dias das vistas e implicações do projecto.

Objectivo: Apresentar o projecto em pormenor e definir as datas de intervenção em cada escola. Reunir feedback da parte das escolas.

Metodologia: Recolha de informação; Trabalho individual e Trabalho de grupo.

Tarefa 1: Marcação de reunião em cada Agrupamento, Escola Secundária e Profissional do concelho.

Tarefa 2: Reunião em cada Agrupamento, Escola Secundária e Profissional do concelho para apresentação do projecto e para aferir pormenores de implementação e calendário específico de cada escola.

Tarefa 3: Trabalho de preparação e agendamento de todas as visitas às escolas.

Recursos Humanos: Directores dos Agrupamentos, Escola Secundária e Profissional, Professores nomeados pela direcção para acompanharem o projecto e gestor do projecto.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, documentação do projecto.

Observações: As reuniões decorrerão nos locais de trabalho dos intervenientes.

ACTIVIDADE 7: REUNIÕES DE APRESENTAÇÃO DO PROJECTO A POSSÍVEIS PARCEIROS

Enquadramento geral: Preparada toda a primeira parte do arranque do projecto nas escolas, importa sensibilizar possíveis parceiros empresariais, apelando o seu apoio ao projecto.

Objectivo: Apresentar o projecto em pormenor a cada parceiro empresarial e reunir o respectivo feedback. Identificar possíveis patrocinadores para o projecto.

Metodologia: Apresentação do projecto com método expositivo e pequeno exercício de reflexão.

Tarefa 1: Marcação de reunião com pelo menos três organizações empresariais do concelho.

Tarefa 2: Reunião em cada organização. Esta reunião inicia-se com um pequeno exercício reflexivo sobre os jovens no interior e as suas oportunidades e necessidades, seguindo-se a apresentação do projecto. Por fim, analisar-se-ão as possibilidades de colaboração da entidade com o projecto[27].

Tarefa 3: Trabalho de preparação e agendamento de todas as visitas às escolas.

Recursos Humanos: Gestor do projecto e representantes dos possíveis parceiros.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, acesso à internet e documentação do projecto.

Observações: As reuniões decorrerão nos locais de trabalho dos intervenientes.

ACTIVIDADE 8: ACTIVIDADES NAS ESCOLAS/AGRUPAMENTOS

Enquadramento geral: Ao longo de dois/três dias por período, serão realizadas em cada Agrupamento, Escola Secundária e Escola Profissional um conjunto de actividades que mostrarão aos alunos alguns cenários de intervenção cívica, que pode ser feita por eles, quer a nível local, nacional ou global.

Objectivos: Despertar a consciência cívica e activa dos alunos, de forma a que estes se envolvam em diversas actividades cívicas, locais, nacionais e globais, procurando de forma activa essas causas.

Metodologia: Exposição oral, discussão de casos, jogos didácticos, reflexão individual, reflexão em grupo, role-play, entre outros.

Actividades: Jogo de cartas temáticas para reflectir sobre alguns conceitos e questões cívicas locais, nacionais e globais, bem como sobre alguns projectos que já existem e apelam à participação deste público; exposição teórica sobre a temática; jogo com questões e diverso tipo de respostas sobre as mesmas temáticas; teatro fórum e role-play com ideias sobre actividades a desenvolver. Ao logo das dinâmicas os alunos deverão ser desafiados a construírem ou participarem em projectos locais,

[27] Ver no Anexo 29 um exemplo de exercício de reflexão.

apresentando a sua experiência mais tarde na apresentação final. Entrega de folhetos e cartões de divulgação do projecto, para que estes continuem a apoiar o mesmo na internet.

Indicadores de avaliação: No final destas actividades os alunos envolvidos deverão ser capazes de assumir que podem intervir em diversos tipos de causas cívicas, inscrevendo-se mais tarde a maioria na associação juvenil concelhia.

Instrumentos de avaliação dos formandos e da actividade: Adesão de alunos às actividades, adesão dos alunos à apresentação final, número de inscritos na associação até ao final da semana seguinte às actividades e questionário passado no final do ano validando se há diferenças nos resultados no que se refere ao conhecimento e envolvimento na participação cívica activa (voluntariado e associativismo).

Recursos Humanos: Gestor de projecto, dois animadores e três voluntários da associação, pertencentes ao público-alvo.

Recursos Materiais: Materiais de divulgação do projecto e jogos pedagógicos.

Orçamento: 507,60€

- 1700 Desdobráveis A5 (frente e verso, p/b) – 37,55€
- 1700 Cartões-de-visita (cores) – 85,00€
- 75 Cartazes A4 (cores) – 53,85€
- 25 Cartazes A3 (cores) – 21,20€
- 2 Posters com afixador (cumprimento 2metros e largura 1metro) – 50,00€
- Stand (mesa) – 60,00€
- Jogos e respectivo material – 200,00 €

Observações: As actividades a desenvolver nas escolas serão construídas no início do projecto, bem como os materiais a distribuir. Esta actividade repetir-se-á nas instituições ao longo de dois/três dias, repetindo-se nos três períodos.

ACTIVIDADE 9: AVALIAÇÃO DAS ACTIVIDADES

Enquadramento geral: Ao longo das actividades recolher-se-ão dados para promover uma avaliação contínua do projecto. Esta avaliação será feita quer pelos envolvidos, quer pelos participantes que forem sendo envolvidos no projecto.

Objectivos: Recolher dados avaliativos que permitam perceber se os objectivos específicos foram atingidos, bem como estruturar melhorias no mesmo.

Metodologia: Aplicação de questionários online, preenchimento de grelha de avaliação.

Tarefa 1: Depois das actividades será enviado aos jovens que deixarem o contacto de email, um pequeno questionário de satisfação, de forma a reunir a sua opinião sobre o projecto e sobre as ideias que se pretendem desenvolver.

Tarefa 2: Será enviado um pequeno questionário aos parceiros a quem o projecto foi apresentado, de forma a possibilitar-lhes que avaliem a abordagem ao mesmo, bem como sugerirem alterações e ideias.

Tarefa 3: Será passado por todos os elementos envolvidos na gestão do projecto um pequeno questionário online com elementos quantitativos e qualitativos sobre o projecto e o seu estado de evolução.

Observações: O processo de avaliação deverá ser gerido pelo gestor de projecto, devendo este também responder aos questionários e devendo os questionários avaliar o seu desempenho, numa lógica construtiva.

Beira Serra: Jovens, reflexão e acção

ACTIVIDADE 10: VISITAS DE PREPARAÇÃO

Enquadramento geral: Preparados os materiais e as actividades para desenvolver com os alunos, é importante reunir com os responsáveis das organizações escolares dos concelhos vizinhos, de forma a perceber a sua adesão ao projecto, definindo os dias das vistas e implicações do projecto.

Objectivo: Apresentar o projecto e definir, para os interessados, as datas de intervenção em cada Agrupamento, Escola Secundária e Profissional.

Metodologia: Recolha de informação; Trabalho individual e Trabalho de grupo.

Tarefa 1: Marcação de reunião em cada Agrupamento, Escola Secundária e Profissional do concelho.

Tarefa 2: Reunião em cada Agrupamento, Escola Secundária e Profissional do concelho para apresentação do projecto e para aferir pormenores de implementação e calendário específico de cada organização. Se a resposta for positiva, partilhar os materiais para os professores.

Tarefa 3: Trabalho de preparação e agendamento de todas as visitas às escolas.

Recursos Humanos: Directores dos Agrupamentos, Escola Secundária e Profissional, Professores nomeados pela direcção para acompanharem o projecto e gestor do projecto.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, documentação do projecto.

Observações: As reuniões decorrerão nos locais de trabalho dos intervenientes.

ACTIVIDADE 11: REUNIÕES DE APRESENTAÇÃO DO PROJECTO A POSSÍVEIS PARCEIROS

Enquadramento geral: Preparada toda a primeira parte do arranque do projecto nas escolas do concelho, mas também dos concelhos limítrofes, pertencentes à zona da beira serra, importa sensibilizar possíveis parceiros empresariais também destes concelhos, apelando o seu apoio ao projecto.

Objectivo: Apresentar o projecto em pormenor a cada parceiro empresarial e reunir o respectivo feedback. Identificar possíveis patrocinadores para o projecto.

Metodologia: Apresentação do projecto com método expositivo e pequeno exercício de reflexão.

Tarefa 1: Marcação de reunião com pelo menos três organizações empresariais do concelho.

Tarefa 2: Reunião em cada organização. Esta reunião inicia-se com um pequeno exercício reflexivo sobre os jovens no interior e as suas oportunidades e necessidades, seguindo-se a apresentação do projecto. Por fim, analisar-se-ão as possibilidades de colaboração da entidade com o projecto[28].

Tarefa 3: Trabalho de preparação e agendamento de todas as visitas às escolas.

Recursos Humanos: Gestor do projecto e representantes dos possíveis parceiros.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, acesso à internet e documentação do projecto.

Observações: As reuniões decorrerão nos locais de trabalho dos intervenientes.

ACTIVIDADE 12: ACTIVIDADES NAS ESCOLAS/AGRUPAMENTOS

Enquadramento geral: Ao longo de dois/três dias, serão realizadas em cada Agrupamento, Escola Secundária e Escola Profissional um conjunto de actividades que mostrarão aos alunos alguns cenários de intervenção cívica, que pode ser feita por eles, quer a nível local, nacional ou global.

Objectivos: Despertar a consciência cívica e activa dos alunos, de forma a que estes se envolvam em diversas actividades cívicas, locais, nacionais e globais, procurando de forma activa essas causas.

Metodologia: Exposição oral, discussão de casos, jogos didácticos, reflexão individual, reflexão em grupo, role-play, entre outros.

Actividades: Jogo de cartas temáticas para reflectir sobre alguns conceitos e questões cívicas locais, nacionais e globais, bem como sobre alguns projectos que já existem e apelam à participação deste público; exposição teórica sobre a temática; jogo com questões e diverso tipo de respostas sobre as mesmas temáticas; teatro fórum e role-play com ideias sobre actividades a desenvolver. Ao longo das dinâmicas, os alunos deverão ser desafiados a construírem ou participarem em projectos locais, apresentando a sua experiência mais tarde na apresentação final. Entrega de folhetos e cartões de divulgação do projecto, para que estes continuem a apoiar o mesmo na internet.

Indicadores de avaliação: No final destas actividades os alunos envolvidos deverão ser capazes de assumir que podem intervir em diversos tipos de causas cívicas, inscrevendo-se mais tarde a maioria na associação juvenil concelhia.

Instrumentos de avaliação dos formandos e da actividade: Adesão de alunos às actividades, adesão dos alunos à apresentação final, número de inscritos na associação até ao final da semana seguinte às actividades e questionário passado no final do ano

[28] Ver no Anexo 29 um exemplo de exercício de reflexão.

validando o seu nível de conhecimento e envolvimento face à participação cívica activa (voluntariado e associativismo).

Recursos Humanos: Gestor de projecto, dois animadores e três voluntários, pertencentes ao público-alvo.

Recursos Materiais: Materiais de divulgação do projecto e jogos pedagógicos.

Orçamento: 478,76 €

- 1300 Desdobráveis A5 (frente e verso, p/b) – 28,71€
- 1300 Cartões-de-visita (cores) – 65,00€
- 75 Cartazes A4 (cores) – 53,85€
- 25 Cartazes A3 (cores) – 21,20€
- 2 Posters com afixador (cumprimento 2 metros e largura 1 metro) – 50,00€
- Stand (mesa) – 60,00€
- Jogos e respectivo material – 200,00 €

Observações: As actividades a desenvolver nas escolas serão construídas no início do projecto, bem como os materiais a distribuir. Esta actividade repetir-se-á nas instituições ao longo de dois/três dias.

ACTIVIDADE 13: AVALIAÇÃO DAS ACTIVIDADES

Enquadramento geral: Ao longo das actividades recolher-se-ão dados para promover uma avaliação contínua do projecto. Esta avaliação será feita quer pelos envolvidos, quer pelos participantes que forem sendo envolvidos no projecto.

Objectivos: Recolher dados avaliativos que permitam perceber se os objectivos específicos foram atingidos, bem como estruturar melhorias no mesmo.

Metodologia: Aplicação de questionários online, preenchimento de grelha de avaliação.

Tarefa 1: Depois das actividades, será enviado aos jovens que deixarem o contacto de email, um pequeno questionário de satisfação, de forma a reunir a sua opinião sobre o projecto e sobre as ideias que se pretendem desenvolver.

Tarefa 2: Será enviado um pequeno questionário aos parceiros a quem o projecto foi apresentado, de forma a possibilitar-lhes que avaliem a abordagem ao mesmo, bem como sugerirem alterações e ideias.

Tarefa 3: Será passado por todos os elementos envolvidos na gestão do projecto um pequeno questionário online com elementos quantitativos e qualitativos sobre o projecto e o seu estado de evolução.

Observações: O processo de avaliação deverá ser gerido pelo gestor de projecto, devendo este também responder aos questionários e devendo os questionários avaliar o seu desempenho, numa lógica construtiva.

Danças pelo Mundo em Oliveira do Hospital

ACTIVIDADE 14: REUNIÕES DE PREPARAÇÃO

Enquadramento geral: Para que exista mudança de comportamentos é muito importante que os diversos agentes educativos dos jovens desenvolvam competências em comum, de uma forma partilhada e integrada. Neste sentido, pretende-se aumentar a oferta de actividades de verão para os jovens, organizando entre outras coisas aulas de dança, uma vez que muitos jovens responderam que tinham interesse. Ao mesmo tempo e uma vez que as competências se desenvolvem no processo, importa desenvolver competências para uma intervenção cívica activa.

Objectivo: Preparar aulas de dança de forma a aumentar a oferta de actividades de verão para jovens de acordo com os seus interesses, promovendo com estas actividades um desenvolvimento de competências cívicas e interventivas.

Metodologia: Trabalho individual e de grupo.

Tarefa 1: Marcação de reunião com alguns elementos da equipa de trabalho e com dois professores de dança de forma a construir planos de aulas que vão ao encontro dos objectivos.

Tarefa 2: Reunião para fazer levantamento de ideias para conteúdos e estratégias a utilizar nas aulas. Divisão de tarefas. Marcação de datas finais.

Tarefa 3: Trabalho individual ou a pares sobre as metodologias a utilizar nas aulas.

Tarefa 4: Marcação de reunião para aferir pormenores.

Tarefa 5: Reunião para discussão e finalização de estratégias.

Tarefa 6: Divulgação das actividades.

Recursos Humanos: Equipa do projecto e professores de dança.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, Acesso à Internet, documentação do projecto.

Observações: As reuniões serão realizadas na Biblioteca Municipal ou na Plataforma BL3, conforme acordado em reunião com parceiros. Será decidido um custo por aluno para realização destas aulas.

ACTIVIDADE 15: AULAS DE DANÇA

Enquadramento geral: A dança será abordada como uma forma de arte que desenvolve a criatividade, é uma forma de expressão como conceito e como linguagem estética de arte corporal. Cada tipo de dança tem a sua história, o seu enquadramento no mundo e, não só aprender a técnica, importa perceber o seu contexto. As danças a explorar serão duas: Hip-Hop/Jazz e Dança Contemporânea.

Objectivos: Aumentar a oferta de actividades de verão para jovens de acordo com os seus interesses, promovendo com estas actividades um desenvolvimento de competências cívicas e interventivas.

Metodologia: Conceitos técnicos, coreografias, dança livre, pesquisa e reflexão sobre a dança. Em grupos máximos de 15 jovens, durante um mês, duas a três vezes por semana cada modalidade, será dada aos jovens a possibilidade de aprenderem a dançar dois tipos de dança e a compreende-la do ponto de vista histórico e interventivo. As aulas serão dadas de manhã, existindo um trabalho de pesquisa e desenvolvimento à tarde.

Actividades: Apresentação expositiva sobre as danças e esclarecimento de dúvidas; aprendizagem da componente técnica de cada dança; trabalho de pesquisa desenvolvido pelos alunos sobre o contexto em que a dança surgiu; explorar o contexto da dança em diversas sociedades no mundo; discussão em aula do contexto e da sua implicação na dança. Preparação de apresentação final, que decorrerá no final de cada mês e no final do projecto.

Indicadores de avaliação: No final destas actividades os alunos envolvidos deverão ser capazes de dançar a coreografia final, em grupo ou a solo, compreendendo que esta pode ser uma forma de intervenção na sociedade.

Instrumentos de avaliação dos formandos e da actividade: Adesão de alunos às actividades, adesão dos alunos à apresentação final, avaliação global sobre as actividades.

Recursos Humanos: Gestor de projecto, dois professores de dança.

Recursos Materiais: Materiais de divulgação do projecto, águas, colchões e espaço para dançar.

Orçamento: 1200 €

- Espaço: cedido pela autarquia ou pela escola
- Professores de dança (9h por semana cada um durante dois meses): 1600€

	2 semanas	1 mês	6 semanas	2 meses
Hip-Hop/Jazz	25 €	35€	55€	65€
Dança Contemporânea	25 €	35€	55€	65€
Duas modalidades	35€	55€	75€	110€

Tabela 5 - Tabela provisória de preços para aulas de dança, sem qualquer apoio de parceiros.

Observações: As aulas decorrerão no mês de Julho e Agosto e os níveis a desenvolver dependerão dos alunos inscritos, caso façam só 15 dias, 1 mês ou os 2 meses. Os alunos deverão pagar um valor por inscrição por modalidade, conforme tabela anterior. [29] .

ACTIVIDADE 16: AVALIAÇÃO DAS ACTIVIDADES

Enquadramento geral: Ao longo das actividades recolher-se-ão dados para promover uma avaliação contínua do projecto. Esta avaliação será feita quer pelos envolvidos, quer pelos participantes que forem sendo envolvidos no projecto.

[29] Valor que variará com o tipo de apoios existentes.

Objectivos: Recolher dados avaliativos que permitam perceber se os objectivos específicos foram atingidos, bem como estruturar melhorias no mesmo.

Metodologia: Aplicação de questionários online, preenchimento de grelha de avaliação.

Tarefa 1: No início das aulas será enviado aos jovens que deixarem o contacto de email, um pequeno questionário para conhecimento do grupo e levantamento de expectativas.

Tarefa 2: No final de 15 dias, será enviado aos alunos e aos professores um pequeno questionário online para perceber como está a correr o curso de dança, recolhendo sugestões de melhoria de forma construtiva.

Tarefa 3: No final de cada mês será aplicado online um questionário final da actividade aos alunos e ao professor, aferindo as suas expectativas bem como a sua vontade em continuar e os respectivos motivos.

Observações: O processo de avaliação deverá ser gerido pelo gestor de projecto, devendo este também responder aos questionários e devendo os questionários dos alunos e dos professores avaliar o seu desempenho, numa lógica construtiva.

Natureza Radical

ACTIVIDADE 17: REUNIÕES DE PREPARAÇÃO DAS ACTIVIDADES

Enquadramento geral: Ao serem analisados os resultados dos questionários, uma conclusão saltou à vista de imediato, o que os jovens gostavam mais de fazer nas férias, na sua globalidade, são actividades radicais. Assim, importa que a proposta de actividades inclua dias de actividades radicais, e que estas trabalhem o seu sentido de intervenção cívica também.

Objectivo: Preparar as actividades em conjunto com empresa parceira, de forma a aumentar a oferta de actividades de verão para jovens de acordo com os seus interesses, promovendo com estas actividades um desenvolvimento de competências cívicas e interventivas.

Metodologia: Trabalho individual e de grupo.

Tarefa 1: Marcação de reunião com alguns elementos da equipa de trabalho e com a empresa parceira de forma a decidir estratégias para as actividades.

Tarefa 2: Reunião para fazer levantamento de ideias para actividades que vão ao encontro dos objectivos. Divisão de tarefas. Marcação de datas finais.

Tarefa 3: Trabalho individual sobre as metodologias a utilizar nas actividades com partilha e discussão online.

Tarefa 4: Marcação de reunião para apresentação de proposta por parte da emrpesa.

Tarefa 5: Reunião para apresentação de proposta à medida, discussão e finalização de estratégias.

Tarefa 6: Divulgação das actividades e recolha de inscrições.

Recursos Humanos: Equipa do projecto e responsáveis pela empresa.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, Acesso à Internet, documentação do projecto.

Observações: As reuniões serão realizadas na Biblioteca Municipal ou na Plataforma BL3, ou nas instalações da empresa, conforme acordado em reunião com parceiros. Será decidido um custo por aluno para realização destas aulas.

ACTIVIDADE 18: ACTIVIDADES RADICAIS

Enquadramento geral: Os desportos radicais serão abordados numa perspectiva de desporto e aventura, mas também numa linha de exploração e valorização do território e do património.

Objectivos: Aumentar a oferta de actividades de verão para jovens de acordo com os seus interesses, promovendo com estas actividades um desenvolvimento de competências cívicas e interventivas e valorização do património local. As competências de trabalho em grupo e espírito de equipa serão também objectivo a desenvolver.

Metodologia: Em regime intensivo e residencial, ou seja, o dia dos jovens será planeado tendo em conta as actividades radicais. Sempre que possível, serão introduzidos desafios para reflectir e tomar decisões.

Actividades: As actividades organizar-se-ão ao longo de três dias, sendo as principais escalada, rapel e slide, caça ao tesouro, canyoning e orientação. No último dia será realizado um jogo para validar os conhecimentos adquiridos (com perguntas e outras actividades).

Indicadores de avaliação: No final destas actividades os alunos envolvidos deverão ter adquirido um bom espírito de equipa, aumentado o seu gosto pelo património local e adquirido ainda alguns conceitos de cidadania activa.

Instrumentos de avaliação dos formandos e da actividade: Aplicação de questionário de satisfação final, avaliação dos resultados das actividades de reflexão e resultados de actividade final de validação de conhecimentos.

Recursos Humanos: Gestor de projecto e equipa da empresa.

Recursos Materiais: Material de divulgação do projecto e materiais para realização das actividades.

Orçamento: 110€ por aluno[30], total de 2750 € (para 25 alunos)

- Espaço: Vários, junto ao Rio Alva;
- Monitores: 2 monitores do projecto mais monitores da empresa contratada para dinamizar as actividades.

Actividades	Preço por aluno
Escalada, rapel e slide	18,00 €
Caça ao Tesouro	18,50 €
Canyoning	35,00€

[30] Valor baseado em preçário solicitado a empresa da área.

Orientação	8,00 €
Transportes	5,50 €
Comida e Dormida	25,00 €

Tabela 6 - Tabela provisória de preços para as actividades radicais, sem qualquer apoio de parceiros**.**

Observações: As actividades deverão ocorrer na zona do Vale do Alva, contribuindo para uma valorização do território. Os alunos deverão pagar um valor por inscrição estando esta dividida por modalidades, conforme tabela anterior[31] .

ACTIVIDADE 19: AVALIAÇÃO DAS ACTIVIDADES

Enquadramento geral: Ao longo das actividades recolher-se-ão dados para promover uma avaliação contínua do projecto. Esta avaliação será feita quer pelos envolvidos, quer pelos participantes que forem sendo envolvidos no projecto.

Objectivos: Recolher dados avaliativos que permitam perceber se os objectivos específicos foram atingidos, bem como estruturar melhorias no mesmo.

Metodologia: Aplicação de questionários online, preenchimento de grelha de avaliação.

Tarefa 1: No início das actividades será solicitado aos alunos o preenchimento de um questionário para perceber os conhecimentos existentes face às temáticas a explorar e perceber as suas expectativas.

Tarefa 2: Ao longo das diversas actividades os jovens realizarão actividades que darão resultados, que serão analisados mais tarde, de forma a perceber-se o seu grau de envolvimento e assertividade.

Tarefa 3: No final dos três dias será passado um questionário aos alunos, semelhante ao inicial, para perceber a sua satisfação face às actividades.

Observações: O processo de avaliação deverá ser gerido pelo gestor de projecto, devendo este também responder aos questionários e devendo os questionários dos alunos e dos professores avaliar o seu desempenho, numa lógica construtiva.

III.1.1.3 Profissionais de Verão

ACTIVIDADE 20: REUNIÕES DE PREPARAÇÃO DAS ACTIVIDADES

Enquadramento geral: Os objectivos e planos de vida dos jovens são muito importantes para estes estarem motivados, sentindo que as suas aprendizagens fazem sentido. Independentemente da via profissional, é importante que os jovens se sintam motivados a continuar e que percebam as diversas opções que têm ao seus dispor, mesmo na cidade em que vivem, desenvolvendo uma atitude pró-activa sobre a mesma.

Objectivo: Preparar as actividades em conjunto com as empresas, de forma a aumentar a oferta de actividades de verão para jovens, promovendo com estas actividades um

[31] Valor que variará com o tipo de apoios existentes.

desenvolvimento de competências cívicas e interventivas. Pretende-se que os jovens e as empresas façam uma reflexão individual sobre as empresas, sobre aquilo que elas permitem e sobre o seu possível impacto na vida deles, da sociedade local e nacional.

Metodologia: Trabalho individual e de grupo.

Tarefa 1: Marcação de reunião com alguns elementos da equipa de trabalho e com as empresas parceira de forma a decidir estratégias para as actividades.

Tarefa 2: Reunião para fazer levantamento de ideias para actividades que vão ao encontro dos objectivos. Divisão de tarefas. Marcação de datas finais.

Tarefa 3: Trabalho individual sobre as metodologias a utilizar nas actividades com partilha e discussão online.

Tarefa 4: Marcação de reunião para apresentação de proposta de actividades.

Tarefa 5: Reunião para apresentação de actividades, discussão e finalização de estratégias.

Tarefa 6: Divulgação das actividades e recolha de inscrições.

Tarefa 7: Marcação de formação para os monitores, responsáveis das empresas e voluntários interessados em acompanhar os grupos.

Recursos Humanos: Gestor de projecto, monitores, voluntários e responsáveis pela empresa.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, Acesso à Internet, documentação do projecto.

Observações: As reuniões serão realizadas nas instalações das empresas, conforme disponibilidades de espaço e agenda.

ACTIVIDADE 21: ACTIVIDADES NAS EMPRESAS

Enquadramento geral: De forma a aumentar a oferta para os tempos livres dos jovens, serão criados três pequenos estágios de 15 dias, para grupos de 6 pessoas, ficando cada grupo numa empresa. Com estes estágios os jovens vão conhecer as empresas, perceber a sua importância e encontrar possíveis percursos dentro das mesmas.

Objectivos: Aumentar a oferta de actividades de verão para jovens, promovendo com estas actividades um desenvolvimento de competências cívicas e interventivas. Pretende-se que os jovens e as empresas percebam a importância de ambos no local, abrindo mentalidades a novos projectos locais e nacionais.

Metodologia: Exposição oral, discussão de casos, reflexão individual, reflexão em grupo, trabalho individual e em grupo.

Actividades: As actividades organizar-se-ão ao longo de quinze dias, na empresa, entre as 9h e as 17. Será feita uma apresentação e investigação sobre a empresa, realizando os alunos um trabalho de investigação sobre a mesma. Serão apresentadas as actividades que a empresa realiza aos alunos, e estes serão convidados a executar algumas tarefas. Os alunos deverão fazer um trabalho sobre a empresa, reflectindo sobre as seguintes questões: O que faz esta empresa? Que tipo de trabalho fazia há 10 anos? Como

cresceu? Quais as profissões que existem na empresa? O que eu gostava de fazer na empresa e porquê? Qual a importância desta empresa para mim e para o local? Porque é que eu sou importante para a empresa?

Com a ajuda de um monitor, os alunos deverão reflectir sobre as questões, quebrando alguns preconceitos existentes, abrindo espaço para novas ideias dentro da empresa.

Os alunos serão ainda estimulados a apresentarem os seus trabalhos no evento final do projecto.

Indicadores de avaliação: No final destas actividades os alunos envolvidos deverão reconhecer a importância das empresas locais na vida deles e da sociedade. Deverão ainda dar sentido aos conhecimentos que adquirem na escola.

Instrumentos de avaliação dos formandos e da actividade: Aplicação de questionários no primeiro dia a alunos e empresas de forma a perceber os conhecimentos adquiridos face aos objectivos e as suas expectativas. Deverão ser analisados os resultados obtidos nos trabalhos e realizados pelos jovens e, no final, será aplicado um novo questionário, no sentido de aferir as diferenças face ao início e perceber a satisfação global com o estágio.

Recursos Humanos: Gestor de projecto, monitores, responsáveis e técnicos das empresas.

Recursos Materiais: Material de divulgação do projecto e materiais para realização das actividades.

Observações: Os estágios decorrerão ao longo de 15 dias, com um grupo de 6 alunos por empresa (total de três empresas). Estes estágios serão financiados por parceiros e pela autarquia.

ACTIVIDADE 22: AVALIAÇÃO DAS ACTIVIDADES

Enquadramento geral: Ao longo das actividades recolher-se-ão dados para promover uma avaliação contínua do projecto. Esta avaliação será feita quer pelos envolvidos, quer pelos participantes que forem sendo envolvidos no projecto.

Objectivos: Recolher dados avaliativos que permitam perceber se os objectivos específicos foram atingidos, bem como estruturar melhorias no mesmo.

Metodologia: Aplicação de questionários.

Tarefa 1: No início das actividades será solicitado aos alunos o preenchimento de um questionário para perceber os conhecimentos existentes face às temáticas a explorar e perceber as suas expectativas.

Tarefa 2: Ao longo das diversas actividades os jovens realizarão actividades que darão resultados, que serão analisados mais tarde, de forma a perceber-se o seu grau de envolvimento e assertividade.

Tarefa 3: No final dos três dias será passado um questionário aos alunos, semelhante ao inicial, para perceber a sua satisfação face às actividades.

Observações: O processo de avaliação deverá ser gerido pelo gestor de projecto, devendo este também responder aos questionários e devendo os questionários dos alunos e dos professores avaliar o seu desempenho, numa lógica construtiva.

III.1.1.4 Apresentação final

ACTIVIDADE 23: PREPARAÇÃO DA APRESENTAÇÃO

Enquadramento geral: Sendo um projecto diferente que acontece localmente e sendo promovido por uma associação juvenil recente, é importante dar visibilidade ao mesmo, assim como a jovens que se envolveram activamente e se identificaram com este tipo de competências e necessidades de envolvimento local. Assim, os jovens serão convidados a apresentar o seu percurso e as suas ideias, formalmente, num evento apropriado[32].

Objectivo: Preparar as actividades em conjunto com os parceiros (empresas e outras entidades), de forma a mobilizar os jovens para apresentarem ideias para desenvolver no local. Pretende-se que os jovens apresentem ideias de como se envolverem civicamente no local, valorizando também as empresas e o património existente.

Metodologia: Trabalho individual e de grupo.

Tarefa 1: Marcação de reunião com alguns elementos da equipa de trabalho e com as empresas parceiras do concelho de forma a decidir estratégias para dinamizar o evento.

Tarefa 2: Reunião para decidir estratégias para dinamizar o evento. Divisão de tarefas. Marcação de data final.

Tarefa 3: Trabalho individual sobre as metodologias a utilizar nas actividades com partilha e discussão online.

Tarefa 4: Marcação de reuniões com colegas de outras organizações que já organizaram eventos parecidos.

Tarefa 5: Reuniões com colegas de outras organizações para partilha de boas práticas. Participação em eventos da mesma natureza.

Tarefa 6: Marcação de reuniões com possíveis parceiros para o evento.

Tarefa 7: Reunião para apresentação do evento a possíveis parceiros, no sentido de assumirem o papel de patrocinadores do evento.

Tarefa 8: Construção da imagética do evento.

Tarefa 9: Divulgação do evento e recolha de inscrições.

Recursos Humanos: Gestor de projecto, equipa da associação e responsáveis das empresas.

Recursos Materiais: Papel, Caneta, Computador, Acesso à Internet, documentação do projecto.

Observações: As reuniões serão realizadas nas instalações das empresas, conforme disponibilidades de espaço e agenda.

[32] Semelhante ao que acontece em eventos como TEdxYouth (por exemplo http://www.tedxyouthaveiro.com/), Ignite (http://igniteportugal.clix.pt/) ou Positive Conference (http://www.positiveconference.org/).

ACTIVIDADE 24: EVENTO

Enquadramento geral: Preparado o evento e realizado todo o projecto é importante dá-lo a conhecer a toda a comunidade, uma vez que esta deve estar sensibilizada com as questões, de forma a aumentar o impacto das actividades. Os jovens, ao longo das actividades serão convidados a apresentar as suas ideias para o local, de acordo com aquilo que acham que será o futuro para eles.

Objectivos: Realizar um evento que mostre a toda a comunidade a potencialidade dos jovens no município, reconhecendo o tecido empresarial que investir neles é vantajoso para todos.

Metodologia: Exposição oral, partilha de boas práticas, role play, trabalho individual e em grupo. Sensibilização da comunidade com actividades em vários locais da cidade.

Actividades: Apresentação de projectos propostos ou realizados por jovens; Apresentação de comunicações que estimulem e motivem a continuação dos projectos; Realização de diversos jogos pedagógicos com a comunidade (adaptados do que foi realizado na escola), dinamizados por jovens.

Indicadores de avaliação: No final destas actividades os alunos envolvidos deverão reconhecer a importância de projectos destes a nível local e associativo.

Instrumentos de avaliação dos formandos e da actividade: Aplicação de questionários de satisfação global sobre o final do evento aos participantes.

Recursos Humanos: Gestor de projecto, monitores, responsáveis e técnicos das empresas, voluntários, oradores das comunicações.

Recursos Materiais: Material de divulgação do projecto, materiais audiovisuais e materiais para realização das actividades.

ACTIVIDADE 25: AVALIAÇÃO DO EVENTO

Enquadramento geral: A avaliação é das partes mais importantes no projecto, pois é ela que pode garantir a sua qualidade e evolução, pelo que o evento, como momento de partilha e divulgação deve ser avaliado por todos os intervenientes.

Objectivos: Recolher dados avaliativos que permitam perceber se os objectivos da actividade foram atingidos.

Metodologia: Aplicação de questionários e analise da adesão dos jovens e respectivos parceiros ao evento.

Tarefa 1: No final do evento será recolhida a opinião de todos os envolvidos face ao evento através de questionários online.

Observações: O processo de avaliação deverá ser gerido pelo gestor de projecto, devendo este também responder aos questionários e devendo os questionários dos alunos e dos professores avaliar o seu desempenho, numa lógica construtiva.

III.1.1.5 Avaliação do Projecto

ACTIVIDADE 26. MONITORIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO GLOBAL DO PROJECTO

Enquadramento geral: Ao longo do projecto deve ser feita uma recolha contínua de informação sobre o projecto, indo sempre melhorando de forma contínua.

Objectivos: Definir e acompanhar o plano de avaliação do projecto.

Metodologia: Aplicação de questionários e análise da informação.

ACTIVIDADE 27. REUNIÃO COM A EQUIPA DE AVALIAÇÃO

Enquadramento geral: Com uma regularidade esporádica, a equipa de avaliação alargada deverá reunir e fazer um ponto de situação ao projecto, servido de consultores ao mesmo.

Objectivos: Definir e acompanhar o plano de avaliação do projecto, sugerindo melhorias.

Metodologia: Análise de dados, trabalho de grupo e individual e construção de um relatório final de avaliação do mesmo.

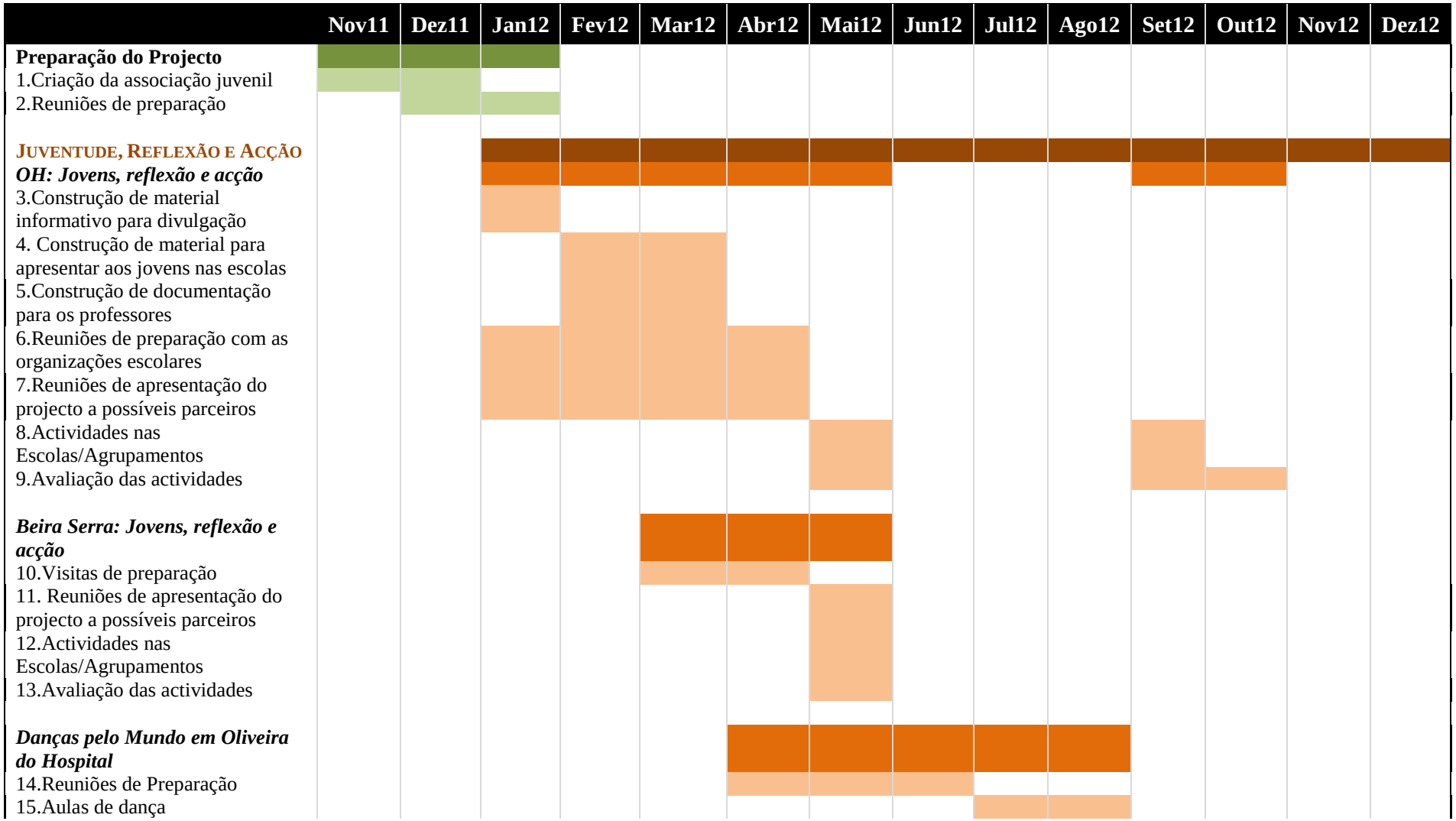
ACTIVIDADE 28. AVALIAÇÃO FINAL DO PROJECTO

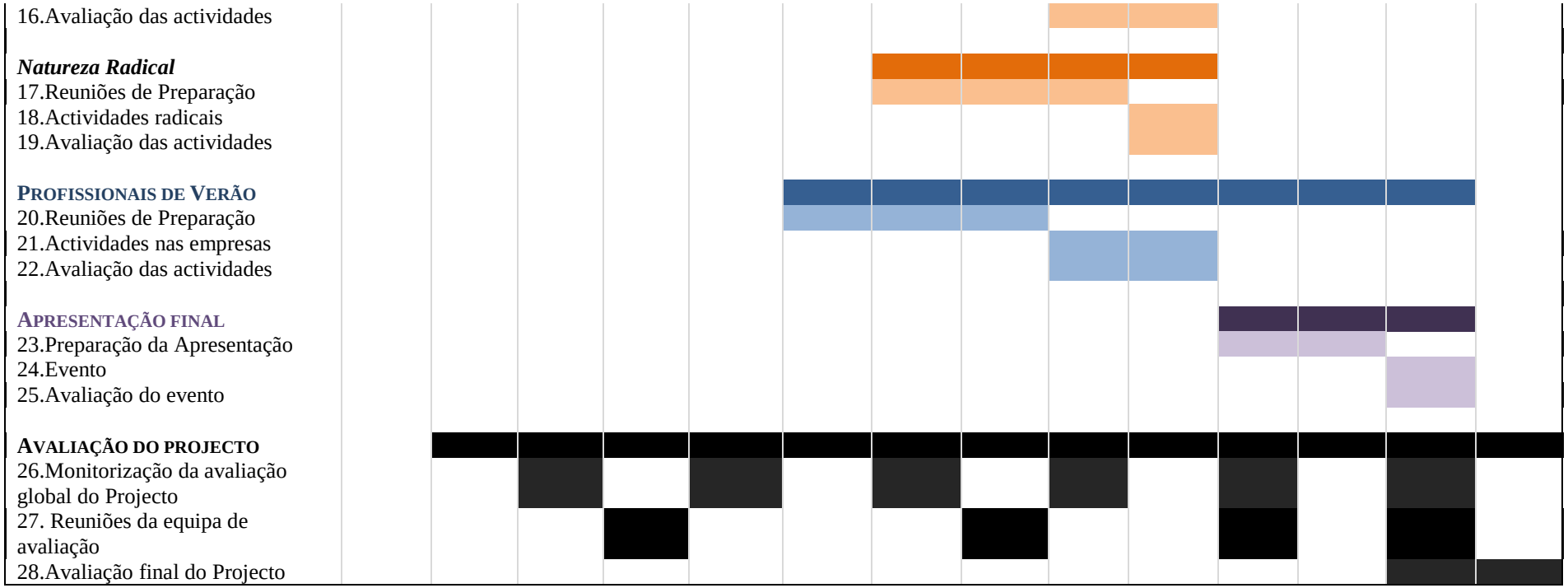
Enquadramento geral: No final do projecto deve ser feita toda a avaliação do mesmo, quer de forma a perceber o que correu bem ou mal, quer para estruturar alterações que permitam melhorar o mesmo, avaliando a hipótese se de repetir no ano a seguir.

Objectivos: Construção de relatório de avaliação final.

Metodologia: Análise de dados, trabalho de grupo e individual e construção de um relatório final de avaliação do mesmo.

III.1.2 Calendarização do Projecto




16.Avaliação das actividades
Natureza Radical
17.Reuniões de Preparação
18.Actividades radicais
19.Avaliação das actividades
PROFISSIONAIS DE VERÃO
20.Reuniões de Preparação
21.Actividades nas empresas
22.Avaliação das actividades
APRESENTAÇÃO FINAL
23.Preparação da Apresentação
24.Evento
25.Avaliação do evento
AVALIAÇÃO DO PROJECTO
26.Monitorização da avaliação global do Projecto
27. Reuniões da equipa de avaliação
28.Avaliação final do Projecto

IV. PLANO DE AVALIAÇÃO DO PROJECTO

A avaliação do projecto é uma das partes mais importantes do mesmo e deverá ser feita de forma continuada e construtiva, pressupondo a criação de mecanismos de avaliação contínua para os diversos participantes. Não é apenas no final do projecto que se deve pensar na avaliação, esta deve ser devidamente planeada, de forma a existirem espaços específicos de monitorização da avaliação ao longo do projecto, bem como um espaço de finalização e construção do relatório final, no fim de todas as actividades.

Avaliar o projecto é, entre outras coisas, perceber se os objectivos previstos foram ou não atingidos e o porquê disso acontecer. Para avaliar este projecto seguir-se-ão as linhas de Isabel Guerra (2002), pois importa existir um "plano de avaliação" que se estruture em função do projecto previsto, sendo acompanhado de "mecanismos de autocontrolo que permitem, de forma rigorosa, ir conhecendo os resultados e os efeitos da intervenção e corrigir as trajectórias caso estas sejam indesejáveis".

A avaliação neste projecto servirá como uma unidade de medida, medindo os seus resultados finais e interpretando-os; servirá de instrumento de apoio à tomada de decisão, uma vez que, se for positiva, poderá servir de justificação à continuidade e evolução do projecto; será um processo de formação, pois ao se avaliar continuamente o projecto várias são as reflexões que são feitas, logo várias são as aprendizagens pois muitas alterações vão sendo feitas ao longo do desenrolar do projecto; e, servirá de aprofundamento da democracia participativa, assumindo aqui uma dupla função neste projecto, pois é uma das características que se pretende desenvolver nos jovens que, de forma contínua serão chamados a dar a sua opinião sobre o projecto, opinião que pode originar mudança nas fases seguintes.

Neste sentido, várias serão as opções a tomar neste processo, passando a apresentar alguns aspectos relevantes.

- **A equipa**

Desde o início do projecto será constituída uma equipa de auto-avaliação do mesmo, que aplicará e acompanhará toda a monitorização do mesmo. Esta equipa deve ter representantes com diferentes características, dividindo-se entre uma equipa alargada, que funciona como consultora do projecto, para realização de brainstorming ou recolha de opiniões sobre dúvidas que existam; e uma equipa restrita, que acompanhará e monitorizará todo o processo de avaliação no terreno.

A equipa restrita deverá contar com a participação do gestor de projecto, de um representante da autarquia, um professor, um representante da associação juvenil e dois jovens integrados nos dois grupos etários (12 aos 14 anos e 15 aos 18 anos).

A equipa alargada contará com a equipa restrita mais dois representantes das empresas, dois jovens entre os 18 e os 23 anos e dois presidentes da junta.

↳ Identificação dos participantes na avaliação

No que se refere ao tipo de avaliação utilizada quanto àqueles que nela participam, esta será uma **avaliação mista**, pois combina vários tipos de avaliação. Por um lado, a *auto-avaliação* pois os membros da equipa deverão avaliar o projecto em três momentos, em Maio, depois das primeiras visitas às escolas, em Setembro depois das actividades com as empresas e de dança e em Dezembro, no final. A *avaliação pelo público-alvo* será aquela mais visível, pois os jovens envolvidos nas actividades, bem como os representantes das empresas, serão chamados a avaliar todas as actividades em que estiverem envolvidos. Por outro lado, será solicitado à associação juvenil e à autarquia (membros que não participem no projecto) que avaliem o projecto no final, realizando-se assim uma a*valiação interna.* Por fim, no final, serão seleccionados alguns membros da comunidade, não envolvidos na coordenação ou gestão do projecto, para falarem sobre o q acharam do mesmo, realizando-se assim a a*valiação externa*.

↳ Temporalização e calendário da avaliação

Relativamente à temporalidade, será utilizada uma *avaliação de acompanhamento* (on going), uma vez que em vários momentos será solicitado aos intervenientes a sua avaliação do projecto, permitindo uma correcção ou redefinição do mesmo, no decorrer do projecto. Esta avaliação será uma *avaliação processual*, no que se refere à sua incidência.

A *avaliação final* (ex-post) também será utilizada, uma vez que mede os resultados e efeitos do projecto, comparando os objectivos definidos com os alcançados. Por último, será ainda tida em conta a *avaliação dos impactos sociais,* pois mede os resultados a médio prazo e toma como referência as finalidades do projecto. Ou seja, os questionários deverão ser aplicados aos alunos passado um ano da finalização do projecto. Estes dois tipos de avaliação incluem-se na *avaliação por objectivos*, no que se refere à sua incidência.

↳ Indicadores de execução e de Impacto

Para executar os tipos de avaliação já referidos, o projecto terá *indicadores de execução* e *indicadores de impacto*.

Os *indicadores de execução* permitem avaliar a concretização do projecto e dividem-se em indicadores de eficácia, indicadores de eficiência e indicadores de análise de custo-benefício. Relativamente aos indicadores de eficácia, medem as acções realizadas com as acções realizadas face às previstas, os objectivos atingidos face aos previstos e o publico-alvo previsto. O que significa que, aferidos os resultados, são comparados com os dados apresentados nos pontos anteriores. Quanto aos indicadores de eficiência, estes vão avaliar os objectivos atingidos com as actividades avaliadas, bem como os recursos utilizados face aos previstos. Já os indicadores de análise de custo-benefício dizem respeito aos valores do projecto, avaliando-se o custo total do projecto face ao e face ao número de indivíduos abrangidos e face às actividades realizadas.

Os *indicadores de impacto* dizem respeito à avaliação dos efeitos do projecto a médio prazo, com base na operacionalização da finalidade do projecto. Com isto, pretende-se fomentar competências de cidadania participativa nos jovens, esperando que ao final de dois anos a associação tenha mais de 150 sócios, esperando também que o número de jovens envolvidos e processos de voluntariado aumente em 20%. Por outro lado, pretende-se aumentar as ofertas de ocupação de férias dos jovens esperando que ao fim de três anos os alunos tenham uma ocupação de férias mais activa e diversificada.

↳ Instrumentos de avaliação

Para realizar todo este processo avaliativo, a equipa deve construir os seus instrumentos, de forma a estarem válidos e adequados ao contexto. Neste projecto os instrumentos mais utilizados serão os questionários online e a observação das actividades que os jovens realizam. Estes serão aplicados em todas as actividades desenvolvidas, no início da actividade para aferir expectativas e perceber o conhecimento dos mesmos e no final, para perceber as diferenças e as satisfações face às actividades.

Também muito importantes são as reuniões da equipa alargada de avaliação, que ocorrerão em quatro momentos e as reuniões com a equipa restrita, que decorrerão aproximadamente de dois em dois meses, conforme cronograma.

V. RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS E ORÇAMENTO

Qualquer que seja o projecto de intervenção que se construa ou se pretenda implementar, os recursos humanos são um dos factores principais. Por outro lado, importa ter noção dos materiais que serão necessários, uma vez que estes também interferem com o orçamento que, por sua vez, deve ser muito claro e objectivo.

No que se refere aos recursos humanos o projecto terá três tipos: o gestor de projecto que estará a tempo inteiro, três monitores nos dias das actividades e respectiva preparação e dois professores de dança, para as aulas de dança.

Será muito importante que o gestor de projecto exerça as suas funções a tempo inteiro, uma vez que a coordenação de todas as actividades e recursos são fulcrais para o sucesso do projecto. O facto de a autarquia não dispor de recursos humanos técnicos para este efeito e o facto de a associação basear a sua acção em regime de voluntariado, reforça esta necessidade. Este técnico acompanhará todas as actividades, tendo flexibilidade de horário, uma vez que as actividades se articularão em horários diferentes. Este técnico deverá ser licenciado na área das Ciências Sociais (com preferência na área das Ciências da Educação).

Serão necessários três animadores para a função de monitores do projecto, acompanhando estes a construção e dinamização da maioria das actividades. É importante que estes tenham formação técnico-profissional na área. Estes animadores poderão ser profissionais ou pode ser articulada uma estratégia com o curso profissional de animação existente no concelho. Estes técnicos serão contratados a meio tempo, com horário dependente das actividades.

Por outro lado, existirá uma parceria com uma empresa de actividades radicais que colaborará no projecto, trabalhando o gestor de projecto e os monitores em conjunto com os recursos humanos desta empresa.

Os recursos materiais serão os espaços e materiais específicos a cada tipo de actividade, algum material de escritório e diversos materiais pedagógicos e de divulgação do projecto. Estes materiais serão construídos pela equipa.

No que se refere ao espaço onde o projecto ficará sediado, será feito um protocolo com a BLC3, que cederá espaço de alocação do mesmo.

Quanto ao orçamento, foi aferido um valor total de 21 mil euros para a realização de todas as actividades, caso fossem todas sem custos para os jovens (ver

orçamento no Anexo 31[33]). No entanto, várias serão as estratégias de financiamento que se articularão no desenrolar do projecto, tendo algumas actividades um custo por inscrição.

[33] Orçamento adaptado de modelo de orçamento para candidaturas ao IPAD.

CONCLUSÃO

Antes de avançar com conclusões sobre os aspectos investigados no projecto, importa desde já destacar que este é resultado de um gosto muito pessoal e individual pela intervenção no interior rural, uma vez que muitos são os campos que urgem de intervenção e nos quais os impactos seriam notórios para o desenvolvimento local e global.

Ao longo da elaboração deste trabalho tentou-se obter informação recorrendo a diversos instrumentos, seja através de inquéritos, entrevistas ou conversas informais. O conhecimento pessoal do território também contribuiu positivamente para a obtenção de toda a informação necessária ao planeamento e estruturação do projecto a executar, tendo existido sempre cuidado em adoptar uma perspectiva imparcial, não se deixando influenciar por preconceitos já adquiridos.

É de destacar como limitação da investigação o facto de não existirem dados referentes à opinião dos pais sobre o assunto e à opinião dos jovens do Agrupamento Brás Garcia de Mascarenhas que não permitiu a aplicação dos questionários em tempo útil ao planeamento do projecto.

Foi, assim, possível perceber que há poucas ocupações de tempos livres para os jovens no Concelho de Oliveira do Hospital e que estes acabam por passar muito tempo sem fazer nada de muito relevante, dividindo os seus tempos livres entre casa, ver programas televisivos, saídas com os amigos, idas à praia, rio e piscina, ou pela prática de desporto (na sua maioria o futebol). Comparando as oportunidades deste local, com as existentes noutro mais junto ao litoral ou a uma cidade maior, é notável a necessidade de intervenção que existe aqui.

Outra ideia que foi adquirida no decorrer do projecto é a de que os jovens locais também se envolvem pouco na vida do concelho e adoptam uma postura afastada das práticas de cidadania activa e de democracia participativa – esta é uma realidade mais acentuada na capital do Concelho do que nas localidades que a rodeiam. No entanto, há a clara percepção de que se os jovens forem correctamente motivados e orientados até participam e há casos em que, uma vez motivados dão tudo de si.

Apesar disto, é ideia generalizada é que os jovens deste concelho têm potencial e merecem que haja uma dedicação da parte dos técnicos, no sentido de gerar mais oportunidades e, desse modo, nutrir e fomentar o potencial existente.

As pessoas com quem se abordou o assunto concordam com a necessidade de existência de mais actividades de ocupação dos tempos livres, e que estas podem e devem contribuir para envolver mais os jovens e para os capacitar, quer em termos profissionais, quer em termos de uma autonomia pró-activa e cívicas. Além disso, há abertura para a existência de novas actividades e perspectiva-se que exista adesão, quer por parte dos jovens, quer por parte dos vários actores do Concelho, incluindo órgãos autárquicos e empresas. Mesmo a possibilidade de estas actividades serem pagas não é descartada e é opinião comum que se o valor a pagar for razoável, a adesão far-se-á notar na mesma – adesão tanto em nome individual, por parte dos alunos, como por parte de empresas interessadas em ocupar os tempos livres dos filhos dos seus funcionários.

A ideia de avançar para a execução deste projecto com a constituição de uma associação é também bem vista e há abertura para parcerias, sendo um movimento pró-activo cívico concelhio, com a missão de apoiar os jovens neste tipo de participação.

Assim sendo, toda a informação recolhida suporta os objectivos e passos idealizados para este projecto, que se afigura como de execução exaustiva, mas que poderá ser muito facilitada pela aceitação que se encontrou no terreno e pelo envolvimento que se perspectiva por parte das entidades e dos jovens.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação*. Porto: Edições ASA.

AMIGUINHO, A. (2008). *A escola e o futuro do mundo rural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

AZEVEDO, R, (1993). Três elementos fundamentais do desenvolvimento local: os animadores locais, as redes de cooperação e o partenariado in Silva e Costa, M. e NEVES, J. (Coord.). *Autarquias locais e desenvolvimento*. Porto: Afrontamento.

BARROSO, T. (2010). Colaboradores saudáveis, negócios saudáveis. Entrevista a Alexandra Pires, DRH do Grupo Xerox. *In Human Resources Portugal*. N.º 7. Dezembro 2010. Pp. 16-20.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

BUARQUE, S. (1999). *Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável*. Brasília: MEPF, INCRE e IICA.

CANÁRIO, R. (1995). *Desenvolvimento local e educação não-formal.* Educação e Ensino. 11:31-34.

CANÁRIO, R. (1999). *A educação de Adultos. Um Campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa.

CANÁRIO, R. (2000). A escola no mundo rural. Contributos para a construção de um objecto de estudo. *in Educação, Sociedade e Culturas*. 14: 121-139.

CANÁRIO, R. (2006) Aprender a ser Ensinado: A importância estratégica da educação não formal *in Conselho Nacional de Educação*.

CANÁRIO, R. (2006). *Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. Conselho Nacional de Educação*. Debate Nacional sobre Educação. 1-49.

CANÁRIO, R., Alves, N. e Rolo, C. (2001). *Escola e Exclusão Social.* Lisboa: Educa e Instituto de Inovação Educacional.

DELICADO, A. (2006). *Associativismo, Voluntariado e Cidadania: os jovens em Portugal e na Europa*. Comunicação apresentada no Colóquio Internacional Movimento Estudantil: dilemas e perspectivas.

ESTRELA, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores.* Porto: Porto Editora.

FERNANDES, A. (2005). *As/os jovens e a participação cívica e política.* Comunicação apresentada no Congresso intitulado Participação equilibrada de mulheres e homens nos processos de tomada de decisão política e económica. Lisboa.

FERREIRA, F. I. (2005). *O Local em Educação. Animação, Gestão e Parceria*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

FLIK, U. (2005) *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.

Gil, A. (2007). *Como elaborar Projectos de Pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas.

GONÇALVES, M. e FERNANDES, M. (s/d) (coord.) Motivar os Adultos para a Aprendizagem – MAPA. Olhares Cruzados Sobre Educação Não Formal. Análise de Práticas e Recomendações. Lisboa: Direcção-Geral de Formação Vocacional.

GONZÁLEZ, P. (2002). *O Movimento da Escola Moderna*. *Um percurso cooperativo na construção da profissão docente e no desenvolvimento da pedagogia escolar*. Colecção Infância. n.º 9. Porto: Porto Editora.

GUERRA, I. (2006). *Fundamentos e processos de uma sociologia da acção. O planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia.

Hill, M., Hill, A. (2005). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

KHONDKE, H. H. (2004). Glocalization as Globalization: Evolution of a Sociological Concept in *Bangladesh e-Journal of Sociology*. Vol. 1. No. 2. July, 2004 (disponível em http://www.bangladeshsociology.org/Habib%20-%20ejournal%20Paper%20GlobalizationHHK,%20PDF.pdf e visualizado em Setembro de 2011).

LIMA, L. (2005). A Educação de Adultos em Portugal (1974-2004): Entre as lógicas da educação popular e da gestão de recursos humanos in *Educação e Formação de Adultos: Mutações e Convergências.* Lisboa: Educa.

MAGALHÃES, P. e MORAL, J. (2008). *Os jovens e a política. Um estudo do Centro de Sondagens e Estudos de Opinião da Universidade Católica Portuguesa* Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

MATOS, J. (2005). Educação para a cidadania in Carvalho, C., Sousa, F. e Pintassilgo, J. (Org.). *A educação para a cidadania como dimensão transversal do currículo*. Colecção Educação, teoria e prática. Porto: Porto Editora.

MEM. *Movimento da Escola Moderna.* (disponível em http://www.movimentoescolamoderna.pt/ e visualizado em Setembro de 2011)

MEYROWITZ, J. (s/d) *The Rise of Glocality New Senses of Place and Identity in the Global Village* (disponível em http://www.socialscience.t-mobile.hu/dok/8_Meyrowitz.pdf e visualizado em Setembro de 2011).

MUNICÍPIO DE OLIVEIRA DO HOSPITAL. *Estatísticas de alunos por escolas no Ensino Não Superior Público. Dados até ao ano lectivo de 2010/2011.*

NUNES, U. e Hoven, R. (1996). Trabalho comunitário: Fundamentos e contextos de acção in Hoven, R. e Nunes, M. (Org.). *Desenvolvimento e acção local*. Lisboa: Fim de século.

PEDROSO, P. (1998). *Formação e desenvolvimento Rural.* Lisboa: Celta Editora.

PERRENOUD, P. (2002). *A escola e a aprendizagem da democracia.* Porto: ASA.

RODRIGUES, F. e STOER, S. (1998). *Entre parceria e partenariado*. Oeiras: Celta Editora.

SARMENTO, M. e FERREIRA, F. (1995) Comunidades educativas: a ideia pedagógicas e a realidade organizacional *in* Estrela, A., Barroso,J. e Ferreira, J. (Ed.) *A Escola: Um objecto de Estudo.* (349-383). Lisboa: AFIRSE.

SARMENTO, M e OLIVEIRA, J. (2005) *A Escola é o melhor do povo. Relatório de revisão institucional do projecto das escolas rurais*. Maia: Profedições.

SITE DA CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DO HOSPITAL (disponível em www.cm-oliveiradohospital.pt/site/o_concelho/caracterizacao_demografica/caracterizacao_demografica_index.php e visualizado em Julho de 2008).

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

TRABALHO DE PROJECTO

Sentir a Educação no Mundo Rural: conhecer para intervir

- ANEXOS -

Fátima Patrícia Amaral Figueiredo

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE

EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de especialização em Formação de Adultos

Trabalho de Projecto orientado pela Professora Doutora Natália Alves

2011

Índice

Guiões de Entrevistas 5

Anexo 1 - Entrevista semi-directiva ao Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital 7

Anexo 2 - Entrevista semi-directiva ao Dr. Miguel Ventura (ADIBER) 13

Anexo 3 - Entrevista semi-directiva à Vereadora de Educação e Cultura do Município de Oliveira do Hospital 21

Anexo 4 - Entrevista semi-directiva ao Frederico Lucas 27

Anexo 5 - Entrevista semi-directiva a possíveis parceiros empresariais 33

Anexo 6 - Entrevista de grupo a três jovens do Concelho de Oliveira do Hospital 39

Questionários 45

Anexo 7 – Exemplo de carta de apresentação à escola 47

Anexo 8 – Exemplar de questionário final 49

Anexo 9 – Exemplo de carta ao Director de Turma 53

Anexo 10 – Carta explicativa a solicitar autorização para os pais 55

Anexo 11 – Exemplar de questionário aplicado aos alunos 57

Anexo 12 – Codificação do questionário para base de dados 61

Anexo 13 – Base de dados dos questionários 65

Anexo 14 - Análise estatística dos questionários 67

Anexo 15 – Análise e descrição dos resultados dos questionários 69

Entrevistas 77

Anexo 16 – Transcrição da entrevista semi-directiva ao Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital 79

Anexo 17 – Transcrição da entrevista semi-directiva ao Dr. Miguel Ventura (ADIBER) 95

Anexo 18 – Transcrição da entrevista semi-directiva à Vereadora de Educação e Cultura do Município de Oliveira do Hospital 113

Anexo 19 – Transcrição da entrevista semi-directiva a Frederico Lucas 131

Anexo 20 – Transcrição da entrevista semi-directiva ao Parceiro A 145

Anexo 21 – Transcrição da entrevista semi-directiva ao Parceiro B 151

Anexo 22 – Transcrição da entrevista semi-directiva ao Parceiro C 161

Anexo 23 – Transcrição da entrevista semi-directiva ao Parceiro D 167

Anexo 24 – Transcrição da entrevista de grupo a três jovens do Concelho de Oliveira do Hospital 173

Anexo 25 – Análise temática das entrevistas 197

Tema: Características do interior, dos jovens e a sua ocupação dos tempos livres.. 197
Tema: Educação para a cidadania: associativismo, democracia e voluntariado 201
Anexo 26 – Fichas de caracterização dos entrevistados..... 207
Anexo 27 – Conversas informais..... 210
Anexo 28 – Projectos considerados boas-práticas..... 211
Anexo 31 – Orçamento do Projecto 207

Guiões de Entrevistas

Anexo 1 - Entrevista semi-directiva ao Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital

Objectivos gerais:

1. Compreender o tipo de ocupação de jovens nas férias, que existe no concelho de Oliveira do Hospital;
2. Perceber a relação entre actividades de ocupação dos jovens e desenvolvimento de competências pessoais e sociais;
3. Perceber qual o envolvimento associativo e participativo dos jovens na sociedade local;
4. Perceber qual a relação entre as escolas existentes e o desenvolvimento de competência de cidadania activa e participativa;
5. Compreender a relação entre cidadania activa e empreendedorismo pessoal.
6. Perceber as necessidades de formação dos jovens.

Tema	Subtema	Indicadores	Questões	Observações
A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	-	1.Identificar o entrevistador.	1. Apresentar o entrevistador.	
		2.Identificar os traços gerais do trabalho.	2. Explicar as razões da entrevista.	
		3.Reforçar o a ideia de que o contributo da entrevistada é imprescindível, agradecendo a sua colaboração.	3. Transmitir ao entrevistado o meu sincero agradecimento, pondo em relevo a importância do seu contributo, pedindo desculpa por algum erro.	
B Ocupação dos tempos livres	B1. Oportunidades dos jovens no concelho e na região	1. Identificar o tipo de trabalho que o entrevistado faz com os jovens.	1. No seu trabalho contacta com jovens? De que forma? O que faz?	
		2. Identificar as características dos jovens e as suas carências.	2. Como vê os jovens de Oliveira do Hospital? (Características…) 2.1 Como é que acha que eles vêm o interior e o	

		desenvolvimento?
	3. Identificar as actividades dos jovens nas férias.	3. O que fazem os jovens nas férias?
	4.Identificar as actividades que existem, como são estruturadas e qual a sua pertinência no concelho.	4. Acha que as actividades existentes para ocupação dos jovens nas férias respondem às necessidades deles?
		4.1 Que tipo de actividades existem no concelho? (ter em atenção as várias freguesias). 4.2 Quanto tempo lhes ocupa? 4.3 Como são estruturadas (temas, planeamento, metodologias)? 4.4 Como são decididas as metodologias? 4.5 Estas metodologias têm algum objectivo específico? 4.6 Acha que é importante os jovens terem actividades planeadas nas férias?
B2. Ocupação dos tempos livres dos Jovens	5. Identificar as competências que os jovens adquirem com a realização das actividades (as que já acontecem e as que deveriam acontecer).	5. Quais as competências que acha que os jovens desenvolvem/adquirem?
	6. Identificar estratégias para desenvolver as competências a adquirir.	5.1 O que acha que ainda lhes faz falta desenvolver? 6. Acha que se podiam organizar actividades nesse sentido?

			6.1 Quais as limitações que existem ou podem existir para isso não acontecer?
		7. Clarificar as oportunidades dos jovens face ao contexto local/concelhia/ nacional.	7. Como vê as oportunidades dadas aos jovens no concelho de Oliveira do Hospital (ou zona).
			7.1 Acha que as oportunidades são iguais em todas as freguesias?
		8. Perceber a receptividade dos pais face a estas actividades.	7.2 E a nível de escolas? Acha que todas as escolas (regulares e profissional) dão as mesmas oportunidades aos jovens?
			8. Como vê a participação e apoio dos pais nas actividades realizadas pelos jovens no concelho?
C Educação para a cidadania: associativismo, democracia e voluntariado	C1. O Jovens, a Cidadania e participação democrática	1. Perceber como funciona a participação democrática dos jovens no concelho.	1. Acha que os jovens participam na vida do concelho?
			1.1 Porquê?
		2. Encontrar formas de aumentar e melhorar a participação dos jovens.	1.2 Porque acha que isso acontece?
			2. O que acha que se poderia fazer para esta participação aumentar?
	C2. O Jovens, a Cidadania e o Voluntariado	3. Identificar as formas/tipos de voluntariado que existem localmente.	3. No que se refere ao voluntariado, há no concelho?

		3.1 Que tipo? 3.2 Como é promovido o voluntariado no concelho? 3.3 Que tipo de voluntariado faz sentido fazer no concelho? 3.4 Qual o impacto?
	4. Perceber a adesão dos jovens ao voluntariado.	4. Os jovens fazem voluntariado? 4.1 Qual acha que poderia ser o papel dos jovens no voluntariado?
C3. Os Jovens, a Cidadania e o Associativismo	5. Identificar os tipos de associativismo que existem no concelho e a adesão aos jovens ao mesmo.	5. E quanto ao associativismo, acha que há associativismo no concelho? 5.1 Que tipo? 5.2 Os jovens participam? Em que áreas? 5.3 E os estabelecimentos educativos, acha que trabalham esta vertente nos alunos? Porquê? 5.4 O que fazem?
	6. Identificar práticas de promoção de empreendedorismo no concelho.	6. No que se refere ao empreendedorismo e às actividades de promoção para o empreendedorismo, o que tem sido feito nessa matéria?
C4. Os Jovens, a Cidadania e o Empreendedorismo		6.1 Quais as competências desenvolvidas? 6.2 Acha que são importantes? 6.3 Como se podem promovem as competências para o espírito

			empreendedor?
		7. Perceber a relação entre as competências de empreendedorismo e as competências para uma cidadania cívica activa.	7. Acha que estas competências têm alguma relação com as competências necessárias para uma cidadania activa?
	C5. Relação entre competências cívicas e a escola	8. Perceber se estas competências são desenvolvidas no ensino (regular e profissional).	8. Quais as competências que acha que são necessárias para desenvolver nos jovens? 8.1 Acha que a escola promove este tipo de competências (que temos abordado)? 8.2 De que forma? 8.3 Acha que é igual nos vários tipos de ensino? 8.4 Acha que os professores ou a escola têm influência na forma como os jovens participam na vida cívica?
D Finalização da entrevista/ Agradecimentos	-	1.Saber se existe algo importante que o entrevistador deva saber. 2.Agradecer ao professor a sua disponibilidade e importância na realização do nosso trabalho.	1.Perguntar ao entrevistado se existe alguma situação, caso ou aspecto que ele gostaria de referir. 2.Referir ao entrevistado que o seu contributo é extremamente importante na realização do trabalho, agradecendo.

Anexo 2 - Entrevista semi-directiva ADIBER

Objectivos gerais:

1. Conhecer a ADIBER e a sua relação com o trabalho com os jovens (entre os 12 e os 18);
2. Compreender o tipo de ocupação de jovens nas férias, que existe no concelho de Oliveira do Hospital;
3. Perceber qual a pertinência das actividades de ocupação dos jovens nas férias;
4. Perceber a relação entre actividades de ocupação dos jovens e desenvolvimento de competências pessoais e sociais;
5. Perceber qual o envolvimento associativo e participativo dos jovens na sociedade local;
6. Compreender a relação entre cidadania activa e empreendedorismo pessoal.

Tema	Subtema	Indicadores	Questões	Observações
A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	-	1.Identificar o entrevistador. 2.Identificar os traços gerais do trabalho. 3.Reforçar o a ideia de que o contributo da entrevistada é imprescindível, agradecendo a sua colaboração.	1. Apresentar o entrevistador. 2. Explicar as razões da entrevista. 3. Transmitir ao entrevistador o meu sincero agradecimento, pondo em relevo a importância do seu contributo, pedindo desculpa por algum erro.	
B ADIBER e a intervenção junto dos jovens	B1. Contextualização ADIBER	1. Conhecer as áreas de intervenção da ADIBER, particularmente em Oliveira do Hospital. 2. Conhecer as linhas de financiamento e como é feito o processo de candidatura.	1. Sem muitos pormenores, só para contextualizar, pode-me apresentar a ADIBER e as suas linhas de actuação. 1.1 Qual a intervenção que é feita no Concelho de Oliveira do Hospital? 2. Como funcionam as linhas de financiamento?	

		2.1 Só do PRODER? Outros financiamentos?	
		2.2 Como são feitas as candidaturas?	
	3. Perceber o contexto de intervenção com os jovens (12 aos 18 anos)	3. No que se refere às candidaturas e áreas de intervenção, trabalham com jovens (12 aos 18 anos)?	(perceber o se nas linhas de intervenção está presente a educação e formação de adultos no desenvolvimento local).
	4. Perceber a pertinência da ocupação dos jovens nas férias nas linhas de intervenção/financiamento da ADIBER.	4. Como vê o financiamento destes tipos de projecto?	
		4.1 Acha que é possível fazer candidaturas a financiamento por parte da ADIBER para intervir com os jovens nas férias?	
B2. Relação entre linhas de financiamento e a intervenção com jovens	5. Perceber se há necessidade de formação específica para dinamizar este tipo de actividades	5. Sei que algumas técnicas têm trabalhado com o público em questão, acha que elas têm as competências necessárias?	
		5.1 Quais são (se sim)?	
		5.2 Onde as adquiriram (se sim)?	
		5.3 Acha que precisam de formação adequada?	
		5.4 Que tipo de formação (se sim)?	
B3. Oportunidades dos jovens no concelho e na região	6. Perceber a percepção que o entrevistado tem dos jovens face à participação cívica.	6. Como vê os jovens e a sua participação cívica na sociedade?	
		6.1 O que acha que devia ser feito	

		neste sentido?
	7. Perceber a opinião que o entrevistado tem sobre as oportunidades dadas aos jovens (12-18 anos).	6.2 Como é que acha que eles vêm o interior e o desenvolvimento? 7. Como vê as oportunidades dadas aos jovens no concelho de Oliveira do Hospital (ou zona). 7.1 Acha que as oportunidades são iguais em todas as freguesias?
C Ocupação dos tempos livres	1. Identificar o tipo de trabalho que o entrevistado faz com os jovens.	1. No seu trabalho contacta com jovens? De que forma? O que faz?
	2. Identificar as actividades que existem, como são estruturadas e qual a sua pertinência no concelho.	2. Conhece a ocupação dos jovens nas férias no concelho de Oliveira do Hospital? 2.1 Tem ideia do que estes fazem nas férias? 2.2 Acha que as actividades existentes para ocupação dos jovens nas férias respondem às necessidades deles? 2.3 Quem as promove? 2.4 Acha que é importante os jovens terem actividades planeadas nas férias?
	3. Identificar as competências que os jovens adquirem com a realização das actividades (as que já acontecem e as que deveriam acontecer).	3. Quais as competências que acha que os jovens desenvolvem/adquirem?

	C1. Ocupação dos tempos livres dos jovens nas férias	4. Identificar estratégias para desenvolver as competências a adquirir.	3.1 O que acha que ainda lhes faz falta desenvolver? 4. Acha que se podiam organizar actividades nesse sentido? 4.1 Quais as metodologias mais adequadas? 4.2 Quais as limitações que existem ou podem existir para isso não acontecer?
		5. Perceber a receptividade dos pais face a estas actividades.	5. Como vê a participação e apoio dos pais nas actividades realizadas pelos jovens no concelho?
		6. Perceber a possível relação entre estas actividades e a valorização do interior e/ou da zona.	6. Como acha que se pode ajudar a valorizar o interior/Beira Serra?
D Educação para a cidadania: associativismo, democracia e voluntariado	D1. Os Jovens, a Cidadania e participação democrática	7.Perceber como funciona a participação democrática dos jovens no concelho. 8. Encontrar formas de aumentar e melhorar a participação dos jovens.	7. Acha que os jovens participam na vida do concelho? 7.1 Porquê? 1.2 Porque acha que isso acontece? 2. O que acha que se poderia fazer para esta participação aumentar?
	D2. Os Jovens, a	9.Identificar as formas/tipos de	9. No que se refere ao voluntariado,

Cidadania e o Voluntariado	voluntariado que existem localmente.	há no concelho?
		9.1 Que tipo?
		9.2 Como é promovido o voluntariado no concelho?
	10.Perceber a adesão dos jovens ao voluntariado.	9.3 Que tipo de voluntariado faz sentido fazer no concelho?
		91.4 Qual o impacto?
		10. Os jovens fazem voluntariado?
		10.1 Qual acha que poderia ser o papel dos jovens no voluntariado?
	11. Identificar os tipos de associativismo que existem no concelho e a adesão aos jovens ao mesmo.	11. E quanto ao associativismo, acha que há associativismo no concelho? Que tipo?
D3. Os Jovens, a Cidadania e o Associativismo		11.1 Os jovens participam? Em que áreas?
		11.2 E os estabelecimentos educativos, acha que trabalham esta vertente nos alunos? Porquê?
		11.3 O que fazem?
	12. Identificar práticas de promoção de empreendedorismo no concelho.	12. No que se refere ao empreendedorismo e às actividades de promoção para o
D4. Os Jovens, a		

Cidadania e o Empreendedorismo		empreendedorismo, o que tem sido feito nessa matéria? 12.1 Quais as competências desenvolvidas? 12.2 Acha que são importantes? 12.3 Como se podem promovem as competências para o espírito empreendedor?
	13. Perceber a relação entre as competências de empreendedorismo e as competências para uma cidadania cívica activa.	13. Acha que estas competências têm alguma relação com as competências necessárias para uma cidadania activa?
	14. Perceber se estas competências são desenvolvidas no ensino (regular e profissional).	14. Quais as competências que acha que são necessárias para desenvolver nos jovens?
D5. Relação entre competências cívicas e a escola		14.1 Acha que a escola promove este tipo de competências (que temos abordado)? 14.2 De que forma? 14.3 Acha que é igual nos vários tipos de ensino? 14.4 Acha que os professores ou a escola têm influência na forma como os jovens participam na vida cívica?
-	1.Saber se existe algo importante que o	1.Perguntar ao entrevistado se existe alguma situação, caso ou aspecto

E	Finalização da entrevista/ Agradecimentos	entrevistador deva saber. 2.Agradecer ao professor a sua disponibilidade e importância na realização do nosso trabalho.	que ele gostaria de referir. 2.Referir ao professor que o seu contributo é extremamente importante na realização do trabalho, agradecendo.

Anexo 3 - Entrevista semi-directiva à Vereadora de Educação e Cultura do Município de Oliveira do Hospital

Objectivos gerais:

1. Compreender o tipo de ocupação de jovens nas férias, que existe no concelho de Oliveira do Hospital;
2. Perceber a relação entre actividades de ocupação dos jovens e desenvolvimento de competências pessoais e sociais;
3. Perceber qual o envolvimento associativo e participativo dos jovens na sociedade local;
4. Perceber qual a relação entre as escolas existentes e o desenvolvimento de competência de cidadania activa e participativa;
5. Compreender a relação entre cidadania activa e empreendedorismo pessoal.
6. Perceber as necessidades de formação dos jovens.

Tema	Subtema	Indicadores	Questões	Observações
A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	-	1.Identificar o entrevistador.	1. Apresentar o entrevistador.	
		2.Identificar os traços gerais do trabalho.	2. Explicar as razões da entrevista.	
		3.Reforçar o a ideia de que o contributo da entrevistada é imprescindível, agradecendo a sua colaboração.	3. Transmitir ao entrevistado o meu sincero agradecimento, pondo em relevo a importância do seu contributo, pedindo desculpa por algum erro.	
B Ocupação dos tempos livres	B1. Oportunidades dos jovens no concelho e na região	1. Identificar o tipo de trabalho que o entrevistado faz com os jovens.	1. No seu trabalho contacta com jovens? De que forma? O que faz?	
		2. Identificar as características dos jovens e as suas carências.	2.Como vê os jovens de Oliveira do Hospital? (Características…) 2.1 Como é que acha que eles vêm o	

		interior e o desenvolvimento?	
	3. Identificar as actividades dos jovens nas férias. 4.Identificar as actividades que existem, como são estruturadas e qual a sua pertinência no concelho.	3. O que fazem os jovens nas férias? 4. Acha que as actividades existentes para ocupação dos jovens nas férias respondem às necessidades deles? 4.7 Que tipo de actividades existem no concelho? (ter em atenção as várias freguesias). 4.8 Quanto tempo lhes ocupa? 4.9 Como são estruturadas (temas, planeamento, metodologias)? 4.10 Como são decididas as metodologias? 4.11 Estas metodologias têm algum objectivo específico? 4.12 Acha que é importante os jovens terem actividades planeadas nas férias?	Campús Pedagógicos; Férias Ocupadas; Férias Arqueológicas
B2. Ocupação dos tempos livres dos Jovens		5. Quais as competências que acha que os jovens desenvolvem/adquirem? 5.1O que acha que ainda lhes faz falta desenvolver?	Financiamentos???

5. Identificar as competências que os jovens adquirem com a realização das actividades (as que já acontecem e as que deveriam acontecer).	6. Acha que se podiam organizar actividades nesse sentido? 6.1 Quais as limitações que existem ou podem existir para isso não acontecer?
6. Identificar estratégias para desenvolver as competências a adquirir.	7. Como vê as oportunidades dadas aos jovens no concelho de Oliveira do Hospital (ou zona). 7.1 Acha que as oportunidades são iguais em todas as freguesias? 7.2 E a nível de escolas? Acha que todas as escolas (regulares e profissional) dão as mesmas oportunidades aos jovens?
7. Clarificar as oportunidades dos jovens face ao contexto local/concelhia/ nacional.	8. Como vê a participação e apoio dos pais nas actividades realizadas pelos jovens no concelho?

		8. Perceber a receptividade dos pais face a estas actividades.	
C Educação para a cidadania: associativismo, democracia e voluntariado	C1. Os Jovens, a Cidadania e participação democrática	1. Perceber como funciona a participação democrática dos jovens no concelho.	1. Acha que os jovens participam na vida do concelho? 1.1 Porquê? 1.2 Porque acha que isso acontece?
		2. Encontrar formas de aumentar e melhorar a participação dos jovens.	2. O que acha que se poderia fazer para esta participação aumentar?
	C2. Os Jovens, a Cidadania e o Voluntariado	3. Identificar as formas/tipos de voluntariado que existem localmente.	3. No que se refere ao voluntariado, há no concelho? 3.1 Que tipo? 3.2 Como é promovido o voluntariado no concelho? 3.3 Que tipo de voluntariado faz sentido fazer no concelho? 3.4 Qual o impacto?
			4. Os jovens fazem voluntariado? 4.1 Qual acha que poderia ser o papel

	4. Perceber a adesão dos jovens ao voluntariado.	dos jovens no voluntariado?
C3. Os Jovens, a Cidadania e o Associativismo	5. Identificar os tipos de associativismo que existem no concelho e a adesão aos jovens ao mesmo.	5. E quanto ao associativismo, acha que há associativismo no concelho? Que tipo? 5.1 Os jovens participam? Em que áreas? 5.2 E os estabelecimentos educativos, acha que trabalham esta vertente nos alunos? Porquê? 5.3 O que fazem?
C4. Os Jovens, a Cidadania e o Empreendedorismo	6 Identificar práticas de promoção de empreendedorismo no concelho.	6. No que se refere ao empreendedorismo e às actividades de promoção para o empreendedorismo, o que tem sido feito nessa matéria? 6.1 Quais as competências desenvolvidas? 6.2 Acha que são importantes? 6.3 Como se podem promovem as competências para o espírito empreendedor?
	7. Perceber a relação entre as competências de empreendedorismo e as competências para uma cidadania	7 Acha que estas competências têm alguma relação com as

		cívica activa.	competências necessárias para uma cidadania activa?
	C5. Relação entre competências cívicas e a escola	8.Perceber se estas competências são desenvolvidas no ensino (regular e profissional).	8. Quais as competências que acha que são necessárias para desenvolver nos jovens? 8.1 Acha que a escola promove este tipo de competências (que temos abordado)? 8.2 De que forma? 8.3 Acha que é igual nos vários tipos de ensino? 8.4 Acha que os professores ou a escola têm influência na forma como os jovens participam na vida cívica?
D Finalização da entrevista/ Agradecimentos	-	1.Saber se existe algo importante que o entrevistador deva saber. 2.Agradecer ao professor a sua disponibilidade e importância na realização do nosso trabalho.	1.Perguntar ao entrevistado se existe alguma situação, caso ou aspecto que ele gostaria de referir. 2.Referir ao entrevistado que o seu contributo é extremamente importante na realização do trabalho, agradecendo.

Anexo 4 - Entrevista semi-directiva ao Frederico Lucas

Objectivos gerais:

1 Compreender o tipo de ocupação de jovens nas férias, que existe a nível do interior e quais as necessidades.
2 Perceber a relação entre actividades de ocupação dos jovens nas férias e o desenvolvimento de competências pessoais e sociais;
3 Perceber qual o envolvimento associativo e participativo dos jovens na sociedade local;
4 Perceber qual a relação entre as escolas existentes e o desenvolvimento de competência de cidadania activa e participativa;
5 Compreender a relação entre cidadania activa e empreendedorismo pessoal.
6 Perceber as necessidades de formação dos jovens.

Tema	Subtema	Indicadores	Questões	Observações
A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	-	1.Identificar o entrevistador. 2.Identificar os traços gerais do trabalho. 3.Reforçar o a ideia de que o contributo da entrevistada é imprescindível, agradecendo a sua colaboração.	1. Apresentar o entrevistador. 2. Explicar as razões da entrevista. 3. Transmitir ao entrevistado o meu sincero agradecimento, pondo em relevo a importância do seu contributo, pedindo desculpa por algum erro.	
B Ocupação dos tempos livres	B1. Oportunidades dos jovens no mundo rural/interior	1. Identificar algumas características importantes do interior/rural. 2. Identificar o tipo de trabalho que o entrevistado faz com jovens. 3. Identificar as principais competências a desenvolver e perceber se há diferença entre rural e urbano?	1. Como vê o interior? (o que é rural e o q é urbano) 1.1 E o futuro? 2. Qual o contacto que tem com os jovens? 3. Como é que ele vê os jovens no interior? 3.1 Características? 3.2 Diferenças entre rural e o urbano? 3.3 Quais as competências que	

		os jovens necessitam de desenvolver?
	1. Identificar a forma como os jovens ocupam o seu tempo nas férias.	1. O que acha que os jovens fazem nas férias?
	2.Identificar actividades que se desenvolvam nas férias.	2. Acha que as actividades existentes para ocupação dos jovens nas férias respondem às necessidades deles? 2.1 Que tipo de actividades conhece? 2.2 Acha que é importante os jovens terem actividades planeadas nas férias?
B2. Ocupação dos tempos livres dos Jovens	3. Identificar as competências que os jovens podem desenvolver nas férias.	3. Quais as competências que acha que os jovens desenvolvem/adquirem? 3.1 O que acha que ainda lhes faz falta desenvolver? 3.2 Como é que acha que um programa de ocupação de férias podia ajudar no seu desenvolvimento? 3.3 Quais as oportunidades que podem ser criadas? 3.4 Como é que acha que podiam contribuir para a valorização do interior?

			4. Acha que se podiam organizar actividades nesse sentido?
			5. O que acha que se podia fazer?
		4. Identificar as competências que os jovens adquirem com a realização das actividades (as que já acontecem e as que deveriam acontecer).	
		5. Identificar estratégias para desenvolver as competências a adquirir.	
C Educação para a cidadania: associativismo, democracia e voluntariado	C1. Os Jovens, a Cidadania e participação democrática	6. Perceber como funciona a participação democrática dos jovens.	6. Acha que os jovens participam na vida dos locais? 1.1 Porquê? 1.2 Porque acha que isso acontece? 1.3 Acha que é diferente entre o urbano e o interior?
		7. Encontrar formas de aumentar e	

	melhorar a participação dos jovens.	
		7. O que acha que se poderia fazer para esta participação aumentar?
C2. Os Jovens, a Cidadania e o Voluntariado	8. Identificar as formas/tipos de voluntariado que existem localmente.	8. No que se refere ao voluntariado, no interior/rural? 8.1 Que tipo? 8.2 Como é promovido o voluntariado? 8.3 Que tipo de voluntariado faz sentido fazer? 8.4 Diferenças entre rural/urbano?
		9. Os jovens fazem voluntariado? 9.1 Qual acha que poderia ser o papel dos jovens no voluntariado?
	9. Perceber a adesão dos jovens ao voluntariado.	
C3. Os Jovens, a Cidadania e o Associativismo	10. Identificar os tipos de associativismo que existem e a adesão aos jovens ao mesmo.	10. E quanto ao associativismo, acha que há associativismo no interior? Que tipo? 10.1 Os jovens participam? Em que áreas? 10.2 O que fazem?

C4. Os Jovens, a Cidadania e o Empreendedorismo	11. Identificar práticas de promoção de empreendedorismo no interior/rural.	11. No que se refere ao empreendedorismo 11.1 O que é para si ser empreendedor? 11.2Quais as competências desenvolvidas? 11.3Acha que são importantes? 11.4Como se podem promovem as competências para o espírito empreendedor? 11.5No interior/rural há empreendedorismo? 11.6 Quais às actividades de promoção para o empreendedorismo que conhece nestes contextos?
	12. Perceber a relação entre as competências de empreendedorismo e as competências para uma cidadania cívica activa.	12. Acha que estas competências têm alguma relação com as competências necessárias para uma cidadania activa?
C5.Relação entre competências cívicas e a escola	13. Perceber se estas competências são desenvolvidas no ensino (regular e profissional).	13.1 Acha que a escola promove este tipo de competências (que temos abordado)? 13.2 De que forma? 13.3 Acha que é igual nos vários tipos

			de ensino? 13.4 Acha que os professores ou a escola têm influência na forma como os jovens participam na vida cívica?
D Finalização da entrevista/ Agradecimentos	-	1.Saber se existe algo importante que o entrevistador deva saber. 2.Agradecer ao professor a sua disponibilidade e importância na realização do nosso trabalho.	1.Perguntar ao entrevistado se existe alguma situação, caso ou aspecto que ele gostaria de referir. 2.Referir ao entrevistado que o seu contributo é extremamente importante na realização do trabalho, agradecendo.

Anexo 5 - Entrevista semi-directiva a possíveis parceiros empresariais

Objectivos gerais:

1 Conhecer o tipo de trabalho possível de fazer com os jovens (entre os 12 e os 18);
2 Compreender o tipo de ocupação de jovens nas férias, que existe no concelho de Oliveira do Hospital;
3 Perceber qual a pertinência das actividades de ocupação dos jovens nas férias;
4 Perceber a relação entre actividades de ocupação dos jovens e desenvolvimento de competências pessoais e sociais;
5 Perceber qual o envolvimento associativo e participativo dos jovens na sociedade local;
6 Compreender a relação entre cidadania activa e empreendedorismo pessoal.
7 Perceber a disponibilidade empresarial para apoiar este tipo de projectos.

Tema	Subtema	Indicadores	Questões	Observações
A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	-	1.Identificar o entrevistador. 2.Identificar os traços gerais do trabalho. 3.Reforçar o a ideia de que o contributo da entrevistada é imprescindível, agradecendo a sua colaboração.	1. Apresentar o entrevistador. 2. Explicar as razões da entrevista. 3. Transmitir ao professor o meu sincero agradecimento, pondo em relevo a importância do seu contributo, pedindo desculpa por algum erro.	
B. Os jovens do concelho	B1. Oportunidades dos jovens no concelho e na região	1. Perceber a percepção que o entrevistado tem dos jovens do concelho.	1. Como vê os jovens no concelho? 1.1 Porquê? 1.2 Eles participam de forma activa na cidadania local democrática?	

		Porquê? 1.3 Eles fazem voluntariado? Porquê? 1.4 E associativismo? Porquê? 1.5 Como é que acha que eles vêm o interior e o desenvolvimento? 1.6 Acha que é igual nos vários tipos de ensino? 1.7 O que acha que eles precisam? O que podia ser feito?
	2. Perceber a opinião que o entrevistado tem sobre as oportunidades dadas aos jovens (12-18 anos).	2. Como vê as oportunidades dadas aos jovens no concelho de Oliveira do Hospital (ou zona). 2.1 Acha que as oportunidades são iguais em todas as freguesias?
C Ocupação dos tempos livres	1. Identificar as actividades que o entrevistado conhece no concelho.	1. Conhece a ocupação dos jovens nas férias no concelho de Oliveira do Hospital? 1.1 Tem ideia do que estes fazem nas férias? 1.2 Acha que as actividades existentes para ocupação dos jovens nas férias respondem às necessidades deles? 1.3 Quem as promove?

C1. Ocupação dos tempos livres dos jovens nas férias	2.Identificar as competências que os jovens adquirem com a realização das actividades (as que já acontecem e as que deveriam acontecer).	1.4 Acha que é importante os jovens terem actividades planeadas nas férias? 2 Quais as competências que acha que os jovens desenvolvem/adquirem? 2.1 O que acha que ainda lhes faz falta desenvolver? 2.2 Acha que podiam ajudar a desenvolver o valorizar do interior? 3 Acha que se podiam organizar actividades nesse sentido? 3.1 Quais as limitações que existem ou podem existir para isso não acontecer? 4. Qual podia ser o apoio do tecido empresarial nesta matéria? Acha que estariam interessados em apoiar um projecto destes?
	3. Identificar estratégias para desenvolver as competências a adquirir.	

	4. Perceber a receptividade das empresas e o tipo de apoio possível a este tipo de actividades.	
C2. Os Jovens, a Cidadania e o Empreendedorismo	5. Identificar práticas de promoção de empreendedorismo no concelho.	5. No que se refere ao empreendedorismo 5.1 O que é para si ser empreendedor? 5.2 Quais as competências desenvolvidas? 5.3 Acha que são importantes? 5.4 Como se podem promovem as competências para o espírito empreendedor? 5.5 No interior/rural há empreendedorismo? 5.6 Quais às actividades de promoção para o empreendedorismo que conhece nestes contextos?
	6. Perceber a relação entre as competências de empreendedorismo e as competências para uma cidadania cívica activa.	6. Acha que estas competências têm alguma relação com as competências necessárias para uma cidadania activa?
	7. Perceber se estas competências são desenvolvidas no ensino (regular e	7. Quais as competências que acha que são necessárias para desenvolver

		profissional).	nos jovens?
	C3. Relação entre competências cívicas e a escola		7.1 Acha que a escola promove este tipo de competências (que temos abordado)? 7.2 De que forma? 7.3 Acha que os professores ou a escola têm influência na forma como os jovens participam na vida cívica?
D Finalização da entrevista/ Agradecimentos	-	1.Saber se existe algo importante que o entrevistador deva saber. 2.Agradecer ao professor a sua disponibilidade e importância na realização do nosso trabalho.	1.Perguntar ao entrevistado se existe alguma situação, caso ou aspecto que ele gostaria de referir. 2.Referir ao professor que o seu contributo é extremamente importante na realização do trabalho, agradecendo.

Anexo 6 - Entrevista de grupo a três jovens do Concelho de Oliveira do Hospital

Objectivos gerais:

1 Compreender o tipo de ocupação de jovens nas férias, que existe a nível do interior e quais as necessidades.
2 Perceber a relação entre actividades de ocupação dos jovens nas férias e o desenvolvimento de competências pessoais e sociais;
3 Perceber qual o envolvimento associativo e participativo dos jovens na sociedade local;
4 Perceber qual a relação entre as escolas existentes e o desenvolvimento de competência de cidadania activa e participativa;
5 Compreender a relação entre cidadania activa e empreendedorismo pessoal.
6 Perceber as necessidades de formação dos jovens.

Tema	Subtema	Indicadores	Questões	Observações
A Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	-	1.Identificar o entrevistador. 2.Identificar os traços gerais do trabalho. 3.Reforçar o a ideia de que o contributo da entrevistada é imprescindível, agradecendo a sua colaboração.	1. Apresentar o entrevistador. 2. Explicar as razões da entrevista. 3. Transmitir ao entrevistado o meu sincero agradecimento, pondo em relevo a importância do seu contributo, pedindo desculpa por algum erro.	
B Ocupação dos tempos livres	B1. Oportunidades dos jovens no mundo rural/interior	1. Identificar algumas características importantes do interior/rural. 2. Identificar o tipo de trabalho que o entrevistado faz com jovens. 3. Identificar as principais competências a desenvolver e perceber se há diferença entre rural e urbano?	1. Como vê o interior? (o que é rural e o que é urbano) E o futuro? 2. Qual o contacto que tem com os jovens?	

		3. Como é que ele vê os jovens no interior? 3.1 Características? 3.2 Diferenças entre rural e o urbano? 3.3 Quais as competências que os jovens necessitam de desenvolver?
B2. Ocupação dos tempos livres dos Jovens	1. Identificar a forma como os jovens ocupam o seu tempo nas férias.	1. O que acha que os jovens fazem nas férias?
	2.Identificar actividades que se desenvolvam nas férias.	2. Acha que as actividades existentes para ocupação dos jovens nas férias respondem às necessidades deles? 2.3 Que tipo de actividades conhece? 2.4 Acha que é importante os jovens terem actividades planeadas nas férias?
	3. Identificar as competências que os jovens podem desenvolver nas férias.	3. Quais as competências que acha que os jovens desenvolvem/adquirem? 3.1 O que acha que ainda lhes faz falta desenvolver? 3.2 Como é que acha que um programa de ocupação de férias podia ajudar no seu desenvolvimento?

			3.3 Quais as oportunidades que podem ser criadas? 3.4 Como é que acha que podiam contribuir para a valorização do interior?
		4. Identificar as competências que os jovens adquirem com a realização das actividades (as que já acontecem e as que deveriam acontecer). 5. Identificar estratégias para desenvolver as competências a adquirir.	4. Acha que se podiam organizar actividades nesse sentido?
			5. O que acha que se podia fazer?
C Educação para a cidadania: associativismo, democracia e voluntariado	C1. Os Jovens, a Cidadania e participação democrática	1. Perceber como funciona a participação democrática dos jovens. 2. Encontrar formas de aumentar e melhorar a participação dos jovens.	1. Acha que os jovens participam na vida dos locais? 1.1 Porquê? 1.2 Porque acha que isso acontece? 1.3 Acha que é diferente entre o urbano e o interior? 2. O que acha que se poderia fazer para esta participação aumentar?
	C2. O Jovens, a Cidadania e o Voluntariado	3. Identificar as formas/tipos de voluntariado que existem localmente.	3. No que se refere ao voluntariado, no interior/rural?

		3.5 Que tipo? 3.6 Como é promovido o voluntariado? 3.7 Que tipo de voluntariado faz sentido fazer? 3.8 Diferenças entre rural/urbano?
	4. Perceber a adesão dos jovens ao voluntariado.	4. Os jovens fazem voluntariado? 4.1 Qual acha que poderia ser o papel dos jovens no voluntariado?
C3. Os Jovens, a Cidadania e o Associativismo	5. Identificar os tipos de associativismo que existem e a adesão aos jovens ao mesmo.	5. E quanto ao associativismo, acha que há associativismo no interior? Que tipo? 5.1 Os jovens participam? Em que áreas? 5.2 O que fazem?
	6 Identificar práticas de promoção de empreendedorismo no interior/rural.	6. No que se refere ao empreendedorismo
C4. Os Jovens, a Cidadania e o Empreendedorismo		6.1 O que é para si ser empreendedor? 6.2 Quais as competências desenvolvidas? 6.3 Acha que são importantes? 6.4 Como se podem promovem as competências para o espírito empreendedor? 6.5 6.2 No interior/rural há

			empreendedorismo? 6.6 Quais às actividades de promoção para o empreendedorismo que conhece nestes contextos?
		7. Perceber a relação entre as competências de empreendedorismo e as competências para uma cidadania cívica activa.	7 Acha que estas competências têm alguma relação com as competências necessárias para uma cidadania activa?
	C5. Relação entre competências cívicas e a escola	1. Perceber se estas competências são desenvolvidas no ensino (regular e profissional).	1.1 Acha que a escola promove este tipo de competências (que temos abordado)? 1.2 De que forma? 1.3 Acha que é igual nos vários tipos de ensino? 1.4 Acha que os professores ou a escola têm influência na forma como os jovens participam na vida cívica?
D Finalização da entrevista/ Agradecimentos	-	1.Saber se existe algo importante que o entrevistador deva saber. 2.Agradecer ao professor a sua	1.Perguntar ao entrevistado se existe alguma situação, caso ou aspecto que ele gostaria de referir. 2.Referir ao entrevistado que o seu contributo é extremamente importante na realização do

disponibilidade e importância na realização do nosso trabalho.

trabalho, agradecendo.

Questionários

Anexo 7 – Exemplo de carta de apresentação à escola

Exmo. Sr. Professor Albano Pinto Dinis
Director da Escola Secundária de Oliveira do Hospital
Concelho de Oliveira do Hospital

Segunda-feira, 15 de Setembro de 2011

Chamo-me Patrícia Figueiredo, sou natural de Oliveira do Hospital e encontro-me a realizar o meu mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, na área das Ciências da Educação, especificamente em Formação de Adultos.

Devido ao gosto que eu tenho pelo concelho e à necessidade que sinto existir em relação às oportunidades dadas aos jovens residentes no mesmo, decidi abordar como tema principal *as actividades de ocupação dos tempos livres nas férias dos jovens (entre os 12 e os 18) residentes no Concelho de Oliveira do Hospital*.

As actividades de ocupação de tempos livres dos jovens nas férias são para mim o foco principal da investigação, uma vez que me parecem existir muito poucas ofertas neste sentido, o que limita em parte as oportunidades de desenvolvimento dos jovens nos períodos de férias. Não querendo privar os jovens do seu tempo de lazer e de divertimento, parto da premissa de que devem ser eles em conjunto com os Encarregados de Educação a escolher o tipo de actividade que pretendem, sendo que, para isso, necessitam de uma oferta válida, adequada e de qualidade. Para que assim seja, estas actividades devem permitir aos jovens desenvolver diferentes tipos de competências pessoais e sociais, contribuindo para a sua formação cívica activa e para o desenvolvimento da sua criatividade.

O público-alvo do estudo são os alunos do 3º Ciclo de Ensino Básico e do Secundário (entre os 12 e os 18 anos), uma vez que são aqueles para quem a oferta é menor e com os quais urge estimular o desenvolvimento de algumas competências cívicas e de participação na vida local.

Neste sentido, para validar o estudo e ir ao encontro dos gostos e necessidades dos jovens, solicitamos a vossa colaboração no sentido de aplicar um pequeno questionário a alguns alunos destes anos lectivos (enviado em anexo). O que pretendia eram que o questionário fosse passado a duas turmas de cada ano de ensino regular e uma de cada ano de CEF. Para uma aplicação enquadrada nas necessidades legais, foi efectuado um pedido à DGIDC, estando o questionário registado com o n.º 0250600001. Assim que a autorização seja recebida, a mesma será encaminhada para o vosso email, para vosso conhecimento.

Envio ainda um pequeno texto explicativo para encaminharem aos pais, de forma a que estes autorizem o levantamento de dados.

Esperando que este projecto seja do vosso agrado, fico à disposição para quaisquer esclarecimentos tidos por necessários.

Com os melhores cumprimentos,
Patrícia Figueiredo
911084392 || 963958722
pfigueiredo.3@gmail.com

Anexo 8 – Exemplar de questionário final

O QUE GOSTAS DE FAZER NOS TEUS TEMPOS LIVRES?

Olá.

Estou a construir um projecto sobre a ocupação dos tempos livres dos jovens nas férias e, nesse sentido, gostaria de te pedir que respondesses ao questionário. Para mim a tua opinião é muito importante, pois todo o projecto será construído para ti e para os teus colegas. As tuas respostas serão confidenciais e anónimas.

1. Sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino

2. Ano: ☐7º ano ☐8º ano ☐9º ano ☐10º ano ☐11º ano ☐12º ano

3. Tipo de ensino: ☐ Ensino Regular
☐ CEF
☐ Ensino Profissional

4. Idade: anos

5. Local de Residência (freguesia):

6. Tens actividades fora das aulas? ☐ Sim (passa para 6.1) ☐ Não (passa para 7)

6.1 Se sim, que actividades praticas?

6.2 Se sim, onde praticas as actividades?

7. Nas tuas férias de verão, como passaste o teu tempo? (escolhe todas as opções que se apliquem)

☐ a. Campos de férias
Quais: _____

☐ b. Andar de Bicicleta
☐ c. Bandas e Filarmónicas
☐ d. Bombeiros
☐ e. Café e sair com amigos
☐ f. Casa
☐ g. Escuteiros
☐ h. Estar no computador (Redes Sociais)
☐ i. Grupos de Jovens
☐ j. Jogar jogos
☐ k. Ler
☐ l. Participação nas juventudes partidárias locais
☐ m. Praia
☐ n. Rio
☐ o. Ver Televisão
☐ p. Outras: _____

8. Quais foram as actividades que gostaste mais de fazer no verão?

9. Participaste nos *campus* de férias organizados pela Junta de Freguesia? ☐ Sim (passa para 9.2) ☐ Não (passa para 9.1)

9.1 Se não, porquê?

☐ a. Não gosto das actividades.

9.2 Se sim, o que te levou a participar?

☐ a. Tenho tempo livre e não tenho nada para fazer.

☐ b. Queria divertir-me e não cuidar dos outros.

☐ c. Outras: _____

☐ b. Gosto de ser monitor.

☐ c. Quero ganhar algum dinheiro nas férias.

☐ d. Outra razão: _____

9.3 Gostaste de participar? ☐ Sim ☐ Não

10. Gostavas de frequentar outro tipo de actividades nas tuas férias? ☐ Sim ☐ Não

10.1 Porquê?

11. Quais as actividades que gostavas de frequentar nas férias? (selecciona quatro actividades)

☐ a. Actividades radicais (Slide, Rapel, Escalada, Canoagem, Paintball, Caminhadas)

☐ b. Ajudar os idosos a passar melhor os seus dias

☐ c. Aprender a andar de patins ou skate

☐ d. Aprender a costurar/moda e alterar roupa

☐ e. Aprender a pintar

☐ f. Aprender Culinária (pratos, cocktails, bebidas…)

☐ g. Aprender Língua Gestual

☐ h. Aprender Natação

☐ i. Outras:

☐ j. Dança (Hip-Hop, Construção de coreografias, e outros tipos)

☐ k. Canto (aprender a cantar)

☐ l. Escuteiros

☐ m. Ir à piscina

☐ n. Jogos de equipas (pela cidade/rio/…) exemplo: Peddy-paper

☐ o. Música (tocar uns instrumento)

☐ p. Participação em debates sobre problemas do local onde vives

☐ q. Desportos em equipa: (selecciona dois desportos)

- ☐ i. Hóquei
- ☐ ii. Futebol
- ☐ iii. Voleibol
- ☐ iv. Basquetebol
- ☐ v. Ténis

☐ r. Conhecer profissões

12. Qual o horário em que gostavas de frequentar as actividades?

☐ a. Manhãs (8h30 às 13h)
☐ b. Tardes (14h às 18h30)
☐ c. Manhãs e Tardes (9h às 12h30 e das 14h às 18h)

13. Durante quanto tempo gostavas de participar nestas actividades?

☐ a.Uma semana

☐ b.Duas semanas

☐ c. Um mês

☐ d.Todas as férias

14. Fazes ou fizeste algum tipo de voluntariado? ☐ Sim ☐ Não

14.1 Porquê?

14.2 Se sim, onde e em que área?

15. Fazes parte ou participas em alguma associação? ☐Sim ☐ Não

15.1 Porquê?

15.2 Se sim, onde e em que área?

16. Há algo mais que gostasses de dizer? Se quiseres, escreve algo que aches que eu deva ter em conta na organização das actividades.

Obrigada! Patrícia Figueiredo
pfigueiredo.3@gmail.com

Anexo 9 – Exemplo de carta ao Director de Turma

Instituto de Educação
UNIVERSIDADE DE LISBOA

17 de Setembro de 2011

Caro Professor,

No âmbito de um estudo sobre a ocupação dos jovens (entre os 12 e os 18 anos) nas férias, venho por este meio solicitar a sua colaboração no preenchimento dos questionários que anexo.

O que se pretende é que cada aluno preencha um questionário (frente e verso). Pedia-lhe o favor de, antes do preenchimento do questionário destacar duas informações aos alunos, uma vez que, por lapso, não estão no questionário, sendo elas:

1. Na **questão número 9**, se o aluno responder sim deve passar para a pergunta 9.2 e se o aluno responder não, deve passar para a questão 9.1, ou seja em vez das indicações que estão presentes devia estar ☐ **Sim (passa para a 9.2)** ☐ **Não (passa para a 9.1).**

2. Na **questão número 11** deve ser acrescentada a opção ☐ **r. Conhecer profissões.**

Agradeço a sua atenção e disponibilidade. Se pretender saber mais sobre o estudo ou sobre os resultados futuros, estarei à disponibilidade, bastando contactar-me por telemóvel (911084392/963958722) ou por email (pfigueiredo.3@gmail.com).

Atentamente,

Patrícia Figueiredo

Anexo 10 – Carta explicativa a solicitar autorização para os pais

Autorização para realização de inquérito "O que fazes nos teus tempos livres"

Eu, _____encarregado de educação do aluno (nome)_____ do ___ ano da turma ___ **autorizo/não autorizo** (riscar o que não interessa) o meu educando a preencher o questionário em anexo, no âmbito de um estudo sobre a ocupação dos seus tempos livres em férias.

Assinatura do Encarregado de Educação: _____

✂(rasgar pelo picotado para ficar com a informação sobre o projecto)

Instituto de Educação
UNIVERSIDADE DE LISBOA

15 de Setembro de 2011

Exmo. *Encarregado de Educação*,

Chamo-me Patrícia Figueiredo e estou a realizar o meu mestrado em Ciências da Educação, na área de Formação de Adultos no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. O meu estudo incide nas actividades de ocupação das férias dos jovens (entre os 12 e os 18 anos) residentes no Concelho de Oliveira do Hospital, tendo como objectivo a construção de um projecto de ocupação de férias, que vá ao encontro dos seus gostos e necessidades. Neste sentido, solicitava a sua colaboração, de forma a permitir que o seu educando preencha o questionário que envio em anexo.

Peço, por favor, que devolva a autorização devidamente preenchida e assinada.

Para qualquer esclarecimento sobre o estudo, por favor envie um email para pfigueiredo.3@gmail.com.

Antecipadamente grata pela sua colaboração,

Patrícia Figueiredo

Anexo 11 – Exemplar de questionário aplicado aos alunos

O QUE GOSTAS DE FAZER NOS TEUS TEMPOS LIVRES?

Olá.

Estou a construir um projecto sobre a ocupação dos tempos livres dos jovens nas férias e, nesse sentido, gostaria de te pedir que respondesses ao questionário. Para mim a tua opinião é muito importante, pois todo o projecto será construído para ti e para os teus colegas. As tuas respostas serão confidenciais e anónimas.

2. Sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino

2. Ano: ☐7º ano ☐8º ano ☐9º ano ☐10º ano ☐11º ano ☐12º ano

3. Tipo de ensino: ☐ Ensino Regular
☐ CEF
☐ Ensino Profissional

4. Idade: anos

5. Local de Residência (freguesia):

6. Tens actividades fora das aulas? ☐ Sim (passa para 6.1) ☐ Não (passa para 7)

6.1 Se sim, que actividades praticas?

6.2 Se sim, onde praticas as actividades?

7. Nas tuas férias de verão, como passaste o teu tempo? (escolhe todas as opções que se apliquem)

☐ a. Campos de férias
Quais: _____

☐ b. Andar de Bicicleta
☐ c. Bandas e Filarmónicas
☐ d. Bombeiros
☐ e. Café e sair com amigos
☐ f. Casa
☐ g. Escuteiros
☐ h. Estar no computador (Redes Sociais)
☐ i. Grupos de Jovens
☐ j. Jogar jogos
☐ k. Ler
☐ l. Participação nas juventudes partidárias locais
☐ m. Praia
☐ n. Rio
☐ o. Ver Televisão
☐ p. Outras: _____

8. Quais foram as actividades que gostaste mais de fazer no verão?

9. Participaste nos *campus* de férias organizados pela Junta de Freguesia? ☐ Sim (passa para 9.1) ☐ Não (passa para 9.2)

9.1 Se não, porquê?

☐ a. Não gosto das actividades.

9.2 Se sim, o que te levou a participar?

☐ a. Tenho tempo livre e não tenho nada para fazer.

☐ b. Queria divertir-me e não cuidar dos outros.

☐ c. Outras: _____

☐ b. Gosto de ser monitor.

☐ c. Quero ganhar algum dinheiro nas férias.

☐ d. Outra razão: _____

9.3 Gostaste de participar? ☐ Sim ☐ Não

9.4 Porquê?

10. Gostavas de frequentar outro tipo de actividades nas tuas férias? ☐ Sim ☐ Não

10.1 Porquê?

11. Quais as actividades que gostavas de frequentar nas férias? (selecciona quatro actividades)

☐ a. Actividades radicais (Slide, Rapel, Escalada, Canoagem, Paintball, Caminhadas)

☐ b. Ajudar os idosos a passar melhor os seus dias

☐ c. Aprender a andar de patins ou skate

☐ d. Aprender a costurar/moda e alterar roupa

☐ e. Aprender a pintar

☐ f. Aprender Culinária (pratos, cocktails, bebidas…)

☐ g. Aprender Língua Gestual

☐ h. Aprender Natação

☐ i. Outras:

☐ j. Dança (Hip-Hop, Construção de coreografias, e outros tipos)

☐ k. Canto (aprender a cantar)

☐ l. Escuteiros

☐ m. Ir à piscina

☐ n. Jogos de equipas (pela cidade/rio/…) exemplo: Peddy-paper

☐ o. Música (tocar uns instrumento)

☐ p. Participação em debates sobre problemas do local onde vives

☐ q. Desportos em equipa: (selecciona dois desportos)

- ☐ i. Hóquei
- ☐ ii. Futebol
- ☐ iii. Voleibol
- ☐ iv. Basquetebol
- ☐ v. Ténis

12. Qual o horário em que gostavas de frequentar as actividades?

☐ a. Manhãs (8h30 às 13h)
☐ b. Tardes (14h às 18h30)
☐ c. Manhãs e Tardes (9h às 12h30 e das 14h às 18h)

13. Durante quanto tempo gostavas de participar nestas actividades?

☐ a.Uma semana

☐ b.Duas semanas

☐ c. Um mês

☐ d.Todas as férias

14. Fazes ou fizeste algum tipo de voluntariado? ☐ Sim ☐ Não

14.1 Porquê?

14.2 Se sim, onde e em que área?

15. Fazes parte ou participas em alguma associação? ☐Sim ☐ Não

15.1 Porquê?

15.2 Se sim, onde e em que área?

16. Há algo mais que gostasses de dizer? Se quiseres, escreve algo que aches que eu deva ter em conta na organização das actividades.

Obrigada! Patrícia Figueiredo

pfigueiredo.3@gmail.com

Anexo 12 – Codificação do questionário para base de dados

O QUE GOSTAS DE FAZER NOS TEUS TEMPOS LIVRES?

Olá.

Estou a construir um projecto sobre a ocupação dos tempos livres dos jovens nas férias e, nesse sentido, gostaria de te pedir que respondesses ao questionário. Para mim a tua opinião é muito importante, pois todo o projecto será construído para ti e para os teus colegas. As tuas respostas serão confidenciais e anónimas.

3. Sexo: ☐ Feminino 1 ☐ Masculino 2

2. Ano: ☐7º ano 7 ☐8º ano 8 ☐9º ano 9 ☐10º ano 10 ☐11º ano 11 ☐12º ano 12

3. Tipo de ensino: ☐ Ensino Regular 1
☐ CEF 2
☐ Ensino Profissional 3

4. Idade: anos (campo livre)

5. Local de Residência (freguesia): (campo livre)

6. Tens actividades fora das aulas? ☐ Sim (passa para 6.1) 1 ☐ Não (passa para 7) 2

6.1 Se sim, que actividades praticas? (campo livre)

6.2 Se sim, onde praticas as actividades? (campo livre)

7. Nas tuas férias de verão, como passaste o teu tempo? (escolhe todas as opções que se apliquem)

☐ a. Campos de férias 1 sim; 2 não
Quais:_____(campo livre)_____

☐ b. Andar de Bicicleta 1 sim; 2 não

☐ c. Bandas e Filarmónicas 1 sim; 2 não

☐ d. Bombeiros 1 sim; 2 não

☐ e. Café e sair com amigos 1 sim; 2 não

☐ f. Casa 1 sim; 2 não

☐ g. Escuteiros 1 sim; 2 não

☐ h. Estar no computador (Redes Sociais) 1 sim; 2 não

☐ i. Grupos de Jovens 1 sim; 2 não

☐ j. Jogar jogos 1 sim; 2 não

☐ k. Ler 1 sim; 2 não

☐ l. Participação nas juventudes partidárias locais 1 sim; 2 não

☐ m. Praia 1 sim; 2 não

☐ n. Rio 1 sim; 2 não

☐ o. Ver Televisão 1 sim; 2 não

☐ p. Outras: _____ 1 sim; 2 não e campo aberto

8. Quais foram as actividades que gostaste mais de fazer no verão? (campo livre)

9. Participaste nos *campus* de férias organizados pela Junta de Freguesia? ☐ Sim (passa para 9.2) 1 ☐ Não (passa para 9.1) 2

9.1 Se não, porquê?

☐ a. Não gosto das actividades. 1

9.2 Se sim, o que te levou a participar?

☐ a. Tenho tempo livre e não tenho nada para fazer. 1

☐ b. Queria divertir-me e não cuidar dos outros. 2

☐ c. Outras: _3 e campo livre_____

☐ b. Gosto de ser monitor. 2

☐ c. Quero ganhar algum dinheiro nas férias.

☐ d. Outra razão: _____3 e campo livre _____

9.3 Gostaste de participar? ☐ Sim 1 ☐ Não 2

9.4 Porquê? campo livre

10. Gostavas de frequentar outro tipo de actividades nas tuas férias? ☐ Sim 1 ☐ Não 2

10.1 Porquê?

campo livre

11. Quais as actividades que gostavas de frequentar nas férias? (selecciona quatro actividades)

☐ a. Actividades radicais (Slide, Rapel, Escalada, Canoagem, Paintball, Caminhadas) 1 sim; 2 não

☐ b. Ajudar os idosos a passar melhor os seus dias 1 sim; 2 não

☐ c. Aprender a andar de patins ou skate 1 sim; 2 não

☐ d. Aprender a costurar/moda e alterar roupa 1 sim; 2 não

☐ e. Aprender a pintar 1 sim; 2 não

☐ f. Aprender Culinária (pratos, cocktails, bebidas…) 1 sim; 2 não

☐ g. Aprender Língua Gestual 1 sim; 2 não

☐ h. Aprender Natação 1 sim; 2 não

☐ i. Outras:

1 sim; 2 não

☐ j. Dança (Hip-Hop, Construção de coreografias, e outros tipos) 1 sim; 2 não

☐ k. Canto (aprender a cantar) 1 sim; 2 não

☐ l. Escuteiros 1 sim; 2 não

☐ m. Ir à piscina 1 sim; 2 não

☐ n. Jogos de equipas (pela cidade/rio/…) exemplo: Peddy-paper
1 sim; 2 não

☐ o. Música (tocar uns instrumento) 1 sim; 2 não

☐ p. Participação em debates sobre problemas do local onde vives 1 sim; 2 não

☐ q. Desportos em equipa: (selecciona dois desportos) 1 sim; 2 não

- ☐ i. Hóquei 1 sim; 2 não
- ☐ ii. Futebol 1 sim; 2 não
- ☐ iii. Voleibol 1 sim; 2 não
- ☐ iv. Basquetebol 1 sim; 2 não
- ☐ v. Ténis 1 sim; 2 não

☐ r. Conhecer profissões 1 sim; 2 não

12. Qual o horário em que gostavas de frequentar as actividades? A, b ou c

☐ a. Manhãs (8h30 às 13h)
☐ b. Tardes (14h às 18h30)
☐ c. Manhãs e Tardes (9h às 12h30 e das 14h às 18h)

13. Durante quanto tempo gostavas de participar nestas actividades? A, b, c e d

☐ a.Uma semana

☐ b.Duas semanas

☐ c. Um mês

☐ d.Todas as férias

14. Fazes ou fizeste algum tipo de voluntariado? ☐ Sim 1 ☐ Não 2

14.1 Porquê?

campo livre

14.2 Se sim, onde e em que área?

campo livre

15. Fazes parte ou participas em alguma associação? ☐Sim1 ☐ Não 2

15.1 Porquê?

campo livre

15.2 Se sim, onde e em que área?

campo livre

16. Há algo mais que gostasses de dizer? Se quiseres, escreve algo que aches que eu deva ter em conta na organização das actividades.

campo livre

Obrigada! Patrícia Figueiredo

pfigueiredo.3@gmail.com

Anexo 13 – Base de dados dos questionários

Ver documento Excel em anexo.

Anexo 14 - Análise estatística dos questionários

Ver documento Excel em anexo.

Anexo 15 – Análise e descrição dos resultados dos questionários

De modo a tentar perceber, no terreno, e do ponto de vista dos destinatários finais do projecto – os jovens –, o contexto e as perspectivas futuras no que concerne às necessidades de implementação de actividades de ocupação de férias, procedeu-se a um inquérito através da recolha de questionários nas escolas do Concelho de Oliveira do Hospital.

Assim, a recolha desta informação abrangeu cinco escolas do Concelho: Escola Secundária de Oliveira do Hospital (ESOH), Escola Básica da Cordinha (sede do Agrupamento de Escolas da Cordinha), Escola Básica de Lagares da Beira (sede do Agrupamento de Escolas de Lagares da Beira), Escola Básica de Ponte das Três Entradas (Agrupamento de Escolas do Vale do Alva) e Escola Profissional de Oliveira do Hospital (EPTOLIVA).

Obtiveram-se 552 questionários considerados válidos, repartidos pelas várias escolas, sendo que a maioria dos inquiridos é aluno da Escola Secundária de Oliveira do Hospital ou da Escola Básica da Cordinha.

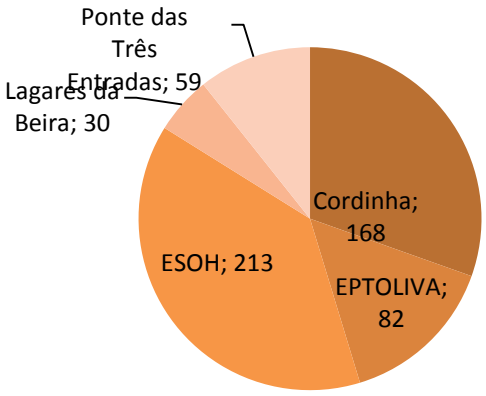


Gráfico 1 - Distribuição dos questionários recolhidos por escola

Existe, no Concelho, um outro Agrupamento de Escolas Brás Garcia Mascarenhas (com sede na Escola Básica n.º 2 de Oliveira do Hospital). Também nesta escola se tentou obter recolher informação. No entanto, aspectos burocráticos da organização interna do agrupamento, impediram a recolha dos questionários em tempo útil.

Registou-se uma distribuição por género da seguinte forma:

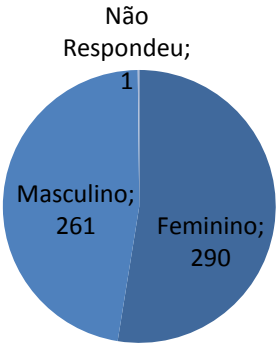


Gráfico 2 - Distribuição dos questionários recolhidos por sexo

Como seria de esperar, quando se tratam de ocupações de tempos livres, os interesses de rapazes e raparigas são diferentes, pelo que se tentou, sempre que se assumiu como relevante, dividir a análise dos questionários consoante o género dos inquiridos.

Já no que toca à distribuição por ano, o cenário registado foi o seguinte:

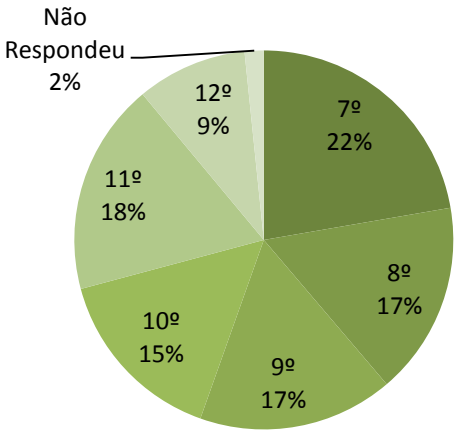


Gráfico 3 - Distribuição dos questionários recolhidos por ano escolar do aluno

As idades dos inquiridos variaram entre os 11 e os 22 anos de idade.

A caracterização da informação recolhida segundo a freguesia de origem dos alunos é também muito importante, dado que o local de residência tem influência na resposta às questões consideradas no inquérito.

Freguesia	%
Aldeia das Dez	1,6%
Alvôco das Várzeas	1,4%
Avô	3,8%
Bobadela	1,8%
Ervedal da Beira	4,9%
Lagares da Beira	4,9%
Lagos da Beira	1,6%
Lajeosa	0,9%
Lourosa	1,4%
Meruge	1,1%
Nogueira do Cravo	4,9%
Oliveira do Hospital	20,1%
Penalva de Alva	2,7%
Santa Ovaia	0,5%
São Gião	1,3%
São Paio de Gramaços	2,2%
São Sebastião da Feira	1,3%
Seixo da Beira	11,1%
Travanca de Lagos	4,0%
Vila Franca da Beira	3,8%
Vila Pouca da Beira	1,3%
Fora do Concelho	8,5%
Não indicou a Freguesia	14,9%

Tabela 1 - Distribuição dos questionários recolhidos por freguesia de origem do aluno

Constatou-se que grande parte dos inquiridos são oriundos das freguesias de Oliveira do Hospital e Seixo da Beira – 20,1% e 11,1%, respectivamente –, sendo ainda relevante a proporção de jovens que estudam nas escolas do Concelho mas que são provenientes de municípios vizinhos (8,5%).

A questão "**6. Tens actividades fora das aulas?**" visava aferir a quantidade de alunos com actividades extra-curriculares. Cerca de 50% dos inquiridos respondeu afirmativamente a esta questão (246 respostas afirmativas, contra 298 negativas e 8 ausências de resposta).

Actualmente, as actividades de Verão dos jovens do Concelho de Oliveira do Hospital passam, sobretudo, por estar em casa, ver televisão, passar tempo nas redes sociais, ou ir à praia ou ao rio, andar de bicicleta e jogar jogos. As actividades que apelam mais à participação cívica, como o tomar parte nas juventudes partidárias locais ou em organizações como os escuteiros ou os bombeiros atraem um número reduzido de jovens. É também de assinalar que apenas 8% do total de jovens passou parte do seu Verão em campos de férias.

A opção "p. Outras" foi seleccionada por 29% dos inquiridos. Dentro desta categoria, registou-se uma grande quantidade de respostas (em campo livre) mencionando idas à piscina, mas também viagens com os pais e trabalhos de Verão.

Tal como referido anteriormente, seria de esperar que a ocupação das férias das raparigas seja diferente da dos rapazes. Assim, verifica-se que a proporção de jovens que indicou passar o seu tempo a jogar jogos é muito maior no caso masculino do que no feminino (74% contra 46%). O cenário é semelhante no caso da participação em bandas em filarmónicas, embora a uma escala menor. Em compensação, a leitura é uma actividade muito mais apelativa à vista das raparigas.

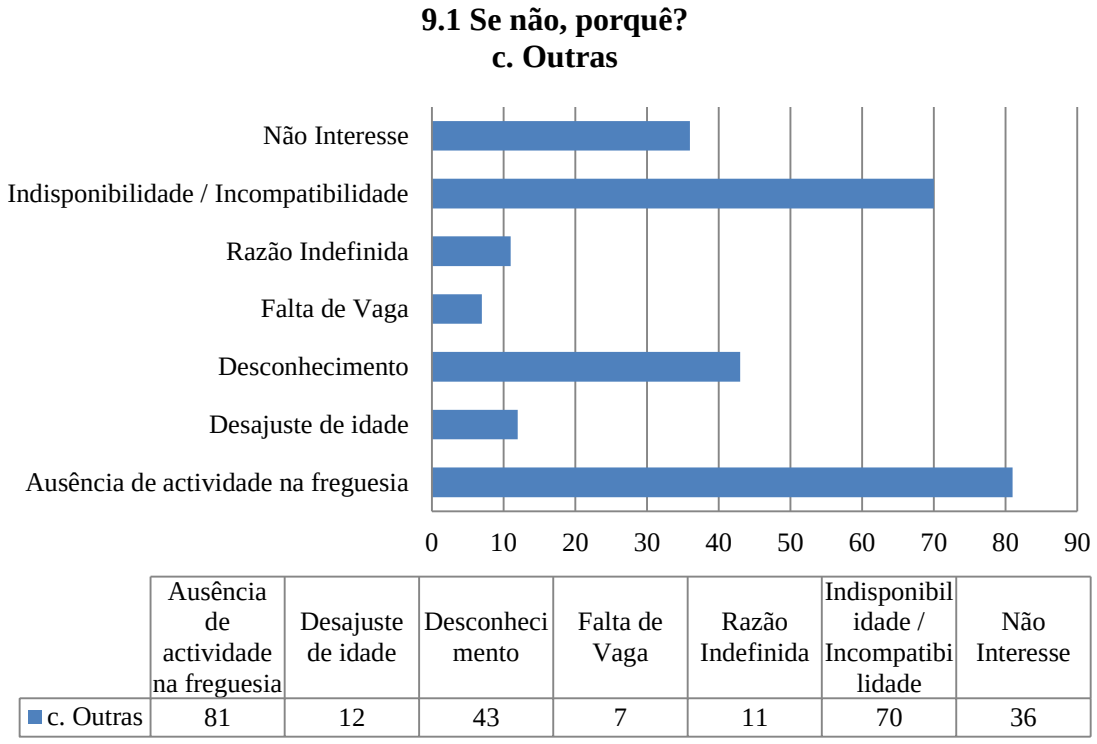
7. Nas tuas férias de verão, como passaste o teu tempo?	Total	Feminino	Masculino
	% Sim	% Sim	% Sim
a. Campos de Férias	8%	8%	8%
b. Andar de Bicicleta	59%	50%	68%
c. Bandas e Filarmónicas	8%	3%	13%
d. Bombeiros	5%	5%	4%
e. Café e sair com amigos	62%	64%	59%
f. Casa	77%	80%	74%
g. Escuteiros	3%	4%	2%
h. Estar no computador (Redes Sociais)	78%	80%	76%
i. Grupos de Jovens	16%	16%	17%
j. Jogar jogos	59%	46%	74%
k. Ler	36%	52%	19%
l. Participação nas juventudes partidárias locais	5%	6%	3%
m. Praia	75%	79%	70%
n. Rio	59%	60%	59%
o. Ver Televisão	82%	84%	81%
p. Outras	29%	30%	28%

Tabela 2 – Como os jovens do Concelho de Oliveira do Hospital passaram o seu tempo de férias

Verificou-se que apenas 35 jovens (8% dos inquiridos) participaram na iniciativa Campus de Férias organizada pela Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital. No

entanto, apesar de se tratar de uma iniciativa de âmbito restrito à freguesia da sede de concelho, verificou-se que também houve jovens de outras freguesias a participar – 20% dos inquiridos que afirmaram ter participado no *campus* pedagógico são provenientes da freguesia de Seixo da Beira, 17% de Oliveira do Hospital e 14% da freguesia de Avô, sendo estas as três freguesias com maior frequência de respostas afirmativas à questão "**9. Participaste nos *campus* de férias organizados pela Junta de Freguesia?**".

Das respostas à questão "**9.1 Se não, porquê?**", cujo propósito era perceber a(s) razão(ões) da não participação nesta iniciativa, 26% correspondem a alunos que afirmaram não gostar das actividades (alínea a) e 10% a alunos que se preferiam divertir a cuidar dos outros (alínea b). O facto de 50% ter assinalado a opção "Outras" reflecte algum desajuste das opções de resposta desta questão face ao que é a opinião dos inquiridos. De forma a ultrapassar esta limitação, procedeu-se a uma categorização das respostas dadas pelos alunos, em campo de texto livre.



	Ausência de actividade na freguesia	Desajuste de idade	Desconhecimento	Falta de Vaga	Razão Indefinida	Indisponibilidade / Incompatibilidade	Não Interesse
c. Outras	81	12	43	7	11	70	36

Gráfico 4 - Tipificação das razões, indicadas por texto livre, como as que levaram os jovens a não participarem no campus de férias

Assim, verificou-se que boa parte dos jovens afirmaram não ter participado nos *campus* pedagógicos por indisponibilidade ou incompatibilidade, isto é, por terem outra ocupação (férias com os pais noutro local, emprego sazonal ou outras razões impeditivas). Também foram vários que afirmaram não ter participado por esta actividade não se desenrolar na sua freguesia e outros que alegaram desconhecimento da

existência da actividade. Houve assim uma proporção não negligenciável de jovens que afirmaram, por texto livre, não ter interesse na iniciativa. Estes juntam-se aos que responderam afirmativamente às alíneas a) e b) da questão 9.1, indiciando que existe, de facto, um desajuste entre o interesse dos jovens e as actividades constantes do *campus* pedagógico. A falta de vaga e o desajuste de idade foram outras das razões identificadas, existindo ainda alunos que não conseguiram justificar a sua não participação (respostas como "não sei", "nada de concreto" ou "porque não calhou").

De entre os que participaram nos *campus* de férias, foram muitos que afirmaram (questão "**9.2 Se sim, o que te levou a participar?**") tê-lo feito por querer ganhar algum dinheiro nas férias (alínea c) – 69% dos jovens que participaram seleccionaram esta opção. O facto de terem tempo livre e nada para fazer (alínea a) foi razão apontada por 24% destes jovens. As respostas analisadas indiciam que o incentivo financeiro é um atractivo forte para estes jovens.

O saldo final da participação nesta iniciativa é positivo, já que apenas um jovem indicou não ter gostado da participação na mesma ("**9.3 Gostaste de participar?**").

Uma grande proporção dos inquiridos (54%) afirmou gostar de frequentar outro tipo de actividades nas férias (questão "**10. Gostavas de frequentar outro tipo de actividade nas tuas férias?**"), sendo que, em termos globais, a preferência recaiu sobretudo em actividades radicais (65% dos inquiridos), ir à piscina (51%) e desportos de equipa (60%), havendo também proporções nada negligenciáveis de jovens que afirmaram gostar de experimentar, nas férias, jogos de equipa como *peddy-papers* (35%), aprender música (35%) ou dança (33%).

11. Quais as actividades que gostavas de frequentar nas férias?	Total	Fem.	Masc.
	% Sim	% Sim	% Sim
a. Actividades radicais (Slide, Rapel, Escalada, Canoagem, Paintball, Caminhadas)	65%	58%	72%
b. Ajudar os idosos a passar melhor os seus dias	12%	17%	7%
c. Aprender a andar de patins ou skate	24%	26%	23%
d. Aprender a costurar/moda e alterar roupa	13%	23%	3%
e. Aprender a pintar	13%	17%	10%
f. Aprender Culinária (pratos, cocktails, bebidas…)	22%	28%	16%
g. Aprender Língua Gestual	12%	16%	8%
h. Aprender Natação	19%	22%	16%
i. Outras	6%	4%	8%
j. Dança (Hip-Hop, Construção de coreografias, e outros tipos)	33%	49%	15%
k. Canto (aprender a cantar)	22%	33%	9%
l. Escuteiros	10%	12%	8%
m. Ir à piscina	51%	48%	55%
n. Jogos de equipas (pela cidade/rio/…) exemplo: *peddy-paper*	35%	32%	38%
o. Música (tocar um instrumento)	35%	33%	37%
p. Participação em debates sobre problemas do local onde vives	6%	5%	7%
q. Desporto em equipa	60%	43%	79%
r. Conhecer profissões	8%	8%	8%

Tabela 3 - Actividades que os jovens do Concelhos de Oliveira do Hospital gostariam de frequentar nas férias

Mais uma vez, uma divisão por género deixa perceber diferentes opções consoante o sexo do jovem. Deste modo, no caso das raparigas, quando consideradas de modo separado, nota-se um crescimento acentuado na opção pela dança (49%), pelo canto (33%) ou pela costura (23%), em relação aos dados registados de um modo global. Ainda assim, as actividades radicais (58%), as idas à piscina (48%) e os desportos colectivos (43%) mantêm-se em lugar de destaque. Já no caso dos rapazes, a maior diferença face à média indiferenciada por género está nos desportos de equipa, opção assinalada por 79% dos rapazes.

No caso dos desportos de equipa, a subdivisão por desporto deixou perceber que o futebol seria a opção principal (72% dos que assinalaram a opção "**11.q Desporto em equipa**", 87% no caso dos rapazes, 46% no caso das raparigas), mas que, para o sexo feminino, o futebol reparte o destaque com o voleibol (com 45% das raparigas que indicaram a alínea q, contra apenas 13% dos rapazes nas mesmas condições).

Outra da informação que se tentou obter com a realização do inquérito, foi a opção, por parte dos alunos, de um horário para a realização das actividades (questão "**12. Qual o**

horário em que gostavas de frequentar as actividades?"). Aqui, não se notou uma tendência definida, já a proporção de alunos que indicou preferir a tarde (14h às 18h30) é pouco superior à de alunos que indicaram como preferência as manhãs (8h30 às 13h) ou o dia todo (9h às 12h30 e das 14h às 18h) – 37%, 31% e 30%, respectivamente.

Em relação à duração das actividades (questão "**13. Durante quanto tempo gostavas de participar nestas actividades?**") o cenário também não é muito diferente, com 29% dos alunos a preferir uma duração que cubra todo o período de férias, 28% a preferir actividades com a duração de um mês, 22% a optar por duas semanas, e 18% por apenas uma.

As questões "**14. Fazes ou fizeste parte algum tipo de voluntariado?**" e "**15. Fazes parte ou participas em alguma associação?**" serviram para aferir o grau de participação cívica dos jovens do Concelho de Oliveira do Hospital. Verificou-se que participam pouco – apenas 12% já fez voluntariado e 17% participa numa associação –, e que há mais raparigas a fazer voluntariado que rapazes (15% contra 9%), mas que o número de rapazes pertencentes a associações é superior ao de raparigas (21% contra 13%), sendo que, neste caso, a diferença tem muito a ver com a participação dos rapazes em associações desportivas onde praticam desportos colectivos. Mais do que participarem pouco, verificou-se – através das respostas às questões "**14.1 Porquê?**" e "**14.2 Se sim, onde e em que área?**" – que alguns jovens não conhecem bem o conceito de voluntariado.

Entrevistas

Anexo 16 – Transcrição da entrevista semi-directiva ao Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital

Pergunta: Como é que vês os jovens do município? Eu estou a fazer para o trabalho para o concelho, não só para a freguesia. Ou melhor, estou a tentar, pois tem sido complicado…

Resposta: Como é que os vejo? Como é que vejo em que aspecto?

P: Quais é que são as características dos nossos jovens? Quais é que são as carências? Têm oportunidades? Não têm oportunidades? Não querem saber disto para nada?

R: Já por si vivem com uma circunstância que é a questão de viver no interior do país num meio restrito e onde as diversidades de oportunidades são poucas.

P: Mas há poucas oportunidades?

R: Poderiam haver mais, logicamente que sim. Poderiam haver mais. Mais e até indo para um sentido mais positivo, acho que… e eu penso que poderá passar por aí o futuro até, principalmente nestes meios, que é irmos pela parte positiva dos jovens, isto é, valorizar as suas capacidades inatas e trazê-los para a sociedade, integrá-los de outra forma. Em vez de estarmos à procura ou exigir algo para lhes poder facultar, não, temos de chegar ao pé deles. Eu penso que isto é uma boa estratégia que pode ser adoptada. São acções de voluntariado acima de tudo. Pegar no voluntariado, pegar neles, nessas capacidades, explorá-las ao ponto deles próprios se sentirem bem com a sua pessoa e daí que cabe-nos também a nós, neste caso autarquias, zelar para que essas iniciativas se proporcionem.

P: Mas eles participam em voluntariados? Estão abertos a voluntariados?

R: Eu já tive essa experiência e de uma forma até fácil participaram.

P: Mas estes dos 12 aos 18? Ou os mais novos?

R: Não, indo até essa faixa até aos 20. E até te posso dar exemplos. Houve o projecto "Limpar Portugal". Foi uma iniciativa que aqui a junta também aderiu e 99% eram jovens.

P: Foi?

R: E 90% eram mulheres. Nesse aspecto até as mulheres são mais fáceis de aderirem a este tipo de projectos. Mas, o que eu quero dizer com isto é o seguinte: temos de ser nós a tomar a iniciativa de os convidar e não estarmos à espera que eles venham ter connosco…

P: Exactamente.

R: Eles não vêm, aliás, eles não vêm ter connosco, eles aguardam sempre e fazem crítica sempre de forma teórica, nunca tomando a iniciativa de levar algo à prática. E daí que cabe-nos a nós ir ter com eles.

P: Claro criar-lhes a oportunidade.

R: Levar-lhes a teórica e levar-lhes a prática. E depois, isto por experiência, facilmente eles aderem.

P: É?

R: É. Eu estou aí, por exemplo, com dois projectos. Um é pintar ali uma escola e depois outro pode ser sequência disso, que é limparmos aí partes da cidade que estão sujas em termos de excesso de publicidade e depois até edifícios públicos, queria ver se conseguia levar isso num futuro próximo para a frente… e o intuito é esse mesmo, trabalhar com o voluntariado, ir buscar jovens…

P: Como é que se divulgam os projectos aos jovens? Como é que funciona o processo de comunicação. Como é que chegamos a eles, não é?

R: Como? É assim, nós, enquanto uma junta que eu também, logicamente, procurei desde que aqui estou, que tivesse um conteúdo mais próximo de jovens, logicamente tenho utilizado também as ferramentas em termos de internet.

P: Facebooks e coisas assim? E funcionam?

R: Bastante, bastante. A interactividade existe.

P: É por aí?

R: Eu nesse aspecto massacro. Massacro porque sei que há essa necessidade, porque sei que a mensagem passa, sei que a mensagem é partilhada e daí ser importante. E depois, cabe-me também a mim, isto já com um trabalho mais personalizado, ir ter com os grupos, e divulgar por grupos.

P: Há este contacto com os grupos?

R: Por proximidade, há.

P: Por proximidade. Mas quais é que são, pensando num projecto de continuidade? E o campus de férias é direccionado para 12 aos 18?

R: Não dos 6 aos 12 e depois tem monitores até aos 18 anos.

P: Pensando numa lógica direccionada para estes dos 12 aos 18, que não estão no fundo, são como monitores, não é? E já vamos à parte dos monitores que eu também queria perceber um bocadinho melhor como é que funcionam, mas que tipo de competências é que seria interessante desenvolver com eles? O que é que lhes falta?

R: Em termos lúdicos? Ou em termos mais de responsabilidade profissional entre aspas?

P: O que é que lhes falta mais?

R: É assim, os jovens cá no concelho, já têm uma coisa que lhes é dada todos os anos. Não é a todos os jovens, mas só aos que aderirem e obviamente com limite que é o programa "Férias Ocupadas" em que várias entidades locais do concelho, quer autarquias, quer por exemplos, IPSS e equivalentes aderem e que integram depois *a posteriori* jovens que neste ano andam dos 14 aos 18 anos. Portanto, tenho tido a preocupação de os integrar em actividades que eu considero não de grande esforço físico mas acima de tudo de grande esforço intelectual, principalmente. Até para começarem a amadurecer, ou a ajudá-los a amadurecer, a responsabilizar e terem assim um processo mais fácil de integração no futuro, quer no mercado de trabalho, quer na própria sociedade civil já com outro ritmo. E daí que… por exemplo: este ano tivemos cá 22 jovens, 20 foram logo para monitores do campo de férias.

P: São estes 20 que depois são monitores ou depois há mais?

R: Não, foram 20. Nós tínhamos um programa para duas semanas. 10 estavam de manhã e 10 estavam à tarde. Eles só faziam 4 horas diárias e eu não lhes poderia exigir mais. Se bem que depois, esta questão é positiva. Por exemplo uma pessoa sente se eles estão a gostar ou não. Gostando, tinha lá monitores que ficavam o dia todo depois.

P: E deram-lhes formação antes de monitores? Quais é que são as funções deles?

R: Não, não, é assim, logicamente que eles não têm uma formação de monitores. Há um programa que foi preparado, já é o segundo ano que é levado a efeito, pelo executivo da junta. Neste caso sou eu que respondo por essa iniciativa juntamente com duas professoras. Damos-lhes um acompanhamento diário, logicamente, porque os coordenadores estão lá também para isso e nós próprios também os avaliamos e assim conforme nos disponibilizamos. Há ali uma relação aberta, há uma relação que ali tudo trabalha para um só objectivo e daí que até nesse aspecto eles têm tido facilidade quando têm necessidade de ajuda

virem ter connosco. Agora, logicamente, isto também depende da pessoa, não é? Há jovens que têm uma maior facilidade de integração, por exemplo: tínhamos lá uns jovens este ano e já no ano passado que pertencem a um grupo de escuteiros que já têm uma convivência social e um espírito de solidariedade social.

P: Ok. E eles gostam? É feita uma avaliação, depois do campus?

R: Sim, sim.

P: Como é que é feita a avaliação?

R: Temos um questionário. Até para ver o que se pode melhorar e onde é que eles sentiram mais dificuldades, quer no aspecto humano de relação humana, quer depois também no aspecto material, por exemplo, se houve alguma falha em termos logísticos ou não.

P: E têm feito essa avaliação?

R: Temos.

P: E os resultados têm sido positivos?

R: São positivos, são. Obviamente que isto a nós congratula-nos mas acho que também é um reconhecer, acima de tudo, o trabalho que eles desempenharam porque o mérito é todo deles. Nós já temos aquela função mais profissional não é? Saber gerir. Agora, a eles…

P: O que faz com que o mérito também seja vosso. Bastante não é?

R: Não, mas isso é mais um mérito moral.

P: Não. Então?

R: Interessa é saber o que é que eles sentiram. É claro que há jovens que se calhar também não estão preparados para esta área que é da educação, estão preparados para outras áreas e o próprio relacionamento com as crianças não é feito de uma forma tão natural.

P: Claro, percebo. Por isso é que também estava a perguntar se havia preparação.

R: Mas por exemplo, vou-te dizer, numa das reuniões que tivemos aqui, já no ano passado, lhes disse assim: "quando alguém achar que, ou vem mal disposto porque passou mal ou sente que está a ter dificuldades em liderar o grupo deles para terem sempre o à vontade de virem ter connosco". Não é fácil, pois são também crianças que estão com eles. Estamos a falar em sete anos de diferença, dos seis aos doze anos. São sete anos.

P: Mas vocês fazem grupos por idades?

R:Sim. Por exemplo, este ano tínhamos 10 grupos.

P: Diferentes?

R: Em média de cinco a seis elementos.

P: Vocês fazem aqui a gestão das inscrições? Na junta?

R: Sim, sim.

P: E quantas vezes é que reuniram com os monitores?

R: Duas aqui, ainda antes, e depois uma lá. Depois, durante o tempo, vamos tendo reuniões ao longo do próprio campus.

P: Avaliação contínua, não é? De acompanhamento.

R: Sim. Qualquer coisa que possa estar ali a correr menos bem. Tive lá um ou dois casos, ou porque chegou cinco minutos atrasado e há que fazer uma substituição de monitor e o outro está lá à espera. Não é porque o outro também não o faça, há é uma preocupação do nosso lado de os responsabilizar.

P: Claro, aliás, uma das críticas que tem sido transversal a quase todas as entrevistas, é que os jovens têm falta de responsabilidade.

R: Sim, sim e daí que nós também não podemos permitir, por exemplo, tendo a cargo 55 crianças como tínhamos, não podíamos permitir determinadas falhas ali dentro porque quer queiramos quer não, para os pais, a responsabilidade nunca é de um monitor, irá ser sempre da coordenação, sempre!

P: Isso é sempre, para os pais. Como é que vocês escolhem as actividades?

R: As actividades foram pensadas. Reuni-me com as duas professoras e tentámos, como primeiro objectivo, fazer um campo de férias pedagógico. E quando se fala em pedagógico é que ele seja uma mais-valia para o seu reforço intelectual acima de tudo, além do físico (mas o físico é normal), mas principalmente que fosse intelectual, e que ao mesmo tempo não fosse saturante, isto é, quanto mais actividades melhor. Podem gostar mais de uma ou podem gostar mais de outra mas aquela hora ou duas horas passa. Depois diversifiquei em várias áreas. Há desde a cultura, história, lazer, desporto. Também houve essa preocupação. Depois, o passo seguinte foi contactar as entidades locais que pudessem estar disponíveis para o efeito: colectividades, associações, para nos disponibilizarem eles próprios monitores deles, específicos, para quando dessem aquela aula teórica e prática não fossemos nós estar a ler um livro mas sim já pessoas com experiência naquela área, como por exemplo numa visita aos bombeiros. Eles foram lá, dois bombeiros deram a teórica lá no auditório e depois tiveram a parte prática onde andaram dentro das ambulâncias a ver como funcionam determinados equipamentos, que é o que eles mais gostam. A GNR veio cá, o projecto "Escola Segura", da Lousã. Tiveram a parte teórica no auditório também, neste caso era normas de segurança, quer pedonal quer a andar de bicicleta e depois a parte prática no parque.

P: E vocês avaliam no fim se eles retêm os conhecimentos? Ou não?

R: Por acaso este ano foi giro, porque, depois até foi a professora Ana Paula a mentora disso. Eles tinham de fazer um trabalho de grupo que podia ser uma peça de teatro, uma música. No dia seguinte é o convívio com os pais. Em que depois fazemos uma exposição, dos trabalhos todos que foram feitos, passamos fotografias, filmes. Tivemos visitas filmadas para os pais saberem e depois ao fim fomos fazer uma visita ao património histórico.

P: Percebo. Como é que isso funciona? É grátis? Eles pagam uma inscrição?

R: O ano passado cada criança, dos que pagaram, eu já explico o que quer dizer isto, pagou quarenta euros para 10 dias. Eles entram aqui de manhã às 9h00 e saem às 18h30 da tarde. Têm lanchinho ao meio da manhã, têm almoço e têm lanchinho a meio da tarde e a todo o material necessário.

P: Claro, claro, toda a logística então.

R: Aliás, só para ter uma noção, os quarenta euros do ano passado nem para uma semana de alimentação dava.

P: Mas eles pagaram quarenta euros, foi isso?

R: Mas também há aqui uma coisa: eu prefiro gastar dinheiro num projecto destes, num projecto social.

P: Não, eu não estou sequer a criticar, é mesmo para perceber.

R: Não, não, mas até para perceberes. Eu prefiro gastar e que haja aqui um investimento do executivo, neste caso da junta, para um projecto destes e saber que vamos meter ali cinquenta a cem crianças, se calhar com sessenta ou setenta euros também os poderíamos vir a ter, não era por aí. Pronto mas também temos de ter em conta que agora está a haver contenção económica. Há pais que têm lá duas ou três

crianças e logicamente para ir um, e tendo em conta a faixa etária dos três, não vai deixar os outros dois em casa ou deixar um. Daí que nós quisemos garantir sempre uma base mínima mas nunca uma base máxima. Mas lá está, isto também é uma obra só que é uma obra social.

P: Mesmo sendo pago? É que essa é a minha questão por aí. Todo o *feedback* que me têm dado é o oposto.

R: Os pais aderem porquê? Porque o ano passado nós tínhamos medo. Era o primeiro ano, nunca se fez nada disto cá em Oliveira e estávamos com medo. Pronto … apostamos numa publicidade mais intensa, na altura da Expo, que andou de mão em mão e tal e lá fomos tendo um pai ou outro que foi acreditando nisto e aliás, há ali dos mais quadrantes da área social em termos económicos e aderiram. Depois pronto, tivemos uma crítica positiva sobre o evento, após o evento do ano passado, o que este ano já nos ajudou porque depois a mensagem passa. E aliás, posso dizer uma coisa, nós não tivemos preocupação nenhuma este ano. Fizemo-la porque tínhamos que a fazer, nós não tivemos preocupação em fazer publicidade.

P: Claro, passa não é?

R: Nós, três meses antes, já tínhamos pessoas a perguntar quando é que abriam as inscrições.

P: E mantiveram o valor?

R: Não. Aumentamos para dez euros mais, passamos para cinquenta euros.

P: 15 dias?

R: Sim, 15 dias porque as coisas também ficaram mais caras, as refeições e tudo ficaram mais caras. Foi só por causa disso.

P: Não, não tem de justificar, por amor de Deus.

R: Não, mas cabe-nos a nós. Eu tenho sempre essa preocupação de justificar porque é uma entidade de utilidade pública e eu acho que as pessoas devem saber.

P: Sim, sim. Mas eu acho que qualquer pessoa percebe que 15 dias, uma criança gasta muito mais, não é?

R: Não, não, eu vi projectos do Inatel e de outras entidades que só um fim-de-semana são cento e tal euros.

P: Eu tenho estado a analisar esse tipo de projectos e em média, normalmente, por semana são cento e cinquenta a duzentos euros nos outros sítios.

R: Agora é assim, logicamente, nem nós estivemos preocupados em ir ver quanto é que os outros levavam, porque é assim, o objectivo era fazer um campus de férias pedagógico, de integrar crianças, ocupa-las, contribuir também para os pais, porque há pais que trabalham e que nesta altura é um momento em que as escolas estão fechadas, não há ATL's e tudo isso iria ser uma mais valia e foi.

P: Isso foi em Julho?

R: Não, nós no ano passado fizemos na última quinzena mesmo, acabou no dia 30 ou 31.

P: De Junho? Ou Julho?

R: Não, não, de Agosto.

P: Agosto!

R: Agosto, na segunda quinzena de Agosto. Este ano acabou no dia 2 de Setembro.

P: Mas foi todo o mês de Agosto?

R: Não, não. Nós não podemos, por mais que houvesse vontade, uma coisa que eu relevo e deve ser salientada: a coordenação deste campus é toda feita de forma voluntária.

P: Claro, claro.

R: É assim, eu não posso pedir a ninguém. A minha parte é como o outro porque, entre aspas, fui eu que idealizei isto e eu pessoalmente abdico. Abdico porque também é da minha vida pessoal e eu abdico de tirar férias para este campo de férias. Mas eu a mim posso exigir mas não posso exigir a pessoas…

P: Claro, claro, eu só estava a tentar perceber as datas…

R: Há duas pessoas excepcionais, que aderiram a este projecto desde o início e que vêm para aqui 15 dias, também elas abdicam da vida delas não é?

P: Portanto isto foi durante 15 dias? É que eu fiquei com ideia que aconteceram dois.

R: Não, não.

P: É um campus?

R: Este ano foi de 22 a 2 de Setembro.

P: Percebi.

R: Depois é assim: logicamente isto é tudo uma questão económica, por exemplo: os vinte jovens monitores vêm do tal programa de "Férias Ocupadas" e essas férias são pagas pelo município. Senão aumentava-nos ainda aqui mais os custos.

P: Claro.

R: Agora que há toda a preocupação em darmos qualidade a este campus, há!

P: Não, isso é importante.

R: Aliás não interessa agora estar a falar porque senão iria pormenorizar. Mas só custos com material de arte plástica, do mais variado tipo, deste para pintar t-shirts, plasticina, gesso, tintas do mais variado tipo.

P: Coisas que só se percebem o nome quando as compramos.

R: Só, só e uma pessoa só se apercebe bem do custo quando vê o acumulado daquilo porque estamos a falar de material para 55 crianças.

P: 55? Já não é assim um número tão pequeno.

R: Este ano ainda conseguimos arranjar um apoio de uma entidade aqui de Oliveira, neste caso foi o Crédito Agrícola. As t-shirts que tínhamos comprado o ano passado já foram eles que ofereceram.

P: Mas como é que, por exemplo, pegando nos monitores, há um programa de acompanhamento do desenvolvimento deles? Não? Por exemplo, há uma avaliação dos monitores?

R: Há, que eu tive de entregar ao município.

P: Porque eles pedem?

R: Sim, até assiduidade e tudo.

P: E que competências achas que os monitores desenvolvem nestes 15 dias, ou um pouco mais porque têm preparação não é? De ocupação e de monitorização dos jovens? Eles aprendem de certeza imensas coisas para além da responsabilidade que já falamos.

R: Há uma coisa que aqui nas reuniões de preparação, nós tentamos passar. Aliás, eles sabem e os próprios jovens depois ouviram também, mesmo crianças ouviram. Eu tinha dois lemas sempre para eles que eram: responsabilidade e respeito. Respeito no sentido de respeito pelo próximo. E depois eu costumava dizer-lhes. Depois damos o laço e vamo-nos divertir. É sempre essa mensagem que temos de passar que é: responsabilidade e respeito. Os monitores, cada um deles vai ter 5 ou 6 crianças sob a sua alçada. Nem é muito para um monitor ter 5 ou 6 crianças sob a sua alçada. Isto são pormenores que as pessoas lá fora não sabem: cada pai teve de preencher uma ficha.

P: De responsabilidade não é?

R: E não só. Para nos facultar determinadas informações: Se a criança precisa de tomar medicamentos, se sabe nadar, se não sabe nadar, se a qualquer altura do dia, é necessário, além de medicamentos, ter de lhe dar outro tipo de valências. Tivemos lá crianças problemáticas, tivemos lá crianças com deficiência, de atraso em termos de evolução mental, e tudo isso é dado ao monitor antes de conhecer o grupo para os ajudar à preparação e não só.

P: Para ajudar esta preparação não é?

R: A identificação toda das 5 ou 6 crianças que vai ter a seu cargo. E também lhes é dado o mapa todo do programa que se vai fazer. É-lhes dado toda a logística que vai ser necessária em cada dia. São eles que depois que vão ser os porta-voz para os pais e encarregados de educação ou responsáveis máximos sobre da criança. Isto também é feito intencionalmente porque lá está, queremos começar a mentalizá-lo da responsabilidade porque mesmo sendo jovens já é importante saber, por exemplo, o que é saber ter uma criança perto deles.

P: Claro, claro.

R: Obrigá-los a puxar por eles porque isto até mesmo introspectivo. É muito importante para eles.

P: Claro claro.

R: Eles depois olharem para eles e sentirem que que se esforçaram.

P: Estes jovens, que não os monitores, eles têm mais férias, não é? Portanto, foram 15 dias aqui mas o que é que os jovens de Oliveira fazem nas férias?

R: O quê? Crianças?

P: Não, dos 12 aos 18.

R: Dos 12 aos 18?

P: O que é que eles fazem nas férias?

R: Infelizmente ou felizmente o que lhes há para dar é pouco e por exemplo, a realidade de Oliveira que eu me apercebo eles junta-se em grupos. É normal, é uma coisa que é normal, mas não havendo grande valências e actividades para lhes proporcionar eles refugiam-se a falarem, em bares.

P: E achas que faz sentido propor mais actividades para os envolver nas férias?

R: Acho, acho. Por exemplo, há um projecto que eu não vou desistir dele, porque também é uma responsabilidade minha. Eu dei a cara por ele, que era a construção de um parque de desportos radicais. Eu tenho isso no meu programa e espero que no próximo ano ou no máximo em 2013 eu consiga concretizar que é ir também já a uma área mais específica. Porque é assim, eu acabo por ser um jovem mais velho e eu vivo os problemas deles, até pela minha maneira de ser e muitas vezes revolta-me também, não ter o que lhes dar e não ter como proporcionar e eu digo que, agora durante os quatro anos que aqui estou, e já lá vão quase dois, vou lutar e fazer tudo para lhes proporcionar algo que eu também não tive na minha juventude, não é? E daí que é importante, até por uma questão de consciência, de sentir-me eu próprio também útil. E daí, não é em vão que eu falo naquelas actividades de solidariedade e

voluntariado, porque eu quero sentir que eles têm aqui um amigo ao lado deles, uma pessoa que lhes pode ser útil. É assim, falando um bocado friamente, a toxicodependência existe aqui. Existe e só não vê quem não quer.

P: Mas existe muito ainda? Eu não tenho noção. Eu não tenho mesmo noção.

R: Existe, existe. Drogas leves mas existe.

P: É?

R: É. E cada vez mais cedo.

P: E achas que um campus de férias ou coisas mais para as férias para os ocupar poderia ajudar?

R: Quanto mais ocupados melhor. Eu no ano passado tive lá um dos monitores, era um moço também da comissão de protecção de jovens, toxicodependente, e ele esteve ali 15 dias a tomar conta de crianças e se calhar era das pessoas que mais carinho tinha.

P: Porque eles ganham motivação e outras oportunidades, não é?

R: E não é isso, é valorizar as capacidades deles. Porque muitas vezes, o que eles sentem é falta de atenção e carinho.

P: Também acho.

R: Independentemente de terem 18 anos ou não. Eu digo-lhes: "eu quero que vocês passem a vossa parte sentimental, o carinho, para as crianças". E depois aqueles mais orgulhosos.

P: Que acham que isso é fraco.

R: Mas depois naturalmente dá para perceber que eles lá na prática fazem isso mesmo. Agora se uma pessoa se aproximar dele, pois já parece ali autoritário, isso já é um egoísmo e laxismo

P: Isso hoje está relacionado com laxismo e com o que a sociedade vai debitando.

R: Agora é assim, eu sinto também que utilizei isto mas foi com outros fins. É assim, os pais que não se justifiquem que trabalham para o que eu vou dizer, porque já no meu tempo os pais trabalhavam mais horas e menos tempo tinham para nós e não foi por causa disso que eu segui determinados parâmetros. Eu e os meus irmãos e outros jovens da nossa geração. E isto para tocar em quê? Na questão da toxicodependência, da falta de ambiente familiar que eles têm.

P: É quase transversal não é? Nem sequer é por família.

R: Eles saem para a rua não é em vão, é porque se calhar não têm a atenção devida em casa porque os pais chegam saturados do trabalho. Isso é verdade, mas isso não implica que os pais não devam ter as suas responsabilidades familiares.

P: São pais não é? Pais são pais.

R: Cada vez mais, hoje em dia, os pais fogem a essa responsabilidade.

P: Os pais aderem a este tipo de actividades?

R: A que nível?

P: De ocupação de tempos livres?

R: Mas quê? Para os mais jovens?

P: Para os mais velhos agora, será que aderem? Tenho algum receio em pensar nisso.

R: Eu falando friamente, há pais, não vou dizer que são todos logicamente, que quanto mais longe estiverem dos filhos ou os filhos deles, melhor.

P: Mas aqui isso verifica-se?

R: Verifica-se.

P: Porque a ideia que eu tenho é que esta malta está em casa sem fazer nada.

R: Verifica-se só que é assim: eu por exemplo, tenho passado esta mensagem em algumas das reuniões de pais que às vezes tenho. Eu faço parte do concelho geral de educação do agrupamento, estou ligado à comissão de protecção de jovens e também por vezes, tenho de intervir e ser um bocado mais realista…

P: Frio.

R: nem é frio, é ser realista, acima de tudo. Eu no ano passado, vai fazer agora um ano, ali na escola de Gavinhos, a certa altura, logicamente há uma coisa que eu não faço que é individualizar situações, mas a certa altura disse "isto quase que me dá a entender que há aqui pessoas quase que agradeciam que a junta vos construísse aqui um hotel ao lado da escola e, de vez em quando, viessem cá ver os vossos filhos" …

P: Pois.

R: "… Porque a vossa preocupação não é se vem para cá mais uma auxiliar de educação ou outro, porque isso já vos cabia a vocês em termos de responsabilidade, nem é aos municípios nem às escolas porque o ATL é da responsabilidade escolar mas vocês quanto mais vos dão melhor"…

P: Mais pedem.

R: "melhor… mas ao mesmo tempo pior. Porque vocês até agradecem e quanto mais longe dos vossos filhos " E houve lá dois ou três que…

P : Que se passaram?

R: - "Está a falar para mim?", "Não, estou a falar para quem entrar a mensagem e para quem se sentir nela. Agora o que eu estou a sentir é isso mediante o diálogo que estamos aqui a ter todos".

P: As oportunidades dadas aos jovens, as competências deles, são diferentes de escola para escola? Estou a falar sempre neste 3º ciclo e secundário. A EPTOLIVA dá competências diferentes da escola daqui?

R: É assim, eu acho que, hoje em dia, cada vez mais, há uma maior proximidade em relação a isso. Acho que essa diferença já se sentiu mais.

P: É? Já não se sente tanto?

R: Continua é a haver aquele bairrismo interno, entre aspas, bairrismo da minha escola tentar ser melhor que a outra, mas isso até é saudável.

P: Mas na prática isso verifica-se ou é bairrismo?

R: Não eu acho que os jovens todos se dão bem entre eles, todos eles dão o seu contributo.

P: Mas a nível de oportunidades? Oliveira dá mais oportunidades que a Covilhã por exemplo?

R: Não, hoje em dia, até pelos programas educacionais, penso que não. A única coisa que pode haver, e isto já não tem a ver com oportunidades, pois as oportunidades penso que são idênticas, pode ter a ver com outra questão: o extra-escola. Só que é assim, aí o jovem também já desde o momento que sai fora da porta da escola já deixa de ser responsabilidade da própria escola.

P: Claro, da escola, Claro.

R: Agora dentro do meio escolar.

P: Mas a nível das freguesias, achas que as oportunidades são diferentes?

R: Nas freguesias as escolas primárias estão a fechar todas, agora quem manda são os agrupamentos, qualquer dia são os mega-agrupamentos.

P: E o Ministério [da Educação] porque isto tende tudo a andar para trás.

R: Infelizmente as escolas foram fechando, também por culpa dos pais, eu continuo a dizer isso.

P: Isso é um assunto que ainda não perguntei a ninguém, também porque ainda não consegui. Fecharam muitas escolas aqui em Oliveira?

R: O ano passado fechou Gramaços, este ano, agora no início do ano lectivo, Seixas e Gavinhos de Cima, fechou a de Avô também no ano passado.

P: E o que é que é feito a estas escolas? Ficam fechadas? Têm projectos?

R: São nossas, do município.

P: Mas há projectos de ocupação destas escolas?

R: É assim, por exemplo, eu ali em Gramaços a Associação de Gramaços está a usufruir dela. Irá brevemente fazer um protocolo com o próprio município de cedência.

P: Ai é?

R: É. E é assim, há aqui uma coisa que há que relevar: cada vez mais nas partes rurais e até aqui nos subúrbios são as associações a única porta aberta à sociedade, em termos de socialização.

P: Que associações é que nós temos? Que associações é que há?

R: E atenção, eu estou a falar em associações que ainda fazem actividades, não é associações só para ter um café aberto. Por exemplo: Gramaços tem lá a escola de dança, tem o rancho folclórico, tem as marchas, pronto que ainda vão proporcionando actividades colectivas.

P: Mas há? Essas associações têm estado a proporcionar?

R: Por exemplo, eu falo aqui da freguesia, têm. A de Gramaços é a única que tem.

P: É a única, ok.

R: Em Oliveira, dentro da localidade de Oliveira há outros mas assim fora… as três Gavinhos, quer Revenda de Gavinhos, Gavinhos de Cima, Gavinhos de Baixo não têm. Catraia tem actividades, mas são actividades já mais seniores que não abrange a parte jovem. São actividades mais seniores.

P: Mas a nível de associativismo, os jovens participam no associativismo ou só usufruem do pouco que há?

R: Eu não sou a pessoa ideal para falar sobre isso

P: Não, mas tens uma perspectiva.

R: Há aqui o mais variado tipo de associações desde desportiva, religiosa, cultural. Há muitos jovens integrados. Por exemplo os escuteiros têm cento e tal jovens, há escolas de música.

P: Escolas de música não são bem associações.

E: Pois, rentabilizam lucros mas depois têm a sua parte também de âmbito social. Há o grupo de jovens católicos.

P: Os jovens aderem, estes a partir dos 12, 13 anos?

R: Alguns. No entanto a maior parte dos jovens não adere, se estivermos a falar assim um bocado mais friamente e realista.

P: E não adere porquê?

R: Porque também não puxam por eles, lá está. O jovem já é parte integrante daquilo que mais nos identifica que é uma sociedade comodista. E ele já tem a génese da sociedade portuguesa. A maior parte dos jovens estão à espera que vão ter com ele e não ele tomar a iniciativa de ir.

P: Percebo.

R: E daí que nos cabe a nós também.

P :E a nível de participação na vida local, mais política, os jovens participam?

R: Eu sinceramente, acho que outras gerações já levaram isto de uma forma mais a sério.

P: E votam?

R: Banaliza-se um bocado. Os jovens votam. Mas estão um bocado afastados disso.

P: Mas votam? É que eu tenho a ideia que votam a primeira vez e depois…

P: Pouca percentagem, pouca percentagem.

P: É muito pouco?

R: É.

P: E porquê? Serão provavelmente vítimas desta sociedade ou?

R: Sim, porque a política não lhes diz nada.

P: Não lhes diz?

R: É assim, há uma coisa importante que eu aprendi quando era mais novo: todos nós, ao longo da nossa vida é importante que tenhamos referências e acho que cada vez mais faltam essas referências na nossa sociedade. Pessoas exemplares, pessoas que cativem, que nos motivem. Há o ídolo do futebol, não é? Mas devia de haver o ídolo da política, se houvesse seriedade, mais seriedade na política e é nesse contexto que eu também sinto que os jovens já tiveram mais essas imagens num passado, outro tipo, outras gerações.

P: E é isso que nos falta agora não é?

R: Falta-lhes também essa referência.

P: A nível do empreendorismo, os nossos jovens são empreendedores? Uma palavra da moda agora.

R: São. São.

P: O que é que é ser empreendedor?

R: É assim, e devido ao trabalho que é feito nas escolas. Eu vou-te dar este exemplo: este ano fui a uma final, até fui convidado por eles, a Guimarães, que era o Go-Empreende Agora e as duas turmas de

Oliveira ficaram nos dois primeiros lugares, a nível nacional. Quer dizer que há trabalho de excelência aqui dentro. Agora se isso é transposto depois para a parte da sociedade? Já exteriorizado, esse projecto escolar? Isso é outra questão.

P: Houve dois grupos que foram, por acaso também acompanhei; mas a minha pergunta é: estes grupos que foram, foram e eu percebi que houve professores que também os estimularam a ir. Mas isto é representativo?

R: Eu dei este exemplo mas há outras mais-valias noutras áreas. É assim: esse trabalho principalmente é feito nas escolas e penso que as escolas nesse aspecto têm feito um trabalho excelente, de excelência, quer a própria disponibilidade de quem dirige, quer depois dos próprios professores/docentes que trabalham nesse dito projecto específico. Agora é assim: agora abriu esta plataforma – isto já indo a outras dimensões – o BLC3 que se está a querer puxar, por projectos novos que saiam ideias dos próprios jovens, empresários, para se lançarem aqui novos e jovens empresários. Pelo que ouvi recentemente, estão lá cerca de 30 a 35 projectos para entrarem de jovens até aos 35 anos ou o que é.

P: Mas para abrirem empresas? Negócios?

R: Para abrirem negócios e em várias áreas diversificadas. Eu penso que as ideias não faltam. Às vezes, ou por falta de coragem ou porque também nós não conseguimos estar mais próximos dessas ideias para ajuda-los a levar à prática.

P: Porque há de facto um incentivo à promoção da ideia, e nós somos portugueses todos muito bons a ter ideias, é um facto que temos grandes capacidades para isso, mas depois há toda uma falta de acompanhamento de capacidades, de competências, de liderança, de perseverança, e esse tipo de coisas depois falta na execução do projecto.

R: Mas lá está, isso já parte logo, pelo que eu há bocado falei, pelo comodismo de quem tem a ideia também. As pessoas, os jovens, cada vez mais hoje têm de lutar para o ter. E acho que a capacidade de iniciativa, está a faltar, cada vez mais, aos jovens. O ir à luta, o eu quero, tenho que ser eu a lutar. Não, nestas novas gerações de jovens ouve-se mais: "eu quero, vou pedir ao meu pai ou vou pedir à minha mãe que me dão". Perdeu-se um bocado essa causa e essa causa é que faz o homem ou ajuda a fazer o homem, que é lutar, valorizar e valorizar. Antes a um objecto pequenino dávamos bastante valor, hoje a um objecto grande desprezam-no.

P:Pois, é verdade.

R: O choque já é tão grande que já chegámos a esse ponto. Infelizmente. Uma sociedade cada vez mais materialista, mais egoísta, menos humana entre aspas, e menos solidária e tudo isto também se reflecte nos jovens. O jovem, já por si era comodista, mas o jovem acomodou-se porque os seus pais têm-lhe dado tudo. Eu ainda no outro dia até li no Facebook, coloquei lá um espelho geracional de uma senhora ainda antes do 25 de Abril até à data de hoje pois ao fim era tipo "eu acabei um curso, os meus pais vêm-me dar dois beijos" … hoje não, hoje os pais dão um carro, ou uma viagem, ou uma casa …

P: Muito típico é a viagem é verdade…

E: Quer dizer, o jovem está lá sempre em cima. Está lá sempre em cima e ainda não lutou por nada.

P: Percebo. É verdade.

R: Por isso é que depois a dificuldade de entrada no mercado, de sobrevalorização das suas capacidades podem cair em terra rapidamente.

P: Pois, aliás as coisas têm estado todas a bater certo. Eu tenho questionários de miúdos que me dizem que não gostam de fazer nada nas férias porque não gostam de horários.

R: Claro, não há disciplina, não há regras.

P: Estas competências que estamos a falar de falta de capacidade para levar a ideia para a frente, estão relacionadas com as tais competências cívicas que também lhes faltam para participar na política e coisas assim?

R: Quer dizer, tudo isto é uma inter-relação. A nossa personalidade está interligada em várias áreas, em várias capacidades.

P: Podemos estar a falar mais ou menos das mesmas.

R: Logicamente, todos nós gostamos mais de umas coisas que doutras, mas essa correlação logicamente que é afectada se falhar ali um elo. Se um dos elos falhar.

P: Ok. E o trabalho, percebi que há uma grande influência e impacto do teu trabalho da escola nos alunos nesta questão do empreendorismo e criar coisas.

R: Sim, a parte inicial sim, está lá toda.

P: E o tipo de trabalho que os professores fazem, tem impacto na sua vida social depois? Quem diz os professores, diz os monitores que depois estão com eles e portanto quem os acompanha nas actividades.

R: Mas tem impacto como? Se lhes é valorizado o trabalho?

P: Não, se eles aprendem com o tipo de monitor?

R: Ora essa, um professor já nasceu para ensinar mas também para se educar, não é? Aliás todos nós, todos os dias, a não ser que não queiramos, estamos sempre a aprender. Aliás estes projectos de empreendorismo devem ser também um sinal de aprendizagem para o próprio professor não é? Se um jovem lança uma nova ideia, se a consegue levar à prática é algo que o professor também apreendeu mais. Agora, eu acho que deveria de haver uma maior força neste processo de continuidade, por exemplo: caber-me a mim agora enquanto autarca e a todos demais autarcas e instituições, conseguir exteriorizar ao máximo esses projectos da escola, trazê-los para a rua, pô-los em prática na rua. Porquê? Porque o jovem depois tem um ano de relevo lá dentro mas depois morre cedo porquê?

P: O impacto…

R: Porque o ano seguinte é um novo ano lectivo. Se conseguíssemos, aqueles projectos mais válidos exteriorizá-los e pô-los até em prol da própria sociedade, porque há projectos que têm a sua lógica depois e têm a sua validade para a própria sociedade. Se fossem exteriorizados, a marca daquele aluno iria ficar perpetuada entre aspas pelo menos por mais uns anos.

P: E estimular outros a fazer, não é?

R: Claro. E tudo isto, em termos de ego, para o próprio jovem, e para os que viessem a seguir, seria muito importante.

P: Ok. Para fecharmos, pensando nesta questão das actividades, e eu estou a fazer de facto um programa de continuidade, que tipo de ideias é que vês como principais para começar? Porque há uma quantidade de competências para trabalhar e tenho uma lista enorme.

R: Mas a que nível? Actividades para lhes propor?

P: Sim, a propor-lhes. Eu percebi previamente que vou dividir a proposta. Para já não é no terreno. Para já é só uma proposta de projecto com tudo o que um projecto manda, não é? E eu percebi que vou ter de fazer duas coisas distintas: dos 12 aos 14 e dos 15 aos 18 ou mais ou menos assim.

R: Sim convém.

P: Percebi que serão dois grupos distintos com propostas distintas. O que é que seria interessante trabalhar ou fazer com estes grupos, na tua perspectiva?

R: Isso se calhar o melhor é questioná-los a eles e não sei.

P: Isso eu já fiz. Estou à espera dos resultados.

R: Se bem que muitas vezes eles dizem que gostavam disto e daquilo e depois quando lhes propõem não participam. É assim.

P: O que é que eles precisam, na tua perspectiva?

R: O que é que eles necessitam? Principalmente? Valorizar a sua própria pessoa e ir buscar algo inato que eles tenham, por exemplo, uma coisa gira. Vou-te dar uma coisa gira, que era gira cá fazer. Até devia existir isto no processo de continuidade. Um pavilhão para quem quisesse explorar ideias suas. Eu não sei se nasci para a pintura, ter lá umas telas para pintar. Eu não sei se nasci para ser escultor, ter lá umas pedras para esculpir.

P: Uma coisa de experimentação.

R: Era lançar artistas.

P: Criatividade.

R: Uma oficina de artes, por exemplo, se calhar era giro. Outra, esta situação que resulta muito que é eles sentirem-se úteis à própria sociedade. Esta questão de voluntariado. Trabalhos assim. Hoje vamos pintar a parede daquela escola que está toda suja. Eles vêm, depois vamos todos almoçar. Depois à tarde vamos todos fazer aí um espectáculo musical. E eles vão.

P: Eles vão.

R: Desde que eles sintam que estão a ser úteis a alguém, o próprio ego deles dispara logo. Amanhã são eles que vêm ter contigo. Por isso é que eu digo que nesta fase inicial temos de ser sempre nós a ir ter com eles.

P: Uma pergunta muito prática, pensando num projecto a desenvolver cá, que é o meu objectivo independentemente da tese ou não, era tentar levar por mais pequeno que seja…

R: Podes contar comigo.

P: Sim, obrigada! Eu estava a pensar a nível de concelho. E tem sido um sarilho que eu só consigo ficar em Oliveira e ando assim à volta e acabo por cair mais na freguesia.

R: Tipo para as férias?

P: Sim. Faz sentido fazer uma coisa abrangente concelhia? Mais concelhio ou só de freguesia?

R: Concelhio não diria, se calhar diria mais…

P: Eu digo de abrangência.

R: É assim, há uma coisa que tens de pensar, a nível concelhio, tens de ter uma equipa grande. O que poderás trabalhar é com associações locais que te ajudem depois a complementar.

P: Mas fazia sentido pensar numa coisa mais concelhia?

R: Fazia. Por exemplo, eu nas férias, há uma coisa muito importante que está cá muito mal trabalhada: a divulgação turística com várias cartas e guias turísticos. Por exemplo: lançar os jovens da área de letras, de inglês, francês, português a servirem de guias, aqui um protocolo com o município e criar aqui guias de visita.

P: Construir materiais também.

R: Pontos de visita turísticos e visitar monumentos. Por exemplo: explorar uma coisa que está muito mal explorada em termos turísticos, é a questão do Vale do Alva e do Alvoco.

P: Também concordo.

R: Com actividades direccionadas ao rio, desportos, até podia haver passeios de burro e cavalo que há lá.

P: Podia haver tanta coisa cá…

R: E está tão mal explorado. Agora estou aqui.

P: E as levadas e as caminhadas que o pessoal podia fazer ali.

R: Traçar percursos pedestres, por exemplo. Marcá-los mesmo. E deveria ser proibido fumarem lá.

P: É não é?

R: Digo eu.

P: Como é que se pode financiar um projecto destes? Os parceiros locais financiam?

R: É assim, apoiam.

P: Apoiam?

R: Não vou falar em financiar, apoiam.

P: Sim sim.

R: Agora é assim, por exemplo, nós o ano passado, quisemos ir IPJ - Instituto Português da Juventude buscar subsídios até para isto e já não havia.

P: Há uma quantidade de regulamentos também.

R: Não, não, não, estava tudo em contenção de custos.

P: Ok, mas a nível local arranjam-se parceiros que apoiem?

R: Agora um conselho que te dou: eu acho que se calhar começava por uma coisa mais pequenina.

P: Claro.

R: E depois ao longo dos tempos ia ganhando apoios e depois dimensionava.

P: Há uma coisa que eu ando a tentar que é: eu acho que faz falta uma associação juvenil de Oliveira.

R: Elas existem. Há aí uma ou duas.

P: Há?

R: Mas nunca são de mais. Mas é assim se fosse para pegar nesse tipo de actividades deles serem parte integrante logo da organização e isso tudo, era importante.

P: Porque eu acho que faz falta a sociedade organizar-se também e dar respostas, não estar sempre à espera.

R: Lá está, é o tal comodismo.

P: É. Mas achas que fazia mais sentido aplicar a nível cultural?

R: Em termos culturais temos o OHs.21 que já é outra dimensão.

P: Portanto propor à autarquia que desenvolva, que seja promotora das actividades ou criar algo que seja promotor, em parte com parceiros claro. O que é que faz mais sentido na tua opinião?

R: Aqui já nem tem a ver com sentido, aqui tem a ver é com objectivo. Porque é assim: o sentido, o município, tudo. Penso que o município e as próprias juntas de freguesia que estiverem afectas vão dar sempre o seu apoio não é? Só que esse apoio pode ser relativo. Para já também era importante ver se há programas direccionados para isso e ver até onde se poderia ir nesse aspecto. Depois a partir daí, parcerias são sempre importantes.

P: Mas eu falo mesmo a nível prático, a nível de financiamento porque eu acho que nunca se pode pedir muito porque senão eles não aderem não é? A nível financeiro, como estavas a dizer as inscrições nunca cobrem os gastos, nem de perto, por isso é que eu estava a perguntar.

R: Nem este ano para aí nem sei se chegou perto de 1/4.

P: Pois, porque é imenso exactamente. Portanto tem de haver é estratégias para isso não é?

R: É assim, onde nós pudermos ir buscar dinheiro melhor não é? Isso tem lógica.

Anexo 17 – Transcrição da entrevista semi-directiva ao Dr. Miguel Ventura (ADIBER)

Pergunta: Antes de mais queria-lhe agradecer outra vez pela atenção.

Resposta: Sim

P: Vou tentar ser o mais rápida possível. Tem uma...

R: É, temos aqui uma iniciativa hoje, era só por isso a minha dificuldade, sim.

P: Está bem, está bem. Bom...
De uma forma geral, o que eu gostava de saber: como eu lhe tinha dito, estou a explorar a questão da ocupação dos jovens nas férias e de alguma forma tentar cruzar isto com o aumento da participação activa e do associativismo, aquelas competências mais sociais.

R: Sim. Muito bem.

P: E o que eu lhe queria pedir era, neste caso como está aqui – portanto, é coordenador da parte da ADIBER –, era se me apresentava um bocadinho a ADIBER e as áreas de intervenção.

R: Pronto, somos uma associação de desenvolvimento local. Foi criada em 1994, no âmbito do 2º Quadro Comunitário de Apoio, isto com o objectivo de, na altura, responder a um repto que foi lançado da própria sociedade civil portuguesa ser mais activa na implementação dos quadros comunitários de apoio e estarem disponíveis um conjunto de meios financeiros que, por exemplo, não estavam disponíveis para as autarquias e que vinham, de facto, responder a novas necessidades, a novas áreas que eram importantes para o desenvolvimento, que não apenas o investimento infra-estrutural que na altura ainda era uma prioridade do nosso país. Portanto, nós nascemos dessa forma. Portanto, é uma associação que é criada, que é constituída sobretudo por pessoas em nome individual, por juntas de freguesia, por outras entidades também privadas e temos, ao longo do tempo, dinamizado a nossa actividade um pouco em algumas áreas que de alguma forma contribuam para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos deste território. A associação nasceu, em primeiro, muito centrada no concelho de Góis – portanto, era a Associação de Desenvolvimento de Góis – e em 1997 alargou-se para os municípios, os denominados municípios da região da Beira Serra. Portanto, Arganil, Góis, Oliveira do Hospital, Pampilhosa da Serra e Tábua. Entretanto a Pampilhosa da Serra, por questões estratégicas locais, decidiu juntar-se a uma outra associação – quis juntar-se aos concelhos mais a sul, por uma questão de proximidade –, e ficámos aqui com este território destes quatro concelhos.
O que é que nós temos vindo a desenvolver? Os nossos principais projectos têm sido na área do desenvolvimento rural, ou seja, a gestão das iniciativas comunitárias LEADER, através do qual apoiámos, de facto, a dinâmica e o desenvolvimento económico-social destes territórios, com o apoio financeiro ao investimento; portanto, a gestão desses programas. Neste momento estamos a gerir o subprograma III do PRODER, que é no fundo a continuidade do programa LEADER, e a partir daí vamos apoiando um conjunto de iniciativas que se enquadrem na estratégia local de desenvolvimento que nós elaborámos em conjunto com os nossos parceiros. Isto porquê? Porque nós constituímos - a associação em termos formais, portanto, é uma associação sem fins lucrativos, tem um conjunto de associados –, mas nós criámos aquilo que nós designámos pelo conceito de parceiros da Beira Serra, que é um órgão consultivo, vá lá, da região, onde aí sim, estão os municípios, estão outras juntas de freguesia, estão representantes dos vários sectores de actividade deste território – portanto, sectores económicos e sociais, culturais. São 80 entidades que colaboram connosco e que validaram essa estratégia local de desenvolvimento que define aqui duas ou três prioridades para este território.
Paralelamente a isso temos actuado também a outro nível, que é a questão da inserção de pessoas na... sobretudo aquelas pessoas que se encontram numa situação de maior vulnerabilidade face ao mercado de trabalho, tentar ajudar a inseri-las e a integrar o mercado de trabalho.
Portanto daí temos uma parceria muito estreita e muito próxima com o Centro de Emprego de Arganil, que tem sido um parceiro muito importante nesta nossa acção e temos desde as Ecobrigadas, desde estágios profissionais, os contratos de emprego de inserção – dirigidos aos beneficiários do rendimento

social de inserção –, outros projectos ligados a pessoas desempregadas. Portanto, nós temos sempre vindo a dinamizar estes projectos no sentido de os inserir.
Outra área importante é que nós fomos, em 98, salvo erro, fomos credenciados como entidade formadora, pela, na altura pela INOFOR, agora pela DGERT. Portanto, somos entidade formadora que vai desenvolvendo um conjunto de acções de formação, também aproveitando as oportunidades que são disponibilizadas pelo, neste caso e actualmente, pelo Programa Operacional Potencial Humano.
Portanto neste momento, nos últimos anos, direccionámos muito a nossa actuação para as questões... muito para o curso EFA, para os cursos EFA, portanto que têm uma dupla certificação e para além de trabalharmos a componente profissional, damos também a possibilidade das pessoas aumentarem as suas qualificações escolares, também a partir daí, terem a oportunidade de encontrar outros, outros empregos e outras oportunidades.

P: E isso fazem como? Parcerias com escolas? Com a abertura dos EFA? Ou dão aqui?

R: Não, nós damos aqui. Nós somos a entidade formadora, somos responsáveis por ministrar toda a formação. Neste momento temos a decorrer um curso EFA de nível secundário, portanto, ou seja, vai dar a possibilidade de os formandos, em caso de sucesso, terem o 12º ano, obterem o certificado de 12º ano, portanto, e na área profissional do turismo ambiental e rural. Portanto, de uma forma muito genérica é um pouco esta actividade. Agora temos, e ao longo da nossa acção, temos vindo a aperceber de outras temáticas que são importantes para estes processos de desenvolvimento e que urge e que é importante de facto aproveitá-las. Por exemplo, toda essa componente que falou um pouco da igualdade da promoção da cidadania activa tem sido muito importante para nós trabalharmos. Portanto, nós desde 2004, salvo erro, 2004? 2004! Que temos... que estamos a desenvolver um projecto que tem vindo a ser... a beneficiar de consecutivas renovações, que designámos inicialmente pelo Montanhas de Oportunidades, agora é o Expandir Mais Oportunidades que foi, pronto, aquilo que as colegas lhe transmitiram, e que trabalhamos sobretudo ao nível da mulheres, ao nível das escolas, no sentido de os motivar, incentivar e fomentar a participação, a sua participação cívica, terem de facto maior actividade naquilo que é o desenvolvimento da região, porque temos noção de que necessitamos do contributo de todos para mais num território que está desertificado.

P: Cada vez mais, não é?

R: Cada vez mais desertificado e que necessita, de facto, de mostrar que tem vida própria e que ainda é dinâmico para justificarmos aqui, para que possamos reivindicar e justificar um conjunto de investimentos infra-estruturais que ainda nos fazem aqui falta.

P: Claro, claro. Portanto, isto é de uma forma global, na zona da Beira Serra?

R: Sim. Sim.

P: E de uma forma mais localizada em Oliveira, as coisas actuam mais ou menos igual ou?...

R: Bem, obviamente que a nossa acção está muito centrada, ou está mais centrada aqui no concelho de Góis. Sobretudo estes projectos com o Centro de Emprego são – eu não digo exclusivo porque temos duas iniciativas em Tábua, uma em Arganil e outra em Tábua –, mas estão muito centradas em Góis. Agora estes projectos que falámos, tanto ao nível do PRODER como o Expandir Mais Oportunidades, são projectos abrangentes para toda a região, portanto em que, temos, vamos, deslocamo-nos lá e temos tido uma parceria muito interessante com outras entidades locais tanto a nível das autarquias como a nível de outras entidades, nomeadamente as IPSS e as escolas.

R: Mas acaba por ser mais centrado aqui em Góis?

R: Não. Esses projectos... este projecto Expandir Mais Oportunidades, promoção da igualdade e da cidadania...

P: É geral, sim.

R: É transversal a todos os municípios.

P: Sim, sim. Mas dos outros? A questão dos EFA é mais por causa mesmo de relações de proximidade, não é?

R: Sim, sim!

P: E diga-me uma outra questão: como é que funcionam as linhas de financiamento? Portanto, vocês fizeram a candidatura há dois anos?...

R: Portanto nós, mediante as oportunidades que vão sendo lançadas pelos programas...

P: Que vão abrindo...

R: Vamos estando atentos e quando abrem, obviamente que, se estivermos em condições, se tivermos oportunidade para para responder, não vamos... não vamos... Não vamos a tudo até porque é preciso alguma capacidade financeira que se vai esgotando.

P: Claro, porque eles não financiam a 100%.

R: Mas tentamos ir para resolver e para dar resposta a algumas necessidades locais que nós identificamos. Somos nós próprios, a equipa técnica da ADIBER, que normalmente faz as candidaturas, portanto, não recorremos a entidades externas. Fazemos as candidaturas até porque conhecemos de facto o território, sabemos o que é que pretendemos. Não... não... eu sou um pouco avesso aquelas candidaturas «chapa cinco» que é quase *copy + paste* duns para outros. Entendo, de facto, que se deve ter um conhecimento da realidade local para justificar e fundamentar devidamente os projectos. E somos nós que apresentamos as candidaturas e depois somos nós que também gerimos todo o processo.

P: E isso parte sempre de vocês ou há entidades externas que vêm até vós no sentido de, tal como eu estou a fazer agora, com iniciativas, com projectos de possibilidades financeiras?

R: Não, vamos... vamos... vamos tendo dado também a nossa...

P: A procura é dos dois lados?

R: Nós sempre tivemos aqui na ADIBER uma postura de abertura relativamente ao exterior. Nomeadamente divulgarmos muito aquilo que vamos fazendo; para as pessoas nos conhecerem e para as pessoas também nos procurarem...

P: Claro...

R: Porque uma sociedade que não está informada daquilo que vai decorrendo no seu território, não pode estar em condições de se poder desenvolver. Portanto é para fazer chegar de facto a informação a toda a comunidade é que nós vamos divulgando todas essas iniciativas que vamos promovendo. E obviamente que, muitas vezes, se calhar não tantas como as desejáveis mas já interessante, temos muitos parceiros, muitas entidades que vêm até nós solicitar apoio e formas de nós os podermos ajudar.

P: Nessas linhas de intervenção que me tem falado, e relacionado com as candidaturas que também têm feito com jovens – neste caso eu estou a focar entre os 12 e os 18, e mais o concelho de Oliveira embora se possa fazer sempre a parceria –, têm trabalhado é só esta questão de Expandir Oportunidades e as EFA, não é?

R: É, nós temos um projecto que se direcciona precisamente para esse público-alvo, no âmbito do programa Escolhas.

P: Ok.

R: O Escolhas de Futuro, que já é a segunda geração que nós estamos a desenvolver. Só que esse é um projecto concelhio, portanto...

P: Pois, é isso.

R: O Escolhas não... não autoriza...

P: Mas no meu caso acaba por ser o meu focus...

R: Não prevê, portanto, os projectos supra-concelhios e então esse é um projecto que está apenas a ser implementado no concelho de Góis, desde 2007. Houve a primeira geração até 2010 e agora está a decorrer a quarta geração – para nós é a segunda, mas já é a quarta geração – do programa Escolhas. Portanto, esse sim tem um grupo-alvo entre os 6 e os 24 anos.

P: Entre os?

R: 6 e os 24 anos. Mas aí não temos intervenção em Oliveira do Hospital.

P: Mas vê possibilidade de fazer lá? Tinha de ser uma equipa a gerir lá?

R: É assim: depende. Tinha de ser uma outra equipa a gerir lá. O programa Escolhas é um programa muito específico e muito... que está muito fechado sobre si mesmo. Por exemplo, no distrito de Coimbra, há só apenas três ou quatro projectos, dois dos quais um é em Góis e outro é na Pampilhosa da Serra. Nunca se pôs a hipótese de nós fazermos candidaturas para outros municípios. Em Arganil, sei que houve candidatura ao programa Escolhas mas não foi aprovada. Porque é assim: nós gostamos de responder, de facto, a necessidades quando somos também solicitados para isso, quando há outras entidades que, em determinadas áreas, têm mais competências ou têm mais saber e meios para responderem a essas áreas, nós não nos metemos. Portanto, nós queremos ter uma atitude de complementaridade para somar e não estar aqui numa atitude concorrencial de disputar as coisas. Por exemplo... eu dou-lhe um exemplo: aqui na nossa região praticamente todos os concelhos têm uma associação florestal. Nós, a área florestal, embora seja, de facto, um sector fundamental neste território mas nós, directamente, não trabalhamos com a área florestal porque as associações têm engenheiros, têm meios, têm recursos que podem prestar um melhor serviço do que nós.

P: Mas por exemplo, a candidaturas a financiamento ao PRODER, têm de ser sempre vocês?

R: Sim, sim, sim...

P: Elas, mesmo que queiram candidatura, têm de ser sempre em parceria com vocês, não é?

R: Precisamente.

P: Porque há aí alguma exclusividade nesse campo. Nesta linha que eu estou a pensar...

R: Ao PRODER, ao Subprograma 3 do PRODER. Aos outros subprogramas, podem fazê-lo directamente.

P: Ah, é só o Subprograma 3?

R: É. Nós só gerimos o Subprograma 3.

P: Ok. Então e, estando eu a pensar num projecto, não o Escolhas, também não estava a par, vê como alguma possibilidade... Como é que vê o financiamento a um projecto destes, uma vez que está ligado a financiamentos e tem estado... que tem uma vasta experiência na área?

R: É assim: depende um pouco da oportunidade em que aparece, de facto, o projecto. Porque é assim: nós já houve alturas onde é fácil, existem mais e há meios disponíveis para o desenvolvimento de projectos e há outras alturas em que os programas fecham, encerram e nós, neste momento, estamos a atravessar uma situação dessas. Não quer dizer que não haja programas abertos para desenvolver um ou outro projecto. Mas as dificuldades que o país, neste momento, atravessa também tem, de alguma forma, repercussão nestes projectos porque, apesar de serem financiados pela Comunidade, há sempre uma componente nacional que é preciso assegurar.
E neste momento está a haver dificuldades para se conseguir obter e se conseguir disponibilizar essa componente nacional.

P: Têm datas específicas, ou mais ou menos alturas, dos programas abrirem?

R: Não, é assim... Não têm...

P: Vão abrindo...

R: Vão abrindo conforme as disponibilidades, conforme...

P: Claro, percebo. Mas não fazem candidaturas directamente a programas europeus sem ser estes, por via nacional?

R: Não, não. Já fizemos, já desenvolvemos um projecto que foi feita uma candidatura directamente a Bruxelas, à Comissão Europeia, aqui há uns anos, em 98 e 99. Mas depois não voltámos a fazer uma candidatura dessa envergadura, não.

P: E acha que, para terminar um bocadinho a questão da ADIBER e mais concretamente a vossa experiência... Eu percebi com as outras técnicas que têm desenvolvido um trabalho também fantástico com os jovens, não é? Que é o meu público-alvo, nas escolas. A propósito do trabalho do Expandir Mais Oportunidades.

R: Sim, sim, sim.

P: Como é que funciona – ainda por cima são uma associação acreditada - a questão da formação com monitores? Porque foi uma das coisas que eu comecei a perceber foi que, de facto, implementar um projecto é importante mas tem que haver uma componente de formação também de monitores.

R: Pronto, nesse caso, nós estamos a trabalhar com os jovens, tem sido nas escolas e tem, de alguma forma, tem o apoio depois dos professores para desenvolverem essas actividades. Numa questão de formação de monitores para o desenvolvimento de algumas actividades específicas, efectivamente não o temos feito.

P: Mas sente que seria necessário?

R: Poderia ser… poderia ser interessante. Poderia ser, de facto, interessante. Nós aqui em Góis trabalhamos muito próximo com o grupo de escuteiros, com as associações juvenis, que neste momento nós ajudámos, no âmbito do programa Escolhas, a redinamizar, a reavivar a associação de jovens de Góis, que estava de alguma forma adormecida, mas que tem um conjunto de jovens onde... que jovens é que nós nos preocupámos em ir buscar? Foi sobretudo aqueles jovens que estão a estudar no ensino superior, portanto já têm uma visão diferente das coisas, alguém que saiu daqui, e no sentido também de os motivar a manterem uma ligação à terra.

P: Claro, essa é a minha linha de trabalho.

R: Portanto, ou seja, para que não... porque aqui notava-se muito, aqui nestes concelhos da região, os jovens estão aqui, vão para Coimbra ou vão para outros lados para estudar e perdem a ligação que tinham ao meio e isso, de facto, traz dificuldades acrescidas porque... é assim: nós precisamos também de competências técnicas para o desenvolvimento dos projectos e se essas competências técnicas forem do território, conhecem o território, conhecem os parceiros, os parceiros conhecem-nos a eles, há uma maior facilidade, de facto, nesse... ao desenvolver todo esse trabalho.

P: Claro. Essa é a minha linha de intervenção. Em Oliveira conhece alguma associação desse género? Juvenil?

R: Conheço. Há uma associação muito interessante, a OHs.21. É uma associação cultural mas sobretudo dinamizada por jovens, pelo menos na altura que começaram eram jovens, agora já são menos jovens mas é considerada uma associação juvenil. A OHs.21 faz um trabalho muito giro são também nossos parceiros e temos desenvolvido algumas acções em parceria. Tem a Associação de Juventude de Meruge. A Associação de Juventude de Meruge, nós já lhe aprovámos um projecto; tinham e têm uma actividade também interessante que pode merecer a vossa... se for apoiada de facto é muito engraçada.

P: Sim, sim, sim.

R: E assim associações de juventude… tal como o Clube de Caça e Pesca de Oliveira do Hospital com Orquestra Juvenil tem ali um conjunto de jovens muito interessantes, são aqueles com os quais nós lidamos com maior proximidade.

P: Como é que via a construção de uma associação juvenil mais a um nível concelhio? Como é o caso que, se calhar, tem aqui em Góis.

R: Não, não. Góis é mesmo aqui a Associação de Juventude de Góis. Porque depois há em Vila Nova do Ceira um outro grupo de jovens e em Alvares outro.

P: Portanto é mais numa lógica de freguesia...

R: Eu vejo a criação de uma associação de juventude a nível concelhio com alguma dificuldade por isto: vai ter de dinamizar os jovens. Os nossos concelhos são concelhos muito dispersos...

P: Sim.

R: Veja o concelho de Oliveira, quer dizer, vem desde Seixo até ao Vale do Alva, até a Aldeia das Dez. Como é que vai juntar essas associações não é?

P: Percebo.

R: Como é que vai fazer actividades para ter... Agora, criando núcleos nas várias freguesias e que depois haja um chapéu que possa agregar esses núcleos de jovens… É uma possibilidade, é uma possibilidade.

P: Eu tenho estado nas escolas e, de facto – eu sou de lá, tenho essa questão que estava a dizer que conheço, mais ou menos –, e de facto há alguma fragilidade a nível de gestão de projecto e oportunidades, parece-me a mim, globais. Portanto, ou fica muito centrado no Seixo ou fica muito centrado em Oliveira...

R: É... mas a nível dos jovens é complicado, a nível dos jovens... Como é que os vai trazer para Oliveira, não é?

P: Pois é isso.

R: Está a falar em jovens que ainda não têm carta ou ainda não têm...

P: Porque, por exemplo, as férias arqueológicas que eles estão a desenvolver na Bobadela, a ideia que eu tenho é que as férias avançaram, o programa avançou mas têm de ter transporte, de facto.

R: Pois.

P: Acho que deve ter sido dos únicos projectos que são globais.

R: Pois, depois há esses constrangimentos, não é? Agora para desenvolver uma acção muito... uma acção contínua, vai ter essas dificuldades em termos logísticos e mesmo de disponibilidade. Porque é diferente organizar uma acção: todos os sábados os jovens do Seixo reúnem-se em qualquer lado no Seixo e estão ali um bocadinho, do que todos os sábados virem para Oliveira do Hospital.

P: Claro, claro.

R: Todos os sábados virem para Oliveira do Hospital para fazerem uma iniciativa. Daí que eu veja... é uma opinião...

P: Não... é muito importante.

R: É uma opinião meramente pessoal pelo conhecimento que temos e pelas dificuldades que temos em termos da mobilização das pessoas.

P: E como é que vê estes jovens? No seu caso que não está ligado relacionado directamente com a Educação, porque acabam por só os professores é que vão estar mais com eles, dos 12 aos 18. Como é que os vê? Vê-os interessados no interior? Vê-os motivados?

R: Não. Nós temos que os motivar! É assim... nós temos de facto...

P: Mas se tivesse de os caracterizar, três ou quatro coisas...

R: Há de tudo, há de tudo. Por exemplo, aqui hoje, notamos muito uma apetência, uma vontade dos jovens para saírem daqui para fora. Porque aqui só há ensino público até ao 9º ano. Portanto, no 10º eles têm que ir ou para Arganil ou para a Lousã.

P: Ok.

R: A escola e a Câmara já fizeram vários esforços no sentido de promoverem e tentarem criar aqui turmas do 10º ano. Só que os jovens não se mostram...

P: Interessados...

R: Interessados. Porque é uma forma de saírem daqui, de se autonomizarem, de saírem de baixo das saias da mamã e do papá. Agora, é assim: tem que se fazer ver – e é esse o trabalho que nós temos vindo a fazer – e tentarmos criar essas oportunidades e demonstrar que há aqui oportunidades. Se nós conseguirmos fazer ver aos jovens, que eles têm aqui a possibilidade de desenvolver um projecto de vida com a mesma qualidade que desenvolvem numa cidade, até porque hoje, com as vias de comunicação, em pouco tempo estamos junto de todos os serviços...

P: Sim, sim.

R: Eu costumo dizer que nós estamos mais perto...Eu sou de Arganil e costumo dizer que de Arganil estamos mais perto de um centro comercial ou de um cinema em Coimbra, do que milhares de pessoas que vivem na grande Lisboa. Porque eu em meia hora ou em pouco mais de meia hora ponho-me no Fórum em Coimbra. E de Lisboa, se morar nas Amadoras, aqui ou acolá, ou em Alverca, quer dizer, está meia hora à espera do autocarro; ou se vai de carro perde uma hora no trânsito.

P: Tem trânsito claro...

R: Portanto, eu costumo dizer isso. Agora é preciso é demonstrarmos que nós aqui podemos ter essa qualidade de vida e desenvolvermos aqui o nosso projecto de vida com...

P: E acha que essas condições que temos… Eu quando penso, como é daqui, eu acabo por ser de Oliveira, portanto, até acaba por ser interessante perceber algumas diferenças ou opiniões. Mas e acha que nós, em termos de Beira Serra, conseguimos dar essas oportunidades?

R: É assim: se calhar hoje ainda não as temos todas. Se calhar hoje ainda não as temos todas, mas vamos dando passos; vamos trabalhando no sentido de criar e disponibilizar essas oportunidades. Aqui há meia dúzia de anos não havia ensino superior da região, hoje temos a ESTGOH, não é? Já é mais uma oportunidade. Não havia piscinas nos vários concelhos, hoje já começa a haver piscinas em todos os municípios. Em Oliveira do Hospital há cinema. Ou seja, vão surgindo e temos outras coisas que... temos também outras coisas... porque é aí que nós temos que ver, é sabermos valorizar também o que temos de bom, e não nos apresentarmos sempre como resignados, como os coitadinhos.

P: Como é que acha que os jovens se apresentam? Esses jovens? É preciso trabalhar estas questões?

R: É! É! Muitas vezes, ainda estão influenciados pelo ambiente familiar. A questão dos coitadinhos, a questão de não temos nada. Mas já começam a dar o salto, já começam a perceber que não são tão coitadinhos quanto isso e que têm, de facto, à sua disposição, um conjunto de meios, de recursos, que outros se calhar, que estão fora, não têm. Porque é assim: nós vamos aqui a Góis, ou a Oliveira do

Hospital, ou ao Vale do Alva e temos ali praias fluviais fantásticas que, quem está em Lisboa, passa... Quer dizer, aqui o jovem pode passar, por exemplo, umas férias na praia fluvial...

[interrupção por parte de terceiro]

R: Portanto, jovens que podem passar na praia fluvial e ir para o campo de jogos brincar, ir passear aqui e acolá, enquanto que o primo dele, que está em Lisboa e tem isso tudo, mas passa umas férias dentro de um apartamento ou a jogar à bola.

[interrupção por parte de terceiro]

R: Mas dizia que os jovem em Góis, em Oliveira, tem essas vantagens que não tem o primo que está em Lisboa, que passou as férias todas entre quatro paredes ou a brincar no pátio do prédio, não é?
Portanto temos que... agora temos que fazer ver, e é assim, nós temos um conjunto de oportunidades que, se eles as souberem aproveitar, têm de facto uma qualidade de vida superior.

P: E nós sabemos aproveitar essas oportunidades?

R: Vamos começando a saber aproveitar essas oportunidades. Porque já vimos também, face ao panorama que o próprio país apresenta, de dificuldades, muitas pessoas já se aperceberam que não é em Lisboa que estão... ou que em Lisboa ou nos grandes centros do litoral, aquilo atingiu uma saturação que essas oportunidades já não são o que eram e hoje poderão vir para aqui e desenvolver a sua actividade com sucesso. Eu dou-lhe um exemplo: um casal de jovens que veio aqui para Góis já há 10 anos ou mais, que não têm nada a ver com Góis, conheceram Góis porque vinham aqui passar fins-de-semana em grupos de escuteiros que pertenciam a Lisboa; montaram aqui uma empresa, uma empresa de animação turística, têm sucesso, vivem aqui e já têm um filho que já nasceu cá e vivem aqui lindamente. Portanto, desenvolvem aqui a sua actividade. Porque é que os de cá não podem fazer isso, não é?

P: Percebo. A minha questão é, por exemplo: estávamos a falar das férias. O que é que os nossos jovens fazem nas férias e, por exemplo, a nível de oportunidades, e é aqui que eu vejo ainda uma grande... há muitas coisas para trabalhar e é por aí.

R: Claro, claro.

P: Mas é a questão de poder escolher, de programas de outro tipo de programas que existem…

[interrupção por parte de um terceiro]

R: Que tipo de oportunidades? É assim: temos de dizer aos jovens, temos de incutir aos jovens a possibilidade de eles próprios criarem essas oportunidades, criarem esses projectos, ajudarem a construí-los.

P: De Verão?

R: De Verão.

P: Ok. Mas acha que isso é importante? Porque a minha questão aqui é: estando eu a focar as oportunidades dos jovens nas férias...

R: É! É! É! Porque eles aqui... eles é que têm de arranjar forma de ocupar saudavelmente os seus tempos livres. Porque uma coisa é a criança...

[interrupção por parte de um terceiro, seguida de intervalo na entrevista]

P: Estávamos a falar…

R: Estávamos a falar das férias de verão, não era? Na forma de ocupação das férias de Verão.

P: Sim, porque eu preciso de perceber se a área que estou a explorar é, de facto, pertinente e em que sentido. É um facto que, para mim já seria… porque o tipo de participação e valorização é

muito importante e eu acho que são competências que têm de ser feitas, mas também queria perceber se vê o projecto de ocupação de tempos livres dos jovens como pertinente ou não.

R: Vejo. Vejo como muito oportuno. Porque é assim: para a faixa etária que estamos a falar, existe porventura alguma escassez dessas actividades e de iniciativas em os jovens estejam ocupados. Os programas do IPJ, de alguma forma, vêm colmatar essas lacunas durante algum tempo. Mas agora, até o período em que cada jovem pode estar envolvido, já são salvo erro de três semanas.

P: Mas nós temos cá iniciativas dessas do IPJ nos concelhos? Porque eu, em Oliveira, por exemplo, não conheço.

R: Eu julgo que sim. Nós, aqui em Góis, costumamos fazer as candidaturas, os OTL – portanto a Ocupação dos Tempos Livres –, em que os jovens estão aqui connosco durante três semanas e vão desenvolvendo aqui algumas actividades, seja no âmbito do Escolhas, sejam outras actividades que nós lhes vamos dando.

P: Isso é interessante. Eu não conheço isso em Oliveira.

R: Aí são as instituições que se podem candidatar directamente ou até os municípios. Mas eu estou em crer que o Município de Oliveira, que faz essas candidaturas. Portanto, não é pôr os jovens a trabalhar, é pôr os jovens a exercer uma actividade, no sentido de ocuparem saudavelmente os seus tempos livres e terem também a percepção e começarem a tomar contacto com a realidade que é a dinâmica local.

P: Claro, percebo. Deve ser o novo programa que eles têm de ocupação de tempos livres.

R: Sim, sim.

P: Com as juntas de freguesia, em que eles recebem um valor…

R: Também é. É pago um valor pequeno aos jovens.

P: Percebo. Que tipo de actividades é que eles fazem aqui? Por exemplo, na ADIBER? Os jovens.

R: Ajudam-nos a preparar actividades, por exemplo. Jogos, outras iniciativas. Porque nós, como temos… nós no âmbito do Escolhas, Escolhas de Futuro, desenvolvemos, no período de férias, um projecto, uma acção, uma actividade em que permanentemente temos aqui, salvo erro, este ano foram 12 jovens; portanto, desde que acabaram a escolas até começar. Fazem actividades ligadas à informática, onde vão à praia fluvial, onde fazem jogos. Mas isso também estamos a falar para jovens mais pequenos. Os outros normalmente ajudam a preparar todas essas acções.

P: Mas não há nenhum programa para os outros, lá está, dos 12 aos 18, no sentido de desenvolver competências a estes? É mais no sentido de apoiar o desenvolvimento – claro que desenvolvem também porque no processo desenvolve-se muitas competências –, mas nada direccionado?

R: É assim: no nosso caso aqui, sim. No nosso aqui caso, sim.

P: É mais de apoio à organização de outras actividades…

R: A Câmara Municipal – estou a falar no caso de Góis –, a Câmara Municipal, como durante o Verão tem outras actividades, tem de dar resposta a outras iniciativas, normalmente também recorre a estes jovens, porque está aqui… por um lado fica com a possibilidade de os motivar e de eles exercerem uma actividade, e por outro lado, vem também responder a algumas necessidades. Estou-me a recordar, este ano a Câmara Municipal de Góis criou um posto de turismo avançado na praia fluvial, para dar ali resposta a quem estivesse, dar aquelas informações úteis do turismo. Porque o turismo é cá em cima na vila e, portanto, era na própria… E foram dois jovens que estão a estudar, que estavam de férias…

P: Como é que eles fazem isso? Têm formação? Apoiam toda a implementação?

R: Não, têm o apoio, têm depois o apoio dos técnicos da câmara nessas áreas, que lhe fazem a explicação básica daquilo que têm de dizer. Como são jovens daqui, conhecem e estão aptos a darem essas informações básicas e quando não souberem responder vão junto…

P: Claro. Mas, portanto, não há nenhum programa direccionado para eles?

R: Não. Em termos da formação não, não há.

P: Mas acha que era pertinente existir? De acompanhamento, por exemplo, às actividades que existem ou?…

R: Sim, porque não?... Qualificar esses jovens. Mas temos de ver. Eu acho que sim, mas tem de ser trabalhado de forma … porque se nós vamos trabalhar com jovens, que ao longo do ano estão a estudar, se os pomos nas férias novamente em acções de formação, em…

P: Não… Até porque…

R: Temos de ver. Não… Eu sou apologista da formação, sou apologista da qualificação e de aprendermos cada dia mais coisas. Agora, temos de ter a noção é da motivação desses jovens, não é?

P: Claro, e aí tem a ver com as metodologias e com a forma de trabalhar com eles, não é? Não é colocá-los num anfiteatro a assistir a apontamentos.

R: Claro, claro.

P: Isso é extremamente desmotivante. Uma das questões que eu tenho, pessoais e de leitura que faço aos programas em Oliveira que são um pouco semelhantes neste tipo de metodologias é que… qual é que é a minha questão? O que eu tenho receio é de fazer um projecto de ocupação de tempos livres… Por exemplo, na Grande Lisboa que eu conheço, tal como há no Porto e em cidades maiores, é um pouco ao contrário: portanto, os pais pagam para os manter ocupados e se, por um lado, há uma necessidade de estarem ocupados eles vão para lá tipo despejo – é um facto que isso às vezes acontece, é um lazer forçado –, por outro há uma quantidade de competências que eles aprendem que lhes dá uma outra gama de oportunidades. Portanto, qual é que é o meu receio? É que pegando numa lógica diferente, que eles não se inscrevam porque também estão habituados a receber em vez de pagar, percebe?

R: Claro. E é o estarem disponíveis. Porque muitos deles… onde é que aqui há também ocupação de alguns jovens? Embora aí já sejam na faixa etária fora dos 18 anos… São aqueles trabalhos sazonais de Verão que vão servindo para eles ganharem, que vão servindo para ganharem algum dinheiro. Mas obviamente que isso já é uma faixa etária talvez mais acima dos 18 anos.

P: Mas acha que esses programas não é a motivação deles?

R: Como?

P: Estes programas…

R: Não, é assim: têm é de ser trabalhados, têm de ser cuidados. Eu vejo isso com muito interesse. Agora, temos de ver é como é que vamos fazer isso. E é aquilo que estava a dizer… se vai pedir dinheiro, se vai dizer assim: custa 50 euros – um número –, um mês de actividade e de estar envolvido, não sei se depois as pessoas têm disponibilidade para ir. Não só financeira, mas como sempre lhes deram tudo, vir agora…

P: Exactamente…

R: Agora é assim: pode apresentar…

P: Dão e ainda recebem…

R: Agora, há outra forma: é apresentar um projecto com essas características a entidades que possam de alguma forma apoiar o desenvolvimento, ou seja, o beneficiário directo não tem quaisquer encargos, mas há entidades, sei lá… a junta de freguesia, a câmara municipal…

P: Numa lógica de parceiros.

R: Numa lógica de parceria, que ajudem a suportar os custos porque muitas vezes pode também ter aí ganhos de escala não é? E a câmara municipal em vez de pôr um funcionário ou dois para que desenvolver essas actividades, pagou e alguém lhas desenvolve, não é?

P: Percebo. Terá de ser numa lógica financeira.

R: Precisamente. Agora, agora com módica…

P: É que eu questiono muito a questão da mentalidade e de… Percebe? Quando comparamos realidades…

R: Mas em Lisboa as pessoas não… temos de ver também a mentalidade das pessoas. É que em Lisboa as pessoas nem questionam o não pagar. Podem questionar o pagar muito ou pouco, mas nem questionam o não pagar. E aqui não.
Aqui nós ainda estamos numa lógica em que as pessoas acham que temos de dar tudo. Pergunta-me:
- "Mas concorda com essa lógica? Porque é que é essa lógica?"
É assim: eu não concordo com essa lógica e, de alguma forma, às vezes tentamos aqui desenvolver algumas iniciativas que já não vão numa de se oferecer tudo e de dar tudo. Mas também temos de ver que algumas pessoas, se calhar as que mais necessitam desse apoio, não podem, não têm possibilidade de pagar, não é?
E depois estamos a criar aqui excluídos. Já são excluídos por estarem numa região do interior que de, alguma forma, lhes cria alguns constrangimentos, e depois ainda os estamos a excluir mais, porque o pouco que há, eles não têm oportunidade de estar…

P: Claro, é uma lógica que é extremamente complicada de trabalhar. Porque quando pensamos a longo prazo os impactos podem não ser muito positivos.

R: Precisamente. Precisamente.

P: Porque já nos estamos a comparar com oportunidades em Lisboa, mas toda a linha de trabalho, quer dizer, eu conheço jovens que vão para Lisboa ou Coimbra e pagam, quer dizer, coisas que para mim até me parecem caras mas eu depois falo com as entidades que organizam e eles dizem que é barato.

R: Mas se for pedir aqui metade desse valor…

P: Pois, não dão.

R: Se pedir aqui metade desse valor, as pessoas não dão.

P: Pois, é isso. É que eu acho que é exactamente estas competências que nós precisamos de contrariar e eu não sei muito bem como.

R: Isso mais difícil se torna no momento como aquele que nós atravessamos.

P: Claro.

R: Não é? Porque no momento em que não há problemas, há dinheiro, há… Tudo bem. As pessoas até estão noutra. Agora em que… uma altura ou uma época em que o desemprego é uma realidade muito forte, em que os apoios são cada vez mais escassos, as pessoas também se retraem para gastarem determinadas… Porquê? Porque os miúdos estão – se não forem para as actividades –, estão em casa dos avós, vão brincando, vão fazendo isto, vão fazendo aquilo e vão-se desenrascando não é?

P: E aqui nós não temos aquela realidade de ter que os colocar lá por não ter onde os deixar.

R: Claro, claro.

P: Aqui não há isso ainda pois não?

R: Claro que não. Não, existe um ou outro caso que sim. Nomeadamente em Oliveira do Hospital, não conheço assim a realidade em profundidade, mas se é um concelho mais industrializado, onde o pai e a mãe estão empregados em fábricas já poderá existir alguns… Mas existem sempre os avós, ou os tios, ou os primos, que estão na aldeia e que os miúdos em Arganil – por exemplo, que é uma realidade que eu também conheço bem –, em Arganil passa-se muito isso: nas férias os miúdos vão para a aldeia para o pé dos avós. Os pais não os podem ter com eles na vila porque estão a trabalhar e eles vão para a aldeia.

P: Para irmos fechando também… Que tipo de competências é que acha que são importantes desenvolver nos jovens? Isto porque há bocadinho falou-me… Eu tenho aqui alguns campos relacionados com a participação deles no local…

R: Sim. Fazê-los sentir a importância do território. Eu acho que isso é fundamental. Eles terem uma visão da sua região, do seu concelho, da sua aldeia, da sua freguesia. Terem uma visão de que é algo que tem valor, é algo que tem potencial, tem futuro. No sentido deles próprios acreditarem para que um dia mais tarde possam, quando vierem de estudar do ensino superior, possam dizer assim:
- "Não, eu vou tentar. Eu vou para ali porque quero ajudar ao desenvolvimento da minha terra. Porque eu sei o que é que aquilo…"
Portanto, eu julgo que é importante fazê-los sentir que isto são territórios de oportunidades.

P: Ok.

R: E todo o trabalho que possa ser feito aí, desde a participação cívica, começando no grupo de escuteiros, na associação de jovens… Porque depois a associação de jovens envolve-se com outras iniciativas, com outras entidades, e a partir dali vão, de facto, despertando para todo esse potencial e para toda essa realidade que, de alguma forma vem ajudar depois ao futuro; do que estar aqui muito centrado – estamos a falar obviamente de uma forma genérica – do que estar aqui a dar formação, ou a dar competências numa questão muito específica que possa… Eu julgo que o importante - isto é uma opinião pessoal –, o importante é sermos capazes de transmitir, de os incentivar e de os motivar a valorizarem aquilo que é seu.

P: Isso são competências transversais não é? Acaba por não ser nada técnico.

R: Claro. Claro. Depois com o passar dos anos, podem ser mais ir sendo direccionadas e focadas para determinadas áreas. É os miúdos que gostam mais de ir desenvolver uma actividade na área do desporto aventura, que aqui temos condições excelentes para isso. É os outros que vão mais para a parte da música e envolvem-se mais numa associação cultural, numa tuna, numa filarmónica, nisto ou naquilo. São os outros que têm mais vertente ou aptidão…

P: É preciso é terem vontade de irem não é?

R: É preciso é terem vontade e esse incentivo e essa motivação que, de facto, vale a pena apostar e…

P: Aqui há dois lados a trabalhar, não é? Há o lado deles, que têm que sentir e que vale a pena ir e o lado das entidades de os receber e de…

R: Que os têm de receber de braços abertos.
Não os podem receber numa lógica de:
- "Epá… agora vêm para aqui estes tipos, estes miúdos durante três ou quatro meses pá, só vêm para aqui…"

P: Isso ainda se sente um pouco, não é?

R: Sente. Isso também vai um bocado da mentalidade dos dirigentes que ainda existem. Agora, depende também do tipo de instituições que nós estamos a falar e de, lá está, da classe dirigente e da classe técnica que aí estão. Porque se nós formos a uma IPSS… Agora teve oportunidade de ver as técnicas que ali

estavam, são tudo técnicas ainda novas, tudo dos 40 anos, com idade inferior a 40 anos; ou seja, já têm essa mentalidade. Mas se nós formos noutros casos, a outro tipo de associações, sei lá, as associações culturais, os ranchos, as filarmónicas, que quem lideram essas são pessoas com alguma idade avançada, ainda com alguma dificuldade em entender o que é que são estas questões das parcerias, do envolvimento, da partilha, de… Há uma maior dificuldade:
- "Ah, tu não, porque tu não percebes nada disso. Eu é que estou… Tem de ser assim."

P: Portanto há aí outro lado também sensível…

R: Sim, e como falava, é preciso haver aqui este compromisso entre ambas as partes.

P: Estamos no Ano Europeu do Voluntariado. Como é que nós sentimos isto? Como é que nós sentimos isto no Interior? Mais na nossa zona. Os jovens sentem isso?

R: Não, acho que se tem conseguido. Nós aqui temos sempre, de alguma forma, assinalado essa passagem destes anos para chamar a atenção para essas temáticas.

P: Mas a questão é: como é que os jovens sentem?

R: Mas esta questão específica do voluntariado?

P: Por exemplo: falo do voluntariado, porque o voluntariado depois envolve-se com estas… sentido de querer fazer, de ajudar, de estar, há uma quantidade de competências transversais…

R: Há esse que nós temos tentado passar que é a seguinte realidade é que: às vezes estas crises são oportunidades ou trazem outro tipo de oportunidades. E a oportunidade que agora temos de agarrar é dizer assim:
- "Meus amigos, nós como vemos a realidade e não temos dinheiro para tudo, portanto temos também que dar o contributo."
E o contributo não é só os impostos, podemos dar algo. Eu posso não ter dinheiro para dar, mas dou algo: a prática do voluntariado. Porque se uma IPSS se tiver – e nós estamos neste momento a trabalhar aqui para criar o Banco de Voluntariado de Góis, que ainda não conseguimos reunir todas as condições para que tal seja possível –, mas se uma IPSS tiver cinco ou seis senhoras que todos os dias vão fazer prática de voluntariado, pode-lhes libertar duas ou três funcionárias, que ficam libertas, que sei lá… Basta o facto de as senhoras estarem a conversar com… E não é, eu quando digo isto não é as senhoras ir para lá depois com a esfregona limpar, para se substituírem. Mas basta, se calhar, essas pessoas estarem, passarem umas tardes no lar e lerem, fazerem umas leituras, acompanharem uns idosos, fazerem isto e fazerem aquilo para libertarem as funcionárias para outras funções, não é?

P: Claro. O voluntariado pode ser muito interessante…

R: Portanto, há aqui também de alguma forma ganhos em termos de recursos e de meios para o desenvolvimento de algumas…

P: Mais duas coisas em relação ao voluntariado. Uma é, de uma forma muito objectiva, como é que os jovens fazem voluntariado? Estão receptivos a isso ou não? Estes jovens.

R: Depende. Há jovens… há jovens… temos aqui…

P: São jovens quê? São excepções? De uma forma global…

R: Temos aqui exemplos muito interessantes. Duma forma global se calhar sou tentado a dizer que ainda não. Agora há exemplos muito giros de prática de voluntariado. Aqui em Góis nasceu no seio da filarmónica – a filarmónica aqui em Góis rejuvenesceu muito nos últimos anos –, e no seio da filarmónica nasceu uma banda, uma orquestra. São uns sete ou oito que, durante este Verão, actuaram graciosamente em diversas iniciativas. Envolveram-se, não numa lógica de irem ganhar dinheiro ou de irem animar por… mas por uma lógica de irem animar pelo gosto que têm. E a partir daí incentivaram até outros jovens a aproximarem-se da filarmónica que dantes tinha aquele…
- "Epá são só os velhos que vão para a música e não sei quê…"
E hoje não, hoje já…

Agora, há crise de voluntariado. Isso aí é inequívoco, que há uma crise de voluntariado. Por exemplo, aqui os bombeiros de Góis vêm-se com muitas dificuldades em atrair voluntários para o seu corpo de bombeiros.

P: Numa outra linha do voluntariado, é que também, se nós pensarmos em voluntariado que acaba por ser técnico, substitui alguns técnicos. Onde é que eu quero chegar? Há uma quantidade de organizações que se aproveitam. Percebe? É que estamos a promover o emprego, ou não? É que isto é uma das coisas que é importante perceber a sua opinião aqui com a visão do interior. Porque ao mesmo tempo parece que estamos a retirar.

R: Não temos aqui exemplos desses. Eu não conheço muitos exemplos desses de técnicos que se venham substituir.

P: Acaba por ser uma exploração, na prática.

R: Não, não. Confesso que não conheço. Estava-me aqui a tentar ver se… se… mas acho que não. Agora, acho muito interessante, a outro nível, ao nível do voluntariado dirigente ter que haver uma renovação dos quadros dirigentes das instituições e aí ajudar à sua modernização, à sua própria qualificação. Se calhar é por aí que nós temos que trabalhar.

P: Porque estar numa associação – e eu sei – exige muito tempo e muita dedicação.

R: Claro, claro e cada vez mais responsabilidades, cada vez mais preocupações. Porque, de facto, não é fácil gerir, muitas vezes, aquilo que não se tem, não é? Não é fácil gerir o que não se tem.

P: Claro.

R: Mas aquilo que eu noto aqui nestes concelhos – e temos aí muitos exemplos muito engraçados disso – são pessoas que se aposentaram ainda com uma dinâmica muito forte e muito activos e que se envolveram e que disponibilizaram o seu tempo livre, ou parte do seu tempo livre, para o dirigismo associativo.

P: Portanto, jovens não… É o oposto…

R: Sim, aí não tanto os jovens, mas essas pessoas que de repente ficaram sem uma actividade profissional mas que ocupam os seus tempos livres na IPSS, na…

P: Quanto à questão do empreendorismo, que também tem sido uma palavra de moda, não é? Que é um pouco assim. Como é que vê o empreendorismo, portanto para si. Se é mais ligado às empresas, se é mais ligado às competências pessoais? E iniciativas aqui?…

R: Relativamente ao empreendorismo, temos que ver aqui, se estamos a falar dos jovens, duas questões do empreendorismo. A questão do empreendorismo numa óptica económica, numa óptica empresarial, ou seja, o jovem querer abrir algo, criar o seu posto de trabalho, desenvolver a sua actividade – porque não encontra emprego, então tem a coragem de criar o seu próprio emprego. Até decorrente muitas vezes de actividades que foi desenvolvendo nas férias e que ficou a conhecer determinada actividade, ficou a conhecer determinado recurso, determinado potencial que:
- "Olha eu vou aproveitar aquilo."
Do empreendedorismo, ou seja, da capacidade de realização que podem demonstrar ao nível da dinamização de outras associações, a prática do voluntariado, não é?
Portanto, eu posso ser um empreendedor não nessa óptica empresarial, mas ser um empreendedor na minha associação, de fazer coisas novas, coisas inovadoras e ajudar a implementar ou consolidar a actividade dessa …

P: E nós cá temos acções para esses dois campos? Promovemos esses dois campos?

R: Temos, temos. Temos sim. Temos aí alguns projectos engraçados de jovens, e às vezes os jovens procuram-nos para lhes darmos informações para montarem o seu próprio emprego, para montarem a sua própria empresa, isso acontece e há aí de facto… Há, por exemplo, o caso da Trans Serrano. Eram dois jovens, quando vieram…

P: Portanto, era numa lógica empresarial, não naquela lógica de enriquecimento pessoal.

R: Não, estou a falar numa lógica empresarial. Numa lógica mais de valorização pessoal dei-lhe um exemplo: se calhar agora foi uma atitude empreendedora, esta situação da criação da Force Band, esta questão dentro da própria filarmónica.

P: Mas, portanto, vem deles, não há nada que os promova.

R: Não. Não. Veio deles! Eles é que, nos ensaios depois tocavam e ficavam a tocar e propuseram à direcção se a direcção os autorizava a levar os instrumentos e a formarem aquela banda.

P: Para fecharmos. A sua visão dentro destas competências que temos estado a falar, de uma forma global, e que importa serem trabalhadas de alguma forma, pensar um pouco nisto, mas… e a escola? Porque os jovens, estes dos 12 aos 18 anos, estão grande parte do seu tempo ao longo do ano na escola. A escola pode ter um papel activo nisto? Tem? Tem implicações? O trabalho dos professores tem implicações?

R: Pode e deve ter. Pode e deve ter. Agora, talvez seja um bocadinho crítico em relação a isso.

P: Mas as críticas são importantes para evoluirmos…

R: Eu sei. Eu sei. Porque é assim, porventura, nós notamos aqui dois factores que poderão não permitir isso e não têm permitido isso. Por um lado, é o facto de os professores, a maior parte deles que estão nestes concelhos – portanto, estou a falar de um maneira geral em todos os concelhos –, não serem de cá. Ou seja, vêm às nove da manhã, vão-se embora às quatro da tarde, não têm uma participação, não têm uma envolvência no local e naquilo que é as actividades locais. Portanto aquilo chegou uma actividade num dia feriado ou num fim-de-semana… Os professores não estão, não participam. Portanto, não havendo essa proximidade ao local não há também o incentivo para pedir a outros para o fazerem. Depois por outro lado…

P: Ou seja, acha que seria importante da parte dos professores motivarem os alunos.

R: Acho! Acho! E a motivação passa por participar. Porque é assim: nós estamos aqui, estamos a fazer uma iniciativa, mas estamos aqui presentes. Neste momento eu não estou lá, mas está lá a equipa técnica, nós vamos para o terreno, estamos onde as coisas acontecem. Da parte da escola não se nota isso. Por outro lado há também, sentimos isso, que os programas cada vez mais apertados depois também não deixam margem para que os próprios professores possam, de alguma forma, explorar a sua própria criatividade e a criatividade dos miúdos, sem os incentivar à prática disto ou daquilo ou daqueloutro. Portanto eu acho que a escola – daí eu estar a dizer que talvez seja um pouco crítico –, a escola está divorciada – de uma forma geral, não quer dizer que aconteça em todas as escolas –, mas eu acho que está divorciada do meio.

P: Do envolvente. Fechou-se, não é?

R: Acho que sim.

P: Também sinto o mesmo. De facto, é verdade. Mas acha que, por exemplo, ao longo…

R: Nós queremos fazer uma actividade com os jovens, tem de ser em horário escolar, tem de ser dentro do período escolar. Porque se é fora daquilo…

P: Não os conseguimos apanhar…

R: Não os apanhamos. Se é for a daquilo não os apanhamos.

P: Há de facto um trabalho a fazer com a escola para eles fomentarem esta participação dos jovens também, não é?

R: Claro. Claro. Sim está bem, mas se as pessoas…

P: Não estão cá, não é?

R: Se as pessoas não estão cá… Isso nota-se a diferença quando os professores são de cá, quando os professores não são de cá, que há professores que depois se envolvem também na banda, ou no teatro ou no coro ou aqui ou acolá. Há…

P: Incentivam, não é?

R: Incentivam, do que aqueles, ao invés daqueles, que não estão em nada.

P: Porque há a aprendizagem pelo modelo, pelo exemplo, não é? Pelo envolvimento…

R: Claro.

P: Destes concelhos da Beira Serra, sente que têm – porque isto depois também se projecta a nível de freguesia e de concelho –, sente que as oportunidades são as mesmas? Os jovens têm as mesmas oportunidades nos diversos concelhos? Como é que?…

R: De uma forma geral sim.

P: Porque eu não sinto, honestamente pessoal, não sinto aquele gosto de conhecimento de concelhos. Quer dizer, eu vim a Góis a terceira vez agora percebe?

R: Pois, há de facto… Era necessário de facto haver aqui uma maior troca. Porque é assim: os miúdos de Góis para onde é que vão? Ou vão para a Lousã ou vão para Coimbra.

P: Directamente para o secundário?

R: Não. Para o secundário vão ou a Arganil ou a Coimbra ou Lousã. Mas não vão a Tábua nem a Oliveira do Hospital. Os de Arganil, Coimbra. Os de Tábua e de Oliveira, Coimbra. Portanto não há aqui uma relação interconcelhia. Nós fizemos em 2003, nós aqui na ADIBER fizemos o primeiro encontro de juventude da Beira Serra.

P: Bem isso é super interessante…

R: Pois, mas não faz ideia o que nos custou organizar isso. Porque, só motivar as pessoas a participarem foi… Nós juntámos trezentos e tal jovens em Oliveira do Hospital…

P: E não é muito… São bastantes não é?

R: Não é muito, ficou aquém das nossas expectativas… Mas sabe de onde foi o maior grupo de jovens?

P: Daqui?

R: Nem foi daqui. Foi de Alvares.

P: Alvares?

R: É uma aldeia que fica a trinta e tal quilómetros daqui, portanto fica na ponta sul da região, já perto de Pedrógão Grande e Castanheira de Pêra, que fica no concelho de Góis. Que foi um autocarro com sessenta jovens para Oliveira do Hospital.

P: Provavelmente por causa do envolvimento que já existe lá entre jovens.

R: Havia lá um grupo de jovens que… também ali havia outro factor que o presidente do grupo de jovens de lá na altura, trabalhava aqui connosco. Estava aqui a fazer um estágio profissional. Mas os miúdos foram… a maior parte deles, para não dizer a esmagadora maioria, nunca tinha ido a Oliveira do Hospital.

P: É isso, percebe? É que eu sinto isso nas freguesias. Repare que em Oliveira eu sinto isso nas freguesias.

R: Por isso é que eu lhe disse há pouco que fazer uma associação de juventude do concelho de Oliveira do Hospital, por exemplo, não sei se terá sucesso porque depois não há, esta... Uma coisa é a dificuldade logística, muitas vezes não é vontade, é a dificuldade logística.

P: Porque é que eu coloco isto? Porque, ou nós começamos a pensar – é óbvio que temos que pensar local –, mas ou nós começamos a pensar isto a nível de grupo, de zona. Quem diz Oliveira… Porque repare, as freguesias, o Ervedal e o Vale do Alva é uma coisa…

R: São duas realidades completamente distintas.

P: Pronto, mas pertencem ao mesmo concelho e têm valores, quando não é de um lado é no outro, não é?

R: Que mesmo em termos sociológicos têm diferenças muito grandes.

P: Claro.

R: Eu costumo dizer que a região é isto…
[desenhando esquematicamente num mapa]
São estes quatro concelhos. E eu costumo dizer que a estrada da Beira – que entra um pouco por aqui assim, faz isto, mais ou menos –, a estrada da Beira divide duas realidades completamente distintas. Mesmo as pessoas, mesmo os habitantes do concelho de Oliveira do Hospital que ficam no Vale do Alva, têm uma mentalidade distinta daquelas que ficam cá em cima na zona da Cordinha. De Tábua, a mesma coisa. As freguesias que estão aqui mais próximas de Arganil, aqui do Vale do Alva, Mouronho, Meda de Mouros, Carapinha, têm uma mentalidade diferente destas. Porquê? Porque estas… isto é histórico. A linha do comboio passa aqui. As pessoas destes concelhos aqui em cima sempre se relacionaram...
Portanto, as pessoas sempre tiveram uma relação histórica para aqui. Os de Tábua vêm para Santa Comba para apanhar o comboio, vêm para… E a partir dali, desenvolveram relações sociológicas com estes municípios. Oliveira do Hospital, a aqui a zona da Cordinha, a mesma coisa. Porque têm ali o Carregal do Sal, Nelas perto. E isso de facto… Assim como estes, assim como estes que estão aqui mais próximos de Arganil, já tiveram outra mentalidade. Por exemplo em Góis, a diferença é aqui.
[olhando novamente para o mapa]
A freguesia de Alvares é a maior do concelho. É mais ou menos isto. É isto tudo… Fica aqui Castanheira de Pêra, Pampilhosa da Serra e Pedrógão Grande, portanto fica já no extremo sul. Há aqui aldeias que ficam a quinze quilómetros de Pedrógão Grande e ficam a quarenta de Góis, da sede de concelho. Todas as relações que eles têm é com o lado de lá.

P: Percebo. É completamente diferente o impacto. Pois, mas como é que nós contrariamos isto a nível de concelho? Que tipo de acções?

R: É descentralizando. E como é que contrariamos? Olhe, é não deixar agora fazer esta reforma administrativa de uma forma… Olhe, tenho aqui o documento porque nós interessa-nos… Portanto não podemos, de alguma forma, deixar fazer isto de uma forma cega. Porque é diferente acabar como se dizia ontem…

P: Mas por exemplo, nós que estamos na parte de intervenção, que tipo de cuidados é que nós temos de ter, por exemplo na programação de actividades, para não perdermos esta…

R: Não. Temos de descentralizar as coisas.

P: Descentralizar?

R: Sim.

P: Mesmo a nível de concelho?

R: Mesmo a nível de concelho. Este encontro que aqui está, este ano estamos a fazê-lo aqui, mas já houve outros anos que o fomos fazer a Alvares, ou seja, levámos os idosos daqui para Alvares, ou ir fazê-lo a

Vila Nova do Ceira, no sentido de descentralizar para que não sejam sempre os outros a virem à sede do concelho.

P: Ah! Descentralizar nesse sentido. Porque quando me fala em descentralizar eu estava a pensar no deixar cada um organizar o seu. Não…

R: Também! Também já acontece…

P: Mas é mais no sentido da partilha…

R: Mas nós temos de promover esta interligação senão continuamos a afastar as pessoas…

P: Pois, é isso. Era o que eu estava a perguntar…

R: Estes encontros – como é que se pode, estava-me a perguntar como é que se pode ultrapassar de alguma forma este constrangimento –, estes encontros, estas iniciativas que se vão fazendo, têm que rodar e ir a todo o concelho ou a toda a região.

P: Porque isso são cuidados que eu quero ter, percebe? Na planificação do guião.

R: Claro, claro. Para quê? Porque se as pessoas de Alvares ou as pessoas do Colmeal, ou as pessoas do Seixo da Beira ou da Aldeia das Dez que:
- "Qualquer coisa que haja, vamos a Oliveira, vamos a Oliveira…"
As pessoas dizem assim:
- "Bolas. Quer dizer, ninguém…"

P: Aliás, tende a desertificar. Há uns tempos estava a ler um trabalho sobre isso…

R: Agora se fizermos assim: o encontro de jovens de Oliveira do Hospital faz-se junto ao Alva, nas Caldas de São Paulo. Outro ano faz-se em São Gião. Depois vem e faz-se na Cordinha ou no Seixo da Beira. Ou seja, há esse intercâmbio, as pessoas conhecem e as pessoas começam também a movimentar-se melhor dentro do concelho. É assim: e temos de aproveitar obviamente as – como é que direi – as vantagens que as próprias novas vias de comunicação nos deixam, não é? Porque dantes, efectivamente, ir de Oliveira à Aldeia das Dez ou ir daqui a Alvares era um suplício. Hoje a estrada é uma estrada de montanha na mesma, mas já se faz bem. não é?

P: Uma coisa por curiosidade, quando me estava a dizer que os alunos do secundário vão para a Lousã. Eles vão viver para lá?

R: Não. Não.

P: Têm transporte?

R: Têm transporte.

P: Nós estamos a assistir agora – e agora um pequeno parênteses, por causa da oferta do secundário – eu estava a falar com uns jovens ontem, eles são de, por exemplo, Vila Pouca, e estão a ir morar para Seia para poder ir para lá para o…

R: Pois. Não, aqui há transportes de manhã e à tarde, que facilitam, tanto para a Lousã como para Arganil.

P: Pois, é muito importante, o haver transportes…

R: Que facilita de facto essa... E acho que há um dos dias que não há aulas, a partir do almoço, e é a própria Câmara que os vai lá buscar para eles não estarem o dia todo.

P: Pronto… Muito obrigada.

Anexo 18 – Transcrição da entrevista semi-directiva à Vereadora de Educação e Cultura do Município de Oliveira do Hospital

Pergunta: O que eu queria perceber era, uma vez que a professora está numa posição privilegiada de gestão educativa do município e também, uma vez que há uma quantidade de coisas que só surgiram no vosso executivo – que são novidades –, por um lado, como é que a professora vê os jovens – sendo que os «meus jovens», aqui, são dos 12 aos 18 –, como é que os vê e que tipo de ocupação há para eles nas férias.

Resposta: Só no período de férias?

P: Sim. Se entender que há coisas fora do período de férias que fosse importante puxar para as férias, também podemos falar sobre isso.

R: Pronto, relativamente ao período de férias, entre os 12 e os 18 anos não temos assim grande... Estou-me a lembrar, por exemplo, do Natal... O período de férias é mais curtinho, normalmente o período do Natal é mais dedicado à família; por isso, nem que houvesse, não haveria grande sucesso porque não resultaria.

P: Sim.

R: No período da Páscoa, nós criámos as Férias Arqueológicas. Com uma pequena prospecção arqueológica – não era propriamente escavação, era mesmo só prospecção – e que resultou muito bem. Mas devo dizer que não foram jovens dos 12 aos 18 que se inscreveram; na sua maioria foram com faixas etárias inferiores aos 18 anos. Portanto, eu acho que os jovens também, nessas idades, procuram mais encontrar-se com os amigos, do que propriamente estar com actividades que sejam...

P: Sim, mas que tipo de idades é que frequentam as férias arqueológicas?

R: Foi entre os 10, 12, até aos 14.

P: É mais baixo.

R: É, uma faixa etária mais baixa. Porque depois eles todos se agrupam e procuram actividades que eles concretizem em grupo. Eu estou-me a lembrar que, por exemplo, nesse período de férias, há aqui escolas de música – onde eles também estão ocupados –, continuam a haver treinos, no âmbito do desporto – e nós aqui somos muito ricos porque temos várias modalidades desportivas de desporto federado de formação, onde há muitos jovens que estão...

P: E no Verão há?

R: Só no mês de Agosto é que não há. Mês de Julho e Agosto, porque termina normalmente no início de Julho / meados de Julho termina.

P: É com a época escolar, não é?

R: Não, é um bocadinho mais alargado. Portanto andará à volta do mês e meio que esteja encerrado, que é meados de Julho, Agosto e reinicia a meados de Setembro. Portanto, depois, com o período de férias eles também acabam por ir com os pais de férias.
Nós também tivemos, no período de férias, mais uma vez, esse projecto das Férias Arqueológicas e no período de férias, nas férias de Verão, já houve outras faixas etárias, do que propriamente no período da Páscoa. Mas devo dizer que também não foram mais privilegiadas as faixas etárias dos 15 até aos 18 anos. Voltámos outra vez às faixas etárias mais de miúdos com uns 10, 8, até aos 13, 14. Depois tivemos também, curiosamente, já adultos com 20 e tais anos, que já procuravam outro tipo de interesses por razões até profissionais, ou porque estavam a estudar nessa área, tiveram curiosidade em se envolver no projecto. Mas essa faixa etária entre os 14 e os 18, é muito difícil cativá-los seja para que área for.

P: E como é que a professora os vê cá? Acha que participam, não participam? Eles não se envolvem, não é? É difícil cativá-los. Mas acha que era importante cativá-los?

R: São difíceis de envolver. Mas funcionam muito bem – como eu digo – em grupos de amigos, eu acho. Sei que há grupos de jovens ligados à religião, mais à religião cristã. Sei que há grupos de jovens e que eles também, de alguma forma, estão envolvidos. E sei que há grupos de jovens e têm e fazem algumas actividades ao nível do concelho, mas também sei que há cada vez menos união nesses grupos de jovens.

P: Menos, não é? Também tenho esse *feedback*.

R: É. Acho que eles andam todos muito dispersos e noto que se encontram mais à noite e que durante o dia descansam.

P: É mais copos?

R: É, é mais copos à noite. Durante o dia estão em casa, certamente a dormir durante a manhã, depois almoçam lá para a hora do lanche e acho que é assim que eles passam as férias.

P: E como é que a professora vê isso, a nível de perspectiva de educação do município? Porque são os nossos futuros cidadãos.

R: De facto não é muito bom porque aqui há uma coisa que eu achava que se devia ou que eles deviam trabalhar. Isto também há que aqui dizer o seguinte: isto nota-se mais aqui na cidade de Oliveira, na zona urbana; às tantas se nos virarmos para a periferia, para os subúrbios – digamos assim – da cidade, ou se nos focarmos nas localidades...

P: Nas freguesias mais afastadas...

R: Exactamente. Já não será bem essa realidade. Mas o que é facto é que nós temos mais jovens é aqui nesta zona. Por isso é que eu foco um bocadinho mais a minha atenção neste centro do concelho. É mau, de facto, eles não estarem associados a uma colectividade, não dinamizarem ou não fazerem parte de uma colectividade, como acontece, por exemplo, nalgumas localidades de outras freguesias. Não é fácil eles sentirem, ou penso que não têm tanto a vontade de se sentirem presos, de assumirem compromissos – eu noto muito isso, por exemplo, no âmbito cultural, nos grupos culturais onde existem jovens, há uma grande dificuldade em mantê-los, em cativá-los, em motivá-los e em mantê-los em grupo, mas nessas tais localidades um bocadinho afastadas da cidade, ainda vão conseguindo, mas com muita, muita dificuldade.

P: É? Mas também já se sente dificuldade fora?

R: Sentem muita dificuldade. É preciso dar-lhes qualquer coisa em troca. É preciso estar sempre a oferecer contrapartidas. E cada vez mais eles se aborrecem, saturam-se, procuram desprender desse compromisso. Preocupa-me pelo facto de estarmos a criar, talvez, uma sociedade que no futuro seja cada vez mais isolada do que aquilo que já se nota actualmente. Que cada um viva para si, no seu meio, no seu grupinho e esta juventude irá continuar aquilo que é o momento presente, o momento actual.

P: E a nível de – estando a professora no executivo –, a nível de participação... Eu nunca fui porque não estou cá e, para dizer a verdade, também não sei muito bem como funcionam. Mas, por exemplo, a nível de assembleias de freguesia e participação nas políticas, nas juventudes, há ou não? E sente que é positivo ou negativo?

R: Não há assim tantos jovens a participar na vida política.

P: Quando eu digo política, nem falo em cores, falo mesmo em tomadas de decisões.

R: Não há, não. E é muito difícil, mais uma vez, é muito difícil eles retirarem um bocadinho do seu tempo da boémia para... Mas ainda há, ainda há jovens... Há extremos. Há aqueles que são totalmente desligados – que é uma grande quantidade de jovens, a maior parte dos jovens – e depois há aqueles muito ligados, que parece que nasceram mesmo para a política – portanto que são verdadeiros políticos, e que nasceram já com essa veia política.

[interrupção por parte de terceiro]

P: Estávamos aqui de volta da questão dos jovens... que tipo de competências é que era importante trabalhar com eles? Como é que se consegue fazer isso?

R: Competências? Competências era essencialmente as relações interpessoais – e quando falo interpessoais, também falo intergeracionais, que eu acho que era muito importante –, porque, como eu disse há bocadinho, eles procuram muito o grupo.

P: E pares, não é?

R: E pares, exactamente. E acho que como estamos a passar por uma sociedade muito individualista e até mesmo os próprios pais destes jovens já não têm os mesmos laços familiares de há algum tempo, relativamente à geração anterior. Estou-me a referir, por exemplo, aos avós dos jovens, que actualmente não há aquela relação tão estreita como havia há alguns anos atrás, por proximidade; eram vizinhos, viviam na mesma localidade.

P: Isso sente-se mais aqui na sede de concelho? Ou é igual a nível geral, também se perdeu nas freguesias?

R: Também se perdeu nas freguesias, mas eu penso que se sente mais aqui a nível da sede do concelho.

P: É mais cidade, não é?

R: É mais cidade. Porque as famílias que vivem aqui já vêm das localidades da periferia.

P: E já se demitiram, não é?

R: Já se demitiram das suas localidades de origem. E nós temos aqui em Oliveira do Hospital, não pessoas com raízes de Oliveira do Hospital, mas que vêm de outras localidades do concelho.

P: De outras freguesias. Porque nós temos uma população, aqui, agora, até bastante jovem, não temos?

R: Que é precisamente oriunda das várias localidades do concelho.

P: Pois.

R: E lá está, perderam laços familiares, não só com os seus pais, mas também com os seus avós. O que significa que a futura geração, ou seja, um casal que hoje vai ter filhos, vai logo de imediato colocar os filhos na creche...

P: Aqui vê-se muito isso, não é?

R: Muito. Assim como eu fui criada pela minha mãe, e com a ajuda dos meus avós, isso não existe actualmente.

P: Pois, eu também nunca andei na creche.

R: Por isso é que há poucas crianças, também.

P: Pois, percebo.

R: Porque não há esse apoio familiar, de retaguarda, que antes existia.

P: E isso acha que é só aqui em Oliveira ou a nível das freguesias à volta também já se começa a sentir?

R: Também já se começa a sentir, mas mais aqui. Porque ainda há o vizinho, nas outras localidades ainda há o vizinho, ainda há o avô. Se não pode o avô, está o vizinho. Ainda há essa ligação e dá-se importância

ao avô, ao papel do avô ou da avó, ou à importância de ter um vizinho como amigo. Coisa que aqui não acontece tanto.

P: Percebo. Mais competências?

R: Por isso é que eu acho muito importante que houvesse o respeito pelo outro – que eu acho muito importante e quando eu falo pelo outro é essencialmente respeito pelos mais velhos, porque eu acho que esse carinho falha.
Depois, de facto, a responsabilidade, que também não vem, precisamente, porque já não há uma aproximação pelos mais velhos, porque a lição de vida que devia ser transmitida pelos mais velhos não passa. Os pais não têm tempo, os avós complementavam, e isso não acontece. Logo, a noção de responsabilidade só mais tarde, à custa daquilo a que a vida os obriga a assumir forçosamente, é que caem em si e começam a pouco e pouco a terem a noção do que é ser responsável. Porque depois querem estabilizar a sua vida. Mas só muito mais tarde, porque estou a falar de jovens com vinte e tal anos, que começam a pensar "já chega de viver à sombra dos meus pais, tenho de pensar em ser eu a tomar conta da minha vida". E aí, sim, acordam para esse conceito da responsabilidade. Mas há outros, que à medida que vão crescendo, vão assumindo responsabilidades e eu noto que, nesse aspecto, não são tão responsáveis; mas chegam a uma fase da vida que vão ter mesmo que ser forçosamente.

P: Forçosamente, claro.

R: Mas não há essa crescente maturidade para a responsabilidade porque também não lhes é exigido até lá essa responsabilidade. E a forma como eles são educados também permite...

P: E como é que se poderia trabalhar isso nas férias?

R: Por exemplo, nós temos um programa de ocupação de jovens, que é um programa onde, de alguma forma, em parceria com juntas de freguesia, instituições, que pagamos ou subsidiamos, colocando à disposição um conjunto de inscrições... Portanto, qualquer jovem se pode inscrever junto da sua freguesia ou de uma instituição. Essa instituição tem de se candidatar a este programa de férias ocupadas. Através desse programa e através das instituições, os jovens podem prestar um serviço, um serviço social.

P: Sente que aí desenvolvem essas competências? Como é que avalia?

R: Eu consigo, por exemplo... Nós alterámos as regras do jogo – digamos assim – neste último ano, neste último Verão. Porque no Verão passado nós mantivemos aquilo que já vinha do anterior executivo relativamente ao programa da férias ocupadas, porque não conhecia e porque não havia razão para mudar sem primeiro experimentar. Apercebemo-nos que este programa não estava devidamente adequado, na medida em que os jovens com os 12... portanto, estava abrangido para jovens dos 12 aos 20. E o que é que nos apercebemos? Nem os dos 12 aos 14 se inscreveram – eram poucas as crianças que iam – e os de 18 até aos 20 também não. Por várias razões. Quem tem de 18 a 20 anos está muito mais ocupado, porque concerteza já está num grau de habilitação académica que lhe permite andar mais atarefado – com exames, com estudos – e depois também já não é tão aliciante este programa de férias ocupadas. Acho que já têm outras ocupações mais, que vai mais ao encontro daquilo que pretendem; às tantas já querem experimentar outras coisas, de encontro daquilo que será o seu futuro profissional. Já sabem optar. A faixa etária dos 12 aos 14 não me pareceu que fosse também, apesar de haverem algumas inscrições, mas também não estava a resultar na medida em que o tipo de tarefas que eles executam, ou que executaram, não as conseguiam concretizar. Portanto também não se inscreviam porque também não eram adequadas. De maneira que a maior faixa etária foi sempre os 14 e os 18; então nós adaptámos o programa das férias ocupadas para essa faixa etária. E penso que este ano resultou muito bem, na medida em que também prestaram melhor serviço às instituições parceiras da Câmara Municipal, porque são mais responsáveis e aquilo que lhes era exigido... e é isso que nós queremos que resulte no programa de férias ocupadas, que é que os jovens que se inscrevem, de facto, cumpram a tarefa, que sejam competentes, que desenvolvam as competências no sentido em que a tarefa que lhes é exigida seja cumprida.

P: Percebo.

R: E que sejam chamados à responsabilidade. E foi pedido a todas as entidades parceiras que vigiassem, que controlassem o cumprimento dessas tarefas. O que não era possível com meninos pré-adolescentes – dos 12 dos 13 anos.

P: Mas, portanto, estas tarefas têm em vista a aquisição de x competências ou depende da tarefa?... Ou seja, é direccionada ou não?

R: Essencialmente o que se pretende é, primeiro de tudo, tirá-los do espaço de casa, para evitar que eles passem o período de férias... porque nem todos os pais conseguem dar-lhes um período de férias longo, não é? Ou muitos deles até nem vão de férias com os filhos. Sobretudo tirá-los da *internet*, do computador, da televisão. Principalmente para isso.
Segundo, passarem por experiências que são uma mais-valia. Porque eles se estão a trabalhar, por exemplo, numa IPSS, têm a noção do serviço que essa IPSS presta para a comunidade. Portanto, se não passassem por este programa, não tinham a ideia do que é uma IPSS; não tinham ideia do que é uma junta de freguesia – quais as obrigações de uma entidade como uma junta de freguesia. E acho que lhes permite abrir um pouco mais os horizontes. E depois a relação que estabelecem entre outros pares, que é extremamente importante, que é eles estarem abertos a um outro grupo de amigos, que sem este tipo de programa não lhes era possível, porque não estariam a partilhar esse grupo de amigos se não fosse o programa.

P: Tenho uma questão em relação ao programa – não é crítica é mesmo dúvida –, sobre a opinião da professora. Eles recebem no final do...

R: Recebem, no final, um valor.

P: É por dia, não é? Penso que é por dia.

R: É, recebem.

P: A minha questão é: isto não vai enviesar... por exemplo, "só faço se receber"? Ou melhor, eles procuram isto pela actividade, pela aprendizagem ou pelo dinheiro?

R: Cada caso é um caso. Se eu vou dar, por exemplo, um caso que conheci, e que por acaso...

P: Não têm uma avaliação global do tipo de... ainda?

R: Depende. Vou dar um exemplo de uma junta de freguesia – que foi a Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital – que requisitou, por exemplo, jovens para desenvolver um programa de férias para meninos com a faixa etária correspondente ao 1º ciclo. Portanto, dos 6 aos 10.

P: Foi o Campus Pedagógico, não é?

R: Campus Pedagógico. E eu sei que requisitaram jovens, com as idades dos 16 aos 18 anos – portanto, jovens mais crescidos, mais responsáveis – para poderem acompanhar o projecto. E sei, porque também acompanhei de perto o projecto, que muitos jovens participaram independentemente do número de horas que era previsto. Portanto, foram muito além daquilo e deram muito mais. O que significa que temos jovens muito válidos e porque se sentiram envolvidos e porque assumiram de corpo e alma a responsabilidade ou a missão de ter que acompanhar aqueles miúdos de manhã e à tarde. Sei que houve jovens que estiveram o dia todo, apesar de só estarem escalonados para estar a manhã ou a tarde.

P: Percebo.

R: Isto foi uma realidade que eu acompanhei de perto, até para perceber realmente como é que funcionava o campus e até para perceber se este projecto das férias ocupadas era uma mais-valia. Sei também que, por exemplo, em instituições como as IPSS, em que os jovens seguiram à risca todas as competências e gostaram imenso de estar junto de crianças, gostaram de desempenhar determinadas tarefas.
Eu penso que, no fundo, depois de cada entidade os conseguir envolver, eles esquecem essa parte monetária e dão de si o melhor que têm – porque os jovens têm esse dom fantástico, que é depois de se sentirem motivados e envolvidos, são extraordinários e dão mais e mais e mais, sem eles até se aperceberem, porque é uma coisa que eles conseguem fazer de uma forma inconsciente porque é emotivo, sai-lhes do peito para fora e não conseguem controlar. E é fantástico.

Agora, não tenho dados para dizer que isto é geral. Mas eu penso que tudo depende da entidade parceira, se consegue ou não perceber a importância da tarefa que vai ser realizada durante este período das férias ocupadas.

P: Isto porque eu estive a explorar e para os 12-18... 14, eu ponho 12 para abranger o terceiro ciclo... mas, de facto, há muito pouca coisa. Quer dizer, há muita coisa mas a nível do interior, então é para esquecer.

R: É pouca coisa, é.

P: E explorei alguns projectos, mais a nível de grandes cidades, e, de facto, são projectos que fazem muita diferença. São uma, duas semanas, coisas pontuais – por exemplo, no caso do campo de férias, o público são os mais novos – em que o público são mesmo eles, dos 14 aos 18. E faz muita diferença do ponto de vista da participação, responsabilidade; há uma quantidade de competências que eles precisam de trabalhar e que podem ser trabalhadas de várias formas. Mas pagam. E pagam bastante.
A minha questão é nesse sentido. Se existisse uma coisa deste género cá, pelo facto de se pagar, se calhar condicionaria a adesão.

R: Pois, não sei de que valor estamos a falar; não faço ideia...

P: Não, eu também não estou em...

R: Calculo que se fosse um valor muito aliciante, provavelmente eles inscrever-se-iam ou quereriam fazer parte do projecto, pelo valor em si, independentemente de qual fosse a tarefa. Mas eu não vejo...

P: Eu digo ao contrário...

R: Pois... Eu não vejo também as coisas assim. Acho que deveria valorizar-se realmente a competência, e que o projecto é criado para desenvolver essa competência, independentemente do custo.

P: Porque os campos de férias de Verão... quer dizer, em Lisboa... a média por semana é de 200€, é um absurdo; e estão todos cheios. Por duas coisas: porque os pais acabam por colocar lá os miúdos assim, porque não têm onde os por; mas a verdade é que aquilo tem impacto, e as oportunidades depois multiplicam-se.

R: Pois tem. Aqui estamos é numa situação um bocadinho... Pronto, como estamos no interior, o que é que os jovens pretendem? Pretendem mar, não é? É muito difícil aqui no interior fazer vingar um projecto... portanto, tem que ser uma coisa assim muito curtinha, têm que ser actividades... Mas os jovens, mais uma vez eu digo, os jovens dos 14 aos 18 anos, acho que não há nada assim aqui no concelho que os cative e os puxe, porque falta aqui, realmente, esse elemento de praia, que é aquilo que eles mais procuram no Verão. Ou desportos radicais...

P: É preciso perceber o que é que eles procuram, não é? Eu por acaso pensei... nos inquéritos... para tentar perceber o que eles fizeram; mas, mais importante, o que é que eles gostavam de fazer.

R: Mas de certeza que no período de Verão, o que eles mais gostavam de fazer, vai ser ir à praia, praticar desporto.

P: Eu aqui não coloquei praia porque nós aqui não temos; coloquei piscina e rio.

R: Eles vão muito à piscina. E sei que vão às praias fluviais. Estão sempre a dizer.

P: A minha ideia é trabalhar... porque esse tipo de competências – a responsabilidade, solidariedade – nós conseguimos trabalhar nas metodologias; nem é tanto o foco, é mais a metodologia. Eu conheço alguns projectos, tenho andado à procura. Por exemplo em Lisboa, na Amadora, tem o Transformers, em que um grupo de artistas – quando eu digo artistas, é *rappers*, é coisas mais deles – vão à escola – mas é em tempo de aulas – e eles inscrevem-se e estão... há de facto... é pela metodologia que eles desenvolvem uma quantidade de competências e não pelo

conteúdo em si. Não importa se é rap; importa que falei com o colega, que respeitem, etc. Mas aqui estou com essa dificuldade, para perceber o que é que eles gostavam de fazer.

R: Aqui é um bocadinho complicado eles envolverem-se.

P: Porque, ou são obrigados pela escola...

R: Ou são obrigados pela escola ou então funciona porque um diz... Porque é uma coisa curiosa... Está a acontecer... Por exemplo, nós fizemos uma outra coisa muito interessante relacionada com os jovens, que foi o Concurso Soltem Talentos. Que resultou lindamente; que resultou mesmo muito bem.

P: Eu não consegui estar cá.

R: Mas foi um sucesso. Foi um sucesso porque nós fizemos... e está no site... portanto, foi um projecto mais direccionado para os nossos jovens. O Concurso Soltem Talentos permitia a participação dos jovens nas diferentes áreas. Não era só música; podia ser dramatização, declamação, qualquer área. Mas curioso foi que a maioria dos participantes foram para a área musical – ou música ou canto. Na EXPOH, depois de haver dois momentos de pré-selecção na Casa da Cultura – portanto, tivemos dois fins-de-semana em que tivemos uma pré-selecção – fizemos a apresentação dos melhores grupos pré-seleccionados. Portanto, dos finalistas. E aquilo correu tão bem, tão bem, que tivemos três bandas premiadas... Portanto, três bandas já é...

P: Sim, sim. Já é espectacular.

R: Não, tivemos duas bandas premiadas e tivemos um jovem que toca violino. Portanto, esse até foi o 2º prémio. Isto para que quando é uma coisa que eles gostam, mesmo assim, nós não tivemos assim muitos a participar. Mas houve aquele grupo, aqueles grupos que participaram.

P: E isso estará relacionado com o tipo de actividade? Ou com a falta de iniciativa da maioria deles? É que eu fico com aquela ideia de que toda a gente tem qualquer coisa a dizer. Mas o mostrar, o participar, o dar a cara, é uma coisa que não...

R: Não, não dá, não dá. E quando, por exemplo, este concurso poderia ter resultado muito melhor se houvesse mais diversidade.

P: Claro. Eu estranhei imenso não aparecer a dança, por exemplo.

R: Exactamente.

P: Porque toda a gente dançava aí na escola e tínhamos os grupos já desde sempre.

R: E não apareceu. Mas depois no momento D... não é?

P: Faz falta alguém tomar a iniciativa, não é?

R: É, falta ali uma mola, um clique, ou qualquer coisa.

P: É esquisito.

R: E depois na música, porque já estavam um bocadinho mais à vontade e porque nós aqui no concelho, ou pelo menos aqui na sede do concelho, já temos alguma oferta em termos de escolas de música, e eles sentem-se mais à vontade.

P: Mais confiantes.

R: Mais confiantes. Depois naquelas áreas onde não há tanto têm sempre receio de serem alvo de chacota. E é pena.

P: Mas receio, percebo. É isso. É o medo de se mostrar.

A ocupação destes jovens seria por necessidade ou por lazer? Ou seja, dos 14 aos 18, os pais se calhar também já os deixam ficar em casa. E, se calhar, até aos 12 colocam-nos...

R: Sim, mas eu, sem dúvida que acho que era por lazer.

P: Eles inscrever-se-iam porque gostam?

R: Para se ocuparem. Acho que sim, sem dúvida.

P: É que há um pouco a ideia de que os jovens vão para uma ocupação por obrigação e não por lazer.

R: Porque os pais os inscrevem.

P: E eu aqui sinto que se os jovens – desta faixa etária – não quiserem, é extremamente complicado. Eles não vão. Quer dizer, vão forçados? Não.
Porque isso é um outro sarilho, chegar aos pais.

R: É, é, é.

P: Porque, se chegar aos jovens já não é fácil, aos pais é extremamente complicado. Porque, por outro lado, se os pais os inscrevessem por obrigação, não tínhamos o impacto que temos à noite, por exemplo; não os deixavam sair à noite, o tipo de perfis, não...

R: Não, isso não funciona. Não, aqui não funciona. Por obrigação e por imposição dos pais já não funciona. Isso não.

P: Aqui não. E acho que nas freguesias é igual, não é?

R: E quem se inscreve é porque quer mesmo estar ocupado. Eu sei que, por exemplo, no âmbito das Férias Ocupadas, não foi certamente imposição dos pais; foi porque eles pretenderam estar ocupados. E tivemos muitos jovens.

P: Isso é muito importante.
E acha que este tipo de competências de que estamos a falar, a escola, os professores, poderiam ter algum impacto nisso ou não? Têm? Não têm?

R: Têm, têm.

P: Eu tenho circulado as escolas todas e a verdade é que nós falamos uma vez e conseguimos perceber...

R: A escola tem um papel muito importante no desenvolvimento das competências dos nossos jovens no âmbito das relações pessoais, no âmbito da responsabilização.

P: É, não é?

R: Tem.

P: Até da valorização pelo local, não é?

R: Exactamente. E até mesmo pela valorização pessoal dos jovens. Porque desenvolvem vários projectos que lhes permitem provar ao jovem que quando ele se empenha faz um bom trabalho. E há vários projectos nas diferentes escolas...

P: Aqui?

R: Aqui... Que mostram que temos jovens muito válidos. É preciso é o tal clique.

P: Eu tenho a certeza que temos. E é por isso que decidi…

R: É, sem dúvida. E ainda vou reforçar aqui, que eu não me canso de falar disto, um projecto que no ano passado, à semelhança do que aconteceu com as 7 Maravilhas Gastronómicas e com as 7 Maravilhas, as 7 Maravilhas do Concelho a nível de...

P: A nossa formação cívica cá funcionou bem.

R: Muito bem. Portanto, a Área de Projecto, Formação Cívica, tem funcionado muito bem a nível da escola secundária. Temos encontrado jovens extraordinários, que quando são bem motivados... também há que dizer que por trás há uma boa escola e há um bom professor, ou há um conjunto de bons professores.

P: Às vezes até é mesmo com competências pessoais dos professores que...

R: ... que lhes permite, também, motivar aquele grupo de alunos, aquele grupo de turma e depois consegue-se um bom resultado. E este trabalho das 7 Maravilhas, do património cultural, paisagístico e natural foi extraordinário, foi uma ideia brilhante. E que vai continuar a ser desenvolvido.

P: Seria engraçado termos formação de professores cá. Será que eles aderiam? Tinha que ser acreditada... Numa lógica... porque isto está relacionado...

R: Formação de professores? Os professores fazem sempre formação. Todos os anos são obrigados a fazer formação.

P: Pois, eu sei. Mas a minha questão é: eles são obrigados, mas podem escolher. A questão era se calhar construir – e agora estou a pensar nisto mesmo agora –, construir uma formação – porque isso está relacionado com as metodologias e com as motivações pessoais de cada um. Será que eles frequentariam? Uma coisa mais adaptada ao local?

R: Eu penso que sim.

P: Era capaz de não ser mal pensado.

R: Não. Eu penso que sim.

P: Agora estava a pensar nisso, porque é uma das coisas de que se queixam bastante, sempre que falamos com alguém que não professores, é do tipo do papel e da importância do papel na vida dos alunos.

R: Eu acho é que a maioria de nós, certamente, tivemos um ou outro professor que nos marcou e determinou de alguma forma o nosso percurso de vida. Às vezes até sem na altura nos apercebermos e só mais tarde quando olhamos para trás e para o nosso percurso é que tomamos consciência da importância que esses professores tiveram para a nossa... Eu acho que todos nós, quer queiramos quer não, quando olhamos para trás, para o nosso percurso da vida: "Bolas, eu tomei esta decisão porquê? Olha, porque fui influenciada pelo professor". Eu lembro-me que sempre quis ser professora primária, apesar de não ter conseguido – optei depois por não ir –, mas sempre quis ser professora porque tive uma professora primária que me revia na forma como ela dava as aulas e achava que queria...

P: Passamos muito tempo na escola, não é?

R: É. E revia-me nas atitudes dela e achava que ela era muito correcta e que eu quando fosse grande era assim que queria ser.

P: E as escolas de uma forma global, todas elas promovem isso? Ou sente que... As escolas de uma forma global, a nível de áreas e até o facto... por exemplo, a EPTOLIVA, que é profissional... desenvolve mais ou menos competências? Sente que são diferentes, que era preciso trabalhar coisas diferentes em cada escola?

R: Portanto, o aluno faz a opção. Provavelmente, quando faz essa opção é porque também já...

P: Está mais responsável?

R: Não. Às vezes, infelizmente, a opção não é porque o aluno é mais responsável. Infelizmente, é porque acha que não é capaz de fazer o percurso escolar normal para depois conseguir atingir a faculdade através desse percurso normal. E opta pelo percurso profissional porque tem a certeza que tem mais vocação para a parte prática de um curso do que para uma parte mais teórica como o curso normal.

P: E sente que estes do profissional têm mais necessidade de trabalhar competências com os outros? Ou é o oposto?

R: Não, o que eu noto é que os do profissional, sem dúvida, são pessoas muito mais... que trabalham muito mais competências relacionadas com a prática do dia-a-dia.

P: É mais fácil depois fazer a transposição.

R: É mais fácil. Enquanto que um aluno no percurso normal de uma escola secundária está preparadíssimo para entrar numa faculdade e para tirar um curso, seja ele qual for, no curso profissional está preparadíssimo para se inserir no primeiro emprego.

P: Mas sabe que mesmo nas faculdades, uma das coisas de que eles se queixam é da falta de proactividade dos alunos e da falta de envolvimento.

R: Pois, eu sei. Eu também sei que os cursos profissionais de hoje não são os primeiros cursos profissionais criados há uns anos atrás; eu sei que a exigência é muito maior.

P: Sim, há uma reforma.

R: E acredito que os cursos profissionais de hoje, cada vez mais desenvolvem competências para a possibilidade de os alunos que saem dos cursos profissionais poderem ingressar numa faculdade.

P: Cidadania e participação democrática... a professora tem ideia de se os jovens têm votado, se votam?

R: Pouco. Aqui, pouquíssimo.

P: Esses valores existem? Há assim um impacto global? A professora tem ideia de que votam pouco, é isso?

R: Votam, votam pouco, envolvem-se pouco na vida política, como eu disse há bocadinho...

P: Isso dizem mal, não é?...

R: Sim. E dizem mal, muitas vezes, por falta de conhecimento. Como não estão envolvidos, não sabem, não estão a par. Não votam porque é indiferente, acham que é pouco relevante.

P: Mas não votam mesmo?

R: Há poucos votantes, poucos eleitores.

P: E agora com esta questão de mudança, neste último...

R: Eu acho que neste último talvez tenha aumentado, precisamente porque tínhamos um candidato da Junta de Freguesia de Hospital que é jovem. Isso talvez tenha motivado a que houvesse mais eleitores jovens a votar.

P: Mas é algo assim muito passivo, muito sem conteúdo...

R: É, é. São poucos jovens aderentes. Eu acho que no primeiro ano em que atingem a maioridade e têm o cartão de eleitor, acham que aquilo é giro e no primeiro ano votam. Mas depois vão perdendo um bocadinho, e desligam.

P: Pois, percebo. E acha que faria sentido trabalhar estas competências? Mas de cidadania democrática...

R: Sim, fazia.

P: A professora tem ideia de como é que se trabalha?

R: Tenho. E, por acaso, uma das coisas que eu gostava, uma das ideias que eu tinha, era criar um fórum mais direccionado para...

P: Fórum, como assim?

R: Fórum sobre políticas administrativas. No sentido de esclarecer os nossos jovens sobre...

P: Mas fórum como ciclo de conferências?

R: Sim, tipo ciclo de conferências. No sentido de esclarecer os nossos jovens sobre como é constituída a administração local, por exemplo.

P: Claro.

R: E regional, e nacional. Como é que tudo isto se relaciona e interliga; e o papel e a importância que estes têm na sociedade; de que forma é que também podem contribuir para que algo mude, que é através do voto – eles manifestarem ou protestarem através do acto eleitoral. E sobretudo para eles poderem ter consciência de, quando estão a votar, saibam-no fazer em consciência.

P: Em consciência, claro.

R: Porque muitas vezes é o que se diz e é o que... e não têm muito bem noção...

P: E quem se envolve mais... isto é uma crítica... não é daqui, eu sofro do mesmo... que é a questão dos extremos: uns envolvem-se demais – a malta das Js [Juventudes Partidárias] – e outros, à parte. Isto cria bastantes conflitos, acho eu. As pessoas não se identificam. Porque depois, quem escolhe uma J – os que se envolvem mais – não escolhe com conhecimento, grande parte deles ao início não escolhe com conhecimento do que é o outro lado.

R: Pois não.

P: E isto, para mim é assustador.

R: Porque primeiro tinha que haver, realmente, um conhecimento neutro, ou que conhecessem as várias opções, para depois tomarem a sua opção.

P: Por acaso há dias estava a discutir sobre isso com grupos de amigos. Estávamos a falar sobre isso: as guerras das Js. E eu estava a dizer: se só se começa a votar aos 18, porque é que não há uma opção política antes? Porque é que não há uma J uniforme? Se calhar resolvíamos metade dos problemas deles, que mal se entendem, não é?

R: Se calhar.

P: Porque isso, de facto, faz-me alguma confusão.

R: Se calhar é preciso algum esclarecimento, no sentido em que...

P: Sabe, professora, a ideia que tenho é que os jovens, quando se filiam, também não fazem a mínima ideia da diferença entre direita e esquerda.
E voluntariado? Eu vi na Agenda [da Câmara Municipal] que têm um banco de voluntários. Funciona?

R: Com os jovens não funciona.

P: Porque são as mesmas competências que vão...

R: Sim, são as mesmas competências. Quer dizer, se nós criássemos aí um movimento "hoje vamos...".

P: Sim, coisas pontuais...

R: Coisas pontuais acho que sim, que resultava. Agora, criar hábitos, métodos, todos os dias à mesma hora, aquelas rotinas... isso aí é que a coisa já é mais séria.

P: E associativismo?

R: Temos alguns jovens envolvidos em algumas colectividades. Devo até dizer que graças à sua envolvência é que algumas colectividades existem.

P: Mas mais a nível de...

R: Mas mais a nível de localidades que estão mais afastadas daqui da sede do concelho. Estou a tentar lembrar-me de jovens que possam estar envolvidos aqui... Primeiro, por exemplo, Oliveira do Hospital, tem poucas colectividades, tem poucos grupos culturais. E se olharmos para as colectividades que existem, não vejo jovens envolvidos, por exemplo, em nenhuma direcção.

P: Pois, é responsabilidade.

R: São pessoas todas que estão para cima dos 40, 50, 60, 70 anos. Não estão jovens directamente ligados...

P: E a professora acha que fazia sentido criar-se uma associação juvenil? Por exemplo, em Oliveira do Hospital. Porque não há, pois não? Ou há a OHs.21...

R: Não, não. Ou essa OHs.21... essa OHs.21 é a única existente. Que também está a atravessar uma fase complicada.

P: Isto é um gosto pessoal. Por acaso tem sido giro porque, quer com ou sem mestrado, é uma das coisas com as quais eu queria avançar... Já tinha falado. Depois também já percebi com amigos que a coisa não é a melhor opção e é difícil encontrarmos as pessoas certas. Mas falava um pouco sobre isso, que é na necessidade... até para candidaturas a financiamento, nós temos muita dificuldade, por exemplo, na autarquia, porque como é público não dá. Acha que poderia fazer algum sentido?

R: Faz todo o sentido.

P: Mas local, tipo freguesia? Ou concelhio, com...

R: Era óptimo que fosse concelhio. Era excelente. Não sei se é viável.

P: Pois.

R: Mas era muito bom.

P: Porque eu sinto a malta toda...

R: Nós temos várias associações de jovens, que cada uma faz o seu trabalhinho, e programa as suas actividades. E pouco mais.

P: Por acaso era giro ter assim uma coisa, tipo direccional, não?

R: Era vontade minha – e tentei este ano, no Conselho Municipal da Juventude – fazer um encontro de jovens.

P: Como é que funciona o Conselho Municipal da Juventude cá?

R: Mal.

P: Mas não abriram candidatura para técnico para o o concelho, pois não? Para trabalhar mais a parte da juventude...

R: Não, não.

P: Houve autarquias que fizeram isso.

R: Pois, mas a autarquia de Oliveira do Hospital... Eu tenho cinco ou seis pelouros e não há técnico para nada.

P: É, não é? Pois...

R: Portanto, é a vereadora e os colaboradores. Técnicos superiores não há. Eu, por acaso, agora já tenho dois técnicos superiores. Um que já vinha do anterior executivo e outro entretanto que foi... Um arqueólogo e um historiador. São os únicos técnicos superiores que trabalham mais direccionados... Agora, não tenho técnico superior de educação, não tenho técnico superior de desporto, não tenho técnico superior da juventude. Portanto, não há, não existe. Fazemos um bocadinho de tudo e tenho de perceber de tudo, pronto.

P: Pergunta ingénua: não há porque não há linhas para isso a nível financeiro?

R: Não há linhas financeiras.

P: … Ou não há porque há uma cultura?... Antigamente era mais assim…

R: Havia uma cultura de não apostar nesse tipo de…

P: É o «sabe tudo».

R: Era o «sabe tudo»… e não apostar nesse tipo de…

P: Aquela coisa de "toda a gente sabe um bocadinho de educação; toda a gente…"

R: Não havia. A ex-vereadora estava mais ligada à área da educação, até porque era professora. Do anterior executivo era ela e era o ex-presidente. Mas era ela que tratava desses assuntos, mais directamente. Era ela que tinha o pelouro. Mas…

P: Mas por mais capacidade que se tenha, é impossível fazer tudo.

R: É. Mesmo porque o nosso concelho é bastante complexo. Há outros ainda mais complexos, obviamente; mas não é muito fácil.

P: Então quer dizer que não tem técnico superior… portanto, é difícil… a juventude funciona conforme vai tendo tempo…

R: Exactamente. Vai funcionando conforme vou tendo tempo. E fiz várias reuniões durante este ano, tentei fazer realmente algo de diferente, mas foi impossível, porque ora vinha um grupo hoje, ora vinha um grupo amanhã – não era sempre o mesmo grupo…

P: De?

R: De jovens, que representavam o Conselho Municipal. Que nem sempre apareciam. Cheguei a ter 3 / 4 pessoas no Conselho Municipal, quando deviam estar vinte e tal pessoas. Portanto, assim também se torna inviável.

P: Batemos sempre na mesma, na responsabilidade, não é?

R: Batemos sempre na mesma.

P: Percebo. Então e, pensando nestas lógicas de programas para desenvolver isto – seja lá por onde for agora, a nível de conteúdo –, como é que a professora vê o financiamento disto? Há financiamento?

R: Para?

P: Por exemplo, para termos um campo de férias – não é bem um campo de férias, mas um programa de ocupação de férias – diferente, numa linha mais direccionada para estes jovens, acha que havia possibilidade de financiamento por parte da autarquia? Teríamos de procurar parceiros?

R: É sempre bom procurar parceiros. É uma mais-valia. Por várias razões.

P: Não, mas isso até é critério, quando fazemos candidaturas…

R: Acho que convém sempre termos parceiros envolvidos, porque nós, de uma forma isolada, acho que nunca conseguimos fazer uma coisa com sucesso.

P: Claro.

R: É sempre bom a Câmara associar-se a outras pessoas para conseguir levar a efeito o projecto.

P: Mas via isto como uma iniciativa da Câmara? Ou como uma iniciativa em que a Câmara apoia com x, mas que depois, de resto, é…

R: Se houvesse alguém que tivesse como iniciativa… O problema é que ninguém tem como iniciativa. À excepção do Presidente da Junta de Oliveira, que fez o Campus de Férias, não há ninguém com iniciativa e o que se nota sempre é que a sociedade civil, quer queiramos quer não, tenta sempre empurrar estas coisas para a Câmara. Tendo de ser ela a promotora de tudo. E não tem que ser.

P: Pois. Criticamos, não é? Mas depois empurramos.

R: Mas depois apontam sempre o dedo: "mas a Câmara é que devia". E porque é que "a Câmara é que devia"? A Câmara apoia sempre a parte social; A Câmara é uma entidade que não procura fins lucrativos. Ora, se a Câmara pensa num projecto de ocupação de férias, não pede dinheiro aos pais para explorar.

P: Percebo.

R: Portanto, é por isso que quando se pensa em projectos, se se mete por trás uma empresa, os pais ficam logo a pensar "pois, vamos pagar um balúrdio, porque vão-nos explorar".

P: Eu aqui começo a ter dificuldades com isso. Porque as escolas que estão a abrir aqui, estão a ter grande sucesso. É tudo privado.

R: É.

P: Ninguém pergunta competências nem nada, porque os miúdos estão ocupados. Portanto, é esquisito perceber isso.
Mas acha que a autarquia tinha abertura para abraçar um projecto deste género?

R: Sim, sim. Nós não avançámos com as férias arqueológicas este ano porque, entretanto, o IPJ também lançou uma legislação onde exige que todas as autarquias ou todas as entidades que queiram por projectos dessa natureza, de ocupação de tempos livres, têm que respeitar regulamento. Portanto, têm que criar um regulamento interno – e nós já criámos este ano um regulamento interno, portanto estamos a preparar as coisas para criar…

P: Era o IPJ que financiava? Em parte?

R: Não, não. Nada. O IPJ, que eu tenha conhecimento, não financiava. No entanto, o que o IPJ exigiu foram regras claras e precisas de como devem funcionar os campos de férias.

P: Ok, percebi.

R: E têm que ser autorizados por um conjunto de entidades. Portanto, há regras muito específicas, para que se garanta a qualidade dos campos de férias. Para garantir essa qualidade há ali uns trâmites legais que têm que ser cumpridos e que antes não existiam.

P: Mas se não eram eles que financiavam, porquê cumprir aquilo que eles sugerem?

R: Porque, como nós somos uma entidade camarária, e a partir do momento em que sai a legislação, nós obrigatoriamente temos de cumprir essa legislação.

P: Percebo.

R: Não poderá ser de outra forma. Porque temos de mostrar sempre à comunidade que nós não desrespeitamos a lei.

P: Percebo. Há quase uma obrigação implícita.

R: A partir do momento em que temos conhecimento que esta lei foi publicada, temos obrigatoriamente que a cumprir. E desencadear todos os meios para que as coisas sejam legalmente cumpridas, porque como entidade pública é nosso dever prestar o melhor serviço para o cidadão.

P: Claro, percebo. Professora, a nível de… isto são tudo competências de que nós falámos até de cidadania… que temos falado, que faltam.
Mas agora há… eu digo que é a moda do empreendedorismo, que é… Como é que a professora vê o empreendedorismo? O que é para si o empreendedorismo? E que tipo de ligação é que poderia ter com estas coisas de que temos estado a falar?

R: Em certa medida, já existia o empreendedorismo. Só que agora foi-lhe dado o nome.

P: Pronto, é isso.

R: Portanto, agora foi-lhe atribuído esse nome – foi baptizado. Porque eu penso que, na própria escola, quando já surgiam projectos – no âmbito da Área-Escola e no âmbito da Área de Projecto – já éramos todos muito empreendedores. Já todos fazíamos exposições, já todos criávamos coisas, já todos inventávamos coisas, já todos fazíamos projectos. Portanto, já éramos todos empreendedores. Agora soubemos que o somos, porque entretanto surgiu o nome. Antes também éramos; portanto, eu acho que antes também éramos.
Agora, surgiram foi, associadas ao nome, empresas que desenvolvem estas competências mais específicas ligadas ao empreendedorismo – que nos dão a receita. Antes era de uma forma sem estar devidamente orientada.

P: A questão é: desenvolvem competências ou ajudam a criar empresas?

R: Estimulam a criar empresas, dão-nos a receita para criar empresas, dão-nos orientações específicas, técnicas específicas para criar empresas.

P: Mas isso não são competências.

R: Não, não são competências. Estão-nos a orientar para chegar a um resultado final. Nesse percurso podem-se desenvolver ou não competências. Tudo depende depois da pessoa que desenvolve o projecto, desenvolve a ideia. Tudo depende. Na escola… e vou mais uma vez falar da Escola Secundária, que trabalhou muito bem este projecto da *[imperceptível]* no ano passado, e a Câmara Municipal tinha também um projecto, que tem também este ano, de empreendedorismo, que está a aplicar nas escolas – na Escola Secundária, na ESTGOH e na EPTOLIVA.

P: Qual?

R: É um projecto de empreendedorismo, que ainda não começámos a trabalhar, porque estamos na fase de formação dos professores, mas que rapidamente irá…

P: GesEntrepreneur, não é?

R: É, é através da empresa GesEntrepreneur. Que já no ano de 2009/2010 esteve a trabalhar directamente com a Câmara. Com actividades empreendedoras desde o pré-escolar até ao ensino secundário.

P: Eu conheço.

R: Esta onda, de moda, do empreendedorismo é de facto uma onda que é bom que toda a gente a consiga agarrar ou que pelo menos os jovens a agarrem. Mais que não seja, para perceberem o que é isto do empreendedor, e o que é ser empreendedor, e que tomem consciência de que não têm que estar à espera de andar sempre à procura de emprego e que eles próprios podem criar uma ideia. E que podem eles arriscar; e hoje, mais do que nunca, é muito importante que eles tenham esse espírito de empreendedor, porque não é fácil arranjar emprego. E acho que não é à toa que surgem estes projectos ou estas empresas. Porque devido ao número de desempregados é que também surge este projecto, que é para que as pessoas estejam mais motivadas a que criem o seu próprio emprego.

P: Percebo.

R: Portanto, e acho que isso é bom, que as pessoas estejam despertas e conscientes que não têm de estar sempre à procura de emprego, que eles próprios podem encontrar soluções para ganhar o seu dinheiro, criando o seu próprio emprego. E sei que há projectos que já deram frutos. E estou-me a lembrar que há uma empresa, por exemplo, em que a Câmara também é parceira, que é a ADIBER…

P: A ADIBER é associação. Eu estive com o eles hoje.

R: É uma associação, precisamente. Ventura. Esta empresa também vem neste âmbito, que é lançar novos empresários, empreendedores, em que há financiamento se o projecto de facto for… e estiver com…

P: Percebo.
Última pergunta professora: questões como a EXPOH têm impacto na vida dos jovens? Poderiam ter mais? Como é que vê isso?

R: Eu acho que sim, que têm um grande impacto.

P: E que tipo de impacto? Duas coisas: que tipo de impacto e como é que nós poderíamos aproveitar o que já existe para promover…

R: No âmbito da EXPOH nós procuramos sempre realizar actividades que, de alguma forma, também envolvam os jovens.

P: Lá?

R: Sim. Também fazemos com que o cartaz tenha algo…

P: De artistas?

R: Sim. Algo relacionado com os jovens. Que vá de encontro às preferências deles. Por exemplo, o [The Legendary] Tigerman, o… Portanto, houve aqui também essa preocupação em trazer grupos que nós sabemos à partida que foi escolha… Por exemplo, no Conselho Municipal da Juventude foi sugerido um ou outro nome que fez parte do cartaz.

P: Foi? Fantástico.

R: Portanto foi um bocadinho, também, para dar resposta. Agora, pena é que não seja o gosto do Concelho, porque no Conselho Municipal da Juventude não estão…

P: Aparece pouca gente. Claro, não há representatividade.

R: Lá está, pouca gente. Portanto acabamos por estar a fazer o gosto apenas àqueles elementos do Conselho Municipal da Juventude. Será que é? Será que não é?

P: Não é representativo.

R: O que é facto é que também houve essa preocupação.

P: E que tipo de actividades é que fizeram?

R: Desportos radicais, houve o tal Concurso Soltem Talentos… O que é que houve mais?... Estou a tentar lembrar… Pronto, para já é só…

Anexo 19 – Transcrição da entrevista semi-directiva a Frederico Lucas

Pergunta: Eu estou a fazer um mestrado e faltava-me assim uma visão «de fora», porque eu acho que fazer entrevistas só locais não chega.
Estou a fazer o projecto na área da ocupação dos tempos livres dos jovens, mais nas férias, vou começar pelas férias. A nível do interior. Eu sou de Oliveira do Hospital e decidi fazer o projecto no Concelho de Oliveira do Hospital – contrariamente àquilo que me pediram. Na Faculdade tem sido um sarilho, porque eles só querem que eu faça coisas em Lisboa.
Então, basicamente o que eu precisava era de ter uma pequena perspectiva tua, por um lado, de como é que vês o interior e de como é que vês os jovens do interior, porque eu sei que tens aqueles projectos agora com jovens, não é?

Resposta: Sim. Working Labs, sim.

P: Exacto. Era perceber mais ou menos… Eu vou fazendo assim umas perguntas e, depois, se puderes ir respondendo, era óptimo. Qualquer dúvida pergunta, também.
Então, de uma forma geral, como é que vês o interior, o seu futuro e a sua relação com os jovens?

R: O interior tem, até hoje, escondido a solução que tem para o país.

P: Desculpa, quando eu digo interior… Coimbra não é interior, Figueira da Foz não é interior. É mais no sentido de interior rural.

R: Vamos clarificar a definição de interior. Portanto, eu chamo interior a territórios de baixa densidade.

P: Ok, é isso mesmo.

R: O que, muitas vezes, não são nada interiores. Por exemplo, se falares da costa alentejana é, para mim de baixa densidade e é, para mim, interior.

P: É como eu.

R: Portanto, estamos a falar de territórios de baixa densidade. Como é que eu vejo? Portanto, o que é que nós temos? O interior tem a solução para o país; e faz questão de a esconder. Isto é, temos hoje nos territórios de baixa densidade um custo de vida muito baixo. E tens muitas empresas na área metropolitana, quer de Lisboa quer do Porto, a ir à falência porque o que lhes acontece é que já não têm dinheiro para continuar a pagar 2000€ por mês de renda do escritório, mais 1200€ / 1300€ por cada colaborador. E portanto, hoje em dia, tu consegues, no interior, de facto, um custo de vida que te permite ser competitivo. Um escritório nos territórios de baixa densidade custa à volta de 100€ / 150€ e nós estamos a trabalhar para que custe 25€ - e essa é outra questão, porque tu só alugas uma cadeira, não alugas um espaço, portanto um gabinete. E o interior é o sucesso... portanto, o sucesso que nós vamos ter em termos de economia, vai depender do interior. Depois temos um problema grave, que é: as pessoas que são os gestores territoriais do interior – estamos a falar dos autarcas – não fazem a menor ideia do que está a acontecer. A menor. A única coisa que sabem é que lhes vão reduzir o orçamento da Câmara Municipal; não sabem mais do que isto. Sabem que se ganham eleições a fazer obra pública que não é necessária, mas que fica bem para a inauguração.
Portanto, o que aconteceu ao interior, o processo de despovoamento, tem um responsável; e o responsável são as políticas locais que existiram... para o subdesenvolvimento. De facto, foram políticas para o subdesenvolvimento que foram aplicadas; não para o desenvolvimento.
Bom, passando esta questão política, o que é que acontece? E isto é transversal a todas as cores. Portanto, começa no PCP e acaba no Partido Monárquico. Não há grandes diferenças nas cores políticas em relação às estratégias. Portanto, tivemos agora uma estratégia que foi uma estratégia de *hardware*, de infraestruturação – que é, obviamente, importante mas longe disso ser suficiente para conseguir ter territórios competitivos.
Bom, portanto, o que é que nós temos? Temos território: o interior é a solução, é a chave para o sucesso da nossa economia. Porquê? Porque nós conseguimos ser muito competitivos se tivermos as empresas no interior, com custos do interior, e para mercados globais, que é nessa economia que nós estamos hoje a funcionar – uma economia global. Portanto, o interior esconde a solução para Portugal.

Jovens. A capacitação de jovens, no interior, enfim, está muito condicionada. É o sítio onde todos os professores conseguem colocação, portanto, normalmente não são os melhores professores que nós conseguimos para o interior. Muitas vezes, obviamente que há excepções e...

P: E ainda bem...

R: E quando generalizamos estamos a cometer sempre riscos. Conheço excelentes professores, por exemplo, em Trancoso. Conheço excelentes professores aqui perto em Carrazeda de Ansiães. Mas, em média, normalmente, não é o sítio onde se... onde há uma preocupação com a formação dos jovens. Até porque se parte do pressuposto que eles querem ser mecânicos, querem ser não sei quê. Portanto, também não ajuda aos professores a sentirem… porque são alunos que querem seguir a profissão dos pais e normalmente os pais têm pouco mais do que a quarta classe e, portanto, para eles o 12º ano já é a escola toda. Há de facto aqui também esse problema. Portanto, é uma causa-efeito. E por isso, de facto, a formação dos jovens do interior não é rica.
Aquilo que normalmente se diz – só para terminar este capítulo – é "nós para combater o despovoamento precisamos que os jovens que tiram o 12º ano não se vão embora". Ora, isto é outro erro que se faz. Os jovens que tiram o 12º ano devem ir-se embora. Devem ir para o Porto, devem ir para Coimbra, devem ir para Viseu. Devem ir capacitar-se. Aquilo que nós fazemos no projecto Novos Povoadores – e aquilo que é a minha função hoje – é agarrar até nos «filhos da terra», com 35 anos, 40 anos, que têm as suas empresas já no Porto ou em Lisboa, e convidá-los a transferir as suas empresas para a «terra». E isto tem um problema, que é normalmente, para eles, a «terra» é uma espécie de fracasso.

P: Sim, exactamente.

R: Porque as pessoas olham para eles com inveja – ele vive no Porto, tem uma moradia no Porto – e, portanto, este homem quando regressa, algo lhe correu mal. Portanto, nós temos hoje um estigma das pessoas que regressam ao interior que temos de combater e é isso que fazemos também no projecto Novos Povoadores – é combater esse estigma. As pessoas que regressam, não quer dizer que estejam pior; quer dizer que, de facto, o interior tem valor e tem oportunidades para estes empreendedores.

P: No ponto de vista dos jovens, se pensarmos nos jovens agora entre os 12 e os 18, que é aquele 3º Ciclo e Secundário, como é que vês as características dos jovens no interior? No interior, dentro desta perspectiva que temos falado. E, em certa parte, em que é que eles são diferentes – melhores ou piores, não sei se vale a pena pensar em melhor ou pior – dos outros? Ou seja, para perceber que tipos de características é que eles têm e quais é que precisam de desenvolver de alguma forma?

R: Eu acho que os miúdos do interior são menos... Ponto 1, têm uma visão menos global do meio em que vivem. Portanto, enquanto um miúdo de Lisboa lida melhor com a diversidade... Eu lembro-me, por exemplo que o melhor amigo do meu irmão – portanto, eu cresci em Lisboa, vivi em Lisboa até aos 34 anos – era um chinês, aqui isso não é tão fácil. De facto, aqui lidam menos bem com a diferença. Para eles, o mundo acaba na sua família. Estes territórios têm poucas famílias – são três ou quatro famílias –, portanto a família deles acaba por ser um terço da população da vila ou da cidade onde vivem. São 1000 pessoas ou 1500 pessoas, familiares. Normalmente, filhos de primos direitos e portanto, até com outros tipos de problemas depois em termos de saúde. O que acontece é que, de facto, para eles, o mundo deles está um bocado restrito à família, que são as pessoas que vivem aqui com eles e que estão emigrados na Suíça em França. É esse o seu mundo.

P: Então mas, pensando nestes jovens, dos 12 aos 18, eles valorizam o interior? Porque, por exemplo, eu não sei se a terra onde estás é um bocadinho mais pequena que aquela em que eu estou a trabalhar. Oliveira do Hospital é uma cidade já e isso já não é tão real, a questão das famílias. Há mais famílias.

R: Trancoso é uma grande cidade, com 3 mil habitantes.

P: Pois. Eu digo porque, por exemplo, eu estive a entrevistar a Vereadora da Educação, e essa realidade acontece nas freguesias em redor – isso sim, é muito visível – mas na cidade, mais central, parece que há assim um espírito citadino esquisito, que não é bem cidade...

R: Pois. Sociologicamente, eu quando preciso de compreender alguns comportamentos aqui, nomeadamente a relação dos alunos – quer do homem, quer da mulher – com o carro, normalmente vou buscar a periferia das cidades. Se tu pensares que as pessoas, quando saem da Região Norte, vão viver para a região norte de Lisboa – Loures, Vila Franca, Alverca – e as pessoas do Sul normalmente ficam pelo Barreiro... Portanto, existe, como eu disse... Portanto, tu quando queres compreender a psicologia ou a sociologia desta região, vais... é a mesma coisa, porque existem mais estudos, existe... Exactamente. Estamos a falar, portanto, da periferia de Lisboa. Não estamos a falar de Lisboa. Estamos a falar da periferia de Lisboa. Ok?

P: Ok.

R: No passado era Amadora, Damaia. Portanto, tu usando esses comportamentos, consegues tirar o comportamento dos adultos, nos 30 / 40 anos, daqui.

P: É? Ok. Mas pensando mais nos jovens, que tipo de características é que seria importante desenvolver se pensarmos – como eu estou – em fazer um programa de ocupação de férias? Portanto, o que é que seria importante desenvolver para os jovens de cá? Que tipo de características? Que tipo de competências?

R: Eu acho que... Portanto, no Verão eu levo os meus filhos para Lisboa. O meu filho que está aqui e que tem 12 anos foi para o Centro de Estágios do Benfica. Ele é do Benfica e portanto, enfim, é o facto de estar no Centro de Estágios... no Estádio que normalmente só vê na televisão... ter a possibilidade de almoçar com os jogadores de futebol e com a equipa principal... Eu acho que o mais importante... Eu próprio vou com os miúdos agora para Londres de carro – portanto, os melhores alunos de São João da Pesqueira vão comigo a Londres na próxima Páscoa, com um protocolo com a Universidade de Manchester...

P: Fantástico.

R: É. Eles vão visitar FabLabs em Londres, que é, de facto, enfim... Eu acho que aquilo que falta, de facto, a estes miúdos é eles perceberem que eles podem operar num mercado muito maior do que a Câmara do sítio onde vivem – porque esse é o objectivo deles, é trabalhar na Câmara – e que há muito mais mundo e que há muito mais ideias do que aquelas que eles conhecem.
Eu posso só contar uma coisa? Eu trabalhei há dois anos com uma turma especial – estamos a falar de cadastrados – em Carrazeda de Ansiães. Foram os miúdos mais criativos que eu já tive até hoje. Qualquer um daqueles miúdos, em Londres, era um *player*, era uma referência. Qualquer um deles. E estamos a falar de miúdos todos eles cadastrados – por tráfico de droga, por tudo e mais alguma coisa. Estamos a falar de alunos brilhantes. O que é que falhou? Falhou o meio. Portanto, eles não estão preparados para serem formatados tal como a sociedade ou a comunidade onde eles vivem está preparada para os formatar a eles. Portanto, aquilo que eu acho é que lhes falta mundo – falta ter uma noção de geografia, falta ter uma noção de mobilidade, falta compreender que operam num mercado global. Por exemplo, com esses miúdos eu tive uma história muito engraçada. Que é: eles apanham as maçãs, as maçãs saem de Carrazeda de Ansiães a 5 cêntimos cada maçã. Eu tive que lhes levar uma fotografia de uma maçã, com celofane, numa área de serviço, a 1,20€, para eles acreditarem que alguém comprava uma maçã a 1,20€. Eles diziam: "Não, isso é impossível. Toda a gente sabe que uma maçã a 5 cêntimos é bem paga. Toda a gente sabe." Portanto, falta-lhes essa perspectiva. Qual foi o negócio que montei com eles? Foi de eles venderem a 80 cêntimos as maçãs, para as máquinas de venda em Bragança e Vila Real. Para eles é um «negócio da China», porque são 1600% de lucro, não é?

P: Claro, claro, claro.

R: Quando eles vão deduzir o combustível, a margem há-de ser de 10% ou 15%, mas adiante...
Mas portanto... para eles... antes de eu trabalhar com eles, eles não imaginavam que isso fosse possível. Porquê? Porque, para eles, a noção de mercado são os vizinhos deles, são os primos deles. Não têm uma noção de mercado global. Ok?

P: Claro.

R: Portanto, acho que é isso que lhes falam. Os miúdos... Eles, com 12 anos, nesse período, é o período quando são mais criativos.

P: É, não é?

R: Portanto, é o período em que eles têm que perceber que eles vão entrar numa economia que não tem os limites das instalações da Câmara lá da terra onde eles cresceram; o mercado deles é um mercado global.
E depois há outra coisa que lhes falta, que é a identidade. Eu trabalho muito com concursos de fotografia, em que eu digo "queremos fazer fotografias que representem a identidade do território". Oitenta por cento deles vão fotografar a chapa que está lá na rotunda e há outros que percebem e que vão fotografar um ofício da avó ou da amiga da avó.
Portanto, eu acho que aos miúdos estão a faltar duas coisas: a perspectiva do mundo em que vão operar – diferente do nosso – e a questão da valorização da identidade. Acho que são estas duas coisas que devem ser pressupostos para qualquer actividade que se desenvolva com eles.

P: Quando pensamos na valorização do mundo, aquilo que se está a assistir aqui, não é tão parecido... Quer dizer, é parecido, em certa parte é... Porque depois temos assim dois grandes picos: a malta da periferia – que não é bem periferia aqui, que são as freguesias vizinhas da sede de concelho – vive muito assim; todos os outros, ou alguns desses também, acabam por sair para Coimbra. E o que temos estado a assistir é: ou não voltam, de vez, e desaparecem – mas desaparecem assim "nunca mais ninguém os viu", ou quando vêm, vêm ao fim-de-semana, estão com os pais e vão embora, não têm o mínimo interesse nem por isto, nem em desenvolver isto –, ou então...

R: Falta-lhes identidade.

P: Exactamente, exactamente. Ou então o que acontece é que voltam e mantêm o perfil dos pais. Ou seja, trabalham no Centro de Saúde, têm o negócio, e não há uma perspectiva de evoluir. É no sentido do "isto é horrível" e ninguém percebe que o "isto" somos nós, porque vivemos cá. Portanto, é assim um bocadinho...

R: Acertaste nas duas coisas que eu tinha dito, que é a falta de uma visão de que o mundo não acaba nem em Coimbra nem na terra deles. Portanto, eles podem...

P: A ligação, não é?

R: Exactamente. Eles podem produzir... Repara, eu trabalho em comunicação. Eu fiz, a semana passada, um trabalho para a Roménia. E vivo em Trancoso, não é? Mas isto tem a ver com aquilo que eu já trazia de Lisboa. Em Lisboa já me candidatava para trabalhos, nomeadamente, na Europa de Leste. E para as pessoas da Roménia, eu dizer que sou de Trancoso ou que sou de Lisboa é exactamente a mesma coisa; para as pessoas de Lisboa é que faz confusão.

P: Claro.

R: Mas para as pessoas da Roménia não faz.

P: Exactamente.

R: E portanto, eu acho que são essas duas coisas. Que é: falta-lhes identidade – falta-lhes valorizar aquilo que foi a sua educação – e falta-lhes mundo – portanto, falta-lhes uma visão global da economia em que participam.
Portanto, eu acho que qualquer actividade que tu faças com os miúdos, tem de incidir nesses dois pontos. Por exemplo, eu com os meus filhos faço alguns jogos de geografia. Lamentavelmente, eu perco sempre. É porque as perguntas para os alunos não são iguais às da... Portanto, são uns cartões, mas os cartões têm a pergunta para as crianças e a pergunta para os adultos.

P: É aquele Conhecer Portugal, não? Há um jogo muito giro, que é o Conhecer Portugal...

R: Sim, sim, também tenho esse. Mas o que eu tenho jogado mais com eles é o da Europa. E posso ir buscar, porque eu tenho-os aqui.
E portanto, eu acho que são essas duas coisas que falham e que devem trabalhar. Por exemplo, em Israel, qualquer bairro tem um Fablab, uma oficina de experimentação. Tu, em Portugal, só tens uma. E funciona

na EDP, em Sacavém, em Lisboa. E se tu pensares qual é o futuro da nossa economia, tu percebes que é fundamental que cada vila, cada aldeia... cada aldeia não, mas que cada vila tenha um centro de experimentação profissional. O que nós estamos neste momento a tentar desenvolver é meter um Fablab dentro de um camião – e a acontecer, é o primeiro da Europa (existe um nos Estados Unidos e a acontecer aqui é o primeiro da Europa)... obviamente, estamos a falar de uma operação com a EDP – e por o camião a percorrer o país inteiro para as pessoas experimentarem.

P: Frederico, mas um Fablab, o que é que queres dizer com isso? Podes explicar um bocadinho melhor?

R: Sim. Um Fablab é uma oficina de prototipagem. Onde tu podes produzir qualquer objecto. Se eu quiser produzir este copo, eu consigo produzir este copo no Fablab, o exemplar número um.

P: Ok.

R: Portanto, faço este copo. Provavelmente não em vidro, porque o Fablab não tem equipamento, mas consigo produzi-lo num plástico qualquer.

P: Ok.

R: Portanto, porque num Fablab a ferramenta principal é uma impressora 3D. Em que tu metes lá um bocado de... tipo esferovite... não é esferovite, mas uma coisa esquisita... e ele corta-te e sai o copo com as dimensões da maneira como tu o desenhaste.

P: Espectáculo.

R: É, é. Custa 150 mil euros cada um e nós estamos a tentar meter um dentro de um camião.

P: E depois como é que fazem? São as autarquias que contratam, que vos chamam?

R: Sim. O serviço é todo financiado pela EDP, mas são as autarquias o elemento local que vai dizer onde é que se estaciona o camião, que vai decidir e que vai publicitar a presença do camião. Portanto, no fundo, são os parceiros locais.

P: Ok.
Deixa-me introduzir duas coisas da experiência que eu tenho tido aqui. Por um lado, nós temos tido alguns camiões... mais de experiência... acho que a questão da Ciência Viva e assim umas coisas que andaram a passar por aí. O que é que acontece? Como não era financiado na totalidade, o transporte dos alunos para o camião – como os concelhos são muito dispersos – acaba por ter de ser assegurado pela autarquia, a autarquia reclama que não tem dinheiro e o que aconteceu foi que os miúdos tiveram de pagar para ir lá. E logo aqui houve um filtro dos alunos que foram e dos alunos que não foram. Porquê? Porque estamos a assistir aqui – lá está, é diferente, e aqui é uma das grandes diferenças também com Lisboa –, é que aqui as pessoas não pagam para fazer nada. As pessoas recebem. E qual é que é a tua perspectiva sobre isto?

R: Voltamos ao início da nossa conversa. Hoje em dia, de facto, as Câmaras vivem grandes dificuldades. Enfim, por exemplo, se tu pensares em Trancoso, tem um orçamento de 36 milhões de euros; mais coisa, menos coisa, dá mais ou menos 10 mil e quinhentos euros para cada pessoa que vive cá. Isto obviamente que é muito. Mas os autarcas conseguem gastá-lo; conseguem não ter dinheiro.

P: Claro.

R: E, portanto, isto é um problema do foro criminal e a justiça não está a conseguir actuar. O caso do Isaltino é um bom exemplo. Isto é, alguém se convenceu que os problemas em Portugal se resolviam atirando dinheiro para eles. E o que acontece é que o dinheiro funciona como fermento, para as coisas boas e para as coisas más. Quando tu tens corrupção e atiras com mais dinheiro, vais ter mais corrupção, obviamente. E isso é um problema do território de baixa densidade, onde, de facto, a corrupção tomou conta do dinheiro público. E depois não há dinheiro para levar a criança ao camião da Ciência Viva. Lamentável. É a consequência directa da corrupção que temos em Portugal. Depois, de facto, existe por

parte das pessoas também uma atitude que é alimentada pelos próprios autarcas, que é "não tenho de pagar nada, a Câmara é que paga".

P: Exactamente.

R: E isto para tudo. Portanto, paga a piscina... paga... paga tudo... E isto tem a ver com o processo de compra de votos. Que é a outra questão da corrupção, não é? Como é que eu consigo eleger um corrupto quando toda a gente percebe que ele é corrupto. Não, mas ele também dá a comer às outras pessoas.

P: Exactamente.

R: E, portanto, isto tem a ver com um modelo que fez atrasar Portugal, há mais ou menos 40 anos. Portanto, continuamos aqui ainda a viver o tempo de Salazar. E pronto, isso é o que temos. Eu, na minha página do Facebook, que tu acompanhas minimamente, saberás que tento denunciar isso todos os dias.

P: Claro.

R: Mas aquilo que acontece é que o subdesenvolvimento do território de baixa densidade não aconteceu por acaso. Acontece de propósito, porque foi feito para isso. Posso dizer, só para te dar um exemplo. Eu tive uma reunião aqui em Trancoso com os empresários; em que veio um financiamento de 160 mil euros do IAPMEI, para fazermos aqui um conjunto de actividades; e em que era pedido a cada empresário 100 euros – 100 euros são dois depósitos de automóvel. E os empresários que estavam lá, foram lá dizer que a Câmara tinha que ter mais atenção e deveria repensar o valor da quota. Bom, eu levantei-me para dizer: "Meus amigos, vocês não estão a perceber o que está a acontecer em Portugal – eu disse isto há dois anos –, vocês não estão a perceber o que está a acontecer em Portugal. Vocês vão ter a possibilidade de receber 160 mil euros de dinheiro que não é vosso, não foi ganho por vós, e vocês ainda se estão a queixar com os 100 euros. Daqui a 3 ou 4 anos, quando vocês quiserem ter 160 mil euros, vai ter que ser dividido por nós, para fazermos aqui alguma coisa. E hoje ainda há alguém que nos manda para cá o dinheiro. Portanto, vocês não estão a perceber o que é que está a acontecer." O senhor Presidente da Câmara levantou-se para dizer assim: "Frederico, se está em desacordo com as políticas que nós usamos no território, faça o favor de ir embora, ou de votar noutro partido."

P: Incrível.

R: Portanto, obviamente que este senhor conduz um carro, aliás um dos seis carros que conduz, que vale mais ou menos 10 anos de salário de autarca. E isto é o país que nós temos. Tu podes ter uma ideia fabulosa, tu podes ter um projecto fabuloso para os adolescentes. Se esse projecto não envolver o pagamento de comissão – parece África, Angola –, não envolver uma comissão para o autarca, dificilmente esse projecto será aprovado, porque as Câmaras vivem com muitas dificuldades. Agora, se esse teu projecto tiver um valor dez vezes superior – e podes escrever isto –, se este projecto tiver um valor dez vezes superior e incluir uma comissão de 20% para o autarca, tu vais ter não sei quantas autarquias a aderir com enorme entusiasmo ao teu projecto.

P: É mau demais, não é?

R: É mau demais e podes escrever, podes escrever o que eu disse.

P: Não, não, de acordo. Eu por acaso estive com a veradora e ela disse-me que estavam disponíveis a receber o projecto, sem... sem falar nessas partes. Até porque aqui... por exemplo, eu estive na ADIBER, que é a associação que geria dinheiros LEADER, que agora gere a questão...

R: Sim.

P: E eles disseram-me que, de facto, para eu ter adesão das pessoas – porque aqui nem é o patrocínio da Câmara, ou o pegar no projecto –, para ter adesão das pessoas, tem que ser de borla. Porque tem de ser dado e tem que se arranjar estratégias de financiamento.

R: Certo.

P: Mas, como é que a nível dos jovens, e uma vez que a nossa mudança é com os jovens – ou no meu caso vai ser agora –, que é o futuro, como é que nós conseguimos contornar isto? Ou melhor, de que tipo de actividades é que eles precisam? Assim, se há alguma coisa de que te lembres. E que tipo de cuidados, como é que nós os conseguimos cativar? Porque aqui, dos 12 aos 18, eles ocupam o tempo por lazer. Não é como em Lisboa, em que a malta não tem onde os pôr. Eles aqui estão em casa com os avós.

R: Tu tens que ir buscá-los, tens que ir compreender as narrativas e trabalhar a partir das narrativas. Isto é, por exemplo, o Fablab... se tu montas um Fablab ou se tens a possibilidade de ter um Fablab, o que é que tu vais produzir no Fablab? Piercings. Vais produzir piercings, vais produzir aquelas bugigangas que eles adoram e eles têm a possibilidade de desenhar a sua própria bugiganga – vão desenhar todas iguais, a que tem o Angélico ou uma coisa qualquer. Mas tens que perceber quais são as suas narrativas e trabalhar a partir das suas narrativas. Eu, quando cheguei a Carrazeda de Ansiães, tive de perceber: "O que é que vocês trabalham aqui? Com maçã. Ok". Então, vamos trabalhar a partir da maçã. E coloquei uma equipa, da própria EDP, a estudar a maçã.

P: Percebo.

R: Repara... e então vieram os relatórios, a dizer que o futuro é maçã quarta gama. Que é a tal maçã que já se vende pronta a comer. Portanto, mas percebi qual é a narrativa deles e trabalhei a partir da narrativa deles. Gostava eu que a narrativa deles fosse a identidade. Não era. Portanto... enfim... estou a trabalhar a identidade... As pessoas pensam que isto são tudo projectos muito diferentes, mas no fundo é tudo a mesma coisa, que é quando eu faço um concurso de fotografia, estou a trabalhar a identidade.

P: Claro. Aliás, e o objectivo é exactamente esse e eu tenho teoria para isso, que é não importa... importa, claro, mas não é tão importante o conteúdo, mas as metodologias e a forma como as coisas vão abordando.

R: Sim.

P: O que é que os jovens fazem nas férias?

R: Olha, essa é uma questão que a mim me faz bastante confusão. Porque os jovens aqui, nas férias, andam simplesmente na rua.

P: É, não é?

R: Na rua. E isto é «tão natural como a sua sede». Quer dizer... andam na rua, vão para a rua... levam uma bola, fazem umas traquinices...

P: Não fazem nada...

R: Não fazem nada. E o problema é que eles estão na fase mais criativa deles e é a altura certa para nós os colocarmos a fazer coisas que os preparem para uma sociedade que os pais desconhecem.

P: Pois, essa é a minha linha de trabalho. Foi por isso que eu comecei nos 12. Por um lado, há quem questione porque é que eu começo nos 12, e outros porque é que eu tenho o Secundário. É exactamente por isso. Porque uns, eles estão a começar a parte mais criativa e a deixar... a começar a ser formatados, não é? E os outros estão completamente desinteressados.
Mas, e a nível de interior? Este pessoal dos 12 aos 18 valoriza o interior? Valoriza ou...

R: Não.

P: Nada...

R: Não. O interior é o fado. Portanto, para eles, o interior é o fado. Ou seja, eles olham para o interior como o "aqui não acontece nada, mas é aqui que temos de viver".

P: E é involuntário, não é? É assim uma coisa que eles vivem com isto toda a vida... Não têm muito a noção, acho eu...

R: Quando saem têm algum orgulho em relação à sua terra. Mas cá isto é o pior que pode existir.

P: Pois, ok. E porque é que será que isso acontece?

R: Identidade. Não valorizam a sua identidade. Para eles, qualquer McDonalds é melhor do que a comida, que até é dita que é boa, aqui num restaurante qualquer.

P: É verdade.

R: Ou que a avó deles faz...

P: Porque será? Qual é a causa da desvalorização da identidade?

R: Tem a ver com a sociedade que nós construímos. Repara. Eu não tenho televisão há doze anos. Há doze. Porque colaborei com um programa televisivo. E, de facto, a identidade não é... portanto, deixou de estar na agenda da educação. E obviamente que uma televisão é o agente educador; eles estão mais tempo a ver televisão, voluntariamente, do que numa sala de aulas.

P: Exactamente.

R: E portanto, acho que foi isso. Acho que quando os colocamos... injectamos-lhes produtos, injectamos-lhes uma atitude de consumidor, injectamos uma sociedade que só faz crimes... Portanto, obviamente que eles depois têm uma atitude de desmotivação em relação àquilo que vivem e àquilo que...

P: Será isso cidadania?

R: Claro.

P: Ok. Isso são todas aquelas áreas da cidadania que estamos a deixar cair, não é?

R: É. Aliás, há uma conferência muito interessante que vai acontecer na próxima semana, que é o Cidadania 2.0, organizado pela Ana Neves. Eu participei na primeira versão, há dois anos, e onde se discutiu isso. Por exemplo, eu aqui detectei três ou quatro situações de corrupção e encaminhei-as para a Procuradoria-Geral da República. Pronto... Aquilo que eu fiz foi o meu dever cívico: denunciar que há pessoas em Lisboa – fundamentalmente em Lisboa – a pagar impostos, para se roubar aqui no interior de forma... Mas, nem vergonha... Não há sequer vergonha...

P: Tanto que é assumido por todos. Eu, começar a trabalhar nesta área, não é de todo fácil. Nunca sei quando é que tenho apoio e quando é que não tenho. É um sarilho. Porque depois vem sempre aquela história da luz que é precisa não sei onde...

R: Pois, sim, sim, sim.

P: Uma quantidade de coisas.
Então e, relativamente à participação dos jovens na vida política local, nas decisões, qual é a tua perspectiva?

R: É pior ainda. Aquilo que existe é normalmente... que vem dos partidos políticos. Há pouca gente que saiba que existe política sem partidos. Por exemplo, eu considero-me um agente político e sou apartidário. Já colaborei com o PS, já colaborei com o PSD, já colaborei com o MEP. Portanto, em políticas que eu defendo. Quando se dá a coincidência de eu defender uma política que aquele partido também defende. Mas as pessoas confundem política com partidos. E, portanto, o que acontece é que as juventudes partidárias são, em termos genéricos, muito más, muito fracas. E eles estão na política para ter emprego. Objectivamente. Estão na política para fazer política. Eles não estão nos partidos para fazer política; estão nos partidos para ter benefícios pessoais dessa participação.

P: E isso é quase transversal, a uma quantidade de [Juventudes Partidárias] Js, não é?

R: Sim, sim. Isto é transversal a todas, creio eu.

P: E a nível de voluntariado? Porque aqui depois pouco se sente... O que eu sinto é que os jovens também não fazem voluntariado, por aquilo que já falámos. No sentido de que só fazem se tiverem uma «troca»; eles não trabalham sem receber. É tudo muito...

R: É por isso que é muito importante haver visibilidade das acções de voluntariado. E nós aqui temos algumas. Nomeadamente o Banco Alimentar. E é curioso que o Banco Alimentar, por exemplo, aqui teve adesão. E os miúdos adoraram andar a chatear os pais dos amigos para colaborarem. Portanto, também tem a ver com a qualidade e com os líderes. Por exemplo, o Banco Alimentar correu muito bem aqui.

P: Ok. Qual é que é aqui o problema do Banco Alimentar? É que, se por um lado, há pessoas que aderem e os miúdos adoram – de facto as escolas têm dado esse destaque e os miúdos gostam de fazer esse voluntariado –, por outro lado os pais sabem para onde é que vão as coisas do Banco Alimentar, e depois a distribuição não é das melhores.

R: Pois.

P: O que faz com que haja um conflito, muitas das vezes, entre pais e filhos, em que os filhos querem dar, mas os pais dizem:
- "Ah não, queres dar, damos para aquela associação. Não vamos dar aqui porque eles dão isto a quem foge aos impostos e a quem não faz nenhum".

R: Pois, pois.

P: Portanto, há esta dicotomia.
Mas os jovens, de uma forma geral, aderem ao voluntariado?

R: Não, não aderem. Mas também eu acho que muitas vezes tem a ver com a falta de... enfim, também algumas falhas de comunicação da... do que está por trás do voluntariado. E aí não é... Estamos a falar do Banco Alimentar – que é obviamente uma organização bastante conhecida –, estamos a falar do Parte de Nós da EDP, que são acções que têm uma componente de comunicação muito forte e que conseguem agregar gente.

P: Sim.

R: E quando isso não funciona... Há qualquer coisa que... E isto aqui, enfim, julgas como entenderes...

P: Claro.

R: Com o desenvolvimento das comunidades... Olha, eu venho da realização... eu não venho da economia... Muitas vezes as pessoas pensam que eu sou economista. Eu venho da realização e, portanto, aquilo que eu aprendi a fazer foi a realizar... televisão. E as pessoas não têm a noção de que o desenvolvimento das comunidades, hoje, passa pela comunicação. Aliás, têm pela negativa. Temos uma porcaria de televisão, e temos, em consequência, pessoas que não sabem o que é exercer cidadania.

P: Exactamente.

R: Portanto, a comunicação é 80% do desenvolvimento das comunidades. E quando um projecto tem uma boa comunicação, quando um professor saber comunicar bem com os seus alunos a sua mensagem, aquilo passa. Quando não sabe, não passa.

P: E associativismo?

R: O associativismo aqui também é uma coisa muito estranha. Porque o associativismo que existe aqui, tens que eleger para presidente uma pessoa próxima do autarca, para teres a certeza de que a associação vai ter dinheiro e vai ter o autocarro e vai ter... Portanto, o associativismo nestes territórios está muito ligado às relações perversas do poder.

P: Ok, ok. E os jovens? É igual, não é?

R: Os jovens vão atrás dos pais. Portanto, se os pais dizem que aquilo é bom, que o senhor presidente da câmara é o presidente da assembleia-geral, eles vão.

P: Percebo.
Frederico, três últimas coisas para terminarmos.
A questão do empreendedorismo. É uma palavra muito dita, agora. E o que eu queria perceber é: Para ti, o que é o empreendedorismo? E que tipo de acções é que tens visto a nível de interior, neste campo?

R: Confunde-se muitas vezes empreendedorismo com empresariado.

P: Ok. Estamos de acordo.

R: Isto é, eu posso ser funcionário público e ser empreendedor.

P: Exactamente.

R: Neste caso sou um empreendedor por conta de outrém, por conta do Estado. Eu posso ser empreendedor por conta própria e sou empresário. Porque é que existe esta confusão? Porque é muito difícil ser empresário sem ser empreendedor. E é por aí que se associa muito o empresário ao empreendedor. Esclarecida esta questão, o que é que significa ser empreendedor? É todos os dias ver a melhor forma de acrescentar valor ao que se faz.

[breve interrupção na entrevista]

Portanto, o ser empreendedor é ter a capacidade de melhorar todos os dias e de optimizar a nossa actividade. E isto é fundamental. Já não é possível uma pessoa chegar à câmara e pedir um emprego para pôr o carimbo de entrada das obras particulares, quando, na verdade, é uma função que vai deixar de existir, mas com o qual eles não estão nada preocupados porque a sua função é cumprir o horário.

P: Claro, percebo.

R: Portanto, neste momento é uma palavra que está na moda. Neste momento é uma palavra que aparece como remédio para todos os males. Mas, provavelmente, é solução para 99,9% de todos os males.

P: Mas nesta perspectiva de empreendedorismo mais pessoal, não é?

R: Não percebi.

P: Mas mais nessa perspectiva de empreendedor e não de empresário, não é?

R: É indiferente. As pessoas, em Portugal, têm medo de ser empreendedores por conta própria por causa do estigma do falhanço. Por exemplo, eu até hoje já constituí sete empresas. Tive uma que foi à falência. E é normalmente aquela com a qual eu sou mais associado.

P: É sempre assim, pela negativa, não é?

R: Podiam dizer: "Aquele gajo tem 80% de taxa de sucesso nas empresas que monta." Não: "Aquele gajo falhou."

P: 20%, mas falhou, não é?

R: É. Até pode ser 1%. Eu posso ter montado cem empresas, noventa e nove serem excelentes empresas, uma ter falhado, eu estou associado àquela empresa que falhou.

P: Claro.

R: Portanto, nós temos esta atitude em Portugal da perseguição do erro. E eu acho que é isso que nós temos de combater, que é testar, experimentar, errar, reconhecer, aprender e crescer.

Mas há uma coisa que eu quero chamar à atenção e que é isto: qual é o futuro da economia portuguesa? Eu escrevi isso em três parágrafos. Obviamente que tem as redundâncias do costume. Quando se escrevem três parágrafos de qualquer coisa, está-se a ter redundante. Mas que eu vou partilhar contigo, e chama-se, este artigo, "O cluster da prototipagem".

[breve interrupção na entrevista]

O que é que isto diz? Diz que nós somos o país perfeito para testar novos produtos. Conheces com certeza isto: é um iPhone. Nós somos um país para fazer os mil primeiros iPhones. Fazemos os mil iPhones e temos mil utilizadores a experimentar isto; corrigimos o que está mal – e há-de haver muita coisa que está mal – corrigimos, melhoramos; e depois de termos a solução final, que corresponde àquilo que são as expectativas do consumidor, agarramos nisto e vendemos para os chineses. Vendemos a patente ou mandamos produzir na China, porque temos uma mão-de-obra demasiado cara para produzir cem milhões de iPhones. Portanto, nós devemos ser, em Portugal, um país de protótipos. Quando tu vês os exemplos de sucesso que existiram em Portugal, verificas que foi isso. Fizemos a Via Verde; funcionou bem, exportámos. Fizemos o Multibanco; a mesma coisa. Portanto, essa é a nossa vantagem competitiva.
E depois temos uma coisa porreiríssima, que é não termos justiça. Portanto, se o iPhone explodir nos ouvidos de alguém, nos Estados Unidos acabo por ser preso, e em Portugal não acontece nada – rigorosamente nada.
Portanto, nós somos o país que tem toda a vocação... porque nós gostamos de inovação, gostamos de experimentar. Portanto, nós somos o país certo para criar e para experimentar novos produtos. Somos um país que se relaciona com todo o mundo. Nós temos uma capacidade fabulosa de agarrar em vinte ou trinta iPhones e metê-los no Brasil; vinte ou trinta na Líbia e, inclusivamente, até oferecer um ao Khadaffi. Nós somos o país que tem essa capacidade, para comunicar com toda a gente e, portanto, testar um produto com várias culturas, em várias geografias. Portanto, nós somos um país de protótipos.
Agora, se nós temos esta grande capacidade, o que é que nos impede de ser isto? O estigma do fracasso, que é... Que é "ele falhou"; não, "falhou, vai corrigir". Por um lado. E por outro lado, não temos Fablabs, não temos centros de experimentação nas escolas em Portugal, como existe, por exemplo, em Israel. Portanto, são estas duas coisas que estão a falhar.
Depois, repara, nós temos uma diáspora fabulosa, espalhada pelo mundo inteiro, que podem ser os nossos fios condutores, o nosso *pipeline* para comunicar com outras culturas, para experimentar outras coisas.
E o que acontece, de facto, é isso. Nós temos de perceber que somos um país com grandes vantagens para a prototipagem.
E acho que é nesse sentido que nós devemos organizar a nossa actividade.

P: Então, dessa linha que tiraste, podemos tirar quase as competências do empreendedor? Daquilo que nós devemos trabalhar com os jovens, não é?

R: Exactamente, afirmativo.

P: Falaste há bocado na escola. E esta é a última pergunta, com que eu vou fechar isto. Por um lado, a escola tem influência na falta de desenvolvimento destas competências? Tem, não tem? Devia ter? E qual é o papel dos professores, neste aspecto?

R: É muito fácil criticar os professores, sempre. E para mim, ainda mais, que penso mal deles. Mas eu acho que somos todos culpados. Acho que tem de ser a comunidade, toda ela, a actuar. E, quando eu digo a comunidade, estou a falar dos actores. E os actores são os políticos, é o ensino e são os empresários. Normalmente são estas pessoas. E o padre; o padre também é. São estas quatro entidades que têm de se unir para o desenvolvimento do território, e que têm de ter responsabilidades. E tu consegues milagres quando consegues uni-los.

P: Eu vou reunir com quatro empresários, entre hoje e amanhã, para perceber a perspectiva deles. Porque é, de facto, importante.
Focando a escola, o que é que a escola pode fazer? O que é que deveria fazer? E os professores? Porque eu percebi ao longo da recolha de dados que vou ter que, mesmo que não seja implementado, para validar todos os aspectos do projecto, um módulo de formação para professores. Porque é uma coisa que todos os agentes que não escola se queixam da falta de formação de professores nesta área.

R: Pois. Se calhar todos os agentes não-professores esquecem-se que também têm responsabilidades. Um empresário esquece-se que tem responsabilidades nomeadamente de cidadania. O autarca esquece-se que tem responsabilidades de cidadania. E, portanto, é fácil, como eu disse logo no início – então para mim, criticar professores, «é manteiga» – mas não são só os professores que estão a falhar, são todos eles. E provavelmente eu, a fazer essas acções, não fazia só para professores.

P: Claro, para os profissionais e...

R: Não, não. Para eles perceberem... Repara. Para eles perceberem que não são só eles que estão a falhar. Eu chamaria a essas acções... a mesma sessão tem que ter o padre, tem que ter alguns empresários, tem que ter alguns políticos – vereadores, se não for lá o presidente. Portanto, tu tens que passar a mensagem que a culpa não é dos professores; a culpa é de todos.
E, normalmente, nessas acções, o que é que eu faço? "Meus amigos, o que é que nós sabemos hoje? Sabemos que temos a necessidade de ser um país competitivo e estamos todos a falhar. Nós podemos dizer que é o padre, que nas missas não fala disto; que é o professor, porque na escola não sei quê; que é o empresário, que quando tem lá estagiários... Portanto, nós podemos todos responsabilizar o outro. A verdade é que estamos todos aqui dentro da sala. Todos. Estamos aqui. E a culpa está cá dentro. E, portanto, somos nós que temos que arranjar a solução, porque não podemos esperar. Verdadeiramente" – e isto, obviamente, eles ficam todos «inchados» – "quem manda nesta terra somos nós. São os professores, é o padre, são... Portanto, nós estamos aqui. Portanto, temos de ser nós a unir-nos e a ser o fio condutor da nossa comunidade. Essa responsabilidade é nossa. E o que é que nós queremos? O que é que é o futuro da nossa economia? Os nossos filhos vão continuar a viver na terrinha, a vinte ou a trinta minutos da sede de concelho? Não. Vivem na sede de concelho, a quinze minutos de outra sede de concelho, a meia hora da terceira sede de concelho, a uma hora do Porto." Portanto, somos nós que temos de lhes dar esta visão de que eles têm que ter uma postura muito mais proactiva. Porque nós estamos todos a educar os nossos filhos para ter um emprego igual ao do nosso pai ou aos nossos avós, que é um emprego para toda a vida. Ora se nós sabemos que nenhum de nós conseguimos ter emprego para toda a vida, porque é que andamos a mentir aos nossos filhos? Percebes?

P: Claro, percebo, claramente.

R: E é aqui que eu consigo, normalmente, desbloquear a situação, que é pô-los a arregaçar as mangas. Que é dizer assim: "De facto, somos nós aqui na sala, que temos de ser os agentes da mudança. Portanto, vamos lá actuar." E tens de lhes mostrar o caminho. E qual é o caminho que eu mostro? É o caminho da globalização, é o caminho da criatividade. É assim: nós não conseguimos concorrer com os chineses. Eu, quando faço um produto que é concorrencial aos chineses, eu estou feito. E agora dou-te um exemplo, que é uma coisa que tu vais poder ver daqui a um ano ou dois. Nós estamos todos contentes porque estamos a exportar aqueles Volkswagen, aqueles monovolumes para a China. As exportações aumentaram 34%. Isto vai dar uma porcaria de todo o tamanho. Mas está tudo contente. Porque no dia em que o «chinesinho» médio descobrir que quer ter um monovolume – e repara, tu tens os patrões deles com um monovolume, o «chinesinho» também vai querer –, e o «chinesinho» vai olhar para o monovolume e vai dizer assim: "Eu faço igualzinho". E, portanto, dentro de dois anos, tens uma fábrica a produzir a cem milhões de monovolumes por dia. Porque todo o «chinesinho» vai querer ter um monovolume. Porque, neste momento, quem é que tem dinheiro para comprar, na Europa, um monovolume? São os chineses ricos. Estamos a falar de cem anos de salário de um chinês pobre. E eles aderiram àquela brincadeira. Eu estava muito mais descansado se os chineses não ligassem aos monovolumes. Gostam e adoram. Estás feito. Eles vão produzir daquilo numa quantidade... Vão acabar com o negócio de monovolumes do mundo.

P: Pois. Eles, onde metem as mãos, é complicado, de facto.

R: Repara, basta ver o chinês que meteu uns pagodes na bandeira portuguesa. Inundou Portugal com aquilo. Está tudo cheio de pagodes – do chinês – na bandeira de Portugal. Do chinês que se enganou. Portanto, quando um chinês se engana é uma chatice.

P: É verdade.

R: Portanto, é essa noção. Aquilo que eu já disse relativamente ao monovolume é que está na altura de nós vendermos o protótipo. E enquando for altura de vender o protótipo, porque se não vendermos o

protótipo, eles vão fazê-lo, outro igualzinho e vão pôr a comercializar; e enquanto o processo está na justiça, já eles venderam cinco milhões de monovolumes ou cem milhões de monovolumes.
E, portanto, é isso que nós temos de fazer. Nós não podemos concorrer com os chineses. Nós temos de pensar antes. Na indústria, nós temos de estar antes dos chineses. Nós temos de fazer qualquer coisa antes de os chineses descobrirem que é uma oportunidade. E quando os chineses perceberem que é uma oportunidade, nós temos lá a patente para vender.

P: Isso justifica o facto de nós ganharmos tantos prémios a nível de concursos de ideias e etc.

R: Sim. Porque nós somos um país porreiro. Porque, repara, nós temos uma capacidade fabulosa de nos relacionarmos com montes de culturas e, portanto, de sintetizarmos aquilo que vai ser a tendência. Por exemplo, para um francês, é extremamente complicado ele sintetizar o que vai ser uma tendência. Ele relaciona-se com alguns africanos, das ex-colónias e relaciona-se com... Há quarenta anos, o desenvolvimento dos sistemas de informação estava nas mãos dos franceses.

P: Pois, exactamente.

R: Hoje falam sozinhos sobre esse tempo.

P: Frederico, para resumir: pensando eu então num projecto de ocupação de tempos livres – porque vou ter de começar por aí, e devagar. Vou tentar envolver as empresas, tenho reunião, de facto, com elas. Vou tentar fazer. Duas ou três competências, das mais importantes disto tudo? Por onde é que achas que se deve começar? Uma vez que isto há muita «pedra a partir», ainda. Prioridades?

R: Eu começaria com... Aliás, nós escrevemos no passado uma coisa sobre isso, a que chamámos Trilhos do Conhecimento.
O Trilhos do Conhecimento é envolver os actores. Eu começaria por aí. Tu podes chegar à Câmara e dizer:
- "Tenho aqui um projecto fabuloso."
E a Câmara:
- "Toda a gente sabe que as câmaras não têm dinheiro!"
Portanto, para eles, o mais fácil é dizer:
- "Olhe, eu gosto muito, mas não tenho dinheiro."
Toda a gente. É do senso comum que as câmaras não têm dinheiro. Aliás, eu surpreendo sempre as pessoas quando digo:
- "Parem de mandar dinheiro para as autarquias, porque eles gastam-no mal."

P: Exactamente. O problema não é o dinheiro; é a forma, não é?

R: - "Eles têm demais! Não lhes continuem a atirar com dinheiro, porque vocês não vão resolver nenhum problema."
E as pessoas não percebem isto.

P: É a forma, claro.

R: Com muita facilidade as câmaras dizem:
- "Nós gostamos muito, mas não temos dinheiro."

P: Nesse aspecto eu acho que tenho a coisa mais ou menos controlada. Não será por aí, a limitação.

R: Eu como é que começaria? Eu começaria por envolver os actores locais. Por fazer encontros com eles e há uma coisa que já está organizada, que é a Rede Social. Nas autarquias eles têm um gabinete de Rede Social. Quase todos têm. E eu começaria por aí. Porque os de lá ficam todos contentes porque achavam que o projecto já tinha morrido. E, no fundo, eles também já levaram não sei quantas negas... Portanto, normalmente, as pessoas que fazem parte, já são pessoas que se interessam pela comunidade. Portanto, eles já fizeram esse trabalho. Eu começaria por aí, que é explicar-lhes qual é o projecto. E pô-los a dar *inputs* para isso.

P: Claro.

R: Perguntar-lhes:
- "O que é que eu acho, o que não acho e não sei quê".
Qual é a vantagem que tu consegues com isso? É envolvê-los. A partir do momento em que temos o envolvimento dos actores – dos empresários, de alguns autarcas ou políticos, do padre, dos professores – a Câmara já tem muita dificuldade em dizer "não há dinheiro". Ok?

P: Pois, eu acho que já estou mais ou menos nessa fase. Porque, entretanto, tenho essa fase mais ou menos geminada.

R: Eu começaria por aí. Depois iria envolvê-los no processo. Por exemplo, haver um empresário que diga: "Olha, na minha fábrica, no Verão, eles até podem fazer esta actividade."

P: Claro.

R: Temos que arranjar o jardim... Mas isso para ter... Mas isso, obviamente, tem de haver ali uma coisa para a comunidade, que é converter aqueles projectos, de facto, numa mais-valia para a comunidade. E, portanto, eu trabalharia por aí. Envolvê-los. A seguir explicar-lhes a importância do Fablab. Arranjar parceiros. Ir bater à porta da EDP e dizer: "Eu quero ter cá o Fablab". "No Verão, nestes dias, não sei quê." E, da EDP, alguém vai avançar com isso.
Mas, claramente, os miúdos perceberem que há mais mundo para além da sua vila e que o futuro passa pela prototipagem – portanto eles experimentarem criar produtos, ver os erros desses produtos, melhorarem esses produtos, e é assim que se faz a sua caminhada.

P: Está bem. Portanto, não importa tanto o conteúdo em si; importa é que se chegue a estes objectivos. É mais ou menos assim.

R: Sim.

P: Ok, Frederico. Obrigada.

Anexo 20 – Transcrição da entrevista semi-directiva ao Parceiro A

Pergunta: No sentido de criar mais oportunidades para os jovens de Oliveira do Hospital, estou a fazer este estudo e gostaria de saber a sua opinião, numa visão mais empresarial sobre o assunto.

Resposta: Aqui também há pouca oferta – eu consigo ver pois sou de Coimbra e vim para aqui trabalhar – , e noto claramente que Oliveira não tem, para não dizer nada, tem muito pouco para oferecer às pessoas.

P: É por ai que eu estou a trabalhar, do género, nós não podemos querer…

R: Exacto, nós não podemos querer que os jovens fiquem aqui, se não há oportunidades para eles cá ficarem.

P: Exactamente, ou que os *rankings* das escolas e que nós…

R: Sejam quando não há incentivos.

P: É nessa perspectiva. E o que eu procuro aqui, é tentar perceber qual é que é a perspectiva das empresas nesta visão dos jovens, porque eu sei que não trabalham, quando dos 12 aos 18, mas eles acabam por vir cá ter, porque têm de trabalhar mais tarde. E de facto, há algumas carências até de competências nos jovens, responsabilidade, horários, etc, e era importante perceber o que é que do lado das empresas, precisam, o que é que acham, como é que vêm os jovens, como é que vêm o futuro dos jovens aqui.

R: Eu, como empregado daqui desta empresa, como você pode ver, aqui somos todos na casa dos 30 anos, relativamente novos…

P: Foi um dos motivos que me fez vir cá.

R: Uma empresa com o sucesso que sabe, com certeza, e a idade média deve ser os 30 anos.

P: Pois, mas foi por isso que eu quis vir cá, foi uma das características. A questão é, estando nós – sim, porque eu também ando nessa casa –, tão próximos dos jovens aqui nesta empresa, como é que vêem os jovens aqui do Concelho? Que tipo de carências é que lhes sentem, que tipo de oportunidades, que tipo de tipo de futuro é que há para isto?

R: Os jovens do Concelho… Eu não sou a pessoa mais indicada, porque não sou de cá. Consigo é perceber que os jovens aqui do Concelho, apesar de terem ali uma faculdade, se calhar procuram… Depois aqui também ouvem falar muito do desemprego, muitas fábricas a fechar aqui nesta zona e procuram outras oportunidades em cidades maiores. Eu conheço casos, por exemplo, um colega meu que conheci cá e era um excelente profissional e teve que ir para Coimbra porque aqui não havia nenhuma empresa capaz de lhe dar emprego e em que ele pudesse desenvolver o trabalho que era capaz; ele queria arranjar trabalho mas não qualificado na área que ele andou aqui a estudar na ESTGOH.

P: E vê isto como um ponto de carência das empresas ou de competências nos jovens?

R: Por um lado as empresas não são muitas, apesar de ainda haver algumas, mas não se calhar em áreas mais… por exemplo, compreendo que na área financeira haja muita oferta, na área de exportação, aqui nós também trabalhamos muito com a exportação, haja mais oferta, mas estou mais a falar para áreas de inovação, informática… Acho que não existe mesmo.

P: Sente que os jovens daqui – e agora falo mesmo do percurso dos jovens aqui –, por norma tentam ir para a universidade? Não tentando vão ficando por aí? Estes que vão ficando por aí, valorizam a indústria? Sente que procuram porque valorizam ou sente que procuram por última opção, porque não têm mais nada?

R: Eu sinto que, se calhar, os jovens, vendo aí alguns casos, não tendo qualificações e tendo aqui fábricas que não requerem grande qualificação, se calhar acabam por se acomodar e ficar aqui porque os

ordenados depois também para ir para outra cidade não dão e eles se calhar acabam por ficar aqui mais por comodismo do que se calhar outra coisa. Têm medo de arriscar e, se calhar, também é difícil e acredito que nesta fase então seja muito difícil. Então se há aqui um emprego que até ganham o ordenado mínimo e até vivem aqui… não têm qualificações para mais…

P: E esse emprego há para os jovens não qualificados?

R: Para já, acho que há, é capaz de ser o emprego que há mais aqui na zona. Por exemplo temos aqui ao lado uma fábrica que tem 100 trabalhadores, se calhar, 80% são trabalhadores não qualificados, quando digo não qualificados é sem curso superior.

P: Vocês aqui têm todos?

R: Aqui também não temos todos, o mínimo é 12º mas não é preciso ter o curso superior… e eu até digo que não é o curso superior que nos faz vencer e que nos faz trabalhar numa grande empresa.

P: Era por aí exactamente que eu queria pegar. Que competências é que faltam então aos jovens, para conseguirem?!

R: Isso depois tem a ver com a personalidade de cada um, com a vontade e a ambição de cada um. Nós temos aqui casos de colegas que não têm curso absolutamente nenhum, e falo no caso dos meus patrões que montaram uma empresa de grande sucesso e não é o curso que lhes vais trazer mais… no caso deles não traz grande diferença. Acho que é uma questão de ambição. O curso é uma ferramenta útil para quem, por exemplo, no meu caso que fui para a área de gestão porque gostava. Mas o curso é essencial até um certo ponto, depois deixa de ser.

P: Quais são as competências principais para abrir uma empresa, por exemplo?

R: Para já, ser empreendedor.

P: É uma das perguntas que tenho, o que é ser empreendedor?

R: Empreendedor, é ter visão no negócio, ser inovador e tentar por outra forma, ir por um caminho que os outros ainda não descobriram ou tentar arranjar algum negócio que não seja só mais um, tudo o que é só mais um acaba por ser só mais um e acaba com o tempo diluir-se e não ter sucesso. E ser empreendedor é isso mesmo, é inovar e é ir por caminhos ainda não descobertos.

P: Ser empreendedor é só criar empresas?

R: Não.

P: É empreendedor?

R: Eu sou empreendedor, mas no meu trabalho tento… O empreendorismo não tem haver só com o criar empresas, claro. Temos de ser proactivos, agora está muito na moda a proactividade e agora temos de estar todos à espera que nos digam:
- "Faz isto, faz aquilo".
Temos que nos procurar e tentar saber montar constantemente e não estar á espera que nos dêem tudo.

P: Estando eu a pensar em montar um projecto, em planear um projecto numa lógica de capacitar jovens em questões que eu tenho detectado, e mesmo noutras entrevistas, com responsabilidade e motivação sente-se de uma forma global, aqui nós no Concelho, que os jovens estão aqui e não valorizam. E como estava a dizer, também não há nada. Portanto, nem valorizam a indústria que há cá, a não ser para cargos de gestão ou com algum nome. Daí a questão de gestão, de coordenação é muito aliciante mas por exemplo, fabricas de têxteis de indústria, aqui ao lado por exemplo.

R: Está-me a dizer que não encontrou trabalhadores motivados.

P: Exactamente, é que nem querem. Nem é os trabalhadores, é os jovens que nem sequer valorizam esse tipo de trabalho porque têm muito aquela concessão de fábrica… fábrica é quando nos não

temos mais nada para fazer e por vezes há oportunidades bastante interessantes dentro das fábricas de inovação para nós conseguirmos ver isso, mas os jovens de facto não, daí aquela necessidade de curso.

R: Eu compreendo. Se calhar o jovem… não tem que estar à procura de trabalho, prefere ir a uma discoteca ganhar uns trocos à noite e até são capazes de não ganhar mal, do que se calhar entrar numa empresa por baixo e começar na produção e começar a subir e a mostrar competências.

P: Isso é uma perspectiva que é muito difícil de encontrar.

R: Pois, mas eu também entrei aqui como estagiário e fiquei efectivo, estou como director financeiro. Há que haver trabalho e esforço da pessoa e há que haver um querer muito grande.

P: Exactamente. E essas são as competências que eu estou a tentar trabalhar com os jovens.

R: E essas competências trabalham-se, educam-se, traz-se da educação e dos princípios de cada um.

P: Quem é que dá essas competências? Acha que as empresas são responsáveis pelo desenvolvimento dos jovens no local?

R: Acho que sim, acho que fazem-nos ganhar… Principalmente em empresas, por exemplo na situação que eu estou, com uma grande responsabilidade e sinto o peso da responsabilidade. Quer dizer, não posso falhar. Eu, poder posso, porque é humano. Mas eu tenho que aprender e não posso errar o mínimo possível e aprender com os erros, mas a empresa motiva-me nesse aspecto, porque é desafiante.

P: Mas no ponto de vista dos outros jovens, estes jovens que se estão a formar agora dos 12 aos 18 por exemplo, o pessoal do secundário, as empresas daqui têm responsabilidade sobre a formação destes jovens?

R: Eu acho que sim, até porque, falando dos jovens que se estão a formar e na faculdade, os jovens quando estão na faculdade estudam ali um bocadito para os exames, e chegam lá e safam-se… Eu acho que a motivação partia muito havendo, por exemplo um protocolo entre as empresas e a faculdade se um jovem andar ali 4 ou 5 anos a estudar e depois sai para o mercado de trabalho e não sabe quase fazer nada… Se ele tiver um estágio de seis meses numa empresa, vai motivá-lo de certeza, porque vai conhecer novas pessoas, novos métodos de trabalho, vai querer a sua independência e acho que parte muito por ai…

P: Descendo ao nível do secundário, por exemplo, como eu estou a planear, não passando férias, acha que as empresas, aqui é um bocado teste ou, de uma forma global, daquilo que conhece, estariam motivadas a apoiar um projecto de ocupação de tempos de férias, aqui, por exemplo uma semana, duas em que os jovens aprendessem como se faz, alguns *workshops*?…

R: Eu acho que era óptimo.

P: Mas acha que do lado da empresa há interesse em acolher?

R: Isso depois já não sou eu que decido, a decisão não passava por mim, obviamente…

P: Mas vê interesse nisso?

R: Mas via bastante interesse, até no aspecto para eles perceberem o que é trabalhar numa empresa; e para já era uma ajuda, nós temos muito trabalho, como digo esta, digo outras empresas por aí, tendo os jovens nas férias a possibilidade de fazer, não digo um estágio, mas sim uma aprendizagem – uma, duas semanas nem que seja só a ver, ou a aprender como se deve fazer, saem daqui a aprender alguma coisa de certeza absoluta.

P: A minha ideia também é de futuro. Eles ficam a conhecer e quem sabe também até não voltam com o que gostam, não é?

R: E pensar que o jovem vem trabalhar para a empresa aqui, está aqui duas semanas, o jovem consegue… É bom e acaba até por vir de borla, digamos assim. E mais tarde ou até no momento, consigamos ficar com o jovem, porque nós queremos pessoas qualificadas e com vontade de trabalhar. Por isso acho que qualquer empresa vir no jovem interesse, empenho, que gosta de trabalhar, e se esforça porque é que não?! Ainda por cima, com os apoios que há hoje em dia as empresas não têm grande dificuldade em ficar com o jovem.

P: É? Acha que há receptividade da parte das empresas para isso?

R: Eu acho que sim, as empresas têm… pelo menos o primeiro emprego tem o apoio do estado, a empresa paga só 50% e o estado paga o seguinte. Se a empresa quiser ficar com o trabalhador a seguir ao estágio, fica isenta de Segurança Social durante 3 anos – não paga a Segurança Social do trabalhador –, portanto, traz ali um trabalhador um ano a estágio e depois tem ali um ano que já o formou e tem 3 anos para usufruir do que ele já aprendeu e do trabalho que ele vai prestar à empresa, não pagando á segurança social. Não há benefícios, e acho que uma empresa sólida acho que não tem dificuldade nenhuma.

P: Portanto vê de bons olhos e de bom tom a possibilidade de…

R: De muito bons olhos a possibilidade de a empresa acolher durante um período de tempo…

P: Sim… Eu estou a pensar um bocadinho nisso porque, de facto, o que eu sinto aqui é que há uma desvalorização, e depois o facto de ver um aluno uma fábrica, normalmente pensam em trabalho altamente pesado, sem criatividade, sem nada… E eu por acaso admiro bastante toda a concessão da Quinta dos Jugais, porque é totalmente diferente do que se tem visto aqui. É uma empresa nova, dinâmica, tem todo o *design* aliciante, portanto há uma quantidade de coisas que se pode explorar.

R: É uma empresa aliciante… Eu já cá trouxe por exemplo, o meu irmão, os meus pais; foram ver a organização da empresa, muito organizada, no Natal a organização dos cabazes e duvido que nenhum jovem ache que aquilo não tem interesse, porque tem interesse!

P: Pois é, porque eu queria um bocado quebrar, com a ideia do trabalhar, só para ganhar dinheiro e porque não encontram mais nada, mas com motivação, porque de facto faz-nos tanto sentido aqui.

R: Eu acho que sim, e há empresas nesta área, aqui mais para o interior, e continuo a achar que há mais trabalho não qualificado, mas isso também não diminui ninguém nem é um trabalho como outro qualquer …

P: E até tem que se começar por algum lado às vezes, não é?

R: Tem que se começar por algum lado, e as pessoas começam… tem que se começar por algum lado, começa-se sempre a subir as escadas por baixo, não por cima e acho que passa muito por ai. Os jovens… e depois depende dos jovens, claro! Há jovens que a gente sabe que não vale a pena, porque também não estão interessados…

P: Mas esses que não vale a pena são que jovens?

R: Eu vejo exemplos.

P: Mas porque é que será que os jovens não valem a pena? É porque por vezes há projectos espectaculares, em que jovens que não têm sucesso, que são horríveis, que têm um comportamento altamente desviante, depois, quando integrados num contexto assim, são criativos, dinâmicos, pontuais. Por isso é que eu estava a perguntar.

R: Há esse exemplo e depois há o jovem que, se calhar, basta um empurrão e eles gostam e ficam dedicados.

P: Vê com algum agrado a dedicação aqui, sendo que, cada projecto apresentado tem que ser à direcção.

R: Mas acho que não havia problema…

P: Pois, porque eu, não envolvendo muitos custos, envolvendo mais mão-de-obra e tendo recursos…

R: Mas íamos ter nós custos?

P: Não. É o que eu estou a dizer: não envolvendo quase custos. Quer dizer, a partir do momento em que tem alguém que tem que ajudar a formar, acaba por ter custos de recursos humanos, não é? Imagine, agora estou a projectar, tenho estado em várias empresas até para receber alguns *inputs* do que as empresas gostariam, sentem falta… O seu caso é mais difícil porque não conhece o concelho.

R: Estou aqui há um ano e meio a trabalhar.

P: Vive cá ou vai e vem?

R: Não, vou e venho. Agora nesta fase vou ficar aqui, em casa de um colega.

P: Mas a ideia é, por exemplo, num sistema em que nós damos alguns *workshops*, em que se faz uma visita e se convida os jovens a passar uma semana ou duas, não envolve custos de alojamento, porque só vou trabalhar com jovens daqui.

R: Só daqui?

P: Para já só daqui. Não envolve custos de alojamento; mas a partir de o momento em que a empresa tem que disponibilizar um ou dois elementos para os ajudar, acaba por envolver custos de recursos humanos, percebe? Não só custos… Disponibilizar…

R: Eu tenho, por exemplo, dinheiro. Disponibilizar o meu tempo para ensinar?

P: Exactamente.

R: Ah, envolve custos a este nível, porque são tempo que os recursos humanos não estão a trabalhar directamente para a empresa. É neste sentido que eu estava a dizer. Eu sei que, por exemplo, trabalhar aqui, se pusesse um jovem no escritório, conseguia que ele fizesse o seu trabalho e trabalhar também. O meu trabalho permitia-me…

P: É uma questão de gestão.

R: É. Tanto que me dá uma grande ajuda começar a… Há trabalhos que têm que ser feitos, por exemplo, arquivar papéis, tirar fotocópias para eles perceberem como é que se faz a separação, por exemplo, da gestão para a contabilidade, as notas de crédito, essas coisas todas.

P: Dava para compatibilizar?

R: Sim. Por exemplo, se me pusesse ali um jovem, não teria dificuldade nenhuma em metê-lo no ritmo de trabalho. Se calhar até podia-me dar uma ajuda, em vez de eu ir tirar… Trabalho de arquivo. Podia aprender:
- "Olhe, isto faz-se assim porque tem que ser assim feito."
Porque eu faço, tiro fotocópias…

P: Ok, era mais por aqui que eu queria perceber a adesão das empresas a este tipo de iniciativas.

R: Eu acho que a iniciativa é de louvar.

P: Vou tentar pegar por aí. Para já a minha ideia é pegar em três ou quatro empresas.

R: Mas eu também acho que, por exemplo, para meter aqui jovens… O jovem aqui na empresa, neste caso, tem que ser um jovem… Por exemplo, não vai meter aqui um jovem que a área dele é saúde.

P: Eu só estou a falar de jovens até aos 18 anos.

R: Os jovens até aos 18 anos já sabem, digo eu. Ainda não estão na faculdade!

P: Ainda não estão na faculdade. A minha ideia é fazer um projecto-piloto, em que, na prática, fazer uma espécie de encaminhamento, pegar num grupo teste, tipo 15 jovens, em que eu vou dizer previamente no 2º período, reunir com eles, quem é que estava interessado, e fazer algo do tipo:
- "Então, quais é que são as áreas que te interessam?".

R: Ah, sim.

P: Quando uma pessoa pensa numa empresa aqui, pode ir para a área do design e perceber um bocadinho melhor como são desenhados os produtos, etc. Ou de gestão ou de contabilidade.

Anexo 21 – Transcrição da entrevista semi-directiva ao Parceiro B

Resposta: O que eu estava aqui a pensar é o seguinte: é que os jovens daqui não são os especiais culpados; os culpados são precisamente os pais. Porque os desencaminham, ou melhor, não os orientam e eu penso, pela experiência que eu tive até hoje... Essencialmente, ainda há pouco estava ali a ouvir a música da ginástica e veio-me recordar os tempos que eu dei – mais de 20 anos, se calhar 30 anos – em que foi uma causa que eu abracei, e sempre gratuitamente; e parece que as pessoas não valorizam esse trabalho, quando ele é gratuito.

Pergunta: É, não é?

R: Quando ele é gratuito, não valorizam. E eu sinto, agora, que como cada utente ali na ginástica paga, não falta. Não falta e tem perdurado sempre, a não ser um mês de férias que eles estipularam fazer. Mas no tempo em que eu dava, tanto tinha trinta pessoas ali, como tinha às vezes quatro ou cinco. Eu cheguei ao ponto de dizer que se não tivesse um mínimo de dez ou doze não dava. Por isso, é pena que as pessoas não se mentalizem que às vezes também há «carolas» que querem ajudar. E eles não vêem a esse encontro. E não vêem ao encontro, se calhar, não pelos jovens, mas sim por que não têm, vá lá, a força dos pais, para os incentivar para essas actividades que são importantes no desenvolvimento da criança. Da criança e do jovem.
Agora, é verdade que, se as coisas forem bem orientadas... Aquilo era uma «carolice», o que eu fazia era uma «carolice». Na base dos conhecimentos que tinha, portanto, dei sempre a favor da minha terra...
Mas acho que isto transportado para uma área maior – a nível de concelho, a nível até interconcelhos – se calhar consegue-se fazer algo. E é preciso, às vezes, fazer a experiência.

P: Claro, claro.

R: E fazer a experiência, depois para conhecer os resultados, para depois vir a...

P: Faz parte da avaliação, também. Claro, claro.

R: Exactamente.

P: Mas como é que o senhor vê os jovens agora? Os adolescentes. Quais é que são as características que vê neles?

R: É assim: acho-os bastante interessados, acho-os bastante desenvolvidos; no entanto, falta aí um cariz que é de uma abrangência total, que não existe. As pessoas hoje estão muito interessadas no computador, no telemóvel, nas mensagens e talvez outro tipo de cultura, filmes – eu não acompanho muito isso –; mas há uma certa... as brincadeiras, o convívio interjovens, essa amizade, esse espírito de equipa acho que não existe. Existe muito egoísmo a nível de jovens hoje.

P: Acha que eles se isolam mais, entre si? Olham só para si?

R: Isolam-se mais. Por força – como eu disse há bocado –, por força até do que acontece em casa. As pessoas hoje estão muito menos solidárias do que eram antes. Convivem muito menos do que antes. Talvez fruto, de facto, de um nível de vida que, se calhar esse nível de vida – e sabemos o que está a acontecer pela crise –, o nível de vida está muito acima das possibilidades, os pais muitas vezes fazem grandes sacrifícios e não dão a conhecer aos filhos esses sacrifícios, e os jovens não conhecem dificuldades – grande parte deles não conhece dificuldades enquanto jovens. Porque os pais se sacrificam e dão-lhes tudo. O que está errado na educação. Muitas vezes a criança – a criança, o jovem – quando chega à idade de constituir família ou de ser independente, se lhe aparecer – eu costumo dizer até a brincar com isto –, se lhe aparecer um pau à frente, é uma fronteira brutal que eles não conseguem transpor. Não conseguem transpor. Porque não estão preparados para isso. E isso é um erro de uma educação, se calhar também das escolas, mas muito dos pais, que há uma super-protecção. Grande parte deles. Há muitas excepções, felizmente. Hoje os jovens são imensamente inteligentes, dedicados; mas não têm aquela abrangência total de saberem tudo.
Por exemplo, as crianças antigamente brincavam, juntavam-se, andavam aí na rua a brincar; hoje não o fazem. Elas têm medo de tudo.

P: Pois, percebo.

R: Têm medo de tudo. E então se formos transportar isto para a cidade, então muito pior. As pessoas passam... eu conheço e tenho família, sobrinhos, que só saem de casa se for com os pais. Quer dizer, também é verdade que hoje os perigos espreitam a todo o momento e a criança não brinca, não joga.

P: E como é que isso se manifesta mais tarde? Quando eles são assim adolescentes. Eles participam? Eles participam em associativismo? Eles participam na política? E o senhor acabou por estar ligado também; deve ter um pouco mais noção disso. Os nossos jovens são interessados? Pró-activos? Ou não?

R: É assim: pró-activos são, mas é uma proactividade mais sectária; não é abrangente.

P: É só alguns?

R: Não. Eu queria dizer que todos eles, quase, têm aquele caminho. Quer dizer, enquanto antes havia, de facto, proactividade para determinados sectores, hoje quase todos eles é só tecnologia – ainda há pouco frisei isso.

P: Telemóveis, tecnologia...

R: Telemóveis... Têm uma facilidade de... dos dedos, de mandar mensagens, a qualquer momento.

P: Mas eles participam, por exemplo, a nível de assembleias de freguesia, de partidos políticos? Tem ideia?

R: Eu acho que não participam. Não participam.

P: De uma forma interessada, no sentido de perceber o que se passa...

R: Salvo aqueles que são encaminhados de casa, e também, se calhar erro dos políticos e das coisas como se encaminharam, infelizmente, hoje acho que os jovens estão muito afastados da política.

P: E aqui no local também? Porque a nível nacional isso sente-se muito. No local também?

R: Acho que sim. Acho que sim. Está muito afastado.

P: Há assim umas pessoas nas Js [- Juventudes Partidárias -], mas são sempre os mesmos...

R: Mas estão ali porque vão; porque se calhar os pais empurram, porque também lá estão ligados e não sei quê. Hoje, se a gente for ver isso, salvo raras excepções de alguém que se encaminhe... É assim: nós também estamos numa democracia muito jovem, mas lembro-me perfeitamente que eu quando...

P: Quer dizer, temos uma democracia jovem; mas por este caminho também não amadurece.

R: Não vamos a lado nenhum. E é perigoso.

P: É, exactamente, exactamente.

R: É perigoso. Porque a democracia é uma coisa muito bonita, que eu defendo, defendo sempre, e tenho medo que de hoje para amanhã haja alguém que apareça baseado na democracia e torne as coisas muito diferentes.

P: Pois, é isso mesmo.

R: Tipo ditadura. Porque a ditadura também pode parecer...

P: O que às vezes me assusta é estar entre malta nova e ouvir malta a defender coisas que... Com que valores? Não há valores. E era por aí. A cidadania. Que cidadania é que nós temos? Os nossos jovens têm cidadania?

R: É exactamente isso. Não participam. Nós temos um grande exemplo, por exemplo, até aqui na Lageosa. Tivemos aí um... É verdade que depois do 25 de Abril as coisas foram totalmente diferentes. Houve ali um sonho, que toda a gente participou, toda a gente se interligava, era fácil fazer equipas, era fácil chamar, haver uma liderança em que as pessoas acreditavam, toda a gente se mobilizava. Hoje não. Hoje as pessoas não se mobilizam para nada.

P: E porque é que isso acontece? Quais é que são as causas disso?

R: As causas, se calhar...

P: É falta de responsabilidade? De interesse?

R: Não, eu continuo a dizer que a culpa não é dos jovens actuais. A culpa é dos pais que se desenvolveram no tempo após o 25 de Abril e que, na altura não tinham nada e, de repente, passaram a ter muita coisa. E não compreenderam que a democracia também é responsabilidade, que a democracia também é trabalho, também é respeito. A democracia é essas coisas todas. E eu penso que essa cultura... Uma revolução faz-se de um dia para o outro, quando é nas armas, mas a cultural demora muitos anos a fazer. E as pessoas não estavam preparadas para isso, nem havia formação. E eu penso que, se calhar, estes jovens agora, aos 20 ou 30 anos já começam a ter outra preparação para...

P: E acha que têm esta preparação cívica? No sentido de nós temos que caminhar para isso, ou pelo menos tenta-se. Como é que se pode?...

R: Eles ter, têm. Não estão é motivados para isso. O grande mal de tudo o que se passa eu acho que é falta de lideranças fortes. É falta de as pessoas e os jovens acreditarem nos princípios e, depois, no desenvolvimento deles. E eu continuo a dizer que isto acontece em tudo e aconteceu na política. Nós tivemos muito maus políticos. Eu lembro-me perfeitamente do tempo ver políticos à minha frente: eu tinha um Mário Soares, eu tinha um Freitas do Amaral, eu tinha um Álvaro Cunhal, tínhamos o Mota Pinto, tivemos o Sá Carneiro. Tínhamos outros políticos, que aquilo a gente passava horas a ouvir. Porque aquilo eram pessoas que obrigavam-nos a respeitar. Eles defendiam princípios, defendiam filosofias...

P: Essa foi a minha questão. Eu tenho estado a pensar, tenho começado à procura – mais da minha parte, estava em Lisboa e houve assim algo que me despertou – e cheguei à conclusão que não fazia a mínima ideia, honestamente, do que era a direita da esquerda. Porque é tipo ser do Benfica. A gente vai nascendo dali...

R: Sim, sim. Exactamente.

P: E depois, socialmente, também não é assim muito bem aceite. É um bocadinho estranho. Porque eu sempre... e eu estava a ouvir um jovem há dias que dizia:
- "Se a gente não se envolve, é porque não se envolve. Se a gente se envolve demais, é porque queremos tacho".
Portanto há aqui um, qualquer coisa a trabalhar. E era neste nível: o que é que temos de fazer, ou que tipo de competências é que temos de trabalhar para sair deste *gap* social? Porque é cultural, a cultura não muda, nós continuamos a alimentá-la. É um bocado um sarilho.

R: Isso é assim: nós temos de acreditar em nós próprios, não a querer... Porque há muita gente que... é o bota-abaixo. E o bota-abaixo é terrível e nós não podemos ir ao encontro disso.
Eu, quando se fala nos políticos que são uns corruptos, são isto, são aquilo, eu digo "Os políticos são os indivíduos mais sérios." Há alguma corrupção. Mas hoje toda a gente sabe se um político for Presidente da República, Primeiro-Ministro, Ministro, Secretário de Estado ou não sei quê, se tiver no seu currículo algo que...

P: Eles vão buscar tudo...

R: Eles vão descobrir tudo.

Aqui há tempos dizia o Cavaco Silva, quando foi da campanha, dizia ele com certa piada:
- "Eu quando era nova fui com, não sei quê, dois ou três indivíduos... roubámos figos."
Eu digo assim:
- "Queres ver que de hoje amanhã até isso já vão dizer que ele foi ladrão?"
Quer dizer, as pessoas confundem umas coisas com as outras.

P: E é se calhar por isso que os jovens também não assumem nada.

R: É. Olhe, eu estive trinta anos ou mais à frente desta associação. E, por portas travessas e algumas se calhar directamente e não sei quê, normalmente passávamos por três ou quatro assembleias para eleger uma direcção e a gente, como gostava tanto daquilo, acabava por lá ficar. No fim de lá estar, já diziam:
- "Já lá estão os mesmos!"
Quer dizer, a gente com tanto sacrifício...

P: Claro, mas também ninguém se chega à frente, não é?

R: Vá lá, ninguém se chega à frente. Mas se alguém se chega (por uma questão de gosto, de dar, de partilhar, de não sei quê)...

P: E não compreendem. São injustas. As pessoas são injustas.

R: Não compreendem. E isso é muito mau. Porque as pessoas depois dizem assim:
- "Epá, eu se me vejo livre daquilo, até penso que é mentira."
E depois outros que também têm vontade de ir para lá, têm medo que também sejam conotados da mesma maneira. Esta mentalidade…

P: Claro, claro. E isso consegue-se passar para os jovens, a nível geral? Porque eles têm medo, receio.

R: Era bom que eles se mentalizassem que não é assim. Eu, por exemplo, continuo a… As pessoas, se passarem por lá…

P: É preciso passar uma vez.

R: É preciso passar uma vez. Por sim ou por não, para eu poder ser um crítico, vou passar por lá. Para saber o que é – o que é dar sem receber, o que é motivar, o que é trabalhar sem receber, mas ter o conforto de estar a olhar para uma comunidade, que se está a desenvolver (a comunidade, os jovens…).

P: E os nossos jovens fazem isso?

R: Os jovens, se forem integrados em equipas, fazem-no.

P: Mas por iniciativa [própria] não…

R: Por iniciativa não fazem.

P: Como é que vê os jovens no Concelho de Oliveira e as oportunidades aqui?

R: Os jovens do Concelho de Oliveira não são diferentes dos jovens dos outros lados, só tendo um contra, que será o interior, onde muita coisa ainda falta e uma delas é as acessibilidades. Toda a gente sabe que as acessibilidades trazem tudo: trazem proximidade, trazem menos tempo de a gente se poder deslocar de um lado para o outro. Hoje, de facto, já temos muito de cultura, que antigamente não. A gente, se queria ver um filme, tinha que ir a Lisboa. Se queria ver um teatro, tinha que ir a Lisboa. Já não. Se as pessoas estiverem atentas, já vem muita cultura que nos visita.
Mas a verdade é esta: não há, neste momento, uma grande esperança de emprego. E os jovens, à mínima coisa… Até porque continuo a dizer: as pessoas não…

P: Desistem, não é?

R: Desistem. Não têm grandes iniciativas. Embora a gente tenha aí algumas experiências que são muito importantes, são de louvar, de alguns jovens e empresários. Hoje os empresários, temos aqui já um leque de empresários mais ou menos jovens e com uma cultura completamente diferente daquela que era antes.

P: Acha que temos?

R: Acho que temos. Acho que temos. Temos e até temos aí alguns bons exemplos. Temos aí três ou quatro empresas que são geridas por pessoas com menos de quarenta anos e de grande sucesso, e é isso que se nota. É a abertura a novos mercados…

P: E acha que eles estão, por exemplo, receptivos a apoiar programas destes? E a integrar jovens lá? E a dar-lhes formação? Algo mais social, de aumentar as oportunidades.

R: Eu acho que estão. Eu acho que estão. É assim: os jovens têm uma capacidade completamente diferente das outras pessoas – portanto, dos mais idosos –, porque trazem outra preparação – principalmente nas novas ferramentas que nós temos ao dispor hoje –, mas precisam de um acompanhamento muito grande porque… Porque é assim: eu nunca gostei de atropelos; eu tenho recebido imensos jovens, tenho-os apoiado e tenho-os recebido como receberia uma pessoa de família, e não estou arrependido, tenho tido grande sucesso…

P: Mas quê, no banco?

R: No banco. Tenho tido até alguns *feedbacks* da hierarquia, de pessoas que foram indicadas por mim e que as pessoas estão completamente satisfeitas. Hoje não haja dúvida nenhuma que os recursos humanos são o fundamental de uma empresa. E tenho grande experiência e boa experiência de jovens. Agora, os jovens precisam de ser muito apoiados. Porque, lá está, a própria sociedade torna as pessoas egoístas e hoje quem não trabalhar em equipa não tem sucesso.

P: Quais é que são as ferramentas?... O que é que acaba por dar aos jovens, que eles não trazem? Este acompanhamento é no sentido de quê?

R: A nível comportamental.

P: Mas quando diz comportamental, de estar, de saber estar?

R: Saber estar, saber ouvir, saber estar atento às necessidades e não… quando eu digo não atropelar, não atropelar os próprios colegas. Porque, como digo, hoje tudo é trabalho de equipa. A pessoa trabalhar sozinha, isoladamente, isso acabou e não dá frutos para ninguém. E nesse aspecto, o jovem precisa muito de apoio para se integrar. E depois a própria equipa tem de saber receber.
E nesse aspecto, acho que hoje as pessoas estão muito mais bem preparadas do que estavam antigamente. Quer dizer, antigamente as pessoas receber um jovem e o jovem desenvolver-se era completamente…

P: Mas sente que isso é… Isso é verdade no banco, pronto. Mas fora do banco, nas empresas que conhece, tem ideia se isso acontece? Eu há pouco falava-lhe da idade porque, para mim, não...

R: Desde que a liderança seja de pessoas mais jovens, isso acontece.

P: Acha?

R: Acho.

P: Porque uma das coisas que – também posso continuar os exemplos – me deprime um pouco é quando eu vejo jovens com comportamentos… ou melhor, quando eu prefiro falar com os pais a falar com os filhos, como eu costumo dizer. Entende? É…

R: Não, eu estava-me a referir que, a nível de empresas cuja administração é constituída por pessoas mais jovens, eles recebem muito melhor.
Aliás, eu não vou aqui falar no nome de uma, mas conheço uma que foi constituída há sete ou oito anos, que é uma empresa de sucesso em Oliveira do Hospital…

P: Não, mas pode falar. Pode dar como referência, por que são…

R: Por dois jovens… É a Quinta dos Jugais, pronto.

P: Eu estive com eles, hoje, lá.

R: Em que os funcionários deles também são todos jovens.

P: Menos de trinta anos. Estive com eles hoje.

R: É que eu conheço aquela empresa desde o primeiro dia, que tenho mesmo feito questão de os apoiar, apoiar muito, porque eles de facto merecem. Embora haja alguma coisa que tenha de ser moldada. Porque às vezes as pessoas não… o desenvolvimento também carece de outro tipo de preparação. Humildade, por exemplo. As pessoas têm que ser muito humildes. E humildade não quer dizer que não tenham poder. E às vezes isso… há uma falta. Não quer dizer que seja este o caso.

P: Não, mas claro, eu percebo.

R: Mas a humildade, nos empresários, é muito importante porque isso acaba por lhe dar ainda mais poder.

P: E há mais exemplos, em Oliveira, assim de empresas que se devam destacar?

R: Há. Por exemplo, posso falar… a Davion, que acho que é outro grande exemplo.

P: Também estive com eles hoje.

R: E que não vinham de trás grandes exemplos e ele conseguiu dar a volta; agarrou-se àquilo. E tenho tido alguns *feedbacks* de que ele está num muito bom caminho e que de hoje amanhã será… tem vindo em crescendo, mas um crescendo sustentado. E mais. Esta gente às vezes tem mais dificuldades em ter apoios. E é preciso demonstrar muito para acabar por ter apoio.

P: Mas do ponto de vista global, acha que os nossos jovens têm as mesmas oportunidades dos jovens de outras terras? Ou acha que, embora se tente, continuam a precisar de mais? E mesmo a nível de freguesias? Os nossos jovens de Oliveira têm as mesmas oportunidades dos da Lageosa e de Lagares, por exemplo?

R: Eu acho que hoje está tudo mais perto. Não estou a ver grandes diferenças entre Lagares e Lageosa e Oliveira.

P: Mas a nível de litoral e interior… Quando eu digo interior, digo terras com baixa densidade populacional.

R: Ah, litoral e interior… Sim, sim. A gente sabe perfeitamente que, ou há uma aposta muito grande, uma aposta continuada na fixação das populações… Eu, por exemplo, actualizei-me um bocado nesta questão que agora estão a falar de fusões de freguesias, porque tenho assistido a alguns debates. E é assim: algumas freguesias, a única coisa que lá têm, de facto, ainda é a Junta de Freguesia. Não têm mais nada.

P: Que fixa, não é?

R: Embora eu concorde que é muito importante isso e haver fusões nas grandes cidades, porque…

P: São características diferentes…

R: São descaracterizadas. Enquanto que nós, aqui, quase todas as freguesias são limites, até naturais. Eu estou a ver, por exemplo, Lageosa é uma terra pequena, de facto. Mas limita… é o Rio Cobral, é o Rio Balocas, é o não sei quê…

P: Certo. Mas sente que, por exemplo, os jovens conhecem isso? Porque isso é um bocado valorizar uma identidade, um património.

R: Eu acho que… Eu por acaso fiz questão, no tempo em que estava ali à frente da associação, de arranjar grupos de jovens e que, se calhar, grande parte hoje conhece todos os limites da freguesia, até os marcos e não sei quê, precisamente por essas caminhadas que fizemos ao longo dos limites da freguesia.

P: Mas de uma forma global. Aqui o seu, quem foi consigo, à partida, conhece. Mas de outras freguesias? De Oliveira? Acha que há uma cultura dentro desse…

[interrupção na entrevista]

R: Eu acho que esses valores têm de ser respeitados e defendidos com unhas e dentes, sempre.

P: Agora estamos muito na moda do empreendedorismo. O que é para si ser empreendedor?

R: Ser empreendedor é criar qualquer coisa.

P: Criar qualquer coisa?

R: É. Criar e desenvolver?

P: Mas tem de ser uma empresa, um negócio?

R: Não, não tem nada que ser. Não tem nada que ser. Pode ser outra coisa qualquer. Empreender é, de facto, criar algo de novo.

P: E os nossos jovens são empreendedores?

R: Eu acho que são. Com orientação.

P: Mas nós promovemos esse empreendedorismo? Ou é porque os que se vão safando lá têm a sorte?

R: É assim: nós sabemos perfeitamente que hoje, por exemplo, as universidades têm feito um trabalho espectacular. E eu tenho como referência, por exemplo, a de Aveiro, que acho que tem sido uma universidade nova e tem tido... Porque tem tido, de facto, uma orientação para os jovens, para as equipas, para o trabalho. E não é só aquela, as universidades todas. Mas acho que a de Aveiro tem sido um exemplo brutal, porque se houver professores que orientem os seus alunos, que lhes dêem dicas, que lhes dêem as tais orientações, eles vão longe.

P: Que os estimulem, não é? Pois, Aveiro desenvolveu imenso por causa da universidade.

R: Eles vão longe, vão longe, eles conseguem, são criativos. Agora, por iniciativa própria, não é normal.

P: Se descermos aí um nível, aqui ao nível do Secundário e ao nível daqueles que estão... que é este público... Acha que as escolas podiam ter algum tipo de impacto aqui?

R: Podiam e deviam. Podiam e deviam.

P: Aqui. Eu digo mesmo no nosso contexto. Nem falo só na EPTOLIVA, na ESTGOH.

R: Eu continuo a dizer que o ensino...

P: Os professores têm um papel na vida cívica dos alunos?

R: Os professores deviam ter. Deviam ter e não sei se nós temos professores ao nível, à altura. Não sei. Porque um professor é um mestre, devia ser um mestre, e devia ser olhado pelos alunos como um exemplo a seguir. Já há alguns anos para cá que os jovens não vêem no professor o tal mestre, o tal exemplo a seguir.

P: E porquê? Será só por causa das famílias? Ou porque os professores também já não são aquilo que os alunos gostavam que fossem?

R: Não, eu diria que os professores, se calhar, estão no ensino sem gostarem do ensino. São atirados para lá… Porque é assim: tudo o que não tem trabalho na entidade particular – no privado, nas empresas – vai para o ensino. Tanto vai para lá o engenheiro como, sei lá, o médico, como vai... Tudo serve para professor. E se o professor não gostar daquilo que faz, se não for imbuído do espírito de ensinar... Eu acho que os professores não são o que eram. E eu acho que aí está o grande mal.

P: Na formação de professores, também, não é?

R: Eles têm que sentir que gostam do que fazem. Eles têm que desenvolver... sentir que a responsabilidade grande que eles têm é fazer Homens – na verdadeira acepção da palavra. E não é isso.

P: Não é por documentos para exame, não é?

R: Não é. Eles têm que... pronto. A educação é fundamental.

P: Pensando no programa... E eu já percebi que todo o projecto vai ter que ter uma lógica de formação de profissionais – não vou chamar professores, mas em que os professores... vai ter que ter uma base de sensibilizar os professores para a necessidade de olharem para o local, património, e essas coisas.
Como é que se pode financiar um projecto destes?
Eu já percebi que vou ter de basear isto em parcerias. Porque vai ter que haver aqui uma...

R: Sim, eu acho que as empresas devem estar...

P: Não digo em termos de dinheiro. Às vezes mesmo em termos de espaço, de ajuda, de planeamento.

R: Chamem-lhe o que quiserem. Até só dar o próprio apoio, sei lá, dizerem que estão com o projecto.

P: Claro, claro.

R: Basta dizer isso.

P: Acha que as empresas estão perto da escola, do Secundário, aqui?

R: Não.

P: Há um certo «desligar», não há?

R: Há, há.

P: Sabe que eu hoje eu hoje quando perguntei – passei as empresas todas – todos eles ficaram a olhar para mim e a primeira coisa que me disseram foi:
- "Mas o que é que eu tenho a ver com a escola?"
E depois rapidamente começaram a repensar.

R: É verdade. Nunca tinham pensado nisso.

P: É.

R: Mas aí, de facto, as empresas não...

P: Mas acha que podem apoiar, como parceiros?

R: Podem. Podem e devem.

P: E os bancos? Como é que aqui... Porque nós temos imensos bancos, mesmo assim. É possível? Como é que isso funciona?

R: É assim: eu não digo que não seja... Mas os bancos, geralmente, como têm uma dimensão nacional, fazem candidaturas nacionais. Por exemplo, nós todos os anos fazemos um do empreendedorismo. Com bons prémios.

P: Mas a nível nacional?

R: É a nível nacional. É a nível nacional. E lá está, nós não apoiamos a nível de balcão. Quem diz nós, diz outro qualquer.

P: Mas eu acho que até mesmo, por exemplo, a nível dos bancos, até mesmo o dar a conhecer às pessoas esses projectos, eu acho que aqui as pessoas nem se apercebem.

R: Sim. Nós podemos... Eu estou-me a lembrar que demos aí apoio, por exemplo, a um livro de finalistas, que eu achava interessante, mas depois um ano funcionou e o outro ano já não funcionou. As pessoas acho que até guardaram dinheiro e não...

P: A sério? É por isso que depois as pessoas não dão. Há sempre um ou dois oportunistas.

R: Foi. Que depois não me deram o livro. Porque, geralmente, o livro era emitido e depois eu mandava sempre para...

P: Ficava com alguns exemplares…

R: Exactamente. Para mandar para lá... E isso não funcionou.
Mas é assim: de facto a banca, como tem uma dimensão nacional, também funciona só a nível [nacional]; a nível local, geralmente, não dá grande apoio.

P: Só mais a nível de empresas, aqui?

R: Porque as empresas estão sedeadas aqui, não é?

P: Pois. Mas eu vejo-as tão desligadas.

R: E eu acho que a imagem delas é muito importante.

P: Eu acho que elas não estão preocupadas; porque não vejo as empresas daqui preocupadas com o serem daqui. São daqui porque cresceram aqui e estão aqui. De facto... Vejo as pessoas desinteressadas. Esta coisa de:
- "Mas é para falar dos jovens? Ah, mas isso só vêm para cá acima dos 18 anos."
Sim, mas há uma responsabilidade nossa perante a sociedade – aquilo que nós falávamos a início. Por isso é que eu fiquei na dúvida se, de facto, as empresas apoiam.
A mim leva-me a crer que apoiam porque as festas continuam a ser patrocinadas por empresas. Logo, se há um patrocínio a festas, à partida, deveriam pôr qualquer coisa...

R: Tem que haver um trabalho de sensibilização muito grande para os fazer pensar, fazer pensar nisso.

P: É isso. É preciso juntar. É preciso, de facto, juntar a malta com a educação, com as empresas, por causa de se arranjar uma estratégia comum. O Conselho Municipal de Educação não funciona, o conselho «não sei quê» não funciona...

R: Pois.

P: E é isto que estou a ver um bocado como dificuldade.

R: Eu acho que aí tem de ser a Autarquia, empresas, escola... Pelo menos essas três...

P: Pois, têm que se juntar, não é? Mas como é que se trazem as empresas a esta... a esta... «guerra»?

R: Tem que haver aí um... Tem que haver alguém que lidere isso. E eu acho que a Autarquia é a primeira. Terá que ser a primeira. Sentindo a necessidade, e é essa a função deles – primeira –, é desenvolver os

seus jovens. É, de facto, depois tentar – e as escolas também, que é a função deles também – ir buscar as empresas.
E lucram todos. A Autarquia porque está a desempenhar o [seu] papel; a escola também, que é o trabalho deles; e as empresas que podem estar ali a ajudar os jovens que amanhã lhes vão ajudar a desenvolver as suas empresas.
Eu acho que este trinómio, vá lá, era trabalho importante.

P: Eu estou a pensar um pouco por aí, exactamente. Estou a pensar por aí, sim. Tanto que estive nas empresas, estive com as escolas, estive com a Autarquia. Mas de facto, sinto que há assim um empurrar de eles [os jovens] andam aí, ainda não há desgraças, portanto ainda não há preocupações. E toda a gente diz que isto está mau, e pronto.

R: Não, mas é preciso abanar.

P: É, não é?

R: Abanar consciências. E é nas alturas das crises...

P: As crises são oportunidades.

R: São oportunidades.

P: Eu hoje estava a falar com um colega, e dizia-me ele:
- "A melhor coisa que aconteceu para nós, que estamos a tentar fazer coisas diferentes, foi eles deixarem de ter dinheiro. Agora já nos ligam para pedir conselhos."
E, de facto, é uma perspectiva na qual eu não tinha pensado. Por exemplo, as universidades estavam muito fechadas – não deixavam entrar quem não fazia doutoramentos e coisas assim – e então era tudo muito formatado. E dizia-me ele:
- "Olha agora, já não têm dinheiro. Agora já ligam a perguntar como é que falam com a empresa tal e a empresa não sei quê, porque não conseguem..."
E, de facto, dizem que a necessidade faz o engenho.

R: Tudo isto, às vezes, de um problema pode-se criar uma oportunidade. E acho que a crise pode criar grandes oportunidades aí, pelo menos de organização, de reestruturação, de assentar os pés no chão, consciências de realismo. O sonho é importante mas se o sonho é alto já não dá.

P: Percebo.

Anexo 22 – Transcrição da entrevista semi-directiva ao Parceiro C

Pergunta: Então é assim: a empresa, está aqui há quantos anos? Há quantos anos desenvolve a actividade, mais ou menos?

Resposta: 25 anos.

P: E dá emprego a muitos jovens?

R: Alguns.

P: Quantas pessoas é que têm?

R: Aqui na emos 105 pessoas.

P: E os jovens procuram trabalho aqui?

R: Muito.

P: O que sente dos jovens? Que visão tem dos jovens?

R: Uma grande parte quer trabalhar, outra não. A verdade tem de ser esta.

P: Qual a maior parte?

R: Epá, não sei. Eu acho que os jovens é assim: há jovens que têm vontade de trabalhar, há outros que, de facto, é um problema.

P: Estes que têm um problema, será porquê?

R: Não sei. Muitos deles, vícios.

P: A nível de competências, qual é a perspectiva que tem? Quais as idades que os jovens mais costumam procurar?

R: Os jovens aparecem a partir dos 18 anos.

P: E quais as características que os identificam?

R: Aparecem vários. Alguns até com habilitações superiores. Aliás, neste momento a empresa tem cerca de 10 licenciados.

P: Mas trabalham como licenciados?

R: Vamos lá ver, o trabalho de licenciado é muito variado…

P: Sim, mas é trabalho qualificado? Não é que o outro não seja…

R: Sim é trabalho qualificado, mas mais na área de cada um.

P: Os que não têm este trabalho qualificado já de nível superior e que vêm para cá, como os sente? Sente que eles têm falta de responsabilidades? Que eles são muito bons?

R: Alguns – a maior parte deles –, vêm por obrigação. Uns porque estão inscritos no centro de emprego, outros porque têm de justificar à família que andam à procura de emprego, porque eles não querem trabalhar. Já tentei dar emprego a alguns (agora não, pois não estou a admitir ninguém), mas num período em que eu estava a meter pessoas, eu ofereci trabalho e eles não apareceram.

P: E como é que os vê? Qual o futuro que vê?

R: Mau. Quem não quer trabalhar, quem não quer um emprego vejo muito mal. Hoje a maioria dos jovens, vivem à custa dos pais. Se for ver, os jovens, cada vez saem mais tarde de casa dos pais. Antigamente saíam de casa aos 11 anos. Hoje saem aos 35, 40.

P: Porque é que acha que isso acontece? Porque é que acha que eles não querem trabalhar? O que é que lhes falta?

R: Eu para mim, grande parte é o seguinte: eles ganharam tantos vícios que hoje é mais difícil sair deles.

P: Mas que tipo de vícios?

R: Vícios da noite. Álcool, ou vão para outros campos que eu não tenha conhecimento.

P: Não, eu estava a perguntar porque, às vezes, quando falamos em vícios, falamos em vícios de pessoas que não querem obrigações, querem é sair por exemplo.

R: Vamos lá ver, isto não é regra. Eu conheço muitos jovens que não têm problema a se sujeitar a qualquer trabalho. Tenho jovens na área dos 18 aos 25; acho que tenho uns 20 a trabalhar.

P: Sente que eles estão motivados? Ou é como aquela questão que estava a dizer: têm de trabalhar e mais nada.

R: Alguns estão.

P: Como vê o futuro dos nossos jovens aqui em Oliveira do Hospital? Ou seja, como vê a nossa Oliveira do Hospital?

R: Vejo muito complicada porque estamos a falar num número de jovens que não querem trabalhar. Mas aqueles que querem trabalhar, têm alguma dificuldade em arranjar emprego. Neste momento quem é que dá emprego? Está toda a gente a querer despedir pessoas. Não é fácil para eles arranjar emprego.

P: Que soluções vê? Vê ideias?

R: Emigrar.

P: Não há nada que eles possam fazer cá?

R: As empresas, se não dão emprego, onde é que eles se vão colocar? O jovem não pode ir montar uma empresa e fazer o próprio negócio dele. É complicado.

P: Quando diz emigrar, como é que eles sabem para onde podem emigrar? Acha que eles conseguem?

R: Há ofertas. Há muita oferta através dos jornais, da televisão. Quem ler os jornais, vê oferta todos os dias. Têm de procurar.

P: Mas a nível internacional ou aqui?

R: Há bastante oferta de emprego a nível internacional, mas também há ofertas de emprego aqui, no entanto têm de se deslocar. Se não há em Oliveira do Hospital, têm de procurar emprego.

P: E acha que o jovem não faz isso?

R: Infelizmente, a juventude do interior só arranja emprego é no litoral.

P: Porquê?

R: Porque as empresas estão lá.

P: Porque as empresas estão lá, ou porque há aquela ideia de que é giro ir para o litoral?

R: Não. As empresas estão lá. A não ser, aqui no interior, a mão-de-obra extensa que é a confecção, não vejo aqui fábricas nem empresas a criar muitos postos de trabalho.

P: Pois, de facto é um problema. Agora, focando um pouco mais aquilo que eu procuro: as férias. O que acha que os nossos jovens que andam aqui no secundário fazem nas férias?

R: Não faço ideia.

P: O que acha que eles podiam fazer que lhes fazia bem?

R: Trabalhar.

P: Acha que lhes fazia bem?

R: E não é só por fazer bem. O jovem, se ganhar dinheiro, é mais independente. Só que ele não quer. Há uns que querem, mas grande parte deles estão habituados à vida da noite. Eu saio muitas vezes às 3 ou 4 da manhã do trabalho, e vou dar uma volta por Oliveira do Hospital. As esplanadas estão cheias, com bebidas em cima de todas as mesas.

P: Se eles não trabalham, quem paga isso?

R: Não sei.

P: Outra questão, vocês têm 105 empregados. Como é que vê os filhos dos seus empregados? Sabe, nas férias, o que eles fazem? Muitas vezes os pais têm de gerir as suas férias em função dos filhos. Tem problemas de reorganização do mapa de férias de pessoal em Agosto para eles ficarem com os filhos?

R: Aqui no meu caso, é complicado, pois nós não fechamos, e no mês de Agosto é quando temos mais trabalho. Nós trabalhamos muito com os hospitais, com organismos do estado e com exportação, e normalmente o mês de Agosto é o mês em que temos mais trabalho.

P: E como fazem?

R: São férias repartidas.

P: Mas sente que podia ser interessante arranjar uma ocupação para os filhos deles?

R: Eu acho que sim. Eu acho que as empresas que podem, deviam de arranjar um local (infantário ou creche) para eles ficarem. Acho que seria interessante, dentro das empresas de Oliveira do Hospital, as empresas pagarem entre todas para conseguir um lugar para os seus trabalhadores depois das horas normais das escolas colocarem lá os filhos. Era uma ideia, e ficava barato para todos.

P: Essa é uma das áreas que eu quero trabalhar. Acha que as empresas estão disponíveis para isso?

R: Eu pelo menos estou. Agora as outras não sei. Os empresários das empresas todas, se pudessem participar todos um bocadinho, não era difícil pagar a uma pessoa ou duas para ficarem com os miúdos.

P: Pois, organizá-los. Dar-lhes uma actividade.
R: Agradava-se a muita gente e pagar a duas ou três pessoas não é assim tão difícil.

P: Acha que, daquilo que conhece do espírito empresarial, eles estão disponíveis?

R: Alguns sim. Cada um com a sua parte. Quem tem cinco empregados, não vai pagar a mesma coisa de quem tem cem. Mas eu acho que sim, acho que não é difícil.

P: Uma pergunta muito curiosa: como vê o espírito empresarial do concelho? Consegue identificar os mais novos (porque há muitos filhos a assumirem também a liderança de empresas). Sente-os mais abertos a esse tipo de actividades?

R: Se não têm um espírito mais aberto, deviam ter. Agora o espírito de cada, só cada um é que a sabe.

P: Há alguma organização empresarial aqui em Oliveira que represente os empresários?

R: Há mas eu não tenho ido a reuniões.

P: Como se chama?

R: Não me lembro do nome e não tenho ido às reuniões. É uma associação inter-concelhos, Tábua e Oliveira, cuja sede é em Oliveira. Eles têm a porta aberta todos os dias.

P: Estava longe de saber. Não é aquela a AD?

R: Não. Mas é fácil, eu daqui a bocadinho já lhe consigo dizer.

P: Mas voltando, já se falou nisso?

R: Falou-se nisso com alguns empresários, e não houve muitos a afastarem-se da ideia.

P: Isso é muito interessante, pois sente-se que o mundo empresarial anda afastado desta ocupação de férias dos jovens.

R: O mundo empresarial, neste momento, luta com tantas dificuldades e tem o tempo tão ocupado – eu hoje tenho aqui trabalho até à meia-noite ou mais –, que por vezes não têm tempo livre para pensar nestas coisas.

P: Acha que havendo alguém que pense, que aderiam?
R: Acho que sim. Se alguém se dedicar a isso, e procurar os empresários, acho que sim.

P: Eu também tenho essa ideia. Sabe porquê? Quando fazemos aquelas leituras das festas da terra e vemos imensos patrocínios, acho que o que faz falta é existir alguém que organize essa iniciativa.

R: Este patrocínio era dinheiro melhor empregue do que nessas festas.

P: Concordo. Mas o que acontece é que eu também acho que não há ninguém que se chegue à frente a organizar.

R: Não há ninguém porque, porque não há ninguém que perca tempo com isso e que se dedique a visitar os empresários e lhes ponha a ideia e lhes diga:
- "Nós temos esta ideia."
Já falámos com alguns empresários e gostava de saber o seu ponto de vista. Ele diz que sim ou que não. Quem não quiser estar, não está. Ninguém seria obrigado.

P: Claro que não. Mas também não seriam necessários muitos para se começar. Uma outra pergunta nesse sentido: acha que o desenvolvimento dos jovens, a criação de oportunidades para eles crescerem, é também da responsabilidade das empresas?

R: Eu acho que as empresas devem colaborar com a juventude. Se não colaborarem com a juventude, um dia só têm velhos nas empresas e as empresas não funcionam. Não vale a pena nos iludirmos. Hoje, da maneira que a evolução é constante, se as empresas não arranjarem pessoas novas, os velhos estão ultrapassados. Por exemplo, tenho aqui pessoas a trabalhar que se lhes disser "Agora tens aqui as encomendas, e em vez de as fazeres assim, faz através de um computador.", elas não sabem. Não conseguem fazê-lo.

P: Pois, percebo. E também não há formação para estas pessoas?

R: Para os velhos? Para os velhos é difícil, já. Porque eles próprios já não querem. Estão em fim de carreira. Querem é ver se chegam à reforma daqui a dois ou três anos.

P: Sente que as empresas deviam apoiar os jovens, pois têm retorno nesse sentido?

R: Eu acho que sim. Se as empresas não apoiarem os jovens, é muito mau para elas.

P: Como é que as empresas podem apoiar os jovens na sua perspectiva?

R: As empresas podem apoiá-los, mas eles também têm de ter vontade. Se eles tiverem vontade, as empresas deviam de apoiá-los, pelo menos, dando-lhes oportunidades. Mesmo que uma empresa não precise de 10 jovens, mas um ou dois tem sempre possibilidade de admitir.

P: Pensando na faixa dos 12 aos 18, acha que se empresas fizessem *workshops* e possibilitassem visitas a fábricas, isso poderia ajudar os jovens? Acha que as empresas estariam disponíveis a abrir a porta aos jovens?

R: Acho que sim, mas numa idade mais avançada ou seja, dos 15 anos para a frente. Porque fazer com 10 ou 12 anos, acham muito engraçado, mas acaba por afastá-los.

P: Eu provavelmente vou ter dois grupos. Dos 12 aos 14 e depois dos 15 para cima. Mas acham que aqui estariam disponíveis para isso?

R: Eu acho que sim. Porque as pessoas jovens com mais de 15 anos, estão mais próximas da realidade e a idade para começarem a trabalhar também está mais próxima.

P: Outra questão. Falamos muito em empreendorismo, que é algo que está na moda agora. O que é para si o empreendorismo e como vê os jovens e o empreendorismo?

R: Eu vou fazer 64 anos e tenho espírito e acompanho muito com os jovens. As minhas companhias são normalmente pessoas mais jovens, e menos pessoas da minha idade. No entanto cada vez que falo com eles digo-lhes:
- "Vocês é que têm de ter vontade. Se há necessidade de trabalharem e ganharem dinheiro a iniciativa também tem de ser vossa".
Agora a maior parte deles não conseguem porque eles de noite, digamos, de noite não dormem. Na hora habitual de contactar com as empresas estão a dormir.

P: Portanto, falta-lhes espírito empreendedor.

R: E vontade.

P: O que é o espírito empreendedor?

R: É eles terem iniciativa. Quererem fazer alguma coisa e terem quem os acompanhe. Porque empreender é uma palavra bonita, mas depois é preciso passa-la à prática.

P: Os nossos jovens participam na sociedade? Na política, no dia-a-dia, no associativismo.

R: Sinceramente não tenho muito tempo para ver essa parte.

P: Sim, mas a sua ideia, a impressão que tem?

R: Não sei, mas uma parte acho que sim. Nós não podemos estar a medir os jovens todos pela mesma bitola. Há jovens que têm muita vontade de trabalhar e outros não, como já disse de início.

P: E isso depois reflecte-se também nestes pontos.

R: É verdade que também há um olhar do empresário para os jovens, que não tem vontade diferente daquele que tem vontade. No entanto acho que aí a culpa também é um pouco do empresário. Digo isto,

porque tenho casos de sucesso na empresa que olhando para o que faziam antes e para a empresa, ninguém lhes daria trabalho. No entanto, eu arrisquei neles, e não estou arrependido.

P: Essa é uma perspectiva. Sabe que há alguns casos de jovens que eles chamam de desviantes, por causa da escola, não se identificam com a escola que depois começam com alguém que lhes dá motivação vê-se que não são assim.

R: Têm de dar alguma liberdade, também.

P: Uma última questão. Como vê a escola no meio disto tudo? Acha que falha? Acha que tem responsabilidade?

R: Sem escola não há formação. Não venham como antigamente dizer que eu tinha de começar a trabalhar aos 10 anos. Hoje, a formação da escola é a parte principal para o trabalhador. Se ele não tiver formação escolar, e não desenvolver as suas capacidades é complicado. Assim como é complicado se ele não tiver o 12º ano, ou equivalência.

P: Mas estas competências que estávamos a falar, de: proactividade, iniciativa, vontade, acha que se podem trabalhar na escola?

R: Eu acho que sim. Acho que a escola tem uma palavra a dizer. A escola acompanha-os desde os 6 anos, se não for a escola a dar-lhe essa oportunidade, quem será? Têm de ser os professores e a escola.

P: Qual a ligação entre a escola e as empresas? Existe alguma?

R: Não vejo grande ligação com a escola secundária. Agora o politécnico está a querer entrar, a querer apresentar currículos. Eu até dei a ideia ao politécnico para que no fim do curso mandassem o manual para todas as empresas com um documento a referir que uma pessoa com estas características terminou o curso. Não vou dizer que as empresas estivessem à espera disto para lhes dar trabalho, mas em tanta empresa, com certeza que alguém vai precisar de alguém.

P: Sim, e às vezes vão buscar pessoas longe, sem necessidade. Disse-me que a escola secundária não.

R: Pode ser que sim, mas eu nunca me apercebi.

P: E a EPTOLIVA também não?

R: A EPTOLIVA às vezes vem.

P: Vem saber o quê? As necessidades?

R: Perguntam se não temos estágios. Até já demos estágios a pessoas da EPTOLIVA.

P: Projectos da parte do secundário é que não. Não lhe roubo mais tempo, obrigada pela sua colaboração.

Anexo 23 – Transcrição da entrevista semi-directiva ao Parceiro D

Pergunta: Como é que vê os jovens aqui? Como é que vê os nossos jovens no concelho?

Resposta: O futuro dos jovens aqui, face à actualidade que o nosso concelho está a passar, não vejo que tenham assim muitas alternativas – na realidade e para se franco –, porque o nosso concelho vive à base, principalmente, da indústria. No nosso sector, poucas pessoas querem trabalhar… Eu estou a falar pela nossa empresa. Hoje em dia, as pessoas, só em último recurso é que querem vir trabalhar para uma fábrica.

P: E porque é que acha que isso acontece?

R: Porque acho que as pessoas não vêem que, na fábrica, possam tirar algo que…
[pequena interrupção]
Não sentimos que os jovens tenham a ambição de vir trabalhar para fábricas, porque não vêem que o facto de trabalhar numa fábrica seja o futuro deles.

P: Mas acha que não vêem por desconhecimento da fábrica?

R: Eventualmente por desconhecimento, por não ser uma profissão que não seja aquilo para que as pessoas estão eventualmente mentalizadas, preparadas. Porque não valorizam o tipo de trabalho que se faz numa fábrica.

P: Mas aqui, por exemplo, tem quantos tipos de profissões aqui dentro?

R: Dentro da fábrica existem vários tipos de profissões. Desde costureiras, aos operadores mecanográficos, também existem, à parte administrativa e financeira, contabilistas. Existem pessoas ligadas à parte logística e depois há pessoas com área de qualificação ligada à parte técnica na nossa área, na confecção, pessoas que têm que ter formação especializada. E devo-te dizer que um técnico de confecção, hoje em dia e porque há poucos, são bastante bem remunerados e as pessoas por vezes, não têm essa noção.

P: Há falta de conhecimento, não é?

R: E porque é que são bem remunerados? Porque há poucos.

P: Depende da oferta e procura, não é?

R: E visto nessa perspectiva, não vejo que… Depois o nosso concelho em termos de futuro está a passar por uma fase. Está difícil como o país, não é? E não há muitas alternativas para arranjar emprego, para…

P: Nós vamos crescer todos e como é que vê as soluções? Acha que, por exemplo, deviam criar e há espaço para inovar dentro do concelho? Ou acha que isto vai continuar como está e as pessoas não estão receptivas a isso?

R: Não, quer dizer, não pode morrer, não é?

P: Espera-se!

R: As pessoas vão ter, de uma forma ou de outra, que se adaptar àquilo que seja a nova realidade e àquilo que possa existir. Muitas vezes as pessoas vão ter que ir trabalhar não no que gostariam, mas naquilo que é possível e têm que se adaptar a essa nova realidade.

P: Com o tipo de oportunidades que nós temos aqui, os jovens sabem daquilo que gostam?

R: As oportunidades que existem no nosso meio, são inferiores àquelas que podem existir nos grandes centros, nas grandes cidades. As pessoas estão perto de tudo.

P: Então, o que é que acha que faz falta? Porque é por aí, é tentar fazer parte da solução e não ficar à espera que alguém crie. É neste sentido que eu estou a fazer entrevista, até para alertar.

R: O que é que se pode fazer aqui…

P: Que competências é que você sente que os jovens precisam de desenvolver, para além do valorizar o meio?

R: Falando no nosso meio, seria importante, se fosse possível, arranjar aqui formas de formar pessoas ligadas à nossa área. Porque, apesar de tudo, a confecção aqui no nosso Concelho continua a ser, apesar de já estar a encerrar algumas empresas, ainda continua a ser uma área com algum peso no nosso concelho. Formações específicas para a nossa área, acho que seria importante na área de técnicos de produção, da qualidade, de modelagem… Aqui não há e arranjar pessoas dessas, como já disse há pouco, é difícil. Agora em outras áreas, que nós aqui possamos desenvolver, estamos um bocadinho limitados, acho eu.

P: Por um lado, eu estou em Lisboa e…

R: Talvez aqui a nível do turismo se possa desenvolver alguma coisa, pelo facto de…

P: Mas pegando mesmo no seu contexto, dos têxteis, nós em Lisboa assistimos a nível das artes, a média é alta, é difícil de entrar, muitas vezes vão para *design*. Mas aqui nós não sentimos e se for preciso vão para lá mas não há espaço para criar dentro daqui, para inovar. Por exemplo, o que vocês fazem são têxteis, não é?

R: É.

P: Inovam constantemente, têm que estar a par das tendências?

R: Tem que haver alguma inovação e temos que estar minimamente actualizados, para poder dar uma resposta àquilo que o mercado necessita e que o mercado pretende. Tem que haver inovação nesse sentido e apresentar produtos novos, apresentar…

P: E são vocês que desenham cá os produtos?

R: Parte. Não tudo, mas parte somos nós.

P: Porque eu estava a pensar mesmo nessa linha, que é, muitas vezes os jovens procuram Lisboa, Porto para *designs* e desenhos e é muito complicado em Lisboa porque vão, sonha-se muito alto, e depois acaba-se por se ir para caminhos que não tem nada a ver com aquilo que a gente quer. E, se calhar, aqui até se conseguiam criar caminhos aproximados com outras vertentes. Estou agora a pensar alto sobre isso. Acha que as fábricas aqui e as indústrias teriam espaço?

R: Teriam espaço, mas também não é um espaço muito alargado, porque já não existem muitas empresas, infelizmente. Mas há algum espaço nessa área. O *design*, tecnologia, a própria parte de electromecânica, de electrónica, são áreas que no nosso sector têm algum relevo, alguma importância.

P: E acha que a nível da… digo aqui como exemplo e vou também falar com a Indubeira, porque é uma outra área, que é… Acha que as empresas estariam disponíveis para colaborar? Às vezes, nem digo financeiramente, mas até mesmo com recursos humanos.

R: Nós, dentro das nossas limitações, temos colaborado com as escolas todas. Dentro das nossas limitações, porque também não podemos colaborar com tudo.

P: Mas em que campo, financeiramente?

R: Em aceitar estagiários, temos aceitado com alguma regularidade

P: Porque imagine, um programa de formação mais especializado…

R: Agora, na área que nós mais necessitamos, não se arranja ninguém. Arranjamos para a parte financeira porque são estudantes que acabam o curso de economia.

P: Mas superiores?

R: São estudantes que agora na área especifica de produção. Não arranjamos ninguém daqui. Todas as pessoas que temos que tentar contratar, têm que ser pessoas de fora.

P: Têm que ser sempre pessoas que vêm de fora, e têm muita oferta?

R: Há alguma, mas muito menos que agora.

P: Mas a nível de secundário ou superior?

R: Não, pessoas já com alguma experiência. Porque no nosso ramo também, efectivamente, é importante que as pessoas tenham alguma experiência no sector. Estamos disponíveis para receber pessoas que queiram aprender, porque muitas vezes, o problema das pessoas que terminam os cursos é que chegam às empresas e pensam que já sabem tudo. E às vezes essa teoria é diferente do que é a prática e, portanto, às vezes aprende-se muito mais com o dia-a-dia e com a prática, dos problemas que vão surgindo. Na escola, às vezes não se aprende…

P: Nós nas empresas sentimos muita falta daqueles cursos intermédios, níveis técnicos. Não precisavam de ter um curso superior. Era mais a esse nível. O que é que acha que os jovens fazem nas férias cá, estes jovens adolescentes?

R: A maior parte dos jovens não quer… Quer mesmo esquecer a escola e não está muito disponível para…

P: Mas eles não fazem nada, é isso?

R: Há casos, há excepções obviamente. Mas de uma maneira geral, os jovens não penso que estejam imbuídos no espírito de querer ir aprender, trabalhar. Pelo menos ganhar alguma experiência para perceber como é que as coisas… Mas está-me a falar dos jovens…

P: Dos 12 aos 18 anos.

R: 18 anos, 19 anos, também porque com idades inferiores, não é possível pensarmos que…

P: Falo mesmo a partir dos 12. Falo dos 12 porque é o terceiro ciclo, é quando começam as orientações profissionais. Terceiro ciclo: sétimo, oitavo e nono. Os pais começam a ficar preocupados para que área é que eles vão.

R: Mas hoje em dia há uma grande falta de responsabilidade. As pessoas não têm hoje um espírito muito de… Querem é andar tranquilos:
- "Agora também não estou a trabalhar; estou é de férias; agora quero é descansar."
Há muito poucos estudantes que terminem a escola e que procurem assim um extra ou um *part-time*, mesmo que seja para ganharem um dinheirito. É verdade que também hoje as empresas não estão muito disponíveis para isso, porque as dificuldades que as empresas estão a viver, também não permitem estar a meter muita gente.

P: E burocraticamente é um sarilho.

R: Mas nós temos metido aí no período de férias. Metemos assim, de vem em quando, duas ou três pessoas, também não podemos estar por muito mais.

P: E depois sente que isso tem impacto?

R: Já tivemos aqui pessoas que os pais vieram pedir para virem para aqui no tempo de férias. Estão cá uma semana ou duas, mas depois vão-se embora porque não estão mentalizados para ter que estar a

cumprir horários, a cumprir regra. Hoje em dia os estudantes não têm muito essa… E isso vê-se pela falta de respeito que têm para com as pessoas também.

P: Claro, isso depois reproduz-se. A Davion aqui, vocês já estão há quantos anos…

R: A Davion, neste momento quem está à frente da empresa sou eu e o meu irmão. Já somos a terceira geração. Quem começou na altura foi o meu avô, com outra fábrica lá em baixo. O meu pai iniciou aqui a Davion em 1972 ou 73. Já há quarenta e tal anos.

P: E qual é que é a análise que faz neste tempo, a nível de concelho, e de perspectivas de futuro…

R: Sim, em termos de perspectivas de futuro, nós acreditamos que vamos conseguir sobreviver a estes momentos difíceis que se avizinham.

P: Mas a nível de concelho, de desenvolvimento concelhio.

R: A nível de concelho, da empresa no concelho, ou a nível do concelho em si extra empresa?

P: Do concelho em si, porque é uma visão bastante importante das empresas daqui. Por acaso até acho que é bastante esquecida, às vezes.

R: Eu, infelizmente, tenho uma perspectiva muito negativa em relação ao concelho. Acho que cada vez as coisas vão ficar piores e acho que cada vez vai haver maior necessidade de as pessoas saírem do concelho.

P: Acha que eles têm falta de oportunidades?

R: Vão ter falta de oportunidades, acho que vai haver. Não há, efectivamente, muito iniciativa de empresários, hoje toda a gente tem medo de ser empresário, acho eu, ou tem algum receio. Portanto, vamos sentir alguma falta de iniciativas, de criação de postos de trabalho. Espero enganar-me, mas não vejo que aqui em Oliveira, e eu tenho a ideia de que vai haver a necessidade de, inclusive, as pessoas saírem de Oliveira do Hospital, para conseguirem arranjar um meio de subsistência.

P: E acha que as pessoas têm dificuldades em ter essa vontade de abrir alguma coisa, porquê? Por causa do investimento, por causa do medo?

R: Face ao medo que foi criado, que todos os dias vimos nas televisões. Sistematicamente a meterem medo à população, das responsabilidades que é e de verem as empresas sistematicamente aí a fechar. As pessoas começam a ter a noção de que, ter um negócio hoje em dia, e ter a responsabilidade de o assumir, começa a ser difícil de…

P: Percebo, a responsabilidade é muito complicada. Estamos estado a assistir, há dois anos para cá, uma explosão chamada empreendedorismo, agora a propósito disso que me está a falar. Tem ideia, para si, do que é o empreendedorismo?

R: Ser um empreendedor é realmente inovar, não quer dizer que seja só criar negócios, mas desenvolver negócios que permitam criar um negócio que permita trazer uma mais-valia para uma empresa, ou para o concelho e trazer algo diferente daquilo que possa existir. Empreender, ser um empreendedor, é inovar, é criar algo de diferente daquilo que existe. Isso é a base de um empreendedor.

P: E acha que, pensando nestas questões que me está a dizer, bastante pertinentes e bastante transversais àquilo que também tenho recolhido de outros lados, acha que as empresas, e a nível do tecido empresarial daqui, têm alguma responsabilidade para com a formação destes jovens?

R: Não, eu acho que as empresas participam pouco na…

P: Participam pouco mas deviam participar mais ou acha que não?

R: Acho que tinham condições para participar um bocadinho melhor… Melhor não, poderiam participar mais. Agora é assim: muitas vezes as empresas, eu penso que não participam mais porque também estão

envolvidas nos problemas que surgem no dia-a-dia e às vezes estar a meter alguém, mais que não seja para fazer um estágio ou para tentar dar alguma formação à pessoa, talvez haja alguma falta de cultura dos empresários nesse sentido.

P: Como é que se podem formar ou ajudar a nível de formação dos empresários daqui? Porque, por exemplo, nós a nível de grandes cidades conseguimos ver, as pessoas procuram, os empresários fazem formação em empreendedorismo, não se importam de ir e às vezes até pagam fortunas. Aqui, eu tenho aquela sensação que é muito complicado chegar lá e se calhar nem é o seu caso, estou a falar de uma forma global…

R: Acontece que hoje em dia, a pressão dos problemas que existem todos os dias, dos problemas que há para resolver, de situações que acontecem sistematicamente, inesperadas muitas vezes, e o *stress* que se vive no dia-a-dia, não permite também muitas vezes ao empresário disponibilizar algum tempo para fazer algumas acções de formação, para se actualizar inclusive. E portanto, eu acho que as pessoas muitas vezes hoje, com os problemas que têm, não têm tempo.

P: Mas aqui é extremamente complicado, e repare que eu falo de família, de casa.

R: Mas era importante que nós próprios, empresários, muitas vezes, porque há muitas acções de formação, a todos os níveis e eu falo também um bocadinho por mim.

P: Porque, por exemplo, esta questão de responsabilidade social é uma das coisas que está agora na guerra. Está para sair uma certificação que está relacionada com a responsabilidade que as empresas têm para com os funcionários, o local e depois aquilo que quiserem a nível global. Porque há aquela ideia que responsabilidade social é pegar em uma percentagem dos lucros e mandar para Angola, ou coisa assim. E às vezes temos a responsabilidade mesmo ao pé de nós, e é nesse sentido que parece que é difícil a informação chegar cá a nível de interior.

R: Não, eu acho que nós mesmo assim, já recebemos muita informação. Há é, efectivamente, alguma indisponibilidade dos funcionários para, face também aos problemas que tem, porque hoje em dia, há dez anos atrás, as coisas acabavam por ser mais fáceis de resolver e não havia tantos problemas. Mas o mundo está a mudar tão rápido e tão depressa que às vezes não há tempo para resolver problemas que surgem, que solucionar às vezes mais depressa do que seria desejável.

P: Duas perguntas para fecharmos, e eu agradeço-lhe já, que é: os jovens participam de forma cívica, de forma associativa e voluntaria, ou não? Qual é que é a sua perspectiva sobre isso?

R: De forma voluntária?

P: Os nossos jovens fazem voluntariado?

R: Não, penso que não fazem muito.

P: Tem ideia do porquê?

R: Há pouco já lhe tentei dizer: eu acho que hoje em dia os jovens... É assim: eu também não sou velho, mas no meu tempo, a forma… Quer dizer, eu hoje acho que há alguma falta sim, mesmo em relação ao civismo dos jovens de hoje em dia.

Anexo 24 – Transcrição da entrevista de grupo a três jovens do Concelho de Oliveira do Hospital

Pergunta: O que eu vos queria começar por perguntar era como é que vocês vêm os jovens de Oliveira de Hospital. Os vossos colegas, a malta mais nova, a malta mais velha, de uma forma global, três ou quatro características boas e más. Quem quer começar?

Resposta Entrevistado 1: Eu não me importo de começar já. Queria dizer que principalmente por causa do ensino actual estão cada vez mais pré-formatados e pouco empreendedores. Ou seja, fica-se muito pelo falar e pelo nada fazer. Isso acontece muito e eu vejo muito até em colegas meus que acabaram por ficar limitados ou seja, estagnados. Não pensam que o céu é o limite. Não sabem pensar fora da caixa e vejo em muitos colegas que até têm posses económicas e querem abrir alguma coisa. Eles até fazem, agora se eles gostam de vender borboletas, eles vão abrir uma loja de borboletas mas não sabem aplicar isso ao contexto, ao mercado onde estamos inseridos, ou seja: Se por acaso vender anilhas desse mais dinheiro, para eles não interessa. Fazem aquilo que eles acham que está correcto, não estando assim a ser empreendedores, não estão a aplicar as coisas segundo os conhecimentos que ganharam, limitam-se só àquilo não aprendem além daquilo que deviam aprender e não aplicam as coisas. Eu vejo que as pessoas estão a ficar muito presas. Eu estive há pouco tempo num programa de consultoria que fizemos em Pedrógão Grande e estudámos aqui a zona de Oliveira. Oliveira não tem a maior taxa de desemprego do concelho mas o ano passado foi onde se verificou a maior taxa de aumento de desemprego do concelho, e isto assusta os jovens. As pessoas estão a ganhar medo de investir e estão a perder a vontade e depois isto vem muito atrás do que eu estava a falar no início: Eles estão muito limitados. Não querem sair além dos limites, construir coisas novas. E isso está a prejudicar esta terra. O que eu acho é que temos quatro ou cinco pessoas que criticam e que apesar de terem opiniões completamente diferentes, ao menos fazem alguma coisa. E aqui, fala-se muito e pouco se faz.

P: E porque achas que pouco se faz? Achas que os jovens têm noção da taxa de desemprego daqui?

R1: Eu acho que não. Eles podem ter a noção mas acham que é a crise e que é a nível nacional e que não há nada a fazer. E cada vez mais vejo pessoas a dizerem que o bom é ir para fora. Se queremos ser alguém na vida temos de ir lá para fora. Mas esquecem-se que para ser alguém na vida, têm de ser bons naquilo que fazem e não treinam. Não fazem nada. Limitam-se àquilo que aprenderam e pouco mais. Não saem fora do quadrado.

P: Vocês concordam?

Resposta Entrevistado 2: Eu concordo. Acho que realmente falta empreendorismo. Acho que as pessoas optam muito por um caminho de facilidade. Ficam na zona de conforto. Não arriscam para além disso. Por exemplo, vão tirar um curso mesmo que seja para fora. Muitas dessas pessoas estão à espera de conseguir ter emprego logo nos dois anos a seguir. E nem sequer põem a hipótese de que se não conseguirem emprego devem apostar numa ideia própria, num modelo de negócio. Isso é um bocadinho preocupante. No entanto também há pontos positivos sobre a população mais jovem aqui em Oliveira. Uma coisa que eu acho que acontece mais aqui que em outros lados, é que existe alguma união entre os grupos de amigos.

P: Achas?

R2: Falo por mim, falo da minha experiência, pois não conheço toda a gente.

P: Sim, mas há união entre grupo? Ou entre grupos?

R2: Entre grupo. Entre grupos até acho que não, que devia haver mais. Acho que Oliveira é um sítio tão pequeno e acho que os grupos se isolam demasiado.

R1: Às vezes até acontece o oposto. Tornam-se restritos. Não dão oportunidade a novas opiniões ou a novas pessoas.

R2: Exactamente, e isso também é prejudicial, pois acabam os grupos por ficar fechados. Para quem não vai para fora ainda é pior, pois os grupos acabam por ficar fechados naquele tipo de ideias. Até a nível de saídas e de actividades que praticam que acabam por criar uma rotina. Isto é uma coisa que acontece muito aqui. Primeiro pela falta de variedade de opções, mas também porque as pessoas têm tendência a facilitar e a começar a entrar naquele esquema habitual.

Resposta Entrevistado 3: Eu até acho que a questão dos grupos de separarem e de se unirem dentro de si, tem também a ver com a variedade de oportunidades que a cidade tem para oferecer. Sendo que são coisas muito restritas, não há assim um grande leque de oportunidades. Quem gosta de uma coisa junta-se nessa coisa e fica-se por aí. Quem gosta de outra, junta-se nessa e fica por aí. Não está aberto nem receptivo para ver que não há só uma coisa no concelho ou na cidade. Existem várias. Se uma pessoa souber aproveitar, até vão havendo algumas coisas, mas a maior parte das vezes está no seu grupinho num bar, num café, a falar das suas coisas, nem sequer vêm que lá fora há um mundo, onde se pode conviver com novas pessoas, tirar novas ideias e novas perspectivas. Eu vejo por mim, que eu tenho vários interesses e em Oliveira até consigo satisfazer alguns desses interesses e convivo com vários tipos de pessoas, e vejo que essas pessoas relacionarem-se. Por exemplo: " Não conheces aquele?" e a pessoa responde: "Ah, não, nunca falei com ele, acho que é assim um bocado coiso…" e eu respondo: "Mas como é que achas isso se sem sequer o conheces?" e a pessoa: "Ahh pois e tal…". É assim um bocado aquela conversa da treta que uma pessoa não pode fazer nada. É opinião é opinião. Uma pessoa também pode sensibilizar a pouco e pouco para ver se começa a abrir a mente, e acho que isso como é ideia, começa com as pessoas mais jovens. Essa tal faixa etária dos 12 aos 18 que é quando se começa a definir mais a sério a personalidade que a pessoa vai levar para a vida e para o mercado de trabalho, que neste caso é o que estamos a tratar. Sim, e nem tem a ver as vezes tanto com as oportunidades mas com a forma como se despoletam e se potenciam essas oportunidades que a cidade tem para oferecer. Eu acho que é mais por aí.

P: Que oportunidades é que a cidade tem para oferecer aos jovens?

R3: Por exemplo, a nível de música há imensas oportunidades. Desporto, também toda a gente tem oportunidade de praticar vários tipos de desportos: Temos hóquei, futebol, basquetebol, natação, ginásio para quem gosta e já tivemos também luta livre ou karaté. Mais que isso também não há.

P: Pegando na parte dos desportos. As oportunidades são para todos?
R3: Isso do desporto também não é assim tão directo porque normalmente aqueles que têm mais genica ou mais jeito são aproveitados e os outros se calhar são um bocado postos de parte. Se calhar dentro até desse meio, acabam por ser postos um pouco de parte por causa dos colegas, não tanto pelos directores e treinadores mas por parte dos colegas.

P: Eu estava a pensar por exemplo no desporto para raparigas. Não é que eu ache que os outros sejam só para rapazes. Que tipo de desporto e que oportunidades é que há? Quando eu vejo desportos aqui organizados (fora o ginásio em que toda a gente pode inscrever-se), não há equipas de raparigas.

R2: Temos hóquei feminino e por exemplo em Coimbra, que eu saiba, não há hóquei feminino. Isto é muito curioso e de certeza que haverá por lá pessoas interessadas.

P: Mais oportunidades, temos o desporto mais colectivamente organizado, não é?

R1: Na área do audiovisual ou até de marketing, comunicação, recursos humanos não vejo assim grande coisa e isso é muito fácil de cativar. Primeiro porque são palavras que hoje em dia estão na moda. Mas é muito giro que toda a gente fala disso, mas nem todos sabem o que é. E porque não *workshops* e coisas que sejam palpáveis? Para que as pessoas que querem aquilo, acabem por comparecer e por lá ir. Nós temos inúmeros espaços em Oliveira que acho que podiam ser melhor aproveitados para isso.

P: Mas aí estamos a falar de *workshops* mais transversais para todas as faixas etárias ou para a malta mais nova?

R1: Depende, isso depois pode ser também dentro do público que queremos alcançar. Terá de ser feito e pensado dessa forma. Tanto poderá ser para o senhor de 50 anos, como para os jovens. Neste caso

pensado em jovens acho que seria mais adequado, até porque os adultos de Oliveira é aquilo e é aquilo mesmo e não há mesmo mais nada a fazer. É uma mentalidade fechadíssima.

P: Entrevistado 2, oportunidades em Oliveira, tu que és a cara pública dos eventos?

R1: É um exemplo de um bom empreendedor. Está muito activo e aos olhos de toda a gente é uma pessoa que sabe aproveitar as oportunidades e veio de fora, embora seja de cá.

R2: Concordo com as oportunidades do desporto mas concordo também que faltam oportunidades para as raparigas. Já houve também futsal feminino e acabou por fechar e é pena. Há outras coisas que podia haver e não há a não ser no ginásio mas acaba por ser uma oferta um bocado dispendiosa. Mas dança, por exemplo. Há várias coisas que falham. Concordo também que ao nível da comunicação Oliveira está bastante atrasada.

R1: Temos a Rádio Boa Nova que até tem estado a dar oportunidades daquilo que eu sei por alto, procuram puxar pelas pessoas. Nesse sentido, ok, estão bem, mas que se podiam expandir mais, não é só Oliveira, pois temos algumas freguesias pequeninas à volta com pessoas que podem ter grandes mentes, podiam até dar para a Rádio ou ter o gosto, mas que no fundo não vêm hipóteses de explorar as suas capacidades. Ou seja, mais uma vez não vão além do limite.

R2: Em relação à Rádio Boa Nova, acho que têm sido dados alguns passos importantes no sentido do acolhimento de novos colaboradores jovens, mas acho que há outros passos que continuam por dar.

P: Por exemplo?

R2: Acho que a programação está completamente desadequada à população em que se insere. Acho que isto acontece também com a imprensa escrita, onde os jornais estão muito longe da vida das pessoas: noticiam política, noticiam economia, metem lá duas ou três pessoas a dar opinião mas não conseguem descer à rua e perceber as coisas que se passam junto das pessoas e acompanhar essas histórias.

P: Que histórias?

R2: Por exemplo, histórias de vida. Há histórias para contar. Histórias de empreendorismo, pessoas que foram para o estrangeiro e depois voltaram e fizeram cá o seu negócio; pessoas que foram para fora estudar e acabaram por criar oportunidades noutros lados e que gostariam de voltar mas não conseguem. Eu também acho que Oliveira é um bocadinho, às vezes complicada, para acolher as ideias novas que vêm de fora. Tu podes muito bem reconhecer isso, pelo menos do que tu me contaste, para falar do plano educativo nem sequer te deixaram gravar naquela altura por exemplo. Esse tipo de coisas que podia fazer com que a comunicação funcionasse como impulsionadora dos bons exemplos, e mesmo a comunicação em Oliveira, como dizia o Entrevistado 1, não sai da caixa. A comunicação em Oliveira está reduzida a formatos habituais, a conteúdos habituais e não aproveita o papel que podia ter como impulsionador. A nível cultural, acho que a oferta tem defeitos. Não é muito má, podia ser muito pior mas tem defeitos. Ou acontece como vai acontecer este fim-de-semana, em que a oferta é excessivamente popular, e que realmente é uma oferta que não traz nada de novo a nível cultural para a população, ou então a oferta é demasiado especializada ou demasiado restrita e também não chama a atenção do público. O que se passa é: ou reduzimos o público ao pior que há, ao denominador mínimo comum, que é o mais baixo, ou então faz-se uma oferta excessivamente especializada ou excessivamente alternativa e isso acaba por afastar também público.

P: Mas nós também temos imensa adesão a este populismo.

R2: Exactamente, mas também se calhar fazia parte do trabalho dos agentes locais, e aqui não faço só dos agentes de câmara municipal, falo de toda a gente. Porque é que não há promoção cultural por parte de outras associações em Oliveira do Hospital; porque é que os jovens, já que criticam, não fazem eles também tentativas de oferta cultural diferenciada? O que acontece é que realmente ou é 8 ou 80, e não há uma tentativa pedagógica de mostrar novas criações no âmbito cultural ao público. Fica-se aqui. Há depois também outros defeitos relacionados com a comunicação que é a má divulgação. Às vezes há iniciativas que são mal divulgadas, são divulgadas com pouca antecedência, e quando são divulgadas são divulgadas de forma pouco apelativa ou desajustada.

P: Duas coisas: Porque será que isto acontece? Porque é que nós temos um défice de comunicação. Nós estamos aqui constatar isso, e tenho a certeza que é opinião de muita gente. Porquê que isto se mantêm.

R1: Eu quanto a isso, tenho uma teoria que é muito má. É muito má e vai de encontro com dois assuntos que é: a nossa sociedade é paranóica. Cada vez mais paranóica pois as pessoas só aquilo que fazem é que é bom. E também a paranóia de não aceitar críticas. Ainda para mais, não aceita novas ideias. Uma coisa diferente que nós possamos propor a alguém para fazer, raramente será bem aceite. Isto porquê? Porque não veio de mim. Se a ideia vem de uma proposta, eu à partida já não gosto dela. Só se houver muito lucro por trás, ou uma coisa que me possa interessar muito. Como as pessoas são fechadas, muito por causa de toda essa paranóia, o meu é bom, e os dos outros não interessa e não aceito críticas. Se eu sei que estou a fazer bem, tendo lucros ou não, tendo ou não adesão, como eu faço é que é bem feito, ponto final. Além disso, temos a pré-formatação e o grande erro da educação global. Isto não é só em Oliveira é em todo o lado. Não sei se sabes mas eu estou a dar aulas. Nós estamos a aplicar um método canadiano, muito aplicado no Canadá. As escolas do Canadá têm tido muito sucesso e são muito bem conceituadas. Eu tive uma reunião na quinta-feira (eu já me vou fazer entender), e desatei a rir na cara de uma colega minha (ela levou a mal, pois foi a primeira reunião que eu tive com ela, ela nem sequer me conhecia e até lhe pedi desculpa depois, pois ela não gostou), porque é o «bananismo». Nós damos aulas em auditório. Estamos a dar aulas ao curso de comunicação e somos quatro no total. Eu da vertente da audiovisual mais inclinada para o vídeo, temos um professor de marketing, um professor de publicidade e um mais inclinado para a fotografia e edição de imagem. Nós juntámos os três anos num auditório. O professor de Marketing é presidente da FORDOC, uma pessoa altamente criativa, de ideias completamente alucinadas. Mas o que é engraçado é que tu dizes: "Dá-me uma ideia brutal, e ele inventa a ideia." Ele cria coisas novas. E as pessoas procuram por ele e pagam para ele dar essas ideias novas e a verdade é que há uma série de componentes que ele já teve até algum sucesso dentro disso. O que é que acontece, nós estamos desformatar a formatação que as pessoas têm tido na escola. Essa professora queixou-se que os alunos não têm postura na sala de aula, que se portam muito mal, que fazem muito barulho, que têm a mania de puxar a cadeira para trás e ficar a balouçar, etc. Enfim, o típico «bananismo». Ela farta-se de criticar isto. Criticou isto a criticar-nos a nós, porque nós estamo-nos bem a «lixar» se o miúdo está a fazer o pino. A verdade é que ele pode estar a fazer o pino, pode estar em pé, pode estar a fazer o que ele quiser. Eu sei que ele no final daqueles noventa minutos ele percebeu aquilo que eu lhe ensinei. Ou seja, demos-lhe liberdade. Pomos o aluno à vontade. À partida se ele está à vontade, está mais disposto a aprender e a evoluir. E hoje em dia o ensino, não mete o aluno à vontade. Essa professora criticou que os rapazinhos se portam mal e não aprendem nada, porque ela os obriga a estarem ali sentadinhos assim, e eles à partida estão limitados. Eles são jovens adolescentes, eles têm de estar livres, e dentro disso ela terá de ter mãos ou não para os ensinar a controlar bem. De certeza que num auditório há um ou outro que se está a portar mal ou que não está atento. Mas isso é tudo controlado. Agora a educação é muito limitada. O ensino profissional começa a fugir um bocado. O ensino superior claro. A verdade é que há um lema muito conhecido na criatividade que é: Nós somos muito criativos até aos 7 anos.

P: Isso é até entrares para a escola.

R1: Por acaso é. Isto porquê? Nós chegamos ao nosso primeiro e segundo ano.

R2: Se calhar não é por acaso…

R1: Não é por acaso e verdade é essa e é por isso que estão a tentar inverter e no Canadá isso acontece muito. A situação do à vontade.

P: Depois se quiseres posso partilhar contigo um aparte: Isso é pedagogia. O que tu te referes é pedagogia e existem imensas coisas sobre isso. Eu posso-te mandar. Nós temos uma coisa muito interessante que é o Movimento da Escola Moderna. Não precisas de ir tão longe, nós temos n exemplos inovadores em Portugal, que são inovadores há 40 anos! Nenhum exemplo pode ser inovador há 40 anos, não é? Mas é por aí sim…

R2: Deixa-me só avançar para este pequeno pormenor que é um exemplo muito simples: Uma criança fez uma galinha verde e a professora castigou-a porque as galinhas não são verdes. Isto já é um erro enorme. Já está a bloquear o pensamento além e o desenvolvimento da pessoa e então a rapariga vai estar pré-formatada para fazer as coisas como elas são. Ou seja, ela terá de fazer a galinha castanha. Isso aí começa-se a reflectir agora. A sorte é que temos pequenos autodidactas e pequenos empreendedores e

pessoas que gostam de ir além, mas são muito poucos, e aqui estão alguns exemplos disso pelo que eu vejo. Há outros em Oliveira, há muitos mais em Coimbra (conheço mais aquele pessoal de lá). Mas aqui há muitos exemplos disso. São as pessoas que não se deixaram pré-formatar. Tudo bem que podem ter aquela postura correcta na aula como lhes é pedido, mas lá fora em casa, com os amigos procuraram sempre ir além do limite. Eu quando ir além do limite eu sei que estou a falar de um assunto que é muito vasto e não estou a ser muito específico, mas acho que me estou a fazer entender.

P: Sim, claro.

R2: Portanto, eu acho que o grande erro vem das bases. E, hoje em dia, as bases do nosso desenvolvimento estão na escola. Não é só em casa, não é só os pais mas sim essencialmente nas escolas. Os miúdos passam muito tempo nas escolas. Muito mais do que passam em casa com os pais. E é isso que está a bloquear muita coisa.

R3: Com ou sem o aumento da carga horária nas escolas a verdade é que eles passam lá muito tempo. A fazer alguma coisa ou a não fazer nada, passam.

R1: Eu acho que, em vez de terem uma área de integração onde as pessoas estão a aprender o que é que é o meio social, podiam ter uma cadeira sobre empreendorismo, ou sobre mercado.

R2: Tanto que até nessa área do empreendorismo, até ao ano passado no 12º ano, havia área de projecto. E uma das coisas que eu no meu caso explorei, foi a área do empreendorismo. Para mim, foi bastante útil. Se calhar eu não era assim tão empreendedor quanto isso. Ou até era, mas não fazia grandes coisas mas, acabou por despertar.

R1: E a verdade é que isso se vai reflectir daqui a uns anos, no teu futuro, vai-se reflectir de certeza absoluta, porque a meu ver, só esses é que se safam, hoje em dia.

P: Duas coisas, aliás três coisas. A primeira, estamos a dar ênfase ao impacto da escola na vida. Estamos a atribuir alguma culpa à forma como as aulas são dadas e à escola. Estamos todos de acordo.

R1: Concordo mas acho que não é só a escola. Acho que a própria sociedade, ela própria reproduz, esta coisa de se ter de estar contido. Ou seja, para além de nas escolas se obrigar as pessoas a uma postura rígida, depois a própria sociedade incute modelos sociais rígidos, e até diria mais: Isto é um problema que até é um bocadinho além disto. É um problema também social a outro nível de que a nível de classe económica se está a caminhar para uma sociedade de castas, ou seja, é favorável a quem pode e a quem manda e as pessoas que não têm posses continuem certinhas no seu lugar e não arrisquem e se mantenham ao longo de toda a vida no mesmo sítio.

P: Continuamos a alimentar isso?

R1: Eu acho que sim. Aliás, acho que cada vez mais, e é muito preocupante. Acho que nós também devemos fazer o nosso papel em trazer novas ideias, em alertar para isto e a espicaçar um bocadito os nossos colegas e até as pessoas que conhecemos a sair um bocado disto. Voltando à pergunta que tinhas colocado inicialmente: Porquê que a comunicação falha em Oliveira? Falha por isto. Falha porque falta arrojo. A comunicação deve ser uma coisa criativa, que chame a atenção às pessoas e isso falta. Falta um bocadinho de profissionais qualificados.

P: Em Oliveira?

R1: Sim, porque as pessoas dessa área que se forma fora de Oliveira raramente voltam para trabalhar cá porque o mercado é muito reduzido, é pouco atractivo, e não há pessoas empregadores dispostos a aceitar este tipo de trabalho. Para iniciar uma nova ideia de negócio em Oliveira do Hospital é difícil. É bastante difícil. Estou a pensar nisso, por exemplo, estou a tentar fazer uma coisa, mas é complicado porque a população que tu alcanças é realmente muito reduzida e é difícil partir do interior para o resto do país tendo em conta as dificuldades de vias de comunicação que nós temos.

P: Que dificuldades de vias de comunicação é que nós aqui temos?

R1: A distância em relação aos grandes centros urbanos. Mesmo relativamente à capital de distrito. São 45 minutos mas podiam ser menos caso a estrada tivesse completa. Era importante que o poder central ajudasse para que todo o país se desenvolvesse de forma harmoniosa e não acentuar este desequilíbrio em que o litoral vai continuar sempre à frente e o interior vai continuar sempre atrás. E parece-me a mim que muitas vezes até lhes convém isso também a nível de voto. Porque uma população pouco desenvolvida vai continuar a votar nos mesmos sem ter grande noção daquilo que eles fazem. E acho que o próprio poder compactua com esta falta de desenvolvimento.

P: Quase de forma não consciente, não é?

R1: Quase de forma não consciente, sim. Eu não acredito que haja um plano maquiavélico. Mas acho que quase de forma não consciente se mantém este tipo de coisas. Agora voltando à pergunta que fizeste. Faltam vias de comunicação. Ou seja, há uma grande distância entre Oliveira do Hospital e o resto do país. E depois, não estão também a ser usadas as vias online de forma mais eficiente. Isso também é um problema de comunicação.

P: Exactamente.

R1: Ou seja, há aqui uma data de problemas que eles acabam por ter de se resolver em conjunto, se não cria-se o tal ciclo negativo: As pessoas têm de estar abertas a novas experiências para comunicarem da melhor maneira e não terem medo de comunicar. Uma das coisas que eu dizia em relação às apresentações em público é que muitas vezes o orador é demasiado institucional, ou seja: Não arrisca. Tem muito medo de fazer figura de parvo. Eu acho que se tem de ter menos medo de se fazer figura de parvos. Ou seja, temos de fazer umas apostas erradas no caminho para depois acertar. Essa falta de coragem acaba por toldar um bocado todo o desenvolvimento. E depois voltamos ao problema circular.

P: Outra questão. Temos estado aqui a passar de forma escondida, mas já falámos todos em empreendorismo. O que ser empreendedor?

R3: Ser empreendedor em primeira instância é ser criativo. É a primeira coisa que é necessária para ser empreendedor. Depois é ser persistente, não desistir á primeira falha, ou há primeira queda. Depois é sabermo-nos munir daquilo que precisamos para resolver a nossa ideia. Ou seja, antes de podermos resolver alguma coisa temos de pesquisar, estar no meio e ver o que é necessário. A planificação é essencial para a vida. Então muito mais para um projecto a que nível seja. É necessário também ter espírito de trabalho e espírito de sacrifício.

R1: Autodidacta.

R3: Exactamente. E acho que sozinhos nunca fazemos nada. Portanto temos de arranjar sempre alguém que partilhe as mesmas ideias de nós, às vezes até discordando dessas mesmas ideias nos possa complementar aquilo que para nós está correcto. Porque tal como já foi dito aqui, às vezes nós pensamos um bocado que a nossa ideia está correcta e que as vezes inconscientemente dizemos: Epa isto está bom, não vou melhorar. Depois vem outra pessoa e diz: Então porque é que não faz isto assim? Muitas vezes as pessoas pensam: Há não, isso não se faz. Mas se uma pessoa começar a abrir os horizontes, até pensa: Se calhar até está bem feito assim. Se calhar este pormenor está errado. Se calhar vou fazer isto de outra forma. Se calhar em vez de ser amarelo é azul. E acho que ser empreendedor é um bocado isso. Às vezes uma pessoa apesar de não ter as oportunidades criadas tem é de as criar para si, ou para os outros. Também depende daquilo que se quer fazer.

P: Ser empreendedor. É isto?

R2: Concordo que realmente é saber criar as suas próprias oportunidades. É saber ser autodidacta, e é saber estar disposto a acolher novas ideias. Acho que um empreendedor será uma pessoa que olha para as coisas que sabe fazer. Aposta nelas, aposta em melhorá-las, e em vez de estar á espera que os outros venham dar-lhe emprego por exemplo, ou que lhe venham dar formação, ou que os outros lhe abram a porta para que ele tenha oportunidades, ele próprio aproveitando as oportunidades que tem sai à procura, vai fazer um curso, vai fazer um *workshop*, vai tentar abrir um negócio. Às vezes o empreendorismo começa com projectos que nem são lucrativos. Começa por projectos de acção social. Projectos de cidadania pura e acho que o empreendedor deve ser isso. Podemos ir um bocadinho além e dizer que o empreendedor pode até ser um trabalhador por conta de outrem. Um empreendedor pode não apostar

numa empresa, num modelo de negócio lucrativo, mas pode ser alguém que dá algo à sociedade. O empreendedor é alguém que põe as suas capacidades ao serviço dos outros e de si mesmo. Fazer projectos interessantes dá realização pessoal. É divertido e interessante. Eu acho que é isso o empreendedor. Não tenho uma noção muito esquematizada do que é ser empreendedor, mas acho que se baseia nestes vectores.

P: Entrevistado 1, empreendedor é isto? Ou é mais.

R1: Eu além disso, estou inserido num projecto na escola de empreendorismo da FORDOC, e a verdade é que eu confesso, estava aqui a pensar que nós temos os dez mandamentos do empreendorismo, e eu não me estou a recordar. Eu depois irei partilhar isso, deixem-me o vosso e-mail no final que eu envio-vos. Sei que ele falou na criatividade, e isso é extremamente importante, o ser o autodidacta. Mas havia um outro ponto que era extremamente importante e eu não me estou a conseguir recordar. Com certeza depois irei enviar isso. Mas a definição que estamos a dar, está mais do que correcta.

P: Isto porquê? Eu partilho. Aqui não tenho nada a opinar, mas partilho da vossa opinião. Mas porque todos nós, e isto é uma coisa que eu tenho percebido, pois já fiz as entrevistas quase todas e toda a gente acha que ser empreendedor, não tem de ser criar um negócio. Parte de nós próprios, e então eu lanço uma questão. Porque é que sempre que eu vejo uma placa a dizer "empreendorismo", vejo junto outra a dizer: "Cria a tua própria empresa"? O pouco que chegou de empreendorismo, está a chegar nesta linha. Nós temos um problema social e cultural. As pessoas têm medo de arriscar. As pessoas não arriscam, criticam. Têm esta quantidade de características boas que temos estado aqui a destacar, mas que infelizmente vão funcionando. Porque as coisas vão funcionando assim. E nós estamos a dizer ás pessoas: Vocês que estão aqui criem o vosso próprio negócio porque isso é que é ser empreendedor. Porque é que isto acontece? Estamos a ir no caminho certo?

R1: Se pensarmos a curto prazo sim, agora a longo prazo, não posso dizer que as coisas funcionem bem.

P: Eu não puxei este assunto em entrevista nenhuma. Mas a explosão nacional foi: Empreendedorismo. Cria a tua própria empresa. Nós somos todos muito bons a ter ideias, verdade. Mas concretizá-las é o passo a seguir. Eu fiz um curso sobre organização e gestão de Organizações sem fins lucrativos, e só me pediram as ideias no último dia. Eles dizem que há uma quantidade de competências antes de ter ideias que te fazem avançar e era isso que eu queria trazer para aqui. O que nos falta em Oliveira para não conseguirmos dar este salto. A solução passa por criar emprego? Por criar negócios? Porque negócios não criam emprego necessariamente, cria emprego para nós próprios no início. Gostava só de deixar a questão no ar.

R1: Eu acho que se pôs um bocado isso do "Cria a tua empresa", pela questão da falta de emprego.

P: Mas é um motivo certo?

R1: Não.

P: Era aí que eu queria chegar.

R1: Não, não é nada o motivo certo. Portugal é o terceiro país da união europeia com mais jovens empreendedores, no entanto é também o terceiro ou quarto país da união europeia, com maior taxa de desemprego.

R2: Em 2001 fomos considerados o país mais empreendedor a nível global.

R1: Pronto, eu estes dados não conheço.

P: Essa é uma boa questão. Somos tão empreendedores, mas depois…

R1: Lá está, mas empreendorismo, cria microempresas, com 2 ou 3 pessoas e isso acaba por não se traduzir em grandes números de emprego. E então eu acho que estamos a partir um bocado para um objectivo errado. O objectivo não deve ser só criar a própria empresa. O objectivo deve ser realmente criar coisas úteis. O empreendedor tem de ser capaz de realizar vários projectos. E um projecto não tem

de ser necessariamente uma empresa. Um projecto pode ser um conjunto de actividades. Pode ser até actividades realizadas para outra empresa. Pode ser a melhoria. Um empreendedor, pode ser alguém que oferece melhorias a empresas já existentes. Pode ser imensas coisas. Eu sinceramente nunca estudei muito o que é ser empreendedor.

R2: Desculpem interromper. Infelizmente, nós temos muitos empreendedores.

P: A minha questão é: Teremos mesmo empreendedores?

R2: Temos, mas são empreendedores que não têm todas as características de um verdadeiro empreendedor.

P: Então se calhar não temos empreendedores.

R2: Lá está, temos semi-empreendedores, ou pseudo-empreendedores. Ou pessoas que se assumem como empreendedores, porque está na moda, mas não são. Um empreendedor não pode ser aquela pessoa que vai vender abelhas porque gosta de vender abelhas, quando ninguém compra abelhas.

P: Mas na prática é o que temos assistido.

R2: Eu não vou abrir um restaurante com comidas salgadas que puxam muito a sede no meio do deserto. Com certeza abriria uma loja para vender águas. E a verdade é que eu iria ser empreendedor, mas a saber o que é que eu estou a fazer. As pessoas têm de ter uma noção de que aquilo que querem fazer tem de ter algum funcionamento e alguma lógica. E estas ideias e o ser criativo, envolve muita pancada, ser um bocado doido e pensar fora da caixa, mas tem de haver sempre algum nexo. E os empreendedores que temos não estão a aplicar as coisas pelo conceito certo. Eu também não sou a melhor pessoa para falar, porque eu ainda nem fiz nada. Não tenho nada palpável. Não posso mostrar nada em concreto que diga: É este o caminho. Porque a verdade é que há imensos caminhos a seguir.

R1: Eu acho é que a verdade, é que se pensou no empreendorismo como um meio para atingir um fim. Agora eu acho que o empreendorismo, pode ser o meio correcto para atingir esse fim (que é diminuir o desemprego), mas acho que não é o destino apropriado para o conceito global de empreendorismo. Porque ser empreendedor é mais do que dar emprego. Já foi dito aqui e não é preciso estar a repetir.

P: Pelo menos criar o nosso próprio emprego.

R1: Quanto muito criamos um *part-time*, um negociozito que dá para sustentar alguma coisa, ou não.

R2: Um empreendedor pode ser alguém que cria algo para a nossa sociedade. Neste caso nós podíamos ter aqui algum empreendedor que criasse os tais *workshops* que fazem falta.

P: Percebo. Isto porque nós somos mestres a criar ideias e a criar protótipos. É um facto. Mas depois também acho que temos uma liderança extrema em empresas que fecham sem sucesso.

R3: Quando eu digo e brinco com o vender abelhas, isso acontece muito. Houve um dado, que não sei se estou errado, mas penso que era de cerca de 16 empresas que fechavam por dia em Portugal. No entanto abrem mais não sei quantas.

P: E continuamos a incentivar em abrir.

R3: A questão é que as pessoas que abrem, ficam endividadas e deixam outras pessoas endividadas e torna-se um ciclo vicioso.

P: Eu aqui no concelho conheço três ou quatro casos de malta nova que se enterrou de uma forma assustadora e continuam a pagar, e tiveram de emigrar. Por isso é que eu me questiono: Os nossos jovens são empreendedores?

R1: Alguns. Mas se calhar não são os empreendedores correctos. E acho que transpondo isso para o teu objectivo final, que é a faixa dos 12 aos 18, sim, efectivamente devia e podia-se fazer coisas direccionadas para essa faixa etária.

R2: Para incentivar e divulgar dentro disso, como se falou há pouco da divulgação.

R1: Portanto isso tem tudo a ver com a escola, com a comunicação social, com o bom empreendedor, não com o sentido de criar um emprego mas com o sentido de criar oportunidades e proporcionar um futuro melhor, ou um relacionamento melhor com a sociedade em geral e com as pessoas da sua faixa etária nessa idade que é tão ingrata. A chamada fase do armário, começa por volta dos 13, 14 anos e as pessoas fecham-se em si, ou porque gostam de uma música e depois começam a ouvir aquilo e vão para um determinado estilo. Depois há aqueles grupinhos que se fazem dos betos, dos *punks*, dos rastafáris, essas coisas todas. E se calhar uma coisa mais aberta e geral para toda a gente, acho que era útil. Por exemplo, agora estou-me a lembrar de uma coisa que vai ter com a parte da cultura, que é a questão do teatro e cinema. Em Oliveira do Hospital, os filmes chegam com 1 mês de atraso ou duas semanas de atraso, como é que é possível? E as pessoas não vão ao cinema porquê? Porque já viram o filme, porque é que vão pagar 2 ou 3 euros para ir ver um filme que já vi?

P: Se calhar a solução passava por não passarem os filmes todos e passarem só alguns.

R2: A verdade é que fica mais barato tê-los cá depois e acaba por compensar. As pessoas de cá, mesmo que tenham a estreia na mesma altura que haja em Coimbra, as pessoas acabam por não ir e acabava por provocar despesa.

P: Não sei. Por acaso tenho algumas dúvidas em relação a isso. Se as estreias fossem na mesma altura.

R3: Há aqui uma coisa que nós não podemos esquecer que é: Neste caso a culpa não é nossa. Há um número de fitas para todo país. E às distribuidoras de cinema, não lhes convém distribuir primeiro aqui, porque é um público mais reduzido. Passará primeiro por quase todas as salas de cinema que têm mais público disponível antes de vir para cá. O atraso nem é de duas semanas ou um mês. O atraso é de dois a três meses. Depois é assim, há filmes que chegam cá antes deste prazo, mas os filmes que chegam cá antes, são os que venderam menos.

P: Percebo. Isso é uma boa explicação, e é uma boa coisa para ser divulgada.

R1: O cinema também está a perder muita força. Isto é a pura da verdade.

P: E os nossos jovens aqui iriam ao cinema? Vão ao teatro?

R3: O mal é o teatro. Teatro. O que é que há de teatro? Eu lembro-me que sempre que há peças das escolas, aquilo está sempre cheio. A nossa casa da cultura enche sempre para ver as crianças. Até pode ser a peça mais parva que existe.

P: Mas há teatro às vezes, não há?

R3: Há. E o teatro até é uma aposta bem sucedida. Não há com a periodicidade por exemplo do cinema.

P: E vocês noção da adesão do Teatro?

R3: Tenho mais ou menos.

P: E os jovens? Aderem, ou é um público já mais velho?

R3: Aderem. Acho que se fossemos a analisar por faixa etária, aderem menos do que os outros.

R2: Eu culpo a divulgação, porque por exemplo gosto e nem sequer sabia que existia. Tudo bem que também pode ser culpa minha, de eu não estar cá tanto tempo, pois durante a semana não estou cá.

R1: Sim, mas divulgação, lá está, a divulgação não é apelativa. Eu enquanto jovem, não tenho grande vontade de ir ao teatro oferecido pela câmara.

P: Eu nunca fui.

R1: Eu já fui, mas não tenho grande vontade, não me motiva muito a ir. A oferta cultural em Oliveira é na sexta, sábado e domingo. Basicamente, estamos a fazer uma oferta cultural para quem vem de fora, pois quem é residente cá, durante o resto da semana, se houver um dia qualquer que lhe apeteça sair para ir ver ou fazer qualquer coisa, não tem.

P: E isso seria uma boa opção? Ser durante a semana?

R1: Já se testaram algumas coisas durante a semana.

P: E funcionou?

R1: Umas sim, outras não.

P: O que funciona?

R1: As peças de teatro gratuitas funcionam. Os ciclos de cinema que se têm de feito dos grandes mestres do cinema não funcionaram. Mas lá está, é uma oferta mais específica, mais especializada e não é uma oferta a nível comercial tão atractiva. Apesar dos bilhetes serem gratuitos em ambos os casos.

P: Trazer um outro assunto que também já se falou: Focando mais os jovens, embora tenho impacto também nos mais velhos claro, como é o associativismo? Duas coisas: por um lado, os jovens participam no associativismo? E por outro: Oliveira tem associativismo? Eu tenho estado a começar a introduzir questionários, e o que os miúdos me dizem é: "Associativismo. Há associativismo?" Ou então alguns dizem: "Não se proporcionou".

R1: Há associativismo e associativismo. Em Oliveira há associativismo nas aldeias. Sociedades recreativas. Associações desportivas.

P: E os jovens participam?

R1: Do conhecimento que eu tenho participam. Não participam largamente, nem é a primeira actividade deles, mas participam. Até porque em terras pequenas eles são por vezes obrigados a participar, porque já não há mais ninguém que participe. Eu conheço alguns casos de associativismo, pois como fui trabalhando este verão nos eventos, acabei por dar a volta ao concelho e saber o que é que se passa. Em Aldeia de Nogueira por exemplo a liga de melhoramentos é toda baseada em jovens. Por exemplo em Penalva de Alva a sociedade recreativa tem falta de jovens. Às vezes cabe também às próprias associações garantirem forma de que os jovens venham até si. Estarem disponíveis iniciativas um bocado diferentes do que só a festa de Verão. E isso é algo que também as associações devem proporcionar para que os jovens possam também participar nelas. Depois há o associativismo das associações de estudantes que é um bocadinho diferente deste associativismo recreativo. Os jovens entram nas associações de estudantes, no entanto há uma franja desses jovens que entram na associação de estudantes que não entram pelos melhores motivos. Entra à procura, por exemplo, de um futuro lugar político.

P: Nas associações de estudantes? Que assustador…

R2: Eu ainda noto mais, noto por exemplo em relação ao poder que ganham por estarem na associação de estudantes.

R1: Também acontece muito.

P: Quais são as razões erradas e quais as razões certas. Porque é para aí que vamos para as competências depois.

R1: As razões erradas são: tentar entrar no associativismo para obter poder ou lucros próprios. Associativismo é uma sociedade não lucrativa. E se for lucrativa, deve reverter para a própria associação e não para quem trabalha nela. Porque associativismo, é um trabalho voluntário. É negativo entrar no associativismo para investir em si próprio. As actividades do associativismo devem ser feitas para os outros. Mas eu consigo dar melhores boas razões para entrar no associativismo do que más.

P: Então vá, boas razões?

R1: Trabalhar para os outros. Desenvolver actividades interessantes. Uma associação de estudantes consegue desenvolver actividades mais interessantes que as outras associações porque não tem aquelas restrições que falámos há pouco. Numa associação de estudantes existem muito menos. O público juvenil é muito mais aberto a experiências diferentes.

R2: Apesar de por vezes haver um controlo ou outro, pelas entidades escolares.

R1: Sim, claro, isso é verdade. Mais boas razões para entrar no associativismo: trabalhar em equipa; a motivação que é conseguir por coisas a acontecer.

P: Estamos a falar de competências pessoais e sociais. Serão competências cívicas?

R3: Cada vez mais são competências cívicas. Cada vez que um jovem liga a televisão vê: Crise ali, crise acolá e se calhar às vezes não é uma questão de resolver a crise, é uma questão de pensar no futuro.

P: Porque é que os jovens não aderem a isso?

R3: Porque não estão para se chatear.

P: E porquê?

R3: Porque os jovens de hoje em dia, não vou estar a falar por mim mas sei que há muitos casos assim, querem tão mais estar em casa a jogar computador e os outros que façam. Os outros é que já têm mais de 18 anos, os outros que façam, porque é que eu estou para me chatear?

P: Concordamos?

R1: Concordo que as pessoas não estão para se chatear. Concordo que há muita gente que não participa no associativismo por egoísmo. E depois muitas vezes são os mais egoístas que acabam por criticar o trabalho de uma associação de estudantes, por exemplo. Falo da associação de estudantes porque é um trabalho que conheço. Agora, as pessoas não estão para se chatear.

R2: E depois são sempre os mesmos. Quando uma associação de estudantes tem 20 pessoas, são sempre os mesmos 3 ou 4 que trabalham.

P: E que ficam a seguir, quando podem, não é?

R1: E depois há outra coisa que é: Põem todas as prioridades à frente de trabalhar para os outros. O facto de as escolas terem cargas horárias muito elevadas, também não ajuda nada. Se a escola motivasse a que os estudantes participassem no associativismo e se até como avaliação houvesse benefícios para quem participa, isso era bom. Por exemplo, nos Estados Unidos há bolsas específicas para quem pratica desporto, e para quem se envolve em actividades.

R2: Nós cá também temos para bombeiros.

R1: Não, não existem bolsas de estudo.

P: Mas existem para os federados e é um sarilho. É apenas para efeitos de entradas directas na faculdade.

R2: Mas nos bombeiros existem

P: Não, nos bombeiros têm redução de propina.

R1: Esses casos são favoráveis nas entradas da faculdade e há regimes especiais de avaliação.

R3: Até podes entrar para os bombeiros com esse interesse de ter redução de propinas, mas estando lá até acabas por fazer alguma coisa para a sociedade. E acho que as coisas também são um bocado assim. A

nível prático nenhuma, ou poucas pessoas fazem as coisas sem interessa. É triste mas é um bocado assim. Só que se uma proporcionar resolver esse determinado interesse, mas depois a integração para resolver esse problema nos dê outro tipo de oportunidades, acho que até é positivo.

R1: E às vezes o interesse pode até nem ser uma coisa negativa. Ainda agora o exemplo da associação de estudantes, eu entrei para lá, com o interesse de fazer coisas. Ou seja, eu divirto-me imenso. Eu gosto de organizar uma festa, gosto de promover um *workshop*, gosto de ajudar os alunos nas questões de acção social, pois as associações de estudantes são as vezes a ponte entre a acção política e a acção social que como os serviços de acção social não têm disponibilidade para esclarecer os estudantes sobre tudo, as vezes são as associações de estudantes que servem de apoio.

R2: Eu tenho agora um exemplo que cá em Oliveira, comparado com outros sítios que eu sei porque tenho estado a contactar mais com uma prima minha que é de Coimbra e que está a concorrer este ano para a associação de estudantes da escola José Falcão, eu sei por experiência própria que cá, para a associação de estudantes, as eleições começam em Novembro e as pessoas começam a preparar as coisas aí um mês antes, no máximo dos máximos. Lá, já desde Julho que começaram a planificar e a organizar. E as eleições também são em Novembro. Portanto, há aqui uma grande diferença.

P: Vamos pensar em associações, não sendo só de estudantes. Concelhias Juvenis. Há?

R1: Não

R2: Não

R3: Há em Coimbra.

P: E Aqui?

R3: Puramente juvenis não.

P: Sim, mas não tem de ser necessariamente jovem, porque vivemos num mundo em que o jovem é até aos 30 / 35.

R2: Existia a OHs.21mas ela progressivamente deixou de ser uma associação juvenil e passou a ser uma associação cultural.

P: Isso era um ponto que eu por acaso queria abordar porque sei que conheces. A associação OHs.21, o que eu sei da associação é um anexo que saía num jornal com uns artigos mais culturais. Vocês conhecem a OHs.21?

R1: A OHs.21 quando começou era uma associação de jovens. Só que os jovens foram envelhecendo e são os mesmos que ainda lá estão desde que a associação começou. Agora a OHs.21 falhou muito, nunca tendo conseguido atingir os objectivos a que se propôs, porquê? Porque a oferta cultural que fizeram foi virada para dentro, e porque nunca foi promovida. Nunca ninguém veio ter comigo para eu me inscrever na OHs.21. Nem nunca vi jovens a serem chamados.

P: Portanto a OHs.21 era uma associação juvenil virada para a parte cultural.

R1: Sim, em certa parte numa certa altura promoveram debates, promoveram *workshops*, só que acabou por não continuar com grande dinamismo e acabou por se fechar progressivamente. O que se pode dizer agora da OHs.21, é que ela serve para promoção de eventos realizados pelos seus dirigentes: Para as bandas onde tocam os dirigentes; Para as bandas dos amigos dos dirigentes, e pouco mais.

P: Fazia sentido criar uma associação juvenil em Oliveira.

R1: Fazia, tenho pena é de não estar cá.

P: Mas isso não quer dizer nada, aliás, eu estou em Lisboa.

R1: Sim, mas para criar uma associação juvenil, exige entrega.

P: Eu sei, por isso é que estou a perguntar, fazia sentido? Temos público para assumir? Malta com estas características que temos estado a referir e como empreendedores? E temos pessoas para a seguir? Para a receber?

R1: Temos eu acho que temos.

R2: Temos, apesar de muitos deles serem pseudos ainda, podem evoluir e juntar estas pessoas com determinadas capacidades pode-se criar uma coisa bem feita claro. Agora eu falando por mim, não sei até que ponto isso iria mudar alguma coisa, porque vejo isto muito preso e vejo a associação ser criada mas uma série de problemas a serem criados a seguir por alguma coisa que nós queiramos desenvolver por exemplo. Supondo que nós agora seríamos uma associação e teríamos uma ideia, teríamos uma série de barreiras que estão actualmente a serem impostas. Quer dizer, ao mesmo tempo não, ao mesmo tempo estão a ser criados uma série de coisas, e eventos. Por exemplo por falar em *workshop*: eu ando há uma série de tempo a tentar arranjar um *workshop* para trazer cá para falarmos sobre o perfil do empreendedor ou sobre a criatividade. Ao tempo que eu já tentei falar com pessoas que prometem, prometem, mas quando chega a dada altura, nada. O erro é meu, eu é que não vou ter com a pessoa certa.

P: Não, esquece. Pegas numa quantidade de coisas e fazes. E depois no final mostras e dizes: "Está aqui". Proponho que seja para este dia. Está tudo feito. Se não pedires trabalho, corre melhor.

R2: Eu não pedi trabalho nenhum. Aquilo que aconteceu aqui em Oliveira foi: Vim eu e foi falar com x pessoa a explicar. A única coisa que se iria pedir era o espaço e divulgação. Tudo o resto até o pormenor do cartaz era feito por nós. Iria ser cobrado dinheiro sim, não muito, até porque o dinheiro reverte para nós podermos ter as nossas deslocações e a nossa divulgação. Lá está, uma associação sem fins lucrativos, e todo o dinheiro que entra, entra para que ela possa ter um melhor funcionamento. Curiosamente o que aconteceu: Fiquei 15 dias à espera da dita resposta que agora já lá vai quase um ano. Depois fui aqui à terra vizinha chamada: Seia, e num mês e meio, marcaram-nos o evento e fizemos um dia sobre o perfil do empreendedor.

P: Correu bem?

R2: Tínhamos 97 cadeiras, e tínhamos cerca de 120 em sala. Algumas saíram mais cedo. A média pode-se dizer que foi ao longo de toda a palestra de cerca de 60 e pouco pessoas.

P: E queres avançar com isso cá?

R2: Se eu quero avançar com isso? Eu não me importo nada de avançar com isso. Eu já tentei.

P: Pode ser uma actividade que eu possa incluir no projecto. Ainda por cima, eu vou refazer o trabalho todo, portanto, é só pedir. Entrevistado 3 o que é que achas? Tu que estás aí mais caladinho. Associativismo Juvenil. Uma associação funcionaria aqui?

R3: A curto prazo não. A longo prazo talvez.

P: Trabalharias numa associação juvenil?

R3: Consoante a minha disponibilidade, sim. E o problema é esse é que as vezes as pessoas não se disponibilizam porque já têm outras coisas para as quais já se disponibilizaram e torna-se complicado fazer tudo ao mesmo tempo. Quantas mais coisas nós temos para fazer, menos elas ficam bem feitas. É assim, eu acho. Se nós nos entregarmos a uma causa concreta, mais facilmente teremos sucesso nela. Mas sim, há pessoas em Oliveira que têm capacidade para liderar. Jovens para essa associação há imensos. Eu acho é que temos de ser incisivos na multiplicidade de interesses e coisas para fazer que interessem a maior parte dos jovens mesmo que não interessem aqui ainda porque ainda não chegou cá. Mas tem de chegar. Há tanta coisa que nós ouvimos falar porque estamos aqui neste meio fechado, mas se formos lá fora e começarmos a ver o que é que os outros fazem, começamos a ver que até têm ideias porreiras. Eu já me lembrei várias vezes de coisas assim, mas neste momento não me estou a lembrar de nada em concreto. Há muita coisa que vês lá fora, a pensas que poderia ser bom para aqui. Se calhar não, pode não ser bem sucedido à primeira, mas pelo menos tentei, e a pouco e pouco as pessoas vão vendo que aquilo até nem era assim tão mau. Se calhar até posso integrar e ajudar essa pessoa que está a fazer isso. Grão a

grão enche a galinha o papo. Uma pessoa não espera ter resultados positivos logo da primeira vez que tenta. Nunca é assim. Nunca é e nunca vai ser.

P: Estamos a falar da freguesia de Oliveira ou do Concelho de Oliveira?

R1: Isso também é outro problema, porque as acessibilidades para a freguesia, não são de todo favoráveis

P: Eu ando desde o início a tentar fazer isto para o concelho. Só que não consigo sair da freguesia. E estou a tentar fazer para o concelho, mas não consigo. Tem sido uma grande dificuldade. É que até em coisas que não consigo explicar. Fazia sentido fazer uma coisa a nível concelhio?

R2: Eu acho que fazia mais sentido ser a nível concelhio e a acção ser deslocalizada. Acho que é parvo manter as acções todas dentro da freguesia de Oliveira do Hospital.

R1: Até porque isso promove a desertificação das aldeias e das outras freguesias.

P: Porque eles têm coisas boas que nós não temos, provavelmente havia aqui uma partilha. Mas acham que eles estão receptivos a isso? Os jovens de lá, estão receptivos a isso?

R2: Eu acho que sim. Seria complicado fazer uma associação com pessoas de todo o lado. Isso seria difícil, mas era um projecto que teria de ser muito bem pensado. Mas agora a associação mesmo que fosse criado só por jovens da freguesia de Oliveira do Hospital, acho que deviam de ir ao resto do concelho. E depois aí, é um trabalho que até é fácil fazer, que é a acção ser deslocalizada. Vamos fazer uma peça de teatro ao Seixo, vamos fazer outra a Penalva de Alva, para distribuir pelo concelho em global. Eu acho que a população estaria receptiva. A falta de actividades que existe na freguesia, nessas freguesias existe muito mais falta. Portanto o surgimento de uma actividade cultural diferente seria bem recebida pelas pessoas. E depois é o seguinte: Os espaços naturais para realizar por exemplo um festival de música, são muito superiores em freguesias que não a de Oliveira do Hospital do que na de Oliveira do Hospital. Um exemplo disso é o Refresh.

P: Mas o Refresh também foi para um público extremamente específico.

R2: Sim, é verdade. E é uma aposta diferente. Não é virada para dentro é virada para fora.

P: E o Refresh traz outra coisa que é o dinheiro. Há três assuntos que vou abordar mais: Um é o dinheiro, as pessoas de Oliveira pagam para fazer coisas? Ou preferem receber sem pagar? Pegando naquilo que tu tinhas falado do *workshop*? Dois: As juventudes partidárias. Se pensarmos em participação juvenil, temos de involuntariamente cair nas juventudes partidárias e é o voluntariado. São os últimos três tópicos que quero por em cima da mesa. Dinheiro as pessoas pagam?

R3: Pouco.

R1: Pagam em que aspecto? Pagam bilhete, ou pagam para fazer?

P: As duas coisas. No fundo estão relacionadas.

R1: Acho que as pessoas pagam para realizar uma actividade se souberem que haverá retorno.

P: Como é que elas sabem se há retorno?

R1: Nunca se sabe. Nunca se tem a certeza absoluta. Mas se for vender abelhas eu acho que à partida se sabe que não vai ter retorno.

P: Mas vendem.

R1: Eu estou a falar num âmbito geral. Essas pessoas que ficam obstinadas em vender abelhas é difícil contar com elas para um projecto deste tipo.

P: O nosso problema é que a maioria das pessoas acha que pode vender abelhas, quando o mel está barato, como se costuma dizer.

R1: Sim.

P: Mas o que eu estou a dizer é: Pagam? Ainda sobre o Refresh, eu vou falar com o responsável na segunda-feira pois é uma pessoa com quem não posso deixar de falar. O meu motivo para falar com ele, é porque ele representa um público que eu não consigo encontrar: que é o público que sai à noite – que é toda a gente.

R1: Ainda assim é curioso ver que ele não trabalha só para esse público. Ele cria *workshops* em escolas, ele faz uma série de muito além…

P: Eu não queria já fazer nada na segunda-feira, mas vou tentar falar com ele.

R2: Desculpa interromper. Ele é um bom exemplo de um empreendedor. Ou seja, ele não se foca só nas abelhas. Ele vai buscar vários meios. Ele está a aplicar várias coisas, bem ou mal, não é isso que está em causa (pelo *feedback* que tenho as coisas até têm estado a correr bem), mas ele dinamiza a zona, dentro da área dele.

P: E criou uma coisa que eu acho fundamental. Que é o desmistificar de um conceito que é o de que quem trabalha à noite é um bicho. É um fardo cultural extremamente difícil de superar. Ou se trabalha de noite ou de dia, e é difícil de aceitar. Mas o Festival foi interessante e eu ouvi muita gente daqui a dizer que não ia, por causa da questão do dinheiro. Eu conheço muita gente que vai fazer campos de férias e pagam fortunas. Mas será que se abrirmos aqui, eles pagam?

R2: Eu acho que pagam. Mas depende também da oferta que é. No caso do Refresh é uma oferta específica e é difícil chegar ao pé de um consumidor médio e dizer-lhe para pagar 30€ por um bilhete do Refresh, a pessoa não compra. Mas também porque não conhece. Se conhecesse o cartaz sabe a qualidade do mesmo e pagaria sem qualquer problema.

R3: Se calhar não é para o público de dentro, é mais para o público de fora essencialmente.

R2: Sim, sim, e vê-se muita publicidade em Coimbra por exemplo.

P: Eu ouvi na Antena 3.

R2: Veio muita gente de muitos lados. Eu acompanhei um bocadinho as reacções, um bocado por fora, porque eu não estive no festival. Fiz um artigo sobre o festival e depois acompanhei como é que as coisas correram à distância. Neste aspecto acho que também é importante trazer público de fora, pois estamos a divulgar. Até no âmbito cultural é muito bom, pois quem vem de fora, trás coisas novas, trás transmissão de experiências.

P: É pena depois não haver um conjunto de situações que as cativem e que dê para divulgar.

R2: O mundo da noite tem uma força muito grande, muito aquém do que eu pensava para Oliveira do Hospital. Porque em Coimbra eu digo que sou de Oliveira do Hospital e as pessoas geralmente ou falam no nome do DJ Glove, ou falam dos Espíritos, ou me falam no hóquei ou no Sampaense – isso já é muito mais restrito; mas o mundo da noite tem um peso incrível.

P: Aqui a questão é a seguinte. Eu já ando há algum tempo para perceber como é que se pode chegar aos jovens, porque a maioria dos jovens estão todos à noite. Mas portanto, as pessoas pagam se se justificar.

R1: Pagam se a acção for atractiva.

P: Se pensarmos neste tipo de competências que estamos a pensar trabalhar para jovens. Os jovens pagam? Pagam para um *workshop* de o dia do empreendedor?

R1: Se o *workshop* tiver bem promovido e tudo bem claro sobre o que é, as pessoas pagam. Eu por exemplo, gostaria de poder pagar mais para um *workshop* mas não tenho condições. Sei lá, jornalismo radiofónico, e são *workshops* muito caros. Eu pagar num *workshop* de 30 horas, pagar 400€ não consigo. É muito dinheiro.

R2: Na minha área também. No audiovisual também.

P: Eu digo é aqui. Se nós organizarmos coisas aqui as pessoas pagam?

R1: Claro que quem organiza tem de ter depois a consciência de tentar fazer uma actividade o máximo possível equilibrado na relação preço qualidade, ou seja, não pode esperar tirar muito lucro naquilo que está a fazer, deve fazer mais num objectivo de formação. De oferecer formação.

P: Ok.

R3: Eu acho que vai tudo nessa onda, até porque o que é mais necessário no nosso concelho.

P: E será que eles vão?

R3: Depende, isso nós temos de ver o que é que se quer fazer, o que é que se quer alcançar e só daí é que nós poderíamos ver. Isso teria de ser tudo muito bem pensado. Teria de haver um planeamento de qual o nosso público-alvo, qual a temática e se essa temática realmente seria a indicada a abordar por parte do nosso público alvo. Depende, eu sinceramente vejo por mim, e pensando um pouco neles também, a temática do perfil do empreendedor, seria interessante. Vejo que lá iriam alguns. Agora muitos deles, os pseudos que nós poderíamos querer desenvolver, certamente poderiam não ir, pois estão indisponíveis. Se aquilo é um sábado à tarde, eles preferem ir ver a bola do que desenvolver o conhecimento deles, ou preferem ficar em casa a jogar um jogo. Nesse sentido, teria de ser uma coisa muito bem feita.

R1: Chegar e dizer que é um *workshop* sobre o perfil do empreendedor, à partida, não é a coisa mais atractiva. Eu acho que até se começa a tornar banal, repetitivo.

P: E cada vez mais se fazem *roadshows* e coisas assim para divulgar. Ok. Penúltimo tema: Voluntariado. Os nossos jovens, fazem voluntariado?

R3: Eu conheço dois ou três casos que fazem mas a nível geral não é uma coisa, pelo menos em Oliveira que se faça muito. Eu conheço pessoas que estão motivadas para fazer e que nos noutros sítios (Lisboa, Porto ou Coimbra), até se disponibilizam para fazer. Eu por acaso tenho curiosidade de fazer até mais na área da saúde. A nível de voluntariado, nunca fiz, mas no verão, já participei naquela universidade de verão. Uma pessoa aprende sempre coisas e é sempre uma mais-valia. A nível de voluntariado, na cidade acho que há, principalmente na fundação. Eles recebem pessoas que se voluntariem. No meu grupo de amigos há uma pessoa que fazia ou fez. Lá fora há pessoas que vão para fora e procuram fazer. Mas cá acho que não.

P: Porquê?

R1: Fora as pessoas que se inserem nos bombeiros, não estou a ver ninguém, assim por alto, nenhum caso específico.

R2: Essa questão da fundação, acho que não há conhecimento geral de que eles recebem voluntários.

P: Eu não sabia. Só soube dos questionários.

R2: Acho que não há esse conhecimento, mas acho que há muita gente disponível para fazer voluntariado até porque o acaba por acontecer é que mal as pessoas saiam de Oliveira o que fazem é tentar envolver-se em voluntariado.

P: Os jovens?

R2: Sim, os jovens. Em hospitais, nas associações que agora não me lembro nome mas que são para dar comida à noite aos sem-abrigo.

R1: Em Coimbra há a associação Integrar.

P: Em Coimbra há estudos muito giros sobre isso.

R2: Em Oliveira acho que há muita participação jovem nos bombeiros voluntários, o que é importante valorizar. Na fundação acho que eles próprios poderiam também divulgar um pouco mais esse voluntariado…

P: A questão é que o tipo de voluntariado que a gente pede nos bombeiros é completamente diferente do voluntariado que a gente pede num hospital.

R2: Sim, claro que é. Mas eu conheci dois colegas que fizeram voluntariado no hospital daqui. Não sei as actividades, mas ainda há bastantes pessoas a fazer. Não só jovens, mas também pessoas mais velhas a fazer voluntariado no hospital. 2 ou 3 horas por semana.

P: Ok

R1: Também não sabia disso.

P: Último tema e talvez o mais delicado, não é à toa que é o último. Jotas. Juventude Socialistas e Socialistas Democráticas, e não sei o que é que há mais, honestamente, pois só conheço estas duas. As Juventudes partidárias e uma outra coisa: Mesmo que não seja na juventude, mas jovens que participam na política, pois política não tem de ser só partidos. Participam, não participam. Como é que participam, e como é que nós os podemos trazer para aqui?

R3: A forma mais básica de participar é ir votando. É logo a primeira coisa.

P: Logo por aí, eliminamos não sei quantas partes da população.

R1: Exactamente, e se calhar há população jovem de 18 anos para cima. Muita gente quando é a primeira vez que vai votar, vai sempre. Tem oportunidade e vai. Depois quando não é a primeira vez, as pessoas vão-se começando a desleixar. Já não sei o que é e não vou lá.

P: Isso é porque a política não está a funcionar.

R3: Eu tenho tanto colega que desiste da política, pois para eles, política são uns ladrões e são pessoas que não fazem nada e já nem estão para votar. Isso é o maior erro. É a pior coisa que se pode fazer.

P: Estamos a subir na escala. Vamos descer. Juventudes. Eu acho engraçado isto da Juventude ser até aos 30 e tal, mas…

R2: Mas o próprio jovem desliga-se disso mesmo. Acaba por não se inserir, e não participar por causa disso mesmo. Já com o stress pós-traumático de que todas as pessoas envolvidas na política são uns aldrabões e isso acaba por desligar as pessoas.

P: Eu tenho aprendido umas coisas ultimamente, nestes campos. Eu percebi que as juventudes não são directamente geridas pelos partidos. Claro que há influências, e nós sabemos como, mas, quando há um bom líder e um bom grupo de malta há guerras terríveis.
E era aí que eu queria trazer a discussão. Os nossos jovens aqui participam nas juventudes partidárias? Há muitas Juventudes?

R2: Não. Os jovens não participam nas juventudes partidárias em grande escala. Quando participam são filiados em massa, que é uma coisa que acontece – e é horrível – nas juventudes partidárias. Aparece um fulano, tem na mala cinquenta fichas de militantes, pega naquilo...

P: Isso é assim?

R2: É assim. E o problema é que as juventudes partidárias são feitas para funcionar assim.

O que se passa é: tu filias cento e sessenta e tal pessoas e dessas cento e sessenta e tal pessoas que tu filias, delas deves conhecê-las quase a todas. E no momento…

P: Vão votar em ti...

R2: Exactamente. No momento em que há eleições é muito mais fácil fazê-las votar.

P: Mas porque é que a malta… Isto é uma coisa que… Estamos a dizer que não têm responsabilidade, não querem, têm medo de arriscar, o medo, a crítica, não se gostam de mostrar e é muito difícil, de facto, mostrar e aturar uma quantidade de gente com muito más intenções a deitar abaixo. O que é que leva de um momento para outro, nas juventudes, temos o oposto: uma quantidade de malta que não se importa de arriscar e que andam ali sempre…

R1: E até arriscam demais não é? Até fazem… Estas pessoas…

R3: Se calhar nem pensam.

P: Será que não pensam?

R2: Eu acho que algumas destas pessoas das juventudes partidárias, não são todas, têm algumas competências interessantes.

P: Pois, porque há sérios também não é?

R2: São… Exactamente. Há pessoas que têm bastantes ideias políticas e até têm capacidade de iniciativa para as realizar. Mas depois há lá outro grupo de pessoas nas juventudes partidárias que a única coisa que têm é vontade de poder. E é isso que leva a estes jogos que perverte totalmente o que é a juventude partidária. A partir do momento e que nós estamos a filiar pessoas em massa, não está aqui a haver nenhum pressuposto ideológico nem nenhum pressuposto político. Porque estas pessoas não vão ter acção política, elas funcionam apenas como números.

R1: E quando acontece este tipo de coisas, os jovens têm todo o direito de estar fora das juventudes partidárias.

R2: Aliás, fiquem de fora das juventudes partidárias, porque se elas funcionam assim...

P: Mais vale estar fora.

R1: Depois uma pessoa, quer dizer, quer-se união no país, só que antes de haver união no país, tem de haver união em cada partido. Já nem falo em união entre os partidos porque isso é uma coisa impossivelmente utópica.

R3: Impossível!

R1: Porque, lá está, são aqueles pequeninos interesses e é um bocado por mesquinhismos.

P: E porquê? Como é que nós…

R2: É pelo número de panelinhas a distribuir…

P: Como é que nós contrariamos, como é que se contraria isto? Nós vamos ser governados por eles, não é?

R1: É utópico.

R2: Nós ao entrarmos na acção política devemos tentar ter uma visão um bocadinho diferente desta, não é? E o associativismo também é uma acção política.

P: Exactamente, era isso.

Ok, fechando isto, pensando eu que o meu objectivo é fazer um plano de actividades para jovens, não sei muito bem porque lado. Quais é que vocês acham que devem ser as prioridades? Alguma ideia que vos ocorra? Porque depois isto há montes de coisas que se têm de prioritizar, não é? O que é que seria importante fazer no próximo Verão? Eu já percebi que tenho de os dividir. Vou ter de trabalhar com os dos 12 aos 14, algumas coisas, e dos 15 aos 18 outras. Não porque eu não ache que eles devam estar todos em conjunto porque eu acho que sim mas porque actualmente os dos 15 aos 18 já estão meio formatados e é preciso um cuidado diferente, dos 12 aos 14 há um outro cuidado. Portanto, o que é que é importante trabalhar com estes dois grupos?
Aliás, todas as vossas ideias são bem-vindas, inclusive se tiverem ideias que queiram desenvolver eu estou a construir o projecto portanto…

R3: Eu acho que a situação do Verão em Oliveira até tenho visto assim… está activo, vejo uma série de coisas a serem feitas e a serem desenvolvidas que não têm recebido mau *feedback* por aí além. Agora, além do Verão, esta cidade não mexe.

P: E mesmo no Verão…

R3: Mesmo no Verão?

P: A questão é que o que mexe no Verão são festas!

R2: Não… também há.

R3: Também há aquelas... eu sei, eu agora não me estou a recordar do nome, uma situação de juntarem uma série de miúdos, fazerem uma espécie de campus de férias, não foi?

R1: Sim, um campo de férias. Sim, já foi duas vezes.

P: Campus de férias é até aos 12. Eles têm actividades e a partir dos 14 são monitores.

R2: Exacto.

R1: Pois acho que é isso é.

P: Portanto não há actividades direccionadas para malta…

R2: A partir dos 12 anos…

P: Melhor, eu acho muito importante eles serem monitores mas a minha perspectiva é mais no sentido de formar.

R2: Eles, eu acho que eles até acabam por aprender qualquer coisa, os monitores, mas muitas vezes acaba por ser, lá está, são auto-didactas. Porque…

P: Ficariam espantados com os resultados que eu estou a obter nos questionários… A malta nem conhece.

R2: Ok. Porque uma impressão com que eu fiquei dos campus de férias é: há quem trabalhe bem como monitor porque tem aquela tendência natural, porque realmente sempre lidou com crianças e sabe como é que se trata. Depois há outros, coitados, andam lá um bocado...

P: Falta-lhes alguma formação, não é?

R2: Exactamente, mas também como é uma acção para muitas crianças, é difícil dar formação a toda a gente.

R1: Mas ao menos esses coitados já estão a tentar e estão lá. Isso já é muito bom. Esses coitados, entre aspas.

P: Portanto, é preciso algo que se estenda ao longo do ano.

R3: Sim, era mais por aí. Porque no Verão…

R1: Até para criar fidelização…

R1: E rotinas. Uma pessoa, se estiver habituada a ver que esta cidade não está parada e que mexe, mais facilmente chega ao Verão e há mais tempo porque não… porque estamos de férias, principalmente os jovens.

P: Sim, é preciso fazer uma coisa continuada mas eu estou a partir do Verão porque tenho de partir de coisas pequenas. Pensando num campo de férias de Verão, quais são as competências principais que vocês acham que têm que se trabalhar?

R3: Primeiro…

R1: Saírem do quadrado…

R3: Exactamente. E a nível psicológico e a nível físico. Apesar de se poder fazer muita coisa em Oliveira, os jovens do nosso concelho são motivados a ver coisas novas se forem para fora: para Coimbra, para Lisboa, para o Porto. Mas imaginemos uma semana, uma simples ida ao Jardim Zoológico… uma pessoa vê sempre coisas novas, uma pessoa fica mais activa para, sei lá, para o meio animal, para o meio da saúde, para a cultura, para o cinema, todas essas coisas. E há um leque de oportunidades que cá não existem tão potenciados mas que nos outros sítios possa ser mais favorável.

P: Quais actividades por exemplo?

R3: Estas que eu falei. Por exemplo: uma ida ao Jardim Zoológico, é uma coisa simples, uma ida ao Oceanário, um museu…

P: Mas eles vão. Por acaso até acho que é das únicas coisas que a malta vai fazendo.

R1: Eu não estou muito a par disso.

P: Na escola, todos os anos têm uma visita de estudo. Não?

R2: Não é todos os anos. Acontece. Não é todos os anos.

R1: Ainda para mais pelo menos as escolas profissionais estão a cortar muito nisso…

P: Portanto, seria giro tirá-los fora do contexto ao início. É essa a ideia?
Para começar e para despertar seria tira-los fora da caixa e depois volta-los a trazer?

R3: Sim. E acho que uma coisa é aquilo a que uma pessoa já está habituada, é uma viagem de estudo e uma pessoa vai para lá e nem sequer, muitas vezes nem sequer vai ver. Vai com os amigos…

P: Isso é porque elas são mal feitas…

R3: Ou vai com a borga e pronto… uma pessoa não está lá para aprender. Agora em termos de férias que uma pessoa está lá porque quer estar, vai aprender alguma coisa. Às vezes quando os meios são mais pequenos uma pessoa vai falando sobre determinados assuntos que se calhar não são directamente relacionados com aquilo mas vai vendo, vai dizendo "isto é porreiro".

P: Portanto, seria uma boa ideia tirá-los daqui. É isso?

R3: Sim.

P: Concordamos?

R3: Claro que as acessibilidades não são boas.

R1: Mas ao mesmo tempo tentar aproveitar o que nós temos aqui, também para os habituar a que, tudo bem que Lisboa é muito bom porque tem um Oceanário mas nós não temos, mas cá também se fazem coisas, não é?
É tentar fazer também isso. Tudo bem que o sair por fora pode-lhes despontar alguma coisa, alguma vontade extra. Agora, seguindo a nossa conversa e se nós nos queremos centrar em Oliveira, é importante que as coisas sejam criadas cá, para os habituar ao movimento cá. Eu acho que passa um bocado por aí.

R3: Eu acho que para os habituar a ver as coisas cá, primeiro eles têm de ver as coisas noutro sitio.

R1: Claro. Expandir os horizontes. Não serem tão limitados.

P: Concordamos?

R2: Concordo que lhes sejam disponibilizadas actividades fora de Oliveira. Acho que é importante. Porque por exemplo, para mim foi importante sair de Oliveira para perceber certas coisas.

R1: Para mim também.

R2: Para conseguir olhar de fora para dentro. Acho que sim. Actividades culturais fora de Oliveira são importantes. Um campo de férias feito com crianças jovens de outras zonas também é importante pelo intercâmbio cultural, por exemplo. Agora é importante também, mais importante ainda, criar amor-próprio a Oliveira do Hospital. Ou seja, é importante usarmos o que temos cá e fazer com que as pessoas que são de cá comecem a perceber que não há cá só coisas más, também há coisas boas e faz parte do trabalho deles, enquanto jovens, activos, desenvolverem-nas mais. Por exemplo: as universidades de Verão. Porque não fazer uma acção do género com o ESTGOH.

R1: Também já me tinha lembrado disso...

R2: Há áreas atractivas.

R1: O ESTGOH precisa de movimento também.

R2: Exactamente. E precisa de função.

P: Sabes que as universidades de Verão são ainda dentro das universidades. Não há uma força externa.

R2: Sim, sim.

P: Mas sim, é uma boa ideia, claro.

R2: Mas isso, acho que a própria ESTGOH teria todo o interesse em promover, uma vez que, os jovens de Oliveira do Hospital e das zonas limítrofes são uma minoria que concorre para cursos na ESTGOH e depois se a ESTGOH não prova ter uma acção válida para a sociedade em que está inserida mais fácil será encerrá-la e retirá-la daqui.

P: Eles são receptivos aqui?

R2: Eu não sei. Nunca trabalhei com eles. O que eu sei é que…

R1: Acho que até são.

R2: Os critérios de racionalização da rede do ensino superior são muito relacionados com isto, ou seja, com a função da escola junto à comunidade e por isso é que ela não fechou. Por isso é que nesta primeira fase não fechou.

P: Sim, sim…

R2: Por exemplo, esta é uma iniciativa que podia ser feita. As actividades culturais depois também podem ser feitas por eles. Se houver o tal campo de férias, imaginemos que existe, depois ser feito o intercâmbio

com os jovens com que se esteve nos campus de férias e trazê-los até cá em actividades culturais. Ir até lá. Isto também depois pode ser feito pelas escolas. Porque é que as escolas…

P: Escolas e Verão?

R1: Era o que eu ia dizer. A minha pergunta era: porque é que as escolas morrem no Verão?

P: Porque as escolas têm professores para ensinar durante o ano lectivo. Não me perguntes, mas… todos os campos que eu andei para aqui a examinar, foi aqueles em que… "Não… Verão, Escolas? Não está a falar para nós…" "Não, sou eu que vou organizar, fique descansado. e a partir daí tive liberdade. A sério, escolas e Verão…"

R2: Porque é assim: apesar de ser as escolas… A estrutura escola ajuda, lá está, por isso, pela estrutura que tem. Edifícios, tem um grupo de alunos constituído...

P: No máximo conseguimos chegar às estruturas. Mas eu também não acho, que a estrutura escola também custa porque os miúdos passam todo o ano ali.

R2: Eu sei, eu sei. Não é mete-los lá. Não é para os meter na escola. Mas por exemplo, um aluno de uma escola que sai para a outra. É mais fácil organizar as pessoas por serem alunos da escola do que por serem habitantes de uma zona.

P: Ah claro, percebo.

R1: Num campo de férias para fazer um intercâmbio depois durante o ano, é mais fácil fazer o intercâmbio entre escolas do que entre localidades. É só por isso.

P: Percebo. Já agora deixa-me dizer-vos uma das coisas a que eu cheguei. A minha ideia é de facto pegar nisto... e agora para ficarem a perceber. A minha ideia é seguir um bocado o molde da ciência vida como metodologia. Porque entretanto percebi que são imensos jovens, não são 14 que trabalham com um monitor num campo de férias. Eu comecei a inserir os dados e comecei a perceber – eu ainda só tenho dados aqui do secundário, de Oliveira – que, sei lá, eu já inseri 50 e tenho duas pessoas que conhecem, que estiveram lá. Duas pessoas que estiveram lá… por dinheiro. Portanto, não me parece que seja a competência de empreendedorismo que esteja aqui a falar. Porquê? Porque já estou a falar da malta que vai organizar. Depois comecei a pensar: Porquê? Fácil! Eu quero perceber quantos jovens estão como monitores, porque há um universo. E se é esta grande massa que nós precisamos também de chegar. Portanto percebi que vou estar a trabalhar, se correr bem - pode correr mal, pelo menos no ano piloto pode ser devagar – mas se correr bem, são imensos. E não há volta a dar a tanta gente não é? Então, eu estive em algumas empresas e percebi que as empresas têm imensa disponibilidade para receber jovens, no Verão. Se calhar não seria mau fazer esse… Até porque nós não conhecemos o nosso tecido empresarial.

R1: Sim.

P: E depois comecei a perceber, por exemplo, eu fui à…

R2: Mas isso trabalho como férias ocupadas ou receber no sentido de visita guiada?

P: Eu pensei mais no meio-termo. Imagina: tu só percebes como é que as coisas funcionam se estiveres em contexto, não é? Por isso é que os miúdos vão para a universidade e vão estudar.
A ideia era ter tipo uma coisa 15 dias, uma semana a 15 dias, não mais que isso em que cada jovem pode estar acompanhado, sempre com muito acompanhamento, muita formação…

R3: Uma espécie de estágio?

P: Sim, uma coisa mais tipo *workshop* estendido por alguns dias em que eles percebem como se faz. Por exemplo, eu estive na Quinta dos Jugais... A equipa tem toda abaixo de 30 anos. Isto é uma coisa que eu não encontro em quase lado nenhum. E a riqueza, por mais que tenham estereótipos das pessoas que estão à frente, a verdade é que entrar numa empresa em Oliveira do Hospital, em que há uma equipa que tem quase toda abaixo de 30 anos e em que o que ele estava a dizer era que

queria ver se organizava actividades de *outdoor*… Eu fiquei, de facto ando a ser, eu que contrario, levada por preconceito. E por exemplo, eu chego à empresa, à Quinta dos Jugais… Espectacular. Uma pessoa chega e tem assim, a nível de de design, por exemplo, imagem, o chá, o processo do chá ou da compota. Há n coisas que podem ser exploradas a nível da química, a nível da engenharia, a nível de… Percebem? E então eu estava a pensar pegar pelas coisas por aqui, para a malta do secundário.

R2: Sim, sim, eu acho interessante. Aliás, eu estive na Quinta dos Jugais, também há dois ou três anos e foi uma coisa em que eu reparei, foi na qualidade do trabalho que eles desenvolviam, não só a nível de produção mas depois a nível da própria concepção do produto.

P: Por acaso fiquei… fiquei bastante contente. Depois tive noutra completamente diferente na Indubeira, em que há ainda mais receptividade. Portanto, fiquei contente. Fiquei contente porque acho que… Vou ter de pegar em três ou quatro empresas de início... Isto é preciso… O que eu percebi é que há aqui muito trabalho de ir bater a portas. Porque as pessoas estão até bastante disponíveis … mas acho que é preciso ir lá, chama-las, pô-las a pensar nas coisas.

R1: É um bocado assim…

P: É. E eu estou a pensar um bocado mais para aí… não sei o que vocês acham? Um bocado mais por aí.
A ESTGOH é uma boa parceria, sim. Agora, para a malta mais nova, eu não sei muito bem.

R3: Porque é mais formações… A malta mais nova é um bocado complicado e vejo isso cada vez mais. Mais nova, quer dizer, mais perto dos 17/18. Querem é ter o Verão para irem para fora.

P: Eu estou a falar desses…

R3: Querem muito o Verão para irem para fora e muito o conceito da Figueira da Foz da moda, muito o conceito de se os pais autorizarem vamos sair daqui para fora…

P: A malta vai embora, mesmo?

R1: Eu estive um mês em consultadoria em Agosto e eu via lá mais crianças, digo quase crianças, de Oliveira…

P: Crianças tipo quê?

R1: Crianças, miuditas de 16, 17, 18…

P: Portanto estamos a falar de um público para trabalhar aqui só até aos 16 / 17. O resto da malta desaparece ao início…

R1: Talvez, mas porque não motivá-los para cá?

R2: Podes fazer isso mas também podes fazer abrir até aos 18, já sabendo que será mais difícil, não é?

R1: Não, mas há uma forma muito fácil de se contornar isso e é oferta formativa, porque isso tem um peso muito forte e hoje em dia há muito aquele conceito de criar um bom currículo; só que em vez de convidarmos os rapazes ou raparigas de 18 anos, temos de ir aos pais e os pais é que têm que, entre aspas, que os obrigar.
Porque eles 17 anos querem é copos e noite, não querem estar mais uma semana presos numa sala a ter algum tipo de formação, por mais diferente que seja, por mais humor que seja, não querem ter obrigação de ter que acordar às x horas, e aí infelizmente esta é a realidade, eu não quero ter a obrigação de acordar às 10 horas para estar desde as 10 até às 11 horas a fazer alguma coisa. Eu estou de férias, eu não quero é fazer nada.

P: Eu tenho isso nos questionários:
- "Ah eu não gosto de horários."

R1: Claro. “Eu estou de férias, não quero fazer nada.” A verdade é essa. Portanto, arranjar alguma estratégia que de certa forma vá de encontro aos pais e que os pais é que, em casa, os obriguem ou motivem a desenvolverem um bocadinho, a criar um currículo, alguma oferta formativa para algum tipo de… Depois depende da temática que seja, mas eu não vejo muito jovem a aderir e nisso temos um leque muito pequeno de pequenos empreendedores e pessoas activas.

P: Ok.

R1: Eu era assim, sou um exemplo disso e por isso mesmo é que eu estou a falar. Eu fui para fora para desenvolver um pouco essa minha vertente. Mas eu era assim, para mim férias de Verão era não fazer nada. E agora arrependo-me, sabendo que houve inúmeras coisas onde eu podia ter desenvolvido logo e não agora, por causa da loucura das férias e do copo e da noite e de não fazer nada e é muito mais divertido ter de acordar às duas da tarde, até porque tinha liberdade em casa. Ok, prendi-me um bocadinho, fui limitado, cometi esses erros…

P: Mas aprendeste. Há gente que nunca aprende.

R1: Aprendi, se calhar porque fui para fora ou porque quis e cheguei a uma altura que acordei também pelos erros que cometi..

[diálogo sobre jornalistas relevantes do concelho, que possam vir a ser incluídos no projecto]

Anexo 25 – Análise temática das entrevistas

Tema: Características do interior, dos jovens e a sua ocupação dos tempos livres

Subtema: Características e oportunidades dos jovens no concelho e na região e, de modo genérico, no mundo rural / interior

As oportunidades dos jovens nesta região foram alvo de diversas opiniões, convergindo para uma concordância, que aponta para o facto de estes jovens parecerem ter claramente menos oportunidades que os jovens de meio urbano.

Segundo o Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital, estes jovens têm a desvantagem de viver no interior do país, pois há poucas oportunidades; no entanto, acha que eles têm imenso potencial e que deve existir investimento neles. Crê que os jovens devem ser abordados pela sua "*parte positiva*", valorizando as suas capacidades inatas e integrando-os na sociedade; tem de se fazer por chegar até eles e cabe às autarquias zelar para que as iniciativas se proporcionem.

O representante da ADIBER concorda, referindo que é importante fazer ver aos jovens que também têm a possibilidade de desenvolver um projecto de vida no interior, com a mesma qualidade que o desenvolvem numa cidade e que é necessário incutir aos jovens a ideia de que é possível eles próprios criarem as suas oportunidades.

A Vereadora de Educação e Cultura do Município de Oliveira do Hospital é da opinião que é difícil cativar os jovens seja para que área for e em mantê-los motivados, embora considere também que haja maior dificuldade em envolver os jovens que residem na sede do Concelho do que os que vivem em localidades da periferia.

Frederico Lucas, também entrevistado, afirma que faltam duas coisas aos jovens do interior – visão global do mundo e da economia onde estão inseridos e valorização da identidade do território de onde são originários – e que é importante actuar nestes dois domínios. Acha também que deve ser dada aos jovens a oportunidade de saírem do interior e de irem até às grandes cidades onde se poderão capacitar em melhores condições, e que se deve trabalhar não para impedir que eles deixem a terra, mas sim para que regressem já com uma experiência mais rica e com vontade de construir a sua vida na terra que os viu nascer. Na sua perspectiva, o interior "*tem a solução para o país*" e essa importância resulta desta aposta no regresso dos filhos da terra, convenientemente capacitados, conscientes do mundo envolvente e decididos a criar as

suas oportunidades e projectos num território que lhes oferece melhores condições para se fixarem – nomeadamente custos mais baixos – do que as grandes cidades.

O entrevistado na sequência da visita ao Parceiro Empresarial A acha que há poucas oportunidades para os jovens em Oliveira do Hospital, fruto de alguma escassez ao nível de empresas, sobretudo em sectores menos tradicionais, e que não é possível querer que os jovens permaneçam se não há oportunidades para eles.

Já o Parceiro B vê os jovens actuais mal preparados para o que os espera e afirma que a culpa desse facto deve ser imputada aos pais que não orientam os seus filhos convenientemente.

Opiniões semelhantes têm os Parceiros C e D, que consideram que muitos jovens não querem trabalhar – principalmente nos sectores de actividade tradicionais do concelho – e que lhes faltam competências cívicas.

Os três jovens entrevistados em conjunto concordam, de certo modo, com estas opiniões, afirmando que falta capacidade empreendedora aos jovens e que cada vez mais optam por permanecer na sua zona de conforto e por enveredar por um caminho de facilidade; imputam ainda responsabilidades ao sistema de ensino, que tende a formatar os alunos. Noutra perspectiva, no que concerne às infra-estruturas a que os jovens têm acesso no concelho, afirmam que há uma oferta razoável a nível de desporto (embora seja mais fraca no caso do desporto feminino) mas que, em compensação, existe um grande défice ao nível de vias de comunicação.

Subtema: Ocupação dos tempos livres dos jovens

A ocupação dos tempos livres dos jovens do Concelho de Oliveira do Hospital é um dos objectivos do projecto a construir e, nesse sentido, nas entrevistas levadas a cabo, tentou-se perceber, em primeiro lugar quais as actividades que os jovens actualmente frequentam, em segunda instância qual a oferta ao seu dispor, mas também, por último, perceber qual a aceitação que é possível esperar no caso de implementação de novas actividades.

Iniciando a análise pela identificação das formas de ocupação dos tempos livres dos jovens, deve-se referir que a percepção que os entrevistados têm – e alguns deles têm uma visão avalizada já que têm intervenção nessa ocupação – é a de que há poucas actividades para os jovens ocuparem os seus tempos livres. Desse modo, acabam por se juntar em grupos e por se refugiar em bares, onde podem conversar com os amigos –

como afirma o Presidente da Junta de Oliveira do Hospital – e no Verão acabam por alternar idas à praia, ao rio, ou à piscina com a prática de desporto e com saídas à noite – opinião da Vereadora de Educação e Cultura de Oliveira do Hospital.

Para conhecer a oferta de ocupação de tempos livres existente foi importante conversar com a Vereadora da Educação e com o Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital, já que têm estado envolvidos em projectos de ocupação de tempos livres.
Assim, a Sra. Vereadora referiu algumas iniciativas do município como o projecto Férias Arqueológicas, o projecto Férias Ocupadas ou o Concurso Soltem Talentos. O primeiro inclui uma pequena prospecção arqueológica e tem sido frequentado por jovens dos 10 aos 14 anos de idade; começou por decorrer nas férias da Páscoa, mas entretanto também já foi aplicado nas férias de Verão. O segundo é feito em parceria com juntas de freguesia e instituições de solidariedade social e consiste na ocupação dos jovens num serviço social, onde têm a oportunidade de contribuir para a comunidade, mas também de passar por experiências que os enriquecem. O concurso decorreu uma vez, permitia a participação dos jovens em diversas áreas – música, dramatização, canto, dança, etc – e foi considerado um sucesso, mesmo embora seja assumido pela própria Vereadora que "*poderia ter resultado muito melhor se houvesse mais diversidade*".
Com o Presidente da Junta de Oliveira do Hospital foi possível conhecer melhor o projecto Campus de Férias, organizado pela junta de freguesia a que preside. As actividades deste projecto foram pensadas pela junta de freguesia em conjunto com professoras e tem como objectivo ocupar os jovens com actividades "*não de grande esforço físico mas acima de tudo de grande esforço intelectual*", que abrangem áreas como a história, a cultura, o lazer e o desporto, e que envolvem colectividades como os bombeiros ou a GNR que dão também elas formação aos miúdos; o campus tem um público-alvo repartido: por um lado as crianças dos 6 aos 12 que participam nas actividades e por outro os jovens dos 12 aos 18 que actuam como monitores e que, merecendo um acompanhamento diário da organização, ficam responsáveis por 5 ou 6 crianças; estas actividades são pagas, embora com um valor baixo – na última edição os pais tiveram de pagar 50€ pelos 15 dias de actividades – e tem havido adesão e têm até existido pais a procurar inscrever os seus filhos três meses antes de as actividades se iniciarem.

Regra geral, os entrevistados consideram que há lugar a novas actividades de ocupação dos tempos livres dos jovens e que haverá adesão quer por parte destes, quer dos outros actores do território.

Assim, o Presidenta da Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital é da opinião que quanto mais ocupados estiverem os jovens melhor e que faz todo o sentido pensar na criação de uma associação juvenil a nível concelhio, embora considere que tal não se afigurará como uma tarefa fácil e exigirá a complementação da acção com outras associações locais.

Mesmo quando se fala da possibilidade de as actividade a implementar custarem um valor monetário aos jovens – ou aos seus pais –, a Vereadora de Educação e Cultura de Oliveira do Hospital acha que haverá adesão, desde que se tratasse de um "*valor muito aliciante*". Para além disso, ela considera – e é essa a experiência que tem – que a participação dos jovens nas actividades não funcionará por obrigação ou imposição dos pais e que "*quem se inscreve é porque quer mesmo estar ocupado*". A opinião dos três jovens entrevistados é muito semelhante, já que consideram que os jovens estarão dispostos a pagar, dependendo da oferta das actividades e que, desse modo, será importante que estas sejam atractivas e fujam da banalidade e da repetibilidade.

As empresas locais vêem também com bons olhos o envolvimento do tecido empresarial na ocupação dos jovens do concelho. Esta foi a opinião transmitida por qualquer um dos quatro parceiros empresariais entrevistados. Esse envolvimento pode passar quer pelo acolhimento de jovens para que possam aprender, quer pelo estabelecimento de parcerias de natureza monetária com uma associação a criar, com vista à ocupação dos tempos livres dos filhos dos funcionários das empresas.

No decorrer das conversas, os entrevistados avançaram também com a sua visão do que poderão ser as novas actividades e deram algumas sugestões de como se poderão desenrolar.

Nesse sentido, as opiniões expressas relativamente àquilo que devem ser os objectivos das actividades rodam em torno de temas como o desenvolvimento de competências interpessoais e intergeracionais, o cultivo de valores como o respeito e a responsabilidade, mas que também se deve trabalhar para levar os jovens a "*terem uma visão da sua região, do seu concelho, da sua aldeia, da sua freguesia*" (Dr. Miguel Ventura), mas que simultaneamente «saiam da caixa» e alarguem horizontes.

Para atingir esses objectivos os entrevistados propuseram actividades como traçar percursos pedestres no concelho (sugestão do Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital), ou levar os jovens a visitas fora do município (ideia que surgiu da entrevista de grupo aos três jovens locais), mas também foi referido que antes de tudo mais, se deve conhecer os valores, actividades e objectivos com que os jovens se identificam e trabalhar a partir daí (Frederico Lucas).

É ainda importante relevar a necessidade, que foi bem vincada pela Sra. Vereadora, de procurar parcerias para desenvolver o projecto que se pretende levar a cabo, tendo ainda manifestado a disponibilidade da Câmara para se associar à iniciativa. Também Frederico Lucas salientou a necessidade das parcerias e de "*envolver os actores locais*".

Tema: Educação para a cidadania: associativismo, democracia e voluntariado

Subtema: Os jovens, a cidadania e participação democrática

Em relação a este tema, é opinião generalizada que os jovens têm pouca participação activa na vida do concelho e na acção política. O próprio Conselho Municipal de Juventude funciona mal – expressão utilizada pela própria Vereadora de Educação e Cultura do Município de Oliveira do Hospital. E são até poucos os jovens que votam, existindo uma opinião que foi expressa quer pela Vereadora da Educação quer na entrevista de grupo, de que os jovens votam quando adquirem esse direito – por ser novidade – mas que depois, progressivamente, deixam de o fazer.

Para além de traçarem este diagnóstico, os entrevistados avançam também com possíveis causas para esta reduzida participação. O Sr. Presidente da Junta de Oliveira do Hospital é da opinião que faltam referências na sociedade e que se existisse mais seriedade na política os jovens adeririam mais. É possível encontrar posições semelhantes por parte do Parceiro B e do Entrevistado 3 na entrevista de grupo. Nesta mesma entrevista de grupo, efectuada a três jovens do concelho, foi também aventada a ideia de que, ao nível das juventudes partidárias, quando os jovens participam é através de filiações em massa, o que consideram horrível e que quando assim acontece "*os jovens têm todo o direito de estar fora das juventudes partidárias*".

No entanto, há extremos, "*há aqueles mais desligados – que é uma grande quantidade de jovens, a maior parte dos jovens – e depois há aqueles muito ligados, que parece que nasceram mesmo para a política*", como afirma a Sra. Vereadora. Na opinião do Parceiro Empresarial B, os jovens que se envolvem são "*aqueles que são encaminhados*

de casa"; considera também que os jovens participam activamente se forem cativados e integrados em equipas, mas que por iniciativa própria não o fazem. Neste sentido, o Presidente da Junta tem, segundo ele, tentado aproximar a junta de freguesia dos jovens, utilizando ferramentas apropriadas como a *internet*.

Ponto a reter é o facto de a Sra. Vereadora concordar que faz todo o sentido trabalhar as competências de cidadania democrática e que tem até algumas ideias para o fazer.

Subtema: Os jovens, a cidadania e o voluntariado

Em relação à adesão dos jovens locais ao voluntariado, há opiniões aparentemente divergentes – há quem considere que os jovens o fazem e há quem ache que não. De um lado encontra-se o Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital que afirma que tem experiência de até ter havido participação nalgumas iniciativas, embora a proporção de raparigas participantes fosse esmagadoramente maior à de rapazas. Já tanto a Sra. Vereadora, como o Parceiro Empresarial D, o responsável pela ADIBER e mesmo os jovens da entrevista de grupo expressam a opinião de que o voluntariado "[c]*om os jovens não funciona*" – expressão utilizada pela Vereadora da Educação – e que "*há crise de voluntariado*" – como foi referido pelo Dr. Miguel Ventura. Há, no entanto, e como foi referido na entrevista de grupo, alguma participação nos bombeiros voluntários.

No entanto, esta divergência de opiniões é pouco mais que aparente, convergindo quando se fala das condições desta participação ou não dos jovens. É que a opinião do Presidente da Junta é que os jovens até participam, mas "*temos de ser nós a tomar a iniciativa de os convidar e não estarmos à espera que eles venham ter connosco*"; por outro lado a Vereadora da Educação considera que a adesão dos jovens até resulta em coisas pontuais, mas que é difícil criar hábitos e rotinas nos jovens e, desse modo, levá-los a participar de forma mais assídua.

Frederico Lucas afirma que também neste caso é muito importante a existência de líderes que levem os jovens a envolverem-se. Talvez por não existirem líderes em Oliveira do Hospital é que há pessoas – opinião expressa pelo Entrevistado 2 da entrevista de grupo – que quando saem de Oliveira do Hospital acabam por se envolver em voluntariado. Assim sendo, talvez o défice não esteja tanto ao nível da vontade de participação dos jovens.

É este papel de liderança que a ADIBER tem tentado fazer na região, assumindo que todas as crises são oportunidades, e passando aos jovens a ideia de que, no contexto da crise actual, é importante dar o contributo e que "*eu posso não ter dinheiro para dar, mas dou algo: a prática do voluntariado*".

Subtema: Os jovens, a cidadania e o associativismo

Em Oliveira do Hospital "*há associativismo e associativismo*", como referiu o Entrevistado 1 da entrevista de grupo, acrescentando que onde há mais associativismo é nas aldeias – sociedades recreativas, associações desportivas. O Presidente da Junta tentou também fazer esta distinção, tendo o cuidado de se referir na entrevista a "*associações que ainda fazem actividades*" e não a "*associações só para ter um café aberto*", já que são as primeiras que importa fomentar.

É opinião generalizada que os jovens, regra geral, não aderem ao associativismo e que não o fazem "*porque não estão para se chatear*" (Entrevistado 3 na entrevista de grupo) e "*porque também não puxam por eles*", já que eles têm a "*génese portuguesa*" e estão à espera que vão ter com eles e não tomam a iniciativa (Presidente da Junta de Oliveira do Hospital). No entanto, esta é uma realidade que se constata muito mais na sede do Concelho do que nas localidades que o rodeiam, onde a dinâmica e mesmo sobrevivência de muitas associações depende largamente da acção de alguns jovens. Esta foi uma ideia transmitida quer pela Sra. Vereadora quer pelos três jovens entrevistados.

Outro aspecto que é importante salientar – e que foi igualmente revelado por estes quatro entrevistados – é que não há associações juvenis de âmbito geográfico concelhio. No entanto, são da opinião que faria todo o sentido que existissem, tendo inclusivamente havido abertura por parte dos jovens entrevistados em participarem e se envolverem numa associação juvenil concelhia.

Subtema: Os jovens, a cidadania e o empreendedorismo

O carácter empreendedor dos jovens foi outro dos temas analisados nas entrevistas.

Em primeiro lugar, houve uma preocupação em todas as conversas – tanto expressa pelo entrevistador como pelos entrevistados – em discutir e acertar a definição de empreendedorismo a considerar. Neste domínio houve consenso alargado, uma vez que todos os inquiridos consideram que "*confunde-se muitas vezes empreendedorismo com*

empresariado" (Frederico Lucas) e que empreender é mais do que criar empresas, é inovar, ser criativo, ser persistente, mesmo autodidacta, e estar disposto a acolher novas ideias.

Já quanto à avaliação do espírito empreendedor dos jovens do concelho, o consenso deixa de existir. O Parceiro Empresarial 3 considera que falta iniciativa e mesmo vontade aos jovens locais, porque preferem sair à noite a investir no trabalho durante o dia. Da entrevista aos três jovens do Concelho transpareceu a opinião – particularmente do Entrevistado 2 – que há empreendedores mas que "*não têm todas as características de um verdadeiro empreendedor*", que são semi-empreendedores ou pseudo-empreendedores – como ele lhes chama. Esta ideia resulta do facto de considerarem que criar uma microempresa, que acaba por não se traduzir em grandes números de emprego, ou montar um negócio numa área de que se gosta mas para a qual não há qualquer mercado, não é empreender de verdade; "*o objectivo deve ser realmente criar coisas úteis*", "[o] *empreendedor tem de ser capaz de realizar vários projectos*" e "[e] *um projecto não tem de ser necessariamente uma empresa*" (Entrevistado 1 do grupo de jovens). O Presidente da Junta de Oliveira do Hospital, o Dr. Miguel Ventura da ADIBER, a Vereadora de Educação e Cultura do Município de Oliveira do Hospital e o Parceiro Empresarial B partilham de uma opinião mais optimista sobre o carácter empreendedor dos jovens locais e os três primeiros afirmam mesmo que há alguns projectos dos jovens que devem ser valorizados. O Parceiro B considera que os jovens do Concelho, com orientação vão longe, mas que essa orientação é fundamental. A Sra. Vereadora considera que sempre existiu espírito empreendedor no Concelho, mas que agora está na moda falar de empreendedorismo e que há, hoje em dia, há empresas e projectos orientados para o seu estímulo, mas que apenas dão orientações técnicas específicas para criar empresas e, na verdade, não desenvolvem competências dos jovens.

É importante referir ainda a opinião do Sr. Presidente da Junta no que concerne ao excelente trabalho desenvolvido pelas escolas nesta área; no entanto, apesar de considerar que há vários bons projectos que nascem desta intervenção a nível escolar, já tem algumas dúvidas que esse trabalho seja depois correctamente transposto para fora da escola, embora seja da opinião que a nova plataforma BLC3 que foi constituída em Oliveira do Hospital possa contribuir positivamente para essa exteriorização dos projectos empreendedores dos jovens.

Numa perspectiva mais abrangente, mas que merece ser destacada porque também fará sentido investir nesse tema, é importante ter presente a opinião de Frederico Lucas de que é imperativo combater o estigma do fracasso – muito comum em Portugal, onde temos o hábito de associar as pessoas sempre aos seus insucessos independentemente da grandeza dos seus sucessos –, pois este atinge os jovens e transforma-se num medo de empreender, que os impede de arriscar.

Subtema: Relação entre competências cívicas e a escola

Este tema é essencial para o trabalho que se propõe já que, conhecendo o papel que a escola tem / deve ter no desenvolvimento de competências cívicas, recolhem-se também indicações sobre a relevância do próprio projecto que se pretende desenvolver, no que diz respeito a uma das suas finalidades e ao seu objectivo geral "Realizar actividades que contribuam para o aumento das competências de cidadania activa nos jovens".

Houve consenso em relação a esta matéria, dado que os entrevistados globalmente consideram que a escola, pela influência que tem nos jovens e pelo tempo que estes lá passam, "*pode e dever ter*" (Dr. Miguel Ventura) esse papel e que "*essas competências trabalham-se, educam-se, traz-se da educação e dos princípios de cada um*" (Parceiro Empresarial 1). A Sra. Vereadora de Educação e Cultura do Município de Oliveira do Hospital vai até mais longe, afirmando que todos tempos um professor que nos marcou e que nos influencia nas nossas escolhas e o nosso percurso.

No entanto, boa parte dos entrevistados considera que esse papel não é, actualmente, bem desempenhado pela escola. Por várias razões. Por um lado, e como foi mencionado pelo responsável da ADIBER, porque muitos dos professores não são da terra e, por chegarem de manhã e regressarem aos seus locais de origem à tarde, "*não têm uma participação, não têm uma envolvência no local e naquilo que é as actividades locais*"; isto condiciona a transmissão de uma identidade local aos jovens. Por outro lado, há uma ideia de que os próprios programas educativos estão desligados do meio onde as aulas tomam lugar e "*não deixam margem para que os próprios professores possam, de alguma forma, explorar a sua própria criatividade e a criatividade dos miúdos*" (Dr. Miguel Ventura). Opinião semelhante tem o Entrevistado 2 do grupo de jovens, que afirma que a forma como alguns professores ensinam os seu alunos bloqueia "*o pensamento além e o desenvolvimento da pessoa*" e pré-formata os alunos. Ainda assim, não é totalmente pessimista em relação a esta questão, já que considera que cadeiras

como a Área de Projecto são bastante úteis – e que o foram para ele, já que acha que antes não era "*assim tão empreendedor quanto isso*", mas que "*acabou por despertar*".

Numa perspectiva de continuidade, o Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital, afirma que deve haver maior ligação entre o trabalho desenvolvido na escola e a envolvente, e que cabe a si e aos demais autarcas e instituições "*conseguir exteriorizar ao máximo esses projectos da escola, trazê-los para a rua, pô-los em prática na rua*".

Frederico Lucas vai mais longe neste tema das competências cívicas, ao dar relevo não só à envolvência da escola na formação e desenvolvimento destas competências, mas também de toda a comunidade. Considera que "*somos todos culpados*" e que "*tem de ser a comunidade, toda ela, a actuar*". Nessa comunidade inclui o ensino, os políticos, os empresários e até a Igreja e afirma que são estas "*entidades que têm de se unir para o desenvolvimento do território*" e que se conseguem milagres quando se consegue uni-los.

Ainda noutra vertente, tanto o Parceiro Empresarial B como o Parceiro Empresarial C consideram que há um afastamento entre as escolas e as empresas no Concelho de Oliveira do Hospital, o que acaba por dificultar a criação de oportunidades para os jovens e para as próprias empresas.

Anexo 26 – Fichas de caracterização dos entrevistados

Anexos:	1 e 16
Sexo:	M
Local de Trabalho:	Junta de Freguesia de Oliveira do Hospital
Função:	Presidente
Notas sobre o entrevistado:	Está pela primeira vez na Junta de Freguesia, cumprindo o seu primeiro mandato; Tem feito um bom trabalho, sendo muito próximo da comunidade, principalmente dos jovens; Promotor do Campus Pedagógico.
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Tem um conhecimento muito claro dos jovens do concelho, mais concretamente da freguesia; Promotor do Campus Pedagógico; pró-activo e um bom colega para integrar a equipa da Associação.

Anexos:	2 e 17
Sexo:	M
Local de Trabalho:	ADIBER
Função:	Presidente da Direcção da ADIBER
Notas sobre o entrevistado:	Uma pequena explicação sobre a ADIBER: A ADIBER – Associação de Desenvolvimento Integrado da Beira Serra é uma Associação de Desenvolvimento Local, fundada em 25 de Outubro de 1994, cujo objectivo é dinamizar iniciativas que contribuam para a melhoria da qualidade de vida das populações locais. Na Região da Beira Serra – Arganil, Góis, Oliveira do Hospital e Tábua - o principal entrave ao desenvolvimento é o êxodo da população mais jovem para os grandes Centros Urbanos do litoral, que se constitui como uma das grandes preocupações do trabalho desenvolvido, nomeadamente ao nível da promoção da Formação e Emprego como modo de fixar as famílias neste Território. A **ADIBER** na implementação dos vários Projectos que tem desenvolvido, procura o estabelecimento de parcerias com Instituições que estejam em condições de dar um contributo positivo na sua execução. Devemos destacar a criação e dinamização do Conselho de Parceiros da Beira Serra que integra actualmente 79 Entidades representativas dos vários sectores sócio-económicos e culturais da Região e da sua diversidade territorial, o qual se tem constituído como um importante fórum de discussão sobre os problemas que afectam as populações e as suas ansiedades para o futuro. A **ADIBER** participa em diversas redes formais e informais, a nível local, regional e nacional, o que lhe permite obter uma visão mais alargada do que deve constituir a base de um processo de desenvolvimento, que dê os resultados que todos esperamos. implementação de projectos dirigidos a desempregados de longa duração e a pessoas em situação de desfavorecimento face ao mercado de trabalho, a promoção da igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos deste Território, a qualificação dos recursos humanos, numa lógica de possibilitar o aumento e a diversificação dos seus rendimentos e da melhoria da sua auto-estima pessoal, constituem algumas das prioridades da intervenção da Associação. A **ADIBER** está acreditada como Entidade Formadora pela DGERT, que lhe permite implementar Planos de Formação integrado para a Região, de acordo com as suas necessidades, adequando a oferta de mão de obra às necessidades da procura encetada pelo tecido económico local. Através da gestão do Subprograma 3 do PRODER, pretendemos complementar acções que têm sido apoiadas por outros Programas, numa perspectiva de valorização do mundo rural, das suas amenidades e potencialidades, contribuindo para o reforço do potencial produtivo aqui instalado e da economia local, através de projectos demonstrativos, onde a

	capacidade de inovação esteja presente. È com um espírito de responsabilidade e de missão que temos vindo a protagonizar este trabalho, muitas vezes invisível e sem resultados no curto prazo, mas que tem exercido uma influência positiva na melhoria da qualidade de vida das populações beneficiárias.
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Faz a gestão de linhas de financiamento na zona do concelho de OH, gere o Programa Escolhas em Góis.

Anexos:	3 e 18
Sexo:	F
Local de Trabalho:	Câmara Municipal de Oliveira do Hospital
Função:	Vereadora dos pelouros Educação, Formação e Qualificação Cultura e Desporto Juventude e Tempos Livres Património Municipal
Notas sobre o entrevistado:	Está pela primeira vez na Câmara Municipal, cumprindo o seu primeiro mandato; Tem feito um bom trabalho, sendo muito próxima da comunidade. Promotores do Programa das Férias Ocupadas e das Férias Arqueológicas.
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Tem um conhecimento muito claro dos jovens do concelho, promotores dos programas de ocupação de férias dos jovens, representa a entidade que poderá coordenar o projecto em conjunto com a Associação.

Anexos:	4 e 19
Sexo:	M
Local de Trabalho:	TAP / Novos Povoadores
Função:	Territorial Developer em projectos de dinamização territorial Co-autor do projecto http://novospovoadores.pt/ Técnico de Dinamização Territorial em http://infoex.pt/
Notas sobre o entrevistado:	Agente activo, que apela a uma mudança de postura por parte das pessoas, numa lógica de valorização e reaproveitamento do interior. No projecto dos Novos Povoadores ajudam pessoas a mudar-se para o interior.
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Perceber a opinião que tem face aos jovens do mundo rural às suas oportunidades e necessidades. Esta opinião é importante porque é alguém externo ao concelho, com experiência em projectos de âmbito local em território rural.

Anexos:	5 e 20
Sexo:	M
Local de Trabalho:	Empresa
Função:	Director Financeiro
Notas sobre o entrevistado:	Pertence a uma empresa recente e jovem no concelho de Oliveira do Hospital. Esta é uma empresa de sucesso, gerida por dois irmãos que trabalham com uma equipa jovem e que apostaram claramente na internacionalização.
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Perceber a opinião que as empresas têm sobre os jovens, e qual a responsabilidade que sentem ter sobre os mesmos, de forma a perceber o tipo de envolvimento possível no projecto destes tipos de parceiros.

Anexos:	5 e 21
Sexo:	M
Local de Trabalho:	Banco

Função:	Gerente
Notas sobre o entrevistado:	Pertence a um banco há muitos anos, mas esteve sempre muito ligado a movimentos associativos e ao movimento empresarial.
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Perceber a opinião que as empresas têm sobre os jovens, e qual a responsabilidade que sentem ter sobre os mesmos, de forma a perceber o tipo de envolvimento possível no projecto destes tipos de parceiros.

Anexos:	5 e 22
Sexo:	M
Local de Trabalho:	Empresa
Função:	Gerente
Notas sobre o entrevistado:	Tem uma empresa há muitos anos, muito forte no mercado.
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Perceber a opinião que as empresas têm sobre os jovens, e qual a responsabilidade que sentem ter sobre os mesmos, de forma a perceber o tipo de envolvimento possível no projecto destes tipos de parceiros.

Anexos:	5 e 23
Sexo:	M
Local de Trabalho:	Empresa
Função:	Gerente
Notas sobre o entrevistado:	Tem uma empresa há muitos anos, muito forte no mercado.
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Perceber a opinião que tem sobre os jovens e sobre as oportunidades locais. Perceber o que acha é preciso fazer localmente.

Anexos:	24 – R1
Sexo:	M
Ocupação	Estudante de Comunicação (idade 21)
Notas sobre o entrevistado:	É um jovem que estuda em Lisboa, mas continua muito pró-activo localmente, envolvendo-se em diversas actividades de caris políticos e profissional.
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Perceber a opinião que tem sobre os jovens e sobre as oportunidades locais. Perceber o que acha é preciso fazer localmente.

Anexos:	24 – R2
Sexo:	M
Ocupação	Formador de Empreendedorismo (idade 23)
Notas sobre o entrevistado:	Jovem com um percurso pouco regular, mau aluno no ensino regular. Seguiu um curso profissional em Coimbra mais tarde e agora tem imenso sucesso profissional.
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Perceber a opinião que tem sobre os jovens e sobre as oportunidades locais. Perceber o que acha é preciso fazer localmente..

Anexos:	24 – R3
Sexo:	M
Ocupação	Estudante de Medicina (idade 18)
Notas sobre o entrevistado:	Jovem com um percurso regular, que deixou o Secundário para ir para Coimbra recentemente.

Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Perceber a opinião que tem sobre os jovens e sobre as oportunidades locais. Perceber o que acha é preciso fazer localmente..

Anexo 27 – Conversas informais

Sexo:	F
Idade:	22 anos
Ocupação:	Jornalista de Rádio
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Escreveu um livro sobre a os jovens e a situação *à rasca*. Finalizou a licenciatura em Ciencias da Comunicação em Lisboa. Indicada por colegas como pró-activa e interessada pos projectos locais.
Algumas notas sobre a conversa:	Os jovens estão muito afastados da intervenção cívica. Acha o projecto muito interessante, está disponível a ajudar no que for preciso, mas não se consegue comprometer com datas, embora online dê quase sempre para comunicar. A comunicação no projecto é muito importante, mesmo antes de o projecto avançar no terreno temos que fazer algo para divulgar, criar uma actividade que chame a atenção e crie curiosidade. Pessoas a contactar para colaborar: uma colega de fisioterapeuta que está no Algarve, uma enfermeira, um estudante de medicina, etc. (elencar de 10 pessoas que podem colaborar no projecto)

Sexo:	M
Idade:	27 anos
Ocupação:	DJ e Manager na empresa FLUX Prod
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Mobiliza os jovens em torno da sua actividade profissional. Muito conhecimento da juventude local.
Algumas notas sobre a conversa:	Os jovens estão muito afastados da intervenção cívica. Acha o projecto muito interessante, está disponível a ajudar no que for preciso, mas não se consegue comprometer com datas, pois tem muito trabalho, mas ajuda na parte em que trabalha. A comunicação no projecto é muito importante, mesmo antes de o projecto avançar no terreno temos que fazer algo para divulgar, criar uma actividade que chame a atenção e crie curiosidade. Pessoas a contactar para colaborar: uma colega de fisioterapeuta que está no Algarve, uma enfermeira, um estudante de medicina, etc. Acha que de devem encontrar contactos privilegiados de diversos grupos para passar a palavra. Acha que muitos eventos não são feitos com objectivos concretos mas só para se dizer que se fez.

Sexo:	F
Ocupação:	Técnicas da ADIBER
Fez sentido falar sobre o projecto porque:	Explicação de alguns projectos

Algumas notas sobre a conversa:	• Satisfação total dos jovens pode ser diferente se forem temas que eles gostem.
	• O perfil dos jovens com quem trabalharam é semelhante ao que eu vou trabalhar
	• O projecto:
	  ○ Vários métodos que utilizaram, seguindo sempre a sequência: expositivo + exercício prático. Para o exercício prático: teatro do oprimido; entrevistas de trabalho; teatro fórum; role-play; videogramas; jogos ajustados á faixa etária. O jogo, por norma, é para avaliar as aprendizagens, para perceber se os alunos adquiriram as competências.
	  ○ Primeiro conhecem o contexto e depois procuram ou constroem os materiais e as actividades.
	  ○ Jogos construídos pelos monitores
	  ○ Temas da igualdade são importantes porque estão ao acesso de todos, todos podemos dar (cruzar com a concepção do profissional que não pode dar cidadania)
	  ○ Temas escolhidos pelas escolas, a violência é o tema mais escolhido, por oposição, a igualdade de acesso ao mercado de trabalho não foi solicitado pelos docentes. E este assunto é muito importante e tem um grande impacto.
	  ○ Destaque: é preciso dar formação aos docentes, pois eles precisam imenso nesta área, pois não estão informados ou sensibilizados.
	  ○ Muito importante: troca de conhecimento entre técnicos diferentes.
	• Os alunos gostam de sair do local onde estão e fazer actividades fora do contexto em que estão normalmente.

	• As actividades quando são nas escolas são em contexto turma ou para várias turmas em simultâneo (FC ou AP). Se esta última opção acontecer, método é o expositivo, pois não dá para mais. • Aumenta a adesão dos alunos, consoante as metodologias são mais participativas. • No que se refere aos CEF's, a adesão é semelhante aos das turmas regulares, desde que não seja uma reunião só de alunos com problemas. • Formação profissional dos técnicos é muito importante e está em falta. As técnicas destacaram a motivação e o desenvolvimento pessoal; a resolução de conflitos e a animação de grupos como formações que frequentaram em Coimbra. • No que se refere a adesão do projecto, entre homens e mulheres o índice de participação é semelhante. • No que se refere aos jovens, as opiniões das técnicas é que a nível de ensino, as escolas aqui são melhores que as de Coimbra (por exemplo) porque são mais pequenas e conhecem melhor os alunos. É mais personalizável, o que pode ser bom ou mau. A nível de oportunidades nestas zonas não há muito, para além das escolas públicas que têm as coisas obrigatórias. Os jovens que vivem perto do rio vão ao rio e saem à noite para karaokes nos cafés. • Há uns campos de férias para jovens que vêm de férias e aproveitam os recursos naturais (rio, serra, parques…). • Alguns jovens trabalham nas férias. Algumas empresas: Transerrano. http://www.transserrano.com/ Estes dão formação aos jovens e depois estes são monitores. Mas são coisas pontuais. • Voluntariado – as pessoas aparentemente não aderem. NO dia da mulher elas fazem uma tertúlia à noite, em ambiente informar, umas conversas temáticas com chá e uns petiscos e as mulheres têm aderido. Este ano o tema foi o voluntariado e muitas disseram estar informadas mas ninguém se inscreveu. • Enviar email de apresentação » outra empresa agarraventura, Sandomil.

Anexo 28 – Projectos considerados boas-práticas

Projecto	**Do Something**
Motivo	Apoia projectos como este
Algumas notas:	O Do Something promove vários Programas aos quais se podem juntar jovens: Clubes, Financiamentos, Boot Camp, Prémios e Campanhas. Ver mais em: http://www.dosomething.pt/pt/programas/

Projecto	**Transformers**
Motivo	Movimento de jovens que apoia jovens nas escolas
Algumas notas:	Grupo de jovens que, de forma voluntária, dinamizam actividades nas escolas. Ver mais em: http://www.projectotransformers.org/site/blog/

Projecto	**TEDx Jovem Óbidos**
Motivo	Perceber qual a visão dos jovens com idades semelhantes ao público-alvo.
Algumas notas:	O TEDx Jovem é um evento que pressupõe que jovens inspirem outros jovens, de foram a arriscarem mais (ver texto site). • Diferença entre TED e TEDx • Diferença entre TED e Ignite e estes novos formatos de apresentação para metodologia O TEDx Jovem tinha actividades paralelas como slide e como o desenho no abstracto com uma luz e uma máquina. Modelo: Apresentação de projectos e coisas inspiradoras e explicação do processo. Neste TEDx Jovem foi difícil compreender os objectivos face aos oradores, pois eram vários e heterogéneos entre si. Algumas notas: **Helder Guimarães** • Helder Guimarães , mágico (cartas, máquina da café, sudoku) Mensagens: inspirador, não redutor, as coisas são possíveis olhar para as coisas de forma criativa, não redutora, mesmo que seja complexo é possível ver as coisas de formar simples e linear, tudo depende da forma como olhamos para as coisas. Dica: fiquei de contactar para ser uma das pessoas inspiradoras do projecto **Kattia Hernandez** • Jovens com percursos complicados em que ela foi conhecer a sua história de vida. Percursos que não foram fáceis. • Destaque para a **importância de contar a nossa história**. Partilhar a nossa história é importante pois há pontos que podem cruzar com as

8	11	17	1
16	2	7	12
3	19	9	6
10	5	4	18

vidas dos outros, ajudando-os.

- Apresentação da história de vida dela
- A linguagem é muito importante para criarmos a nossa história. " language is very powerful . Language does not just describe reality, language creates the reality it describes".

Ricardo Farinha

- 18 anos
- Critica a ideia pré-concebida de que os jovens não participam
- Estudo da católica de 2007- pesquisar
- Enviar email
- Fala do impacto do parlamento dos jovens na vida dele, pois foi à final a Estrasburgo 2/3 vezes.
- Questões: Qual o perfil dos jovens que vão ao parlamento dos jovens? Qual a sua ligação com as jotas? Será que variam consoante a localização geográfica? Quem participa? Quem ganha? Vários? Os mesmos? Motivações para participar?
- Importante: importância dos programas; arriscar; não ter medo de se chegar à frente e ser o único.
- Competências adquiridas: falar em público; postura; partilha da informação; ideia – apostar e tentar (risco); respeito pela ideia dos outros; preconceito de quem não participa "são uns boy's". Ou não participam ou se participam querem cunhas.
- Parceria – fórum estudante
- Livro: José Gil, Portugal hoje, medo de existir

Mónica Augusto

- 17 anos
- Estudante; Do something; juventude partidária
- Palavras chave: valores, autoconfiança, acreditar em ti, respeito, solidariedade
- Vida dela que perdeu o pai e que transformou a perda em oportunidades.

Miguel Guedes

- 18 anos, jovem do Porto apresentou uma apresentação sobre comunicação.
- Comunicação
    - Troca de sensações; aprender com os outros; aprendemos o que vivemos; porque falhamos; assertividade; não ter medo de ser/dizer diferente; coisas em comum e diferentes é importante.

Anexo 31 – Orçamento do Projecto

ORÇAMENTO

Sentir a Educação no Mundo Rural: conhecer para intervir

(em EURO)

RUBRICA	Quantidade	Custo Unitário	Custo Total	IMPUTAÇÃO			Cálculo Detalhado das Despesas
				CMOH	Empresa 1	Empresa 2	
				A preencher depois das reuniões			
1. Identificação e Concepção	**1**	**gratuito**	0				
Total 1				0	0	0	
2. Recursos Humanos							
2.1. Remunerações	5						
2.1.1. Gestor de Projecto	1	12.000 l	12000				
2.1.2. Professores de Dança	2	800 l	1600				
2.1.3. Animadores	3	400 l	1200				
2.1.4 Monitores Actividades Radicais	25	110 l	2750				
2.2. Ajudas de custo deslocações	500	0,6 l/km	300 l				
2.3. Seguros do pessoal afecto ao projecto	5	300 l	1.500 l				
2.4. Outros (a)							
Total 2				0	0	0	
3. Viagens							
3.1. Viagens internacionais							
3.2. Viagens nacionais							
Total 3				0	0	0	

4. Materiais, Equipamentos e Fornecimentos							
4.1. Consumíveis e materiais diversos			500				
4.2. Amortizações							
4.3. Mobiliário e equipamento informático							
4.4. Outros (a)							
Total 4				0	0	0	
5. Outros custos e serviços							
5.1. Publicações							
5.2. Estudos e investigação							
5.3. Custos com formação							
5.4. Tradução e interpretação							
5.5. Custos com conferências e seminários							
5.6. Despesas de divulgação materiais pedagógicos			700				
5.7. Custos de auditoria							
5.8. Serviços Financeiros							
5.9. Outros (a)							
Total 5.				0	0	0	
6. Acompanhamento							
Total 6.				0	0	0	
Sub-Total 1 a 6			20550	0	0	0	
7. Imprevistos (5 %)			890				
Total 7.			18690	0	0	0	

8. Avaliação (1%)			186,9				
Total 8.			18876,9	0	0	0	
9. Despesas Administrativas (10 %)			1887,69				
Total 9.			20764,59	0	0	0	
TOTAL			21.000	0	0	0	